

A SEMANA

COLLECÇÃO DOS AUTORES CELEBRES
DA
LITTERATURA BRASILEIRA

A SEMANA

POR
MACHADO DE ASSIS

EDIÇÃO COLLEGIDA
POR
MARIO DE ALENCAR



LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

LIVRARIA
Soureira
R. DO COLLEGIO, 12 - BAHIA

BIBLIOTECA SENADO FEDERAL

Este volume acha se registrado

sob o número

do ano de

ADVERTENCIA

A *Semana* é o titulo das chronicas que Machado de Assis escreveu na *Gazeta de Noticias*, de abril de 1892 a março de 1897.

A idéa de collegi-las nasceu do desejo de servir á memoria do escriptor accrescentando-lhe ás obras editadas em volume esta outra que tão bem caracteriza certas feições do seu engenho literario, e que seria de lamentar ficasse esquecida ou ignorada. Ao proprio autor lembrei e pedi que as reunisse em livro, e posto me objectasse ás vezes com a duvida sobre o valor desses escriptos, salvo um ou outro além dos já publicados nas *Paginas escolhidas*, não me pareceu que ficasse alheio ao pensamento de fazer a collecção. A demora em da-la vivia da falta de tempo para reler e escolher as chronicas, em numero aproximado de duzentas e cincoenta. Emquanto houve saude e boa disposição de espirito, não lhe bastava o tempo e o cuidado ao grande escriptor senão para trabalhar em novas obras, que a fertilidade de seu talento estava sempre ideando ou compondo. A mesma enfermidade não lhe empecia o gosto de escrever, e o seu espirito, abatido embora nos dias de maior soffrimento, levantava-se logo que remittiam as crises da molestia. Assim foi, dois mezes antes da sua morte; havia publicado o *Memorial de Ayres*, sua derradeira obra, como annunciára e dizia, e ainda que já não confiasse na sua

força physica, uma manhã, em que o mal agudo cedeu e lhe permitiu esperar a convalescença, confiou-me o segredo de que pensava em um livro novo. E estou que o teria feito, esse e ainda outros, se a morte não ajudara a velhice contra aquelle espirito ainda em toda a força da mocidade. Quando eu lhe lembrava a necessidade de collegir os seus escriptos velhos e passados para obstar que depois de sua morte o fizessem indiscretamente e sem outra intenção que a do interesse mercantil, elle respondia que mais tarde. Mas não desapprovava o pensamento.

Decidindo realiza-lo, o meu empenho, como amigo e admirador de Machado de Assis, foi sobretudo ser discreto e esforçar-me por supprir o criterio com que elle faria esse trabalho. Em relação a estas chronicas, *A Semana*, depois de as haver todas, entendi que convinha escolher as melhores. Não que achasse nenhuma inferior ao merecimento do escriptor : todas eram dignas da sua penna consumada. Si elle não tivesse já uma grande obra com que firmar o seu renome, fôra bem dar a collecção completa destas chronicas. Mas tal não é o caso; e pareceu-me que a publicação inteira destes escriptos seria, pelo numero delles, um desserviço, não á memoria do autor, mas aos mesmos escriptos. Que leitores haveria para uma collecção de chronicas enfeixadas em tres volumes alentados? Não bastaria o nome do chronista, não bastaria a graça do estylo e a perfeição da lingua nunca ausentes em nenhum trabalho seu para crear o interesse na leitura de tão longa collecção. Essa consideração todavia não me convenceu logo. Continuou ao contrario o meu receio de agir mal não dando a serie completa das chronicas. E lembrava-me o cuidado e o zelo com que outros compiladores buscam descobrir e reunir todos os escriptos de autores antigos, e não excluem aquelles mesmos de autoria duvidosa e valor somenos. Por outro lado ponderei que essas compilações exhausti-

vas raro aproveitam aos autores, e têm o destino de servir de leitura ás traças. A escassez de leitores ou a multiplicidade das publicações originou o uso das paginas escolhidas, dos autores de maior renome e ainda modernos e vivos, e em França taes volumes já formam bibliotheca. Accresce que essas escolhas são feitas de obras por sua natureza indivisiveis, como romances e poemas. Com maior razão e acerto podem ser feitas numa serie de chronicas, as quaes não se relacionam umas com as outras, e cujos assumptos muita vez só têm um interesse ephemero, que o proprio valor do estylo, decorridos os annos, não chega a supprir. Dissuadiram estas ponderações o meu receio, e com ellas e mais do que ellas o exemplo do proprio autor das chronicas, quando entre os seus papeis encontrei algumas dellas preparadas para a reimpressão, alteradas em trechos, com suppressão de partes e adopção de titulo : o que tudo exprime a deliberação de escolher e conservar sómente o melhor.

Com esse criterio não era facil o meu trabalho. A cada passo vacillava em excluir o que sempre me parecia e era bom; resolvida a exclusão das que podiam ser menos boas, ainda ficaram tantas que foi necessario escolher de novo; e ainda para acomodar o numero das restantes ás proporções de um farto volume fôra mister excluir outras, mas já não tive animo de supprimir o excellente e o optimo.

Seria preciso, nesta advertencia, dizer o que valem as chronicas de Machado de Assis? O leitor que as tem sob os olhos e as vai ler ou reler julgará se não lhes quadram aquelles adjectivos, assim pelo perfeito do estillo como pela feição do trabalho. A chronica é um genero literario que pede justamente as qualidades de engenho que eram de sobra em Machado de Assis. Foi por onde elle começou a escrever e onde

se fez prosador emérito, antes de ser o que revelaram os seus contos e romances.

Justamente quando me occupava de fazer esta compilação, deparou-me um acaso feliz, entre outros folhetos duma livraria velha, alguns numeros d'*O Futuro*, revista quinzenal que se publicou no Rio de Janeiro em 1862 e presumo não foi além de 1863. Dirigia-a F. X. de Novaes; logo no 1º numero achei uma chronica de Machado de Assis. Tinha elle nesse tempo 23 annos, e não era essa a sua estreia no genero, se são verdadeiras, e deviam se-lo, as palavras com que abre o escrito. « *Tirei hoje do fundo da gaveta, onde jazia, a minha penna de chronista.* » A impressão que dá esse trabalho é de que o grande escritor já naquelle tempo revelava tudo o que havia de ser. E é curioso este trecho, em que sob a fórma de reflexões feitas á sua penna, elle traçou um programma de trabalho que foi o de toda a sua vida litteraria, realizado com uma observancia absoluta.

« — Vamos lá; que tens aprendido desde que te encafuei entre os meus esboços de prosa e verso? Necessito mais que nunca de ti; vê se me dispensas as tuas melhores idéas e as tuas mais bonitas palavras; vaes escrever nas paginas do *Futuro*. Olha para que te guardei eu! Antes de começarmos o nosso trabalho, ouve, amiga minha, alguns conselhos de quem te preza e não te quer ver enxovalhada. *Não te envolvas em polemicas de nenhum genero, nem politicas, nem litterarias, nem quaesquer outras; de outro modo verás que passas de honrada a deshonesta, de modesta a pretenciosa, e em um abrir e fechar de olhos perdes o que tinhas e o que eu te fiz ganhar. O pugilato das idéas é muito peor que o das ruas; tu és franzina, retrae-te na luta e fecha-te no circulo dos teus deveres, quando couber a tua vez de escrever chronicas. Sê entusiasta para o genio, cordial para o talento, desdenhosa para a nullidade, justiceira sempre, tudo isso com aquellas meias tintas, tão*

necessarias aos melhores effeitos da pintura. Commenta os factos com reserva, louva ou censura, como te dítar a consciencia, sem cahir na exaggeração dos extremos. E assim viverás honrada e feliz.»

Ahi está o que elle quiz ser, ahi está o que elle foi.

Uma grande parte dessa chronica é occupada pela apreciação do poema *D. Jayme* de Thomaz Ribeiro e do 1º volume de *As Minas de Prata*, de José de Alencar, publicado então na *Bibliotheca Brasileira* de Quintino Bocayuva. E' outra feição notavel do espirito de Machado de Assis e das que primeiro se manifestaram, a sua habilidade critica. Elle a apurou a ponto que poderia ter feito com ella toda a sua gloria; exerceu-a em ensaios e prefacios, e mais tarde nestas mesmas chronicas *A Semana*, em que o leitor achará de quando em quando, sem surpresa, de tal geito elle as enxertava entre os mais diversos assumptos, apreciações de admiravel finura, concisas e justas, e de um gosto e alcance, que podem valer por alongados estudos. As suas chronicas em regra desdenham os themas do commentario geral; preferem os factos minimos, as noticias escusas, que se prestavam á graça, ao humor, e á philosophia risonha ou sceptica do chronista. A's vezes era um simples annuncio; ás vezes um telegramma, não rara coisa nenhuma; mas sobre coisas nenhuma ou minimas elle bordava sempre uma pagina admiravel. Em certo sentido, e é o que lhes dá a maior valia, esses escritos são as chronicas ou registros do espirito do autor. Pode-se lendo-as atentamente recompor-lhe a marcha das ideas, acompanhar-lhe as leituras que fazia, e talvez com certa agudeza construir toda a philosophia do homem sob os disfarces do escritor.

Outra importancia que têm estes escritos é que elles revelam uma extraordinaria capacidade e tenacidade de trabalho. Em todo o periodo de 1892 a 1897, Machado de Assis, posto que doente, só deixou de escrever duas chronicas. Cessando em 1897 a colla-

boração na *Gazeta de Noticias*, foi substituído por Olavo Bilac, que era dos raros dignos de lhe succeder, mas ainda em 1900 contribuiu com duas chronicas, que são as ultimas deste volume.

Supponho ter desempenhado esta tarefa sem a indiscreção das compilações que eu dizia ao escritor ser conveniente prevenir em bem da sua gloria. Estou contente de mim mesmo, e convencido de que prestei um serviço aos admiradores de Machado de Assis.

Rio, 17 de janeiro de 1910.

MARIO DE ALENCAR.

A SEMANA

1892

24 de Abril.

Na segunda-feira da semana que findou, acordei cedo, pouco depois das gallinhas, e dei-me ao gosto de propôr a mim mesmo um problema. Verdadeiramente era uma charada; mas o nome de problema dá dignidade, e excita para logo a attenção dos leitores austeros. Sou como as actrizes, que já não fazem beneficio, mas *festa artistica*. A cousa é a mesma, os bilhetes crescem de igual modo, seja em numero, seja em preço; o resto, comedia, drama, opereta, uma polka entre dois actos, uma poesia, varios ramalhetes, lampeões fóra, e os collegas em grande gala, offerecendo em scena o retrato á beneficiada.

Tudo pede certa elevação. Conheci dois velhos estimaveis, vizinhos, que esses tinham todos os dias a sua festa artistica. Um era cavalleiro da ordem da Rosa, por serviços *em relação á guerra do Paraguay*; o outro tinha o posto de tenente da guarda nacional da reserva, a que prestava bons serviços. Jogavam xadrez, e dormiam no intervallo das jogadas. Despertavam-se um ao outro d'esta maneira: « Caro major! »

—¹« Prompto, *commendador!* » Variavam ás vezes: — « Caro *commendador!* » « — Ah! vou, *major.* » Tudo pede certa elevação.

Para não ir mais longe, Tiradentes. Aqui está um exemplo. Tivemos esta semana o centenario do grande martyr. A prisão do heroico alferes é das que devem ser commemoradas por todos os filhos d'este paiz, se ha n'elle patriotismo, ou se esse patriotismo é outra cousa mais que um simples motivo de palavras grossas e rotundas. A capital portou-se bem. Dos Estados estão vindo boas noticias. O instinto popular, de acôrdo com o exame da razão, fez da figura do alferes Xavier o principal dos Inconfidentes, e collocou os seus parceiros a meia razão de gloria. Merecem, de certo, a nossa estima aquelles outros; eram patriotas. Mas o que se offereceu a carregar com os peccados de Israel, o que chorou de alegria quando viu commutada a pena de morte dos seus companheiros, pena que só ia ser executada n'elle, o enforcado, o esquartejado, o decapitado, esse tem de receber o premio na proporção do martyrio, e ganhar por todos, visto que pagou por todos.

Um dos oradores do dia 21 observou que, se a Inconfidencia tem vencido, os cargos iam para os outros conjurados, não para o alferes. Pois não é muito que, não tendo vencido, a historia lhe dê a principal cadeira. A distribuição é justa. Os outros têm ainda um bello papel; formam, em torno de Tiradentes, um côro igual ao das Oceanides diante de Prometheu enca-deado. Relêde Eschylo, amigo leitor. Escutai a lingua-jem compassiva das ninfas, escutai os gritos terri-veis, quando o grande titão é envolvido na conflagração geral das cousas. Mas, principalmente, ouvi as palavras de Prometheu narrando os seus crimes ás

ninfas amadas : « Dei o fogo aos homens ; esse mestre lhes ensinará todas as artes. » Foi o que nos fez Tiradentes.

Entretanto, o alferes Joaquim José tem ainda contra si uma cousa, a alcunha. Ha pessoas que o amam, que o admiram, patrioticas e humanas, mas que não podem tolerar esse nome de Tiradentes. Certamente que o tempo trará a familiariedade do nome e a harmonia das syllabas ; imaginemos, porém, que o alferes tem podido galgar pela imaginação um seculo e despachar-se cirurgião-dentista. Era o mesmo heroe, e o officio era o mesmo ; mas traria outra dignidade. Podia ser até que, com o tempo, viesse a perder a segunda parte, dentista, e quedar-se apenas cirurgião.

Ha muitos annos, um rapaz — por signal que bonito — estava para casar com uma linda moça —, a aprazimento de todos, pais e mãis, irmãos, tios e primos, Mas o noivo demorava o consorcio ; adiava de um sabbado para outro, depois quinta-feira, logo terça, mais tarde sabbado — dois mezes de espera. Ao fim d'esse tempo, o futuro sogro communicou á mulher os seus receios. Talvez o rapaz não quizesse casar. A sogra, que antes de o ser já o era, pegou do páu moral, e foi ter com o esquivo genro. Que historias eram aquellas de adiamentos ?

— Perdão, minha senhora, é uma nobre e alta razão ; espero apenas...

— Apenas... ?

— Apenas o meu titulo de agrimensor.

— De agrimensor ? Mas quem lhe diz que minha filha precisa do seu officio para çomer ? Case, que não morrerá de fome ; e o titulo virá depois.

— Perdão ; mas não é pelo titulo de agrimensor, propriamente dito, que estou demorando o casamento.

Lá na roça dá-se ao agrimensor, por cortezia, o titulo de doutor, e eu quizera casar já doutor...

Sogra, sogro, noiva, parentes, todos entenderam esta subtiliza, e approvaram o moço. Em boa hora o fizeram. D'ali a tres mezes recebia o noivo os titulos de agrimensor, de doutor e de marido.

D'aqui ao caso eleitoral é menos que um passo; mas, não entendendo eu de politica, ignoro se a ausencia de tão grande parte do eleitorado na eleição do dia 20 quer dizer descrença, como affirmam uns, ou abstenção como outros juram. A descrença é phenomeno alheio á vontade do eleitor; a abstenção é proposito. Ha quem não veja em tudo isto mais que ignorancia do poder d'aquelle fogo que Tiradentes legou aos seus patricios. O que sei, é que fui á minha secção para votar, mas achei a porta fechada e a urna na rua, com os livros e officios. Outra casa os acolheu compassiva; mas os mezarios não tinham sido avisados e os eleitores eram cinco. Discussimos a questão de saber o que é que nasceu primeiro, se a gallinha, se o ovo. Era o problema, a charada, a adivinhação de segunda-feira. Dividiram-se as opiniões; uns foram pelo ovo, outros pela gallinha; o proprio gallo teve um voto. Os candidatos é que não tiveram nem um, porque os mesarios não vieram e bateram dez horas. Podia acabar em prosa, mas prefiro o verso :

Sara, belle d'indolence,
Se balance
Dans un hamac...

O BOCEJO

13 de Junho.

Quem inventou a pólvora? Quem inventou a imprensa, descontando Guttenberg, porque os chins a conheciam? Quem inventou o bocejo, excluindo naturalmente o Creador, que, em verdade, não ha de ter visto sem algum tédio as impaciencias de Eva? Sim, póde ser que na alta mente divina estivesse já o primeiro consorcio e a consequente humanidade. Nada affirmo, porque me falta a devida autoridade theologica; uso da fórma dubitativa. Entretanto, nada mais possivel que a Creação trouxesse já em germen uma longa especie superior, destinada a viver n'um eterno paraizo. Eva é que atrapalhou tudo. E d'ahi, razoavelmente, o primeiro bocejo.

— Como esta especie corresponde já á sua indole! diria Deus consigo. Ha de ser assim sempre, impaciente, incapaz de esperar a hora propria. Nunca os relogios, que ella ha de inventar, andarão todos certos. Por um exacto, contar-se-hão milhões divergentes, e a casa em que dois marcarem o mesmo minuto, não apresentará igual phenomeno vinte e quatro horas depois. Especie inquieta, que formará reinos para devora-los, republicas para dissolve-las, democracias, aristocracias, oligarchias, plutocracias, autocracias,

para acabar com ellas, á procura do optimo, que não achará nunca.

E, bocejando outra vez, terá Deus accrescentado:

— O bocejo que em mim é o signal do fastio que me dá este spectaculo futuro, tambem a especie humana o terá, mas por impaciencia. O tempo lhe parecerá a eternidade. Tudo que lhe durar mais de algumas horas, dias, semanas, mezes ou annos (porque ella dividirá o tempo e inventará almanaks), ha de tornar-se impaciente de ver outra cousa e desfazer o que acabou de fazer, ás vezes antes de o ter acabado. Comprehenderá as vaccas gordas, porque a gordura dá que comer, mas não entenderá as vaccas magras; e não saberá (excepto no Egypto, onde porei um mancebo chamado José) encher os celleiros dos annos graúdos, para acudir á penuria dos annos miudos. Fallará muitas linguas, *beresith*, *ananké*, *habeas-corpus*, sem se fixar de vez em uma só, e quando chegar a entender que uma lingua unica é precisa, e inventar o *volapuck*, successor do parlamentarismo, terá começado a decadencia e a transformação. Póde ser então que eu povôe o mundo de canarios.

*
* *

26 de Junho.

« O ministerio grego pediu demissão. O Sr. Tricou-
pis foi encarregado de organizar novo ministerio, que
ficou assim composto : Tricoupis, presidente do con-
selho e ministro da fazenda... »

Basta! Não, não reproduzo este telegramma, que

teve mais poder em mim que toda a mole de acontecimentos da semana. O ministerio grego pediu demissão! Certo, os ministerios são organisados para se demittirem, e os ministerios gregos não pódem ser, n'este ponto, menos ministerios que todos os outros ministerios. Mas, por Venus! foi para isso que arrancaram a velha terra ás mãos turcas? Foi para isso que os poetas a cantaram, em plena manhã do seculo, Byron, Hugo, o nosso José Bonifacio, autor da bella *Ode aos gregos*? « Sois hellenos! sois homens! » Conclue uma de suas estrophes. Homens, creio, porque é proprio de homens formar ministerios; mas hellenos!

Sombra de Aristoteles, espectro de Lycurgo, de Draco, de Solon, e tu, justo Aristides, apesar do ostracismo, e todos vós, legisladores, chefes de governo ou de exercito, philosophos, politicos, acaso sonhastes jámais com esta immensa banalidade de um gabinete que pede demissão? Onde estão os homens de Plutarcho? Onde vão os deuses de Homero? Que é dos tempos em que Aspasia ensinava rhetorica aos oradores? Tudo, tudo passou. Agora ha um parlamento, um rei, um gabinete e um presidente de conselho, o Sr. Tricoupis, que ficou com a pasta da fazenda. Ouves bem, sombra de Pericles? Pasta da fazenda. E notai mais que todos esses movimentos politicos se fazem, mettidos os homens em casacas pretas, com sapatos de verniz ou cordovão, ao cabo de moções de desconfiança...

Oh! mil vezes a dominação turca! Horrivel, de certo, mas pittoresca. Aquelles pachás, perseguidores do *giaour*, eram deliciosos de poesia e terror. Vêde se a Turquia actual já acceitou ministerios. Um grão-visir, nomeado pelo padischah, e alguns ajudantes, tudo sem camara, nem votos. A Russia tambem está

livre da lepra occidental. Tem o nihilismo, é verdade; mas não tem o bi-metalismo, que passou da America á Europa, onde começa a grassar com intensidade. O nihilismo possui a vantagem de matar logo. E depois é mysterioso, dramatico, epico, lyrico, todas as fórmulas da poesia. Um homem está jantando tranquillo, entre uma senhora e uma pilheria deita a pilheria á senhora, e, quando vai a erguer um brinde... estala uma bomba de dynamite. Adeus, homem tranquillo; adeus, pilheria; adeus, senhora. E' violento; mas o bi-metalismo é peor.

Do bi-metalismo ao nosso velho amigo pluri-papelismo não é curta a distancia, mas d'aqui ao cambio é um passo; pôde parecer até que não fallei do primeiro senão para dar a volta ao mundo. Engano manifesto. Hoje só trato de telegrammas, que ahi estão de sobra, norte e sul. Aqui vêm alguns de Pernambuco, dizendo que as intendencias municipaes tambem estão votando moções de confiança e desconfiança politica. Haverá quem as censure; eu comprehendo-as até certo ponto.

A moção de confiança, ou desconfiança no passado regimen, era uma ambrosia dos deuses centraes. Era aqui na camara dos deputados, que um honrado membro, quando desconfiava do governo, pedia a palavra ao presidente, e, obtida a palavra, erguia-se. Curto ou extenso, mas geralmente tetrico, proferia um discurso em que resumia todos os erros e crimes do ministerio, e acabava sacando um papel do bolso. Esse papel era a moção. De confidencias que recebi, sei que ha poucas sensações na vida iguaes á que tinha o orador, quando sacava o papel do bolso. A alguns tremiam os dedos. Os olhos percorriam a sala, depois baixavam ao papel e liam o conteúdo. Em seguida a moção era

enviada ao presidente, e o orador descia da tribuna, isto é, das pernas que são a unica tribuna que ha no nosso parlamento, não contando uns dois pulpitos que lá puzeram uma vez, e não serviram para nada.

Ahi têm o que era a moção. Nunca as assembléas provinciaes tiveram esse regalo; menos ainda as tristes camaras municipaes. Mudado o regimen, acabou a moção; mas, não se morre por decreto. A moção não só vive ainda, mas passou dos deuses centraes aos semi-deuses locaes, e viverá algum tempo, até que acabe de todo, se acabar algum dia. O caso grego é symptomatico; o caso japonéz não menos. Ha moções japonezas. Quando as houver chinezas, chegou o fim do mundo; não haverá mais que fechar as malas e ir para o diabo.

Outro telegramma conta-nos que alguns clavinoteiros de Cannavieiras (Bahia) foram a uma villa proxima e arrebataram duas moças. A gente da villa ia armarse e assaltar Cannavieiras. Parece nada, e é Homero; é ainda mais que Homero, que só contou o rapto de uma Helena: aqui são duas. Essa luta obscura, escondida no interior da Bahia, foi singular contraste com a outra que se trava no Rio Grande do Sul, onde a causa não é uma, nem duas Helenas, mas um só governo politico. Apuradas as contas, vem a dar n'esta velha verdade que o amor e o poder são as duas forças principaes da terra. Duas villas disputam a posse de duas moças; Bagé luta com Porto Alegre pelo direito do mando. E' a mesma *Illiada*.

Dizem telegrammas de S. Paulo que foi alli achado, em certa casa que se demolia, um esqueleto algemado. Não tenho amor a esqueletos; mas este esqueleto algemado diz-me alguma cousa, e é difficil que eu o mandasse embora, sem tres ou quatro perguntas.

Talvez elle me contasse uma historia grave, longa e naturalmente triste, porque as algemas não são alegres. Alegres eram umas mascaras de lata que vi em pequeno na cara dos escravos dados á cachaça; alegres ou grotescas, não sei bem, porque lá vão muitos annos, e eu era tão criança, que não distinguia bem. A verdade é que as mascaras faziam rir, mais que as do recente carnaval. O ferro das algemas, sendo mais duro que a lata, a historia devia ser mais sombria.

Ha um telegramma... Diabo! acabou-se o espaço, e ainda aqui tenho uma duzia. Cesta com elles! Vão para onde foi a questão do benzimento da bandeira, os guarda-livros que fogem levando a caixa (outro telegramma), e o resto dos restos, que não dura mais de uma semana, nem tanto. Vão para onde já foi esta chronica. Falle o leitor a sua verdade, e digá-me se lhe ficou alguma cousa do que acabou de ler. Talvez uma só, a palavra *clavinoteiros*, que parece exprimir um costume ou um officio. Cá vai para o vocabulario

*
* *

3 de Julho.

Na vespera de S. Pedro, ouvi tocar os sinos. Poucos minutos depois, passei pela igreja do Carmo, cathedral provisoria, ouvi cantochão e orchestra; entrei. Quasi ninguem. Ao fundo, os illustrissimos prebendados, em suas cadeiras e bancos, vestidos d'aquelle roxo dos conegos e mosenhores, tão meu conhecido. Cantavam louvores a S. Pedro. Deixei-me estar alli alguns minutos, escutando e dando graças ao principe

dos apóstolos por não haver na igreja do Carmo um carrilhão.

Explico-me. Eu fui criado com sinos, com estes pobres sinos das nossas igrejas. Quando um dia li o capítulo dos sinos em Chateaubriand, tocaram-me tanto as palavras d'aquelle grande espirito, que me senti (desculpem a expressão) um Chateaubriand desencarnado e re-encarnado. Assim se diz na igreja espirita. *Ter desencarnado* quer dizer tirado (o espirito) da carne, e *re-encarnado* quer dizer mettido outra vez na carne. A lei é esta : nascer, morrer, tornar a nascer e renascer ainda, progredir sempre.

Convém notar que a desencarnação não se opera como nas outras religiões, em que a alma sai toda de uma vez. No espiritismo, ha ainda um esforço humano, uma cerimonia, para ajudar a sahir o resto. Não se morre alli com esta facilidade ordinaria, que nem merece o nome de morte. Ninguem ignora que ha casos de inhumações de pessoas meio vivas. A regra espirita, porém, de auxiliar por palavras, gestos e pensamentos a desencarnação, impede que um sopro de alma fique mettido no envolvero mortal.

Posso affirmar o que ahí fica, porque sei. Só o que eu não sei, é se os sacerdotes espiritas são como os brahmanes, seus avós. Os brahmanes... Não, o melhor é dizer isto por linguagem classica. Aqui está como se exprime um velho autor : « Tanto que um dos pensamentos por que os brahmanes têm tamanho respeito ás vaccas, é por haverem que no corpo d'esta alimaria fica uma alma melhor agazalhada que em nenhum outro, depois que sai do humano; e assim põem sua maior bemaventurança em os tomar a morte com as mãos nas ancas de uma vacca, esperando se recolha logo a alma nella. »

Ah! se eu ainda vejo um amigo meu, sacerdote espirita, mettido dentro de uma vacca, e um homem, não desencarnado, a vender-lhe o leite pelas ruas, seguidos de um bezerro magro... Não; lembra-me agora que não póde ser, porque o principio espirita não é o mesmo da transmigração, em que as almas dos valentes vão para os corpos dos leões, a dos fracos para os das gallinhas, a dos astutos para as das raposas, e assim por diante. O principio espirita é fundado no progresso. Renascer, progredir sempre; tal é a lei. O renascimento é para melhor. Cada espirita, em se desencarnando, vai para os mundos superiores.

Entretanto, pergunto eu : não se dará o progresso, algumas vezes, na propria terra? Citarei um factó. Conheci ha annos um velho, bastante alquebrado e assaz culto, que me affimava estar na segunda encarnação. Antes d'isso, tinha existido no corpo de um soldado romano, e, como tal, havia assistido á morte de Christo. Referia-me tudo, e até circumstancias que não constam das Escripturas. Esse bom velho não fallava da terceira e proxima encarnação sem grande alegria, pela certeza que tinha de que lhe caberia um grande cargo. Pensava na corôa da Allemanha... E quem nos póde affirmar que o Guilherme II que ahi está, não seja elle? Ha, repetimos, cousas na vida que é mais acertado crêr que desmentir; e quem não puder crêr, que se cale.

Voltemos ao carrilhão. Já referi que entrára na igreja; não contei, mas entende-se, que na igreja não entram revoluções, por isso não fallo da do Rio Grande do Sul. Pode entrar a anarchia, é verdade, como a d'aquelle singular parócho da Bahia, que, mandado calar e declarado suspenso de ordens, segundo dizem telegrammas, não obedece, não se cala, e

continúa a parochiar. Os clavinoteiros tambem não entram; por isso ameaçam Porto Seguro, conforme outros telegrammas. Não entram discursos parlamentares, nem luctas italo-santistas, nem auxilios ás industrias, nem nada. Ha alli um refugio contra os tumultos exteriores e contra os boatos, que recommçam. Voltemos ao carrilhão.

Criado, como ia dizendo, com os pobres sinos das nossas igrejas, não provei até certa idade as venturas de um carrilhão. Ouvia fallar de carrilhão, como das ilhas Philippinas, uma cousa que eu nunca havia de ver nem ouvir.

Um dia, annuncia-se a chegada de um carrilhão. Tinhamos carrilhão na terra. Outro dia, indo a passar por uma rua, ouço uns sons alegres e animados. Conhecia a toada, mas não me lembrava a lettra.

Perguntei a um menino, que me indicou a igreja proxima e disse-me que era o carrilhão. E, não contente com a resposta, poz a lettra na musica : era o *Amor tem fogo*. Geralmente, não dou fé a crianças. Fui a um homem que estava á porta de uma loja, e o homem confirmou o caso, e cantou do mesmo modo; depois calou-se e disse convencidamente : parece incrível como se possa, sem o prestigio do theatro, as saias das mulheres, os requebrados, etc., dar uma impressão tão exacta da opereta. Feche os olhos, ouçame a mim e ao carrilhão, e diga-me se não ouve a opereta em carne e osso :

Amor tem fogo,
Tem fogo amor,

— Carne sem osso, meu rico senhor, carne sem osso.



31 de Julho.

Esta semana furtaram a um senhor que ia pela rua, mil *debentures*; elle providenciou de modo que pôde salva-los. Confesso que não acreditei na noticia, a principio; mas o respeito em que fui educado para com a lettra redonda fez-me acabar de crer que se não fosse verdade não seria impresso. Não creio em verdades manuscritas. Os proprios versos, que só se fazem por medida, parecem errados, quando escritos á mão. A razão por que muitos moços enganam as moças e vice-versa é escreverem as suas cartas, e entrega-las de mão a mão, ou pela criada, ou pela prima, ou por qualquer outro modo, que no meu tempo era ainda inedito. Quem não engana é o namorado da folha publica: « Querida X, não foste hoje ao logar do costume; esperei até ás tres horas. Responde ao teu Z. » E a namorada: « Querido Z. Não fui hontem por motivos que te direi á vista. Sabbado, com certeza, á hora costumada; não faltes. Tua X. » Isto é serio, claro exacto, cordial.

A razão que me fez duvidar a principio foi a noção que me ficou dos negocios de *debentures*. Quando este nome começou a andar de boca em boca, até fazer-se um côro universal, veio ter comigo um chacareio, aqui da vizinhança e confessou que, não sabendo ler, queria que lhe dissesse se aquelles papeis, valiam alguma cousa. Eu, verdadeiro echo da opinião nacional, respondi que não havia nada melhor; elle pegou nas economias e comprou uma centena d'ellas. Cresceu

ainda o preço e elle quiz vende-las; mas eu acudi a tempo de suspender esse desastre. Vender o quê? Deixasse estar os papeis que o preço ia subir por ali além. O homem confiou e esperou. D'ahi a tempo ouvi um rumor; eram as *debentures* que cahiam, cahiam, cahiam... Elle veio procurar-me, debulhado em lagrimas; ainda o fortaleci com uma ou duas parabolás, até que os dias correram, e o desgraçado ficou com os papeis na mão. Consolou-se um pouco quando eu lhe disse que metade da população não tinha outra attitude.

Pouco tempo depois (vejam o que é o amor a estas cousas!) veio ter commigo e proferiu estas palavras:

— Eu já agora perdi quasi tudo o que tinha com as taes *debentures*; mas ficou-me sempre um cobrinho no fundo do bahú, e como agora ouço falar muito em *habeas-corpus*, vinha, sim, vinha perguntar-lhe se esses titulos são bons, e se estão caros ou baratos.

— Não são titulos.

— Mas o nome tambem é estrangeiro.

— Sim, mas nem por ser estrangeiro, é titulo; aquelle doutor que alli móra defronte é estrangeiro e não é titulo.

— Isso é verdade. Então parece-lhe que os *habeas-corpus* não são papeis?

— Papeis são; mas são outros papeis.

A idéa de *debenture* ficou sendo para mim a mesma cousa que nada, de modo que não comprehendia que um senhor andasse com mil *debentures* na algibeira, que outro as furtasse, e que elle corresse em busca do ladrão. Acreditei por estar impreso. Depois mostraram-me a lista das cotações. Vi que não se vendem tantas como outr'ora, nem pelo preço antigo, mas ha algum negociosinho, pequeno, sobre alguns lotes. Quem sabe

o que ellas serão ainda algum dia? Tudo tem altos e baixos.

O certo é que mudei de opinião. No dia seguinte, depois do almoço, tirei da gaveta algumas centenas de mil réis, e caminhei para a Bolsa, encommendando-me (é inutil dize-lo) ao Deus de Abrahão, Isaac e Jacob. Comprei um lote, a preço baixo, e particularmente prometti uma *debenture* de cera a S. Lucas, se me fizer ganhar um cobrinho grosso. Sei que é imitar aquelle homem que, ha dias, deu uma chave de cêra a S. Pedro, por lhe haver deparado casa em que morasse; mas eu tenho outra razão. Na semana passada fallei de uns casaes de pombos, que vivem na igreja da Cruz dos Militares, aos pès de S. João e S. Lucas. Uma dellas, vendo-me passar, quando voltava da Bolsa, desferiu o vôo, e veiu pousar-me no hombro; mostrou-se meio agastada com a publicação, mas acabou dizendo que naquella rua, tão perto dos bancos e da praça, tinham ellas uma grande vantagem sobre todos os mortaes. Quaesquer que sejam os negocios, — arrulhou-me ao ouvido, — o cambio para nós está sempre a 27.

Não peço outra cousa ao apostolo; cambio a 27 para mim como para ellas, e terá a *debenture* de cera, com inscrições e allegorias. Veja que nem lhe peço a cura da tosse e do coryza que me affligem, desde algum tempo. O meu talentoso amigo Dr. Pedro Americo disse outro dia na camara dos deputados, propondo a criação de um theatro normal, que se, por um milagre de hygiene, todas as molestias desaparecessem « não haveria faculdade, nem artificios de rhetorica capazes de convencer a ninguem das bellezas da pathologia nem da utilidade da therapeutica ». Ah ! meu caro amigo ! Eu dou todas as bellezas da pathologia por um nariz livre

e um peito desabafado. Creio na utilidade da therapeutica; mas que deliciosa cousa é não saber que ella existe, duvidar d'ella e até nega-la! Felizes os que podem respirar! bemaventurados os que não tosem! Agora mesmo interrompi o que ia escrevendo para tossir; e continuo a escrever de boca aberta para respirar. E falam-me em bellezas da pathologia... Francamente, eu prefiro as bellezas da *Batalha de Avahy*.

A rigor, devia acabar aqui; mas a noticia que acaba de chegar do Amazonas obriga-me a algumas linhas, tres ou quatro. Promulgou-se a Constituição, e, por ella, o governador passa-se a chamar presidente do Estado. Com excepção do Pará e Rio Grande do Sul, creio que não falta nenhum. *Sono tutti fatti marchesi*. Eu, se fosse presidente da Republica, promovia a reforma da Constituição, para o unico fim de chamar-me governador. Ficava assim um governador cercado de presidentes, ao contrario dos Estados Unidos da America, e fazendo lembrar o imperador Napoleão, vestido com a modesta farda lendaria, no meio dos seus marechaes em grande uniforme.

Outra noticia que me obriga a não acabar aqui, é a de estarem os rapazes do commercio de S. Paulo fazendo reuniões para se alistarem na guarda nacional, em desacôrdo com os d'aqui, que acabam de pedir dispensa de tal serviço. Questão de meio; o meio é tudo. Não ha exaltação para uns nem depressão para outros. Duas cousas contrarias podem ser verdadeiras e até legitimas, conforme a zona. Eu, por exemplo, execro o mate chimarrão; os nossos irmãos do Rio Grande do Sul acham que não ha bebida mais saborosa n'este mundo. Segue-se que o mate deve ser sempre uma ou outra cousa? Não; segue-se o meio; o meio é tudo.



14 de Agosto.

Semana e finanças são hoje a mesma cousa. E tão graves são os negocios financeiros, que escrever isto só, pingar-lhe um ponto e mandar o papel para a imprensa, seria o melhor modo de cumprir o meu dever. Mas o leitor quer os seus poetas menores. Que os poetas magnos tratem os successos magnos; elle não dispensa aqui os assumptos minimos, se os houve, e, se os não houve, as reflexões leves e curtas. Força é reproduzir o famoso *Marche! Marche!* de Bossuet... Perdão, leitor! Bossuet! eis-me aqui mais grave que nunca.

E porque não sei eu finanças? Por que, ao lado dos dotes nativos com que approuve ao céu distinguir-me entre os homens, não possuo a sciencia financeira? Por que ignoro eu a theoria do imposto, a lei do cambio, e mal distingo dez mil réis de dez tostões? Nos *bonds* é que me sinto vexado. Ha sempre tres e quatro pessoas (principalmente agora) que tratam das cousas financeiras e economicas, e das causas das cousas, com tal ardor e autoridade, que me opprimem. E' então que eu leio algum jornal, se o levo, ou rôo as unhas, — vicio dispensavel; mas antes vicioso que ignorante.

Quando não tenho jornal, nem unhas, atiro-me ás taboletas. Miro ostensivamente as taboletas, como quem estuda o commercio e a industria, a pintura e a orthographia. E não é novo este meu costume, em casos de aperto. Foi assim que um dia, ha annos, não me

lembra em que loja, nem em que rua, achei uma taboleta que dizia : *Ao Planeta do Destino*. Intencionalmente obscuro, este titulo era uma nova edição da esphyngé. Pensei n'elle, estudei-o, e não podia dar com o sentido, até que me lembrou vira-lo do avesso : *Ao Destino do Planeta*. Vi logo que, assim virado, tinha mais senso; porque, em summa, pôde admitir-se um destino ao planeta em que pisamos... Talvez a sciencia economica e financeira seja isto mesmo, o avesso do que dizem os discutidores de *bonds*. Quantas verdades escondidas em frases trocadas ! Quando fiz esta reflexão, exultei. Grande consolação é persuadir-se um homem de que os outros são asnos.

E ahí estão quatro tiras escritas, e aqui vai mais uma, cujo assumpto não sei bem qual seja, tantos são elles e tão oppostos. Vamos ao senado. O senado discutiu o chim, o arroz, e o chá, e naturalmente tratou da questão da raça chinesa. que uns defendem e outros atacam. Eu não tenho opinião; mas nunca ousou falar de raças, que me não lembre do Honorio Bicalho. Estava elle no Rio Grande do Sul, perto de uma cidade allemã. Iam com elle moças e homens a cavallo; viram uma flôr muito bonita no alto de uma arvore. Bicalho ou outro quiz colhe-la, apoiando os pés no dorso do cavallo, mas não alcançava a flôr. Por fortuna, vinha da povoação um moleque, e o Bicalho foi ter com elle.

— Vem cá, trepa áquella arvore, e tira a flôr que está em cima...

Estacou assombrado. O moleque respondeu-lhe em allemão, que não entendia portuguez. Quando Bicalho entrou na cidade, e não ouviu nem leu outra lingua senão a allemã, a rica e forte lingua de Goethe e de Heine, teve uma impressão que elle resumia as-

sim : « Achei-me estrangeiro no meu proprio paiz ! » Lembram-se d'elle? Grande talento, todo elle vida e espirito.

Isto, porém, não tem nada com os chins, nem os judeus, nem particularmente com aquella moça que acaba de impedir a canonisação de Colombo. Hão de ter lido o telegramma que dá noticia de haver sido posta de lado a idéa de canonisação do grande homem, por motivo de uns amores que elle trouxera com uma judia. Todos os escrupulos são respeitaveis, e seria impertinencia querer dar lições ao Santo Padre em materia de economia catholica. Colombo perdeu a canonisação sem perder a gloria, e a propria igreja o sublima por ella. Mas...

Mas, por mais que a gente fuja com o pensamento ao caso, o pensamento escapa-se, rompe os seculos, e vai farejar essa judia que tamanha influencia devia ter na posteridade. E compõe a figura pelas que conhece. Ha-as de olhos negros e de olhos garços, umas que deslisam sem pisar no chão, outras que atam os braços ao descuidado com a simples corda das pestanas infinitas. Nem faltam as que embebedam e as que matam. O pensamento evoca a sombra da filha de Moysés, e pergunta como é que aquelle grande e pio genovez, que abriu á fé christã um novo mundo, e não se abalançou ao descobrimento sem encomendar-se a Deus, podia ter consigo esse peccado mofento, esse *fedor judaico*, — deleitoso, se querem, mas de entontecer e perder uma alma por todos os seculos dos seculos.

Eu ainda quero crêr que ambos, sabendo que eram incompativeis, fizeram um accôrdo para dissimular e peccar. Combinaram em lêr o *Cantico dos Canticos*; mas Colombo daria ao texto biblico o sentido espiritual e

theologico, e ella o sentido natural e mollemente hebraico.

— O meu amado é para mim como um cacho de Chypre, que se acha nas vinhas de Engaddi.

— Os teus olhos são como os das pombas, sem fallar no que está escondido dentro. Os teus dois peitos são como dois filhinhos gemeos da cabra monteza, que se apascentam entre as açucenas.

— Eu me levantei para abrir ao meu amado; as minhas mãos distillaram myrrha.

— Os teus labios são como uma fita escarlata, e o teu fallar é doce.

— O cheiro dos teus vestidos é como o cheiro do insenso.

Quantas uniões damnadas não se mantêm por acordos semelhantes, em consciencia, ás vezes! Ha uma grande palavra que diz que todas as cousas são puras para quem é puro.

Tornemos á gente christã, ás eleições municipaes, á senatorial, aos italianos de S. Paulo que deixam a terra, a D. Carlos de Bourbon que adheriu á Republica Franceza em obediencia ao Papa, aos *bonds electricos*, á subida ao poder do *old great man*, a mil outras cousas que apenas indico, tão aborrecido estou. Penna da minha alma, vai afrouxando os bicos; diminue esse ardor, não busques adjectivos, nem imagens, não busques nada, a não ser o repouso, o descanso physico e mental, o esquecimento, a contemplação que prende com o cochilo, o cochilo que expira no sono...

*
* * *

2 de Outubro

Tannhäuser e bonds electricos. Temos finalmente na terra essas grandes novidades. O empresario do theatro lyrico fez-nos o favor de dar a famosa opera de Wagner, enquanto a Companhia de Botafogo tomou a peito transportar-nos mais depressa. Cahirão de uma vez o burro e Verdi? Tudo depende das circunstancias.

Já a esta hora algumas das pessoas que me lêm, sabem o que é a grande opera. Nem todas; ha sempre um grande numero de ouvintes que farão ao grande maestro a honra de não perceber tudo desde logo, e entende-lo melhor á segunda, e de vez á terceira ou quarta execução. Mas não faltam ouvidos acostumados ao seu officio, que distinguirão na mesma noite o bello do sublime, e o sublime do fraco.

Eu, se lá fosse, não ia em jejum. Pegava de algumas opiniões solidas e francezas e mettia-as na cabeça com facilidade; só não me valeria das moletas do bom Larousse, se elle não as tivesse em casa; mas havia de te-las. Cai aqui, cai acolá, faria uma opinião prévia, e á noite iria ouvir a grande partitura do mestre. Um amigo :

— Afinal temos o *Tannhäuser*; eu conheço um trecho, que ouvi ha tempos...

— Eu não conheço nada, e quer que lhe diga? E' melhor assim. Faço de conta que assisto á primeira representação que se deu no mundo. Tudo novo.

— O que eu ouvi, é soberbo.

— Creio; mas não me diga nada, deixe-me virgem de opiniões. Quero julgar por mim, mal ou bem...

E iria sentar-me e esperar, um tanto nervoso, irrequieto, sem atinar com o binoculo para a revista dos camarotes. Talvez nem levasse binoculo; diria que as grandes solemnidades artisticas devem ser extremes de quaesquer outras preocupações humanas. A arte é uma religiãõ. O genio é o summo sacerdote. Em vão, Amália, posta no camarote, em frente á mãe, lançaria os olhos para mim, assustada com a minha indiferença e perguntando a si mesma que me teria feito. Eu, teso, espero que as portas do templo se abram, que as harmonias do céu me chamem aos pés do divino mestre; não sei de Amalia, não quero saber dos seus olhos de turqueza.

Era assim que eu ouviria o *Tannhäuser*. Nos intervalos, visita aos camarotes e critica. Aquella entrada dos fagotes, lembra-se? Admiravel! Os córos, o duo, os violinos, oh! o trabalho dos violinos, que cousa adoravel, com aquelle motivo obrigado : *la la la tra la la, la, tra la la...* Ha n'este acto inspirações que são com certeza, as maiores do seculo. De resto, os proprios francezes emendaram a mão, dando a Wagner o preito que lhe cabe, como um creador genial... As senhoras ouvem-me encantadas; a linda Amalia sente-se honrada com a indiferença de ha pouco, vendo que ella e a arte são o meu culto unico.

Ao fundo, o pai e um homem de suissas fallam da fusão do Banco do Brasil com o da Republica. O irmão, encostado á divisão do camarote, conversa com uma dama vizinha, casada de fresco, hombros magnificos. Que tenho eu com hombros, nem com bancos? *La la, la tra la la la tra la la...*

Feitas as despedidas, passaria a outro camarote,

para continuar a minha critica. Dois homens, sempre ao fundo, conversam baixo, um recitando os versos de Garrett sobre a guerra das duas rosas, o outro esperando a applicação. A applicação é a camara municipal de S. Paulo, que acaba de tomar posse solemne, com assistencia do presidente e dos secretarios do Estado... Interrupção do segundo : « Póde comparar-se o caso dos dois secretarios á conciliação que o poeta fez das duas rosas? » Explicação do primeiro : « Não; refiro-me á inauguração que a camara fez dos retratos de Deodoro e Benjamin Constant. Uniu os dois rivaes posthumosem uma só commemoração, e a historia ou a lenda que faça o resto. »

Não espero pelo resto; falo ás senhoras no duo e na entrada dos fagotes. Bela entrada de fagotes. Os córos admiraveis, e o trabalho dos violinos simplesmente esplendido. Hão de ter notado que a musica reproduz perfeitamente a lenda, como o espelho a figura; prendem-se ambas em uma só inspiração genial. Aquelle motivo obrigado dos violinos é a mais bella inspiração que tenho ouvido : *la la la tra la la la tra...*

Terceiro camarote, violinos, fagotes, córos e o duo. Peormnores technicos. Ao fundo, dois homens, que falam de um congresso psychologico em Chicago, dizem que os nossos espiritas vão ter occasião de apparecer, porque o convite estende-se a elles. Tratar-se-ha não só dos phenomenos psycho-fisicos, como sejam as pancadas, as oscilações em mesas, a escripta e outras manifestações espiritas, como ainda da questão da vida futura. Um dos interlocutores declara que os unicos espiritas que conhece, são dois, moram ao pé d'elle e já não pertencem a este mundo; estão nos intermundios de Epicuro. Andam cá os corpos, por effeito do movimento que traziam quando habitados pelos espiritos,

como aquelles astros cuja luz ainda vemos hoje, estando apagados ha muitos seculos...

A orchestra chama a postos, sóbe o panno, assisto ao acto, e faço a mesma peregrinação no intervallo; mudo só as citações, mas a critica é sempre verdadeira. Ouço os mesmos homens, ao fundo, conversando sobre cousas alheias ao Wagner. Eu, entregue á critica musical, não dou pelas rugas da intendencia, não attendo ás candidaturas municipaes agarradas aos eleitores, não dou por nada que não seja a grande opera. E sento-me, e recordo promptamente o que li sobre o acto, oh ! um acto esplendido !

Fim do espectáculo. Corro a encontrar-me com a familia de Amalia, para acompanhá-la á carruagem. Dou o braço á mãe e critico o ultimo acto, depois resumo a critica dos outros actos. Ellas e o pai entram na carruagem; despedidas á portinhola; aperto a bella mão da minha querida Amalia... Pormenores technicos.

UMA NOTA IDYLLICA

9 de Outubro.

Entre tantos projectos bancarios, debates financeiros, prisão de directores de companhias, denuncia de outros, dois mil commerciantes marchando para o padio Itamaraty, debaixo d'agua, fusão de bancos, alça de cambio, entre tanta cousa grave, soturna, tragica ou simplesmente enfadonha, tivemos uma nota idyllica; foi a morte de Rénan. A de Tennyson, que tambem occorreu agora, não trouxe igual character, apesar do poeta que era. Uma gravura ingleza recente dá, em dois grupos, os annos de 1842 e 1892, meio seculo de separação. No primeiro era Southey que fazia o papel de Tennyson; e o poeta laureado de 1842 como o de 1892, acompanhava os demais personagens officiaes do anno respectivo, o chefe dos *tories*, o chefe dos *whigs*, o arcebispo de Cantuaria. A rainha é que é a mesma. Tudo instituições. Tennyson era uma instituição, e ha bellas instituições. Os seus oitenta e tres annos não lhe tinham arrancado as plumas das azas de poeta; ainda agora annunciava-se um novo escrito seu. Mas era uma gloria britannica; não teve a influencia nem a universalidade do grande francez.

Rénan, como Tennyson, despegou-se da vida no espaço de dois telegrammas, algumas horas apenas.

Não penso na agonia de Rénan. Affigura-se-me que elle voltou o corpo de um lado para outro e fechou os olhos. Mas agonia que fôsse, e por mais longa que haja sido, ter-lhe-ha custado pouco ou nada o ultimo adeus d'aquelle grande pensador, tão placido para com as fatalidades, tão prestes a absolver as cousas irremissiveis.

Comparando este glorioso desfecho com aquelle dia em que Rénan subiu á cadeira de professor e soltou as famosas palavras : « *Alors, un homme a paru...* », podemos crer que os homens, como os livros, têm os seus destinos. Recordo-me do effeito, que foi universal; a audacia produziu escandalo, ea punição foi prompta. O professor desceu da cadeira para o gabinete. Passaram-se muitos annos, as instituições politicas tombaram, outras vieram, e o professor morre professor, após uma obra vasta e luminosa, universalmente aclamado como sabio e como artista. Os seus proprios adversarios não lhe negam admiração, e por ventura lhe farão justiça. « *J'ai tout critiqué* (diz elle em um dos seus prefacios), *et, quoi qu'on en dise, j'ai tout maintenu.* » O seculo que está a chegar, criticará ainda uma vez a critica, e dirá que o illustre exegeta definiu bem a sua acção.

A morte não póde ter apparecido a esse magnifico espirito com aquelles dentes sem boca e aquelles furos sem olhos, com que os demais peccadores a vêem, mas com as feições da vida, coroada de flores simples e graves. Para Rénan a vida nem tinha o defeito da morte. Sabe-se que era desejo seu, se houvesse de tornar á terra, ter a mesma existencia anterior, sem alteração de tramites nem de dias. Não se póde confessar mais vivamente a bemaventurança terrestre. Um poeta d'aquelle paiz, o velho Ronsard, para igual

hypotese, preferia vir tornado em passaro, a ser duas vezes homem. Eu, se não fossem as armadilhas proprias do homem e o uso de matar o tempo matando passaros, tambem quizera regressar passaro.

Não voltou o passaro Ronsard, como não voltará o homem Rénan. Este irá para onde estão os grandes do seculo, que começou em França com o autor de *René*, e acaba com o da *Vida de Jesus*, paginas tão characteristics de suas respectivas datas.

*
* *

16 de Outubro.

Não tendo assistido á inauguração dos bonds electricos, deixei de falar n'elles. Nem sequer entrei em algum, mais tarde, para receber as impressões da nova tracção e conta-las. D'ahí o meu silencio da outra semana. Ante-hontem, porém, indo pela praia da Lapa em um bond commum, encontrei um dos electricos, que descia. Era o primeiro que estes meus olhos viam andar.

Para não mentir, direi que o que me impressionou, antes da electricidade, foi o gesto do cocheiro. Os olhos do homem passavam por cima da gente que ia no meu bond, com um grande ar de superioridade. Posto não fosse feio, não eram as prendas fisicas que lhe davam aquelle aspecto. Sentia-se n'elle a convicção de que inventára, não só o bond electrico, mas a propria electricidade. Não é meu officio censurar essas meias glorias, ou glorias de emprestimo, como lhe queiram chamar espiritos vadios. As glorias de emprestimo,

se não valem tanto como as de plena propriedade, merecem sempre algumas mostras de sympathia. Para que arrancar um homem a essa agradável sensação? Que tenho para lhe dar em troca?

Em seguida, admirei a marcha serena do bond, deslizando como os barcos dos poetas, ao sopro da brisa invisível e amiga. Mas, como iam em sentido contrario, não tardou que nos perdessemos de vista, dobrando elle para o largo da Lapa e rua do Passeio, e entrando eu na rua de Cattete. Nem por isso o perdi de memoria. A gente do meu bond ia sahindo aqui e ali, outra gente entrava adiante e eu pensava no bond electrico. Assim fomos seguindo; até que, perto do fim da linha e já noite, eramos só tres pessoas, o conductor, o cocheiro e eu. Os dois cochilavam, eu pensava.

De repente ouvi vozes estranhas; pareceu-me que eram os burros que conversavam, inclinei-me (ia no banco da frente); eram elles mesmos. Como eu conheço um pouco a lingua dos Houyhnhnms, pelo que d'ella conta o famoso Gulliver, não me foi difficil apanhar o dialogo. Bem sei que cavallo não é burro; mas reconheci que a lingua era a mesma. O burro falla menos, de certo; é talvez o trapista d'aquella grande divisão animal, mas falla. Fiquei inclinado e escutei :

— Tens e não tens razão, respondia o da direita ao da esquerda.

O da esquerda :

— Desde que a tracção electrica se estenda a todos os bonds, estamos livres, parece claro.

— Claro, parece; mas entre parecer e ser, a differença é grande. Tu não conheces a historia da nossa especie, collega; ignoras a vida dos burros desde o

começo do mundo. Tu nem reflectes que, tendo o salvador dos homens nascido entre nós, honrando a nossa humildade com a sua, nem no dia de Natal escapamos da pancadaria christã. Quem nos poupa no dia, vingase no dia seguinte.

— Que tem isso com a liberdade?

— Vejo, redarguiu melancolicamente o burro da direita, vejo que ha muito de homem n'essa cabeça.

— Como assim? bradou o burro da esquerda estacando o passo.

O cocheiro, entre dois cochilos, juntou as redeas e golpeou a parelha.

— Sentiste o golpe? perguntou o animal da direita. Fica sabendo que, quando os bonds entraram n'esta cidade, vieram com a regra de se não empregar chicote. Espanto universal dos cocheiros: onde é que se viu burro andar sem chicote? Todos os burros d'esse tempo entoaram canticos de alegria e abençoaram a idéa dos trilhos, sobre os quaes os carros deslisariam naturalmente. Não conheciam o homem.

— Sim, o homem imaginou um chicote, juntando as duas pontas das redeas. Sei tambem que, em certos casos, usa um galho de arvore, ou uma vara de marmeleiro.

— Justamente. Aqui acho razão ao homem. Burro magro não tem força; mas, levando pancada, puxa. Sabes o que a directoria mandou dizer ao antigo gerente Shannon? Mandou isto: « Engorde os burros, dê-lhes de comer, muito capim, muito feno, traga-os fartos, para que elles se affeiçoem ao serviço; opportunamente mudaremos de politica, *all right!* »

— D'isso não me queixo eu. Sou de poucos comeres; e quando menos trabalho, é quando estou repleto.

Mas que tem capim com a nossa liberdade, depois do bond electrico?

— O bond electrico apenas nos fará mudar de senhor.

— De que modo?

— Nós somos bens da companhia. Quando tudo andar por arames, não somos já precisos, vendem-nos. Passamos naturalmente ás carroças.

— Pela burra de Balaam! exclamou o burro da esquerda. Nenhuma aposentadoria? nenhum premio? nenhum signal de gratificação? Oh! mas onde está a justiça d'este mundo?

— Passaremos ás carroças — continuou o outro pacificamente — onde a nossa vida será um pouco melhor; não que nos falte pancada, mas o dono de um só burro sabe mais o que elle lhe custou. Um dia, a velhice, a lazeira, qualquer cousa que nos torne incapaz, restituir-nos-ha a liberdade...

— Emfim!

— Ficaremos soltos, na rua, por pouco tempo, arrancando alguma herba que ahi deixem crescer para recreio da vista. Mas que valem duas dentadas de herba, que nem sempre é viçosa? Enfraqueceremos; a idade ou a lazeira ir-nos-ha matando, até que, para usar esta metaphora humana, — esticaremos a canela. Então teremos a liberdade de apodrecer. Ao fim de tres dias, a vizinhança começa a notar que o burro cheira mal; conversação e queixumes. No quarto dia, um vizinho, mais atrevido, corre aos jornaes, conta o facto e pede uma reclamação. No quinto dia sai a reclamação impressa. No sexto dia, apparece um agente, verifica a exactidão da noticia; no setimo, chega uma carroça, puxada por outro burro e leva o cadaver.

Seguiu-se uma pausa.

— Tu és lugubre, disse o burro da esquerda. Não conheces a lingua da esperança.

— Póde ser, meu collega; mas a esperança é propria das especies fracas, como o homem e o gafanhoto; o burro distingue-se pela fortaleza. A nossa raça é essencialmente philosophica. Ao homem que anda sobre dois pés, e provavelmente á aguia, que vôa alto, cabe a sciencia da astronomia. Nós nunca seremos astrónomos; mas a philosophia é nossa. Todas as tentativas humanas a este respeito são perfeitas chimeras. Cada seculo...

O freio cortou a frase ao burro, porque o cocheiro encurtou as redeas, e travou o carro. Tínhamos chegado ao pontô terminal. Desci e fui mirar os dois interlocutores. Não podia crer que fossem elles mesmos. Entretanto, o cocheiro e o conductor cuidaram de desatrear a parelha para leva-la ao outro lado do carro; aproveitei a occasião e murmurei baixinho, entre os dois burros :

— *Houyhnhnms!*

Foi um choque electrico. Ambos deram um estremeção, levantaram as patas e perguntaram-me cheios de entusiasmo :

— Que homem és tu, que sabes a nossa lingua?

Mas o cocheiro, dando-lhes de rijo uma lambada, bradou para mim, que lhe não espantasse os animaes. Parece que a lambada devera ser em mim, se era eu que espantava os animaes; mas como dizia o burro da esquerda, ainda agora :

— Onde está a justiça d'este mundo?



30 de Outubro.

Tempos do papa ! tempos dos cardeaes ! Não fallo do papa catholico, nem dos cardeaes da santa igreja romana, mas do nosso papa e dos nossos cardeaes. F. Octaviano, então jornalista, foi quem achou aquellas designações para o senador Eusebio e o estado-maior do partido conservador. Era eu pouco mais que menino...

Fica entendido que, quando eu tratar de factos ou pessoas antigas, estava sempre na infancia, se é que seria nascido. Não me façam mais idoso do que sou. E depois o que é idade? Ha dias, um distincto nonagenario apertava-me a mão com força e contava-me as vivas impressões que lhe deixara a obra de Bryce acerca dos Estados Unidos; acabava de le-la, -- dois grossos volumes, como sabem. E despediu-se de mim, e lá se foi a andar seguro e lépido. Realmente, os annos nada valem por si mesmos. A questão é saber aguenta-los, escova-los bem, todos os dias, para tirar a poeira da estrada, traze-los lavados com agua de hygiene e sabão de philosophia.

Repito, era pouco mais que menino, mas já admirava aquelle escritor fino e sobrio, destro no seu officio. A actual mocidade não conheceu Octaviano; viu apenas um homem avelhantado e enfraquecido pela doença, com um resto pallido d'aquelle riso que Voltaire lhe mandou do outro mundo. Nem resto, uma sombra de resto, talvez uma simples reminiscencia deixada no cerebro das pessoas

que o conheceram entre trinta e quarenta annos.

Um dia, um domingo, havia eleições, como hoje. Papa e cardeaes tinham o poder nas mãos, e, sendo o regimen de dois grãos, entraram elles proprios nas chapas de eleitores, que eram escolhidos pelos votantes. Os liberaes resolveram lutar com os conservadores, apresentaram chapas suas e os desbarataram. O pontifice, com todos os membros do consistorio, mal puderam sair supplentes. E Octaviano, fertil em metáforas, chamou-lhes esquifes. *Mais um esquife*, dizia elle no *Correio Mercantil*, durante a apuração dos votos. Luta de energias, luta de motejos. Rocha, jornalista conservador, ria causticamente do *lencinho branco* de Theophilo Ottoni, o celebre lenço com que este conduzia a multidão, de parochia em parochia, acclamando e acclamado. A multidão seguia, alegre, tumultuosa, levada por sedução, por um instinto vago, por effeito da palavra, — um pouquinho por officio. Não me lembra bem se houve alguma urna quebrada; é possível que sim. Hoje mesmo as urnas não são de bronze. Não vou ao ponto de affirmar que não as houve pejudadas. Que é a politica senão obra de homens? Crescei e multiplicai-vos.

Hoje, domingo, não ha a mesma multidão, o eleitorado é restricto; mas podia e devia haver mais calor. Trata-se não menos que de eleger o primeiro conselho municipal do Districto Federal, que é ainda e será a capital verdadeira e historica do Brasil. Não é eleição que apaixone, concordo; não ha paixões puramente politicas. Nem paixões são cousas que se encommendem, como partidos não são cousas que se evoquem. Mas (permitam-me esta velha banalidade) ha sempre a paixão do bem e do interesse publico. Eia, animai-vos um pouco, se não é tarde; mas, se é tarde, guardai-

vos para a primeira eleição que vier. Comtanto que não quebreis urnas, nem as fecundeis — a conselho meu, — agitai-vos, meus caros eleitores, agitai-vos um tanto mais.

Por hoje, leitor amigo, vai tranquillamente dar o teu voto. Vai, anda, vai escolher os intendentes que devem representar-nos e defender os interesses communs da nossa cidade. Eu, senão estiver meio adoentado, como estou, não deixarei de levar a minha cedula. Não leias mais nada, porque é bem possivel que eu nada mais escreva, ou pouco. Vai votar; o teu futuro está nos joelhos dos deuses, e assim tambem o da tua cidade; mas por que não os ajudarás com as mãos?

Outra couza que está nos joelhos dos deuses é saber se a terceira prorogação que o Congresso Nacional resolveu decretar, é a ultima e definitiva. Póde haver quarta e quinta. D'aqui a censurar o Congresso é um passo, e passo curto; mas eu prefiro ir á Constituinte, que é o mesmo Congresso *avant la lettre*. Por que diabo fixou a Constituinte em quatro mezes a sessão annual legislativa, isto é, o mesmo prazo da Constituição de 1824? Devia attender que outro é o tempo e outro o regimen.

Felizmente, li esta semana que vai haver uma revisão de Constituição no anno proximo. Boa occasião para emendar esse ponto, e ainda outros, se os ha, e creio que ha. Nem faltará quem proponha o governo parlamentar. Dado que esta ultima idéa passe, é preciso ter já de encommenda uma casaca, um par de collarinhos, uma gravata branca, uma pequena mala com alocações brilhantes e anodynas, para as grandes festas officiaes, — e um Carnot, mas um Carnot authenticico, que vista e profira todas aquellas cou-

zas sem significação politica. Salvo se arranjarmos um meio de combinar os presidentes e os ministros responsaveis, um Congresso que mande um ministerio seu ao presidente, para cumprir e não cumprir as ordens oppostas de ambos. Emfim, esperemos. O futuro está nos joelhos dos deuses.

Mas não me faças ir adiante, leitor amado. Adeus, vai votar. Escolhe a tua intendencia e ficarás com o direito de gritar contra ella. Adeus.



6 de Novembro.

Vou contar ás pressas o que me acaba de acontecer.

Domingo passado, enquanto esperava a chamada dos eleitores, sahi á praça do Duque de Caxias (vulgarmente largo do Machado) e comecei a passear defronte da igreja matriz da Gloria. Quem não conhece esse templo grego, imitado da Magdalena, com uma torre no meio, imitada de cousa menhuma? A impressão que se tem diante d'aquelle singular connubio, não é christã nem pagã; faz lembrar, como na comedia, « o casamento do Grão-Turco com a republica de Veneza ». Quando ali passo, desvio sempre os olhos e o pensamento. Tenho medo de peccar duas vezes, contra a torre e contra o templo, mandando-os ambos ao diabo, com escandalo da minha consciencia e dos ouvidos das outras pessoas.

D'aquella vez, porém, não foi assim. Olhei, parei e fiquei a olhar. Entrei a cogitar se aquelle ajuntamento hybrido não será antes um symbolo. A irmandade que

mandou fazer a torre, pôde ter escrito, sem o saber, um commentario. Suppoz batisar uma sinagoga (devia crer que era uma sinagoga), e fez mais, compoz uma obra representativa do meio e do seculo. Não ha ali só um sino para repicar aos domingos e dias santos, com affronta dos pagãos de Athenas e dos christãos de Paris, — ha talvez uma pagina de psychologia social e politica.

Sempre que entrevejo uma idéa, uma significação occulta em qualquer objecto, fico a tal ponto absorto, que sou capaz de passar uma semana sem comer. Aqui ha annos, estando sentado á porta de casa, a meditar no celebre axioma do Dr. Pangloss — que os narizes fizeram-se para os olhos, e que é por isso que usamos olhos, succedeu cahir-me a vista no chão, exactamente no lugar em que estava uma ferradura velha. Que haveria n'aquelle sapato de cavallo, tão comido de dias e de ferrugem?

Pensei muito, — não posso dizer se uma ou duas horas, — até que um clarão subito espancou as trevas do meu espirito. A figura é velha, mas não tenho tempo de procurar outra. Cresci diante de Pangloss. O grande philosopho, achando a rasão dos narizes, não advertiu que, ainda sem elles, podiamos trazer olhos. Bastava um pequeno aparelho de barbantes, que fosse por cima das orelhas até á nuca. Outro era o caso da ferradura. Só o duro casco do animal podia destinar-se á ferradura, uma vez que não ha meio de fazel-a adherir sem pregos. Aqui a finalidade era evidente. De conclusão em conclusão, cheguei ás ave-marias; tinham-me já chamado para jantar tres vezes; comi mal, digeri mal, e acordei doente. Mas tinha descoberto alguma cousa.

Fica assim explicada a minha longa meditação

diante da torre e do templo, e o mais que me aconteceu. Cruzei os braços nas costas, com a bengala entre as mãos, apoiando-me n'ella. Algumas pessoas que iam passando, ao darem comigo, paravam tambem e buscavam descobrir por si o que é que chamava assim a attenção de um homem tão grave. Foram-se deixando estar; outras vieram tambem e foram ficando, até formarem um grupo numeroso, que observava tenazmente alguma cousa dignissima de attenção dos homens. E'assim que eu admiro muita musica; basta ver o Arthur Napoleão parado.

Nem por isso interrompi as reflexões que ia fazendo. Sim, aquella junção da torre e do templo não era sómente uma opinião da irmandade.

Não tenho aqui papel para notar todos os phenomenos historicos, politicos e sociaes que me pareceram explicar o edificio do largo do Machado; mas, ainda que o tivesse de sobra, calar-mé-ia pela incoherenza em que ainda estou acerca das minhas conclusões. Dois exemplos extremes bastam para justificação da duvida. A nossa independencia politica, que os poetas e oradores, até 1864, chamavam *grito de Ypiranga*, não se póde negar que era um bello templo grego. O tratado que veiu depois, com algumas de suas clausulas, e o seu imperador honorario, além do effectivo, poderá ser comparado á torre da matriz da Gloria? Não ousou affirmar-o. O mesmo digo do kiosque. O kiosque, apezar da origem chinesa, póde ser comparado a um templo grego, copiado de Paris; mas o charuto, o bom café barato e o bilhete de loteria que ali se vendem, serão acaso equivalentes d'aquella torre? Não sei; nem tambem sei se os foguetes que ali estouram, quando anda a roda e elles tiram premios, representam os repiques de sinos em dias de

festa. Ha hesitações grandes e nobres: minha pobre alma as conhece.

Pelo que respeita especialmente ao caso da matriz da Gloria, concordo que elle exprima a reacção do sentimento local contra uma innovação apenas elegante. Nós mamamos ao som dos sinos, e somos desmamados com elles; uma igreja sem sino é, por assim dizer, uma boca sem fala. D'aí nasceu a torre da Gloria. A questão não é achar esta explicação, é completa-la.

Não me tragam aqui o mestre Spencer com os seus aphorismos sociologicos. Quando elle diz que « o estado social é o resultado de todas as ambições, de todos os interesses pessoaes, de todos os medos, venerações, indignações, sympathias, etc. tanto dos antepassados, como dos cidadãos existentes » — não serei eu que o conteste. O mesmo farei, se elle me disser, a proposito do templo grego: « Posto que as idéas adiantadas, uma vez estabelecidas, actuem sobre a sociedade e ajudem o seu progresso ulterior, ainda assim o estabelecimento de taes idéas depende da aptidão da sociedade para recebe-las. Na pratica, é o character popular, o estado social que determinam as idéas que hão de ter curso; não são as idéas correntes que determinam o estado social e o character... »

Sim, concordo que o templo grego sejam as idéas novas, e o character e o estado social a torre, que ha de sobrepor-se por muito tempo ás bellas columnas antigas, ainda que a gente se opponha com toda a força ao voto das irmandades...

N'este ponto das minhas reflexões, o sino da torre bateu uma pancada, logo depois outra... Estremeço, acordo, eram ave-marias. Sem saber o que fazia, corro á igreja para votar.

— Para quê? diz-me o sacristão,

- Para votar.
- Mas a eleição foi domingo passado.
- Que dia é hoje?
- Hoje é sabbado.
- Deus de misericordia !

Senti-me fraco, fui comer alguma cousa. Sete dias para achar a explicação da torre da Gloria, uma semana perdida. Escrevo este artigo a trouxe-mouxe, em cima dos joelhos, servindo-me de mesa um exemplar da Biblia, outro de Camões, outro de Gonçalves Dias, outro da Constituição de 1824 e outro da Constituição de 1889, — dois templos gregos, com a torre do meu nariz em cima,

*
*

27 de Novembro.

Um dos meus velhos habitos é ir, no tempo das camaras, passar as horas nas galerias. Quando não ha camaras, vou á municipal ou intendencia, ao jury, onde quer que possa fartar o meu amor dos negocios publicos, e mais particularmente da eloquencia humana. Nos intervallos, faço algumas cobranças, — ou qualquer serviço leve que possa ser interrompido sem damno, ou continuado por outro. Ja se me têm offerecido bons empregos, largamente retribuidos, com a condição de não frequentar as galerias das camaras. Tenho-os recusado todos; nem por isso ando mais magro.

Nas galerias das camaras occupo sempre um logar na primeira fila dos bancos; leva-se mais tempo a

sahir, mas como eu só saio no fim, e ás vezes depois do fim, importa-me pouco essa difficuldade. A vantagem é enorme; tem-se um parapeito de páo, onde um homem pôde encostar os braços e ficar a gosto. O chapéo atrapalhou-me muito no primeiro anno (1857), mas desde que me furtaram um, meio novo, resolvi a questão definitivamente. Entro, ponho o chapéo no banco e sento-me em cima. Venham cá busca-lo!

Não me preguntes a que vem esta pagina dos meus habitos. E'ler, se queres. Talvez haja alguma conclusão. Tudo tem conclusão n'este mundo. Eu vi concluir discursos, que ainda agora supponho estar ouvindo.

Cada cousa tem uma hora propria, leitor feito ás pressas. Na galeria, é meu costume dividir o tempo entre ouvir e dormir. Até certo ponto, vélo sempre. D'ahi em diante, salvo rumor grande, apartes, tumulto, cerro os olhos e passo pelo somno. Ha dias em que o guarda vem bater-me no hombro.

—Que é?

—Saia d'ahi, já acabou.

Olho, não vejo ninguem, recomponho o chapéo e saio. Mas estes casos não são communs.

No senado, nunca pôde fazer a divisão exacta, não porque lá falassem mal; ao contrario, falavam geralmente melhor que na outra camara. Mas não havia barulho. Tudo macio. O estylo era tão apurado, que ainda me lembro certo incidente que ali se deu, orando o finado Ferraz, um que fez a lei bancaria de 1860. Creio que era então ministro da guerra, e dizia, referindo-se a um senador: « Eu entendo, Sr. presidente, que o nobre senador não entendeu o que disse o nobre ministro da marinha, ou fingiu que não entendeu. » O visconde de Abaeté que era o presidente, acudiu

logo : « A palavra *fingiu* acho que não é propria. » E o Ferraz replicou : « Peço perdão a V. Ex., retire a palavra. »

Ora, déem lá interesse ás discussões com estes passos de minuette ! Eu, mal chegava ao senado, estava com os anjos. Tumulto, saraivada grossa, calumniador para cá, calumniador para lá, eis o que póde manter o interesse de um debate. E que é a vida senão uma troca de cachações ?

A Republica trouxe-me quatro desgostos extraordinarios; um foi logo remediado; os outros tres não. O que ella mesma remediou, foi a desastrada idéa de metter as camaras no palacio da Boa Vista. Muito politico e muito bonito para quem anda com dinheiro no bolso; mas obrigar-me a pagar dois nikelis de passagem por dia, ou ir a pé, era um despropósito. Felizmente, vingou a idéa de tornar a pôr as camaras em contacto com o povo, e descemos da Boa Vista.

Não me falem nos outros tres desgostos. Supprimir as interpellações aos ministros, com dia fixado e anunciado; acabar com a discussão da resposta á falla do throno; eliminar as apresentações de ministerios novos...

Oh ! as minhas bellas apresentações de ministerios ! Era um regalo ver a camara cheia, agitada, febril, esperando o novo gabinete. Moças nas tribunas, algum diplomata, meia duzia de senadores. De repente, levantava-se um sussurro, todos os olhos voltavam-se para a porta central, apparecia o ministerio com o chefe á frente, cumprimentos á direita e á esquerda. Sentados todos, erguia-se um dos membros do gabinete anterior e expunha as razões da retirada; o presidente do conselho erguia-se depois, narrava a historia da subida, e definia o programma. Um deputado da

oposição pedia a palavra, dizia mal dos dois ministros, achava contradicções e obscuridades nas explicações, e julgava o programma insufficiente. Réplica, tréplica, agitação, um dia cheio.

Justiça, justiça. Ha usos d'aquelle tempo que ficaram. A's vezes, quando os debates eram calorosos, — e principalmente nas interpellações, — eu da galeria entrava na dança, dava palmas. Não sei quando começou este uso de dar palmas nas galerias. Deve vir de muitos annos. O presidente da camara bradava sempre: «As galerias não podem fazer manifestações!» Mas era como se não dissesse nada. Na primeira ocasião, tornava a palmear com a mesma força. Vieram vindo depois os bravos, os apoiados, os não apoiados, uma bonita agitação. Confesso que eu nem sempre sabia das razões do clamor, e não raro me aconteceu apoiar dois contrarios. Não importa; liberdade, antes confusa, que nenhuma.

Esse costume prevaleceu, não acompanhou os que perdi, felizmente. Em verdade, seria lugubre, se, além de me tirarem as interpellações e o resto, acabassem mettendo-me uma rolha na boca. Era melhor assassinar-me logo, de uma vez. A liberdade não é surda-muda, nem paralitica. Ella vive, ella fala, ella bate as mãos, ella ri, ella assobia, ella clama, ella vive da vida. Se eu na galeria não posso dar um berro, onde é que o hei de dar? Na rua, feito maluco?

Assim continuei a intervir nos debates, e a fazer crescer o meu direito politico; mas estava longe de esperar o reconhecimento immediato, pleno e absoluto que me deu a intendencia nova. Tinha ganho muito na outra galeria, enriqueci na da intendencia, onde o meu direito de gritar, apupar e applaudir foi bravamente consagrado. Não peço que se ponha isto por

lei, porque então, gritando, apupando ou applaudindo, estarei cumprindo um preceito legal, que é justamente o que eu não quero. Não que eu tenha odio á lei; mas não tolero oppressões de especie alguma, ainda em meu beneficio.

O melhor que ha no caso da intendencia nova, é que ella mesma deu o exemplo, excitando-se de tal maneira, que me fez esquecer os mais bellos dias da camara. Em minha vida de galeria, que já não é curta, tenho assistido a grandes disturbios parlamentares; raro se terá approximado das estréas da nova representação do municipio. Não desmaie a nobre corporação. Berre, ainda que seja preciso trabalhar.

Pela minha parte, fiz o que pude, e estou prompto a fazer o que puder e o que não puder. Embora não tenha a superstição do respeito, quero que me respeitem no exercicio de um jus adquirido pela vontade e confirmado pelo tempo. *J'y suis, j'y reste*, como tenho ouvido dizer nas camaras. Creio que é latim ou francez. Digo, por linguagem, que, ainda posso ir adiante; e finalmente que se ha por ahí alguma frase menos incorrecta, é reminiscencia da tribuna parlamentar ou judiciaria. Não se arrasta uma vida inteira de galeria em galeria sem trazer algumas amostras de syntaxe.

*
* *
*

18 de Dezembro.

Hontem, querendo ir pela rua da Candelaria, entre as da Alfandega e Sabão (velho estylo), não me foi

possível passar, tal era a multidão de gente. Cuidei que havia briga, e eu gosto de ver brigas; mas não era. A massa de gente tomava a rua, de uma banda a outra, mas não se mexia; não tinha a ondulação natural dos cachações. Procissão não era; não havia tochas acesas nem sobrepelizes. Sujeito que mostrasse artes de macaco ou vendesse drogas, ao ar livre, com discursos, também não.

Estava n'este ponto, quando vi subir a rua da Alfandega um digno ancião, a quem expuz as minhas duvidas.

— Não é nada d'isso, respondeu-me cortezmente. Não ha aqui procissão nem macaco. Briga, no sentido de murros trocados, também não ha, — pelo menos, que me conste. Quanto á supposição de estar ahí alguma pessoa apregoando medalhinha e vidrilhos, como os bufarinheiros da rua do Ouvidor, esquina da do Carmo ou da Primeiro de Março, menos ainda.

— Já sei, é uma seita religiosa que se reune aqui para meditar sobre as vaidades do mundo, — um troço de budhistas...

— Não, não.

— Adivinhei : é um *meeting*.

— Onde está o orador?

— Esperam o orador.

— Que orador? que *meeting*? Ouça calado. O senhor parece ter o máu costume de vir apanhar as palavras dentro da boca dos outros, Socegue e escute.

— Sou todo ouvidos.

— Este é o celebre encilhamento.

— Ah!

— Vê? Ha mais tempo teria tido o gosto d'essa admiração, se me ouvisse calado. Este é o encilhamento.

— Não sabia que era assim.

— Assim como?

— Na rua. Cuidei que era uma vasta sala ou um terreno fechado, particular ou publico, não este pedaço de rua estreita e aborrecida. E olhe que nem ha meio de passar; eu quiz romper, pedi licença... Entretanto, creio que temos a liberdade de circulação.

— Não.

— Como não?

— Leia a Constituição, meu senhor, leia a Constituição. O art. 72 é o que compendia os direitos dos nacionaes e estrangeiros; são trinta e um paragrafos; nenhum d'elles assegura o direito de circulação... O direito de reunião, porém, é positivo. Está no § 8º. « A todos é licito reunirem-se livremente e sem armas, não podendo intervir a policia, se não para manter a ordem publica ». Estes homens que aqui estão trazem armas?

— Não as vejo.

— Estão desarmados, não pertubam a ordem publica, exercem um direito, e, enquanto não infringirem as duas clausulas constitucionaes, só a violencia os poderá tirar d'aqui. Houve já uma tentativa d'isso. Eu, se fosse comigo, recorria aos tribunaes, onde ha justiça. Se elles m'a negassem, pedia o jury onde ella é indefectivel, como na velha Inglaterra. Note que a violencia da policia já deu algum lucro. Como as moleculas do encilhamento, por uma lei natural, tendiam a unir-se logo depois de dispersadas, a policia, para impedir a recomposição, fazia disparar de quando em quando duas praças de cavallaria. Mal sabiam ellas que eram simples animaes de corrida. As pessoas que as viam correr, apostavam sobre qual chegaria primeiro a certo ponto. — E' a da esquerda. — E' a

da direita. — Quinhentos mil réis. — Aceito. — Pronto. — Chegou a da esquerda; dê cá o dinheiro.

— De maneira que a propria autoridade...

— Exactamente. Ah! meu caro, dinheiro é mais forte que amor. Veja o negocio do chocolate. Chocolate parece que não convida á falsificação; tem menos uso que o café. Pois o chocolate é hoje tão duvidoso como o café. Entretanto, ninguem dirá que os falsificadores sejam homens deshonestos nem inimigos publicos. O que os leva a falsificar a bebida não é o odio ao homem. Como odiar o homem, se no homem, está o freguez? E' o amor da pecunia.

—Pecunia? chocolate?

—Sim, senhor, um negocio que se descobriu ha dias. O senhor, ao que parece, não sabe o que se passa em torno de nós. Aposto que não teve noticia da revolução de Nictheroy?

—Tive.

—Eu tive mais que noticia, tive saudades. Quando me falaram em revolução de Nictheroy, lembrei-me dos tempos da minha mocidade, quando Nictheroy era Praia Grande. Não se faziam ali revoluções, faziam-se patuscadas. Ia-se de falúa, antes e ainda depois das primeiras barcas. Quem ligou nunca Nictheroy e S. Domingos a outra idéa que não fosse noite de luar, descantes, moças vestidas de branco, versos, uma ou outra charada? Havia presidente, como ha hoje; mas morava do lado de cá. Ia ali ás onze horas, almoçado, assignava o expediente, ouvia uma duzia de sujeitos cujos negocios eram todos a salvação publica, metia-se na barca, e vinha ao theatro lyrico ouvir a Zecchini. Havia tambem uma assembléa legislativa; era uma especie do antigo Collegio de Pedro II, onde os moços tiravam carta de bacharel politico, e mar-

chavam para S. Paulo, que era a assembléa geral. Tempos! tempos!

— Tudo muda, meu caro senhor. Nictheroy não podia ficar eternamente Praia Grande.

— De acordo; mas a lagrima é livre.

— E' talvez a cousa mais livre deste mundo, senão a unica. Que é a liberdade pessoal? O senhor vinha andando, rua acima, encontra-me, faço-lhe uma pergunta, e aqui está preso ha vinte minutos.

— Pelo amor de Deus! Tomára eu destes grilhões! São grilhões de ouro.

— Agradeço-lhe o favor. Nunca o favor é tão honroso e grande como quando sai da boca ungida pelo saber e pela experiencia; porque a bondade é propria dos altos espiritos.

— Julga-me por si; é o modo certo de engrandecer os pequenos.

— O que engrandece os pequenos é o sentimento da modestia, virtude extra-ordinaria; o senhor a possui.

— Nunca me esquecerei d'este feliz encontro.

— Na verdade, é bom que haja encilhamento; se o não houvesse, a rua era livre, como a lagrima, eu teria ido o meu caminho, e não receberia este favor do céo, de encontrar uma intelligencia tão culta. Aqui está o meu cartão.

— Aqui está o meu. Sempre ás suas ordens.

— Igualmente.

— (*A parte*) Que homem distincto!

— (*A parte*) Que estimavel ancião!



25 de Dezembro.

E' desenganar. Gente que mamou leite romantico, póde metter o dente no rosbife naturalista; mas em lhe cheirando a teta gothica e oriental, deixa o melhor pedaço de carne para correr á bebida da infancia. Oh! meu doce leite romantico! Meu licor de Granada! Como ao velho Gœthe, apparecem novamente as figuras aereas que outr'ora vi ante os meus olhos turvos.

Com effeito, emquanto vós outros cuidaveis da reforma financeira e tantos factos da semana, emquanto percorrieis as salas da nossa bella exposição preparatoria da de Chicago, eu punha os olhos em um telegramma de Constantinopla, publicado por uma das nossas folhas. Não são raros os telegrammas de Constantinopla; temos sabido por elles como vai a questão dos Dardanellos; mas d'esta vez alguma cousa me dizia que não se tratava de politica. Tirei os oculos, limpeio-os, fitei o telegramma. Que dizia o telegramma?

« Cinco odaliscas... » Parei; lidas essas primeiras palavras, senti-me necessitado de tomar folego. Cinco odaliscas! Murmura esse nome, leitor: faze escorrer da boca essas quatro syllabas de mel, e lambe depois os beiços, ladrão. Pela minha parte, achei-me em espirito, diante de cinco lindas mulheres, com o véu transparente no rosto, as calças largas e os pés metidos nas chinelas de marroquim amarello, — *babuchas*, que é o proprio nome. Todas as orientaes de Hugo vieram chover sobre mim as suas rimas de ouro e sandalo. Cinco odaliscas! Mas que fizeram essas

cinco odaliscas? Não fizeram nada. Tinham sido mandadas de presente ao sultão. Pobres moças! Entraram no harem, lá estiveram não sei quanto tempo, até que foram agora assassinadas... Sim, leitor compassivo, assassinadas por mandado das outras mulheres que já lá estavam, e por ciumes...

Não, aqui é força interromper o capitulo, por um instante. Não continuo sem advertir que o anno é bissexto, anno de espantos. Miseras odaliscas! Assassinas por ciumes, — não do sultão, que tem mais que fazer com o grande urso slavo; — por ciumes dos eunucos. Singulares eunucos! Eunucos de anno bissexto! Todo o harem posto em odio, em tumulto, em sangue, por causa de meia duzia de guardas, que o sultão tinha o direito de suppor fieis ao throno e á cirurgia.

O mundo caduca — reflexionou tristemente um dia não sei que cardeal da santa igreja romana; e fez bem em morrer pouco depois, para não ouvir da parte do oriente este desmentido de incréos — O mundo reconstitue-se. O sultão tem ainda um recurso, dissolver o corpo dos seus guardas, como fizemos aqui com o corpo de policia de Nietheroy, e recompo-lo com os companheiros de Mahomet II. Elles acudirão á chamada do imperador; os velhos ossos cumprirão o seu dever, atarrachando-se uns nos outros, e, com as orbitas vasias, com o alfange pendente dos dedos sem carne, correrão a vigiar e defender as odaliscas antigas e recentes.

Ossos embora, hão de ouvir as vozes femininas, e, pois que tiveram outra funcção social, estremecerão ao echo dos seculos extintos. A frase vai-me sahindo com tal ou qual rythmo que parece verso. Talvez por causa do assunto. Falemos de um triste leitão, que ouvi grunhir agora mesmo no largo da Carioca. Ia

atado pelos pés, dorso para baixo, seguro pela mão de um criado, que o levava de presente a alguém; é vespera de natal. Presente christão, costume catholico, parece que adotado para fazer figa ao judaismo. Será comido amanhã, domingo, irá para a mesa com a antiga rodela de limão, á maneira velha. Pobre leitão! Berrava como se já o estivessem assando. Talvez o desgraçado houvesse noticia do seu destino, por algumas relações verbaes que passem entre elles de pais a filhos. Póde ser que elles ainda aguardem uma desforra. Tudo se deve esperar na terra. *Tout arrive*, como dizem os francezes.

Não quero dizer dos francezes o que me está cahindo da penna. Melhor é calal-o. Como se não bastassem a essa briosa nação os delitos de Panamá, está a desmoralisar-se com o escandalo de tantos processos. Corrupção escondida vale tanto como publica; a differença é que não fede. Que é que se ganha em processar? Fulano corrompeu Sicrano. Pedro e Paulo uniram-se para embaçar uma rua inteira, fizeram vinte discursos, trinta annuncios, e deixaram os ouvintes sem dinheiro nem nada. Que valem demandas? Dinheiro não volta, ao passo que o silencio, além de ser ouro, conforme o adagio arabe, tem a vantagem de fazer esquecer mais depressa. Toda a questão é que os empulhados não se deixem embair outra vez pelos empulhadores.

1893

22 de Janeiro.

A questão Capital está na ordem do dia. Tempo houve em que na Republica Argentina não se fallou de outra cousa. Lá, porém, não se tratava de trocar a capital da provincia de Buenos Ayres por outra, mas de tirar á cidade d'este nome o duplo character de capital da provincia e da Republica. Um dia resolveram fazer uma cidade nova, La Plata, que dizem ser magnifica, mas que custou naturalmente empréstimos grossos.

Entre nós, a questão é mais simples. Trata-se de mudar a capital do Rio de Janeiro para outra cidade que não fique sendo um prolongamento da rua do Ouvidor. Convém que o Estado não viva sujeito ao botão de Diderot, que matava um homem na China. A questão é escolher entre tantas cidades. A idéa legislativa até agora é Theresopolis; assim se votou hontem na assembléa. Era a do finado capitalista Rodrigues, que escreveu artigos sobre isso. Grande *viveur*, o Rodrigues! Em verdade, Theresopolis está mais livre de um assalto, é fresca, tem terras de sobra, onde se edifique para officiar, para legislar e para dormir.

Campos quer tambem a capitalisação. Reune-se, discute, pede, insta. Vassouras não quer ficar atraz.

Velha cidade de um municipio de café, julga-se com direito a herdar de Nictheroy, e offerece dinheiros para auxiliar a administração. Petropolis tambem quer ser capital, e parece invocar algumas razões de elegancia e de belleza; mas tem contra si não estar muito mais longe da rua do Ouvidor, e até mais perto, por dois caminhos. Tambem ha quem indique Nova-Friburgo; e, se eu me deixasse levar pelas boas recordações dos hoteis Leuenroth e Salusse, não aconselharia outra cidade. Mas, além de não pertencer ao Estado (sou puro carioca), jámais iria contra a opinião dos meus concidadãos unicamente para satisfazer reminiscencias culinarias. Nem só culinarias; tambem as tenho choreograficas... Oh bons e saudosos bailes do salão Salusse! Convivas d'esse tempo, onde ides vós? Uns morreram, outros casaram, outros envelheceram; e, no meio de tanta fuga, é provavel que alguns fugissem. Falo de quatorze annos atraz. Resta ao menos este miseravel escriba, que, em vez de la estar outra vez, no alto da serra, aqui fica a comer-lhes o tempo.

Nictheroy não pede nada, olha, escuta, aguarda. Vai para a barca, se tem cá o emprego; se o tem lá mesmo, vai vêr chegar ou sahir a barca. Vê sempre alguma cousa, — outr'ora as lanchas, — depois as barcas. Pobre suburbio da velha Côrte, não tens força para reagir contra a descapitalisação; não representas, não requeres. Vai para a galeria da assembléa ouvir as razões com que te tiram o chapéu da cabeça; não indagues se são boas ou más. São razões.

Vale-lhe uma cousa : não está só. O Estado de Minas Geraes, que desde o tempo do imperio já sonhava com outra capital, põe mãos á obra devéras, mandando fazer uma capital nova. Já ahi sahiu uma commissão em busca de territorio e clima adequados. Ouro Preto

tem de ceder. Dizem que lhe custa; mas o que é que não custa? Quanto á capital da Republica, é materia constitucional, e a commissão encarregada de escolher e delimitar a area já concluiu os seus trabalhos, ou está prestes a fazel-o, segundo li esta mesma semana. Telegramma de Uberaba diz que ali chegou o chefe, Luiz Cruls.

Não ha duvida que uma capital é obra dos tempos, filha da historia. A historia e os tempos se encarregam de consagrar as novas. A cidade que já estiver feita, como no Estado do Rio, é de esperar que se desenvolva com a capitalisação. As novas devemos esperar que serão habitadas logo que sejam habitaveis. O resto virá com os annos.

Entretanto, os donativos e offertas por parte de algumas cidades fluminenses mostram bem, que nem as cidades querem andar na turba-multa, por mais que a produção e a riqueza as distingam. Tudo vale muito, mas não vale tudo, antes da coroa administrativa. Datar as leis de Campos é dar o commando a Campos; data-las de Vassouras é da-lo a Vassouras; e nada vale o commando, nem a propria santidade.

A capital da Republica, uma vez estabelecida, receberá um nome devéras, em vez d'este que ora temos, méro qualificativo. Não sei se viverei até á inauguração. A vida é tão curta, a morte tão incerta, que a inauguração póde fazer-se sem mim, e tão certo é o esquecimento, que nem darão pela minha falta. Mas, se viver, lá irei passar algumas ferias, como os de lá virão aqui passar outras. Os cariocas ficarão sempre com a bahia, a esquadra, os arsenaes, os theatros, os bailes, a rua do Ouvidor, os jornaes, os bancos, a praça do commercio, as corridas de cavallos, tanto nos circos, como nos balcões de algumas casas cá em baixo, os

monumentos, a companhia lyrica, os velhos templos, os rabequistas, os pianistas...

Ponhamos tambem os melhoramentos projectados na cidade. São muitos, e creio haver boa resolução de levar a obra ao cabo. Oxalá não desanimem os poderes do municipio. Tambem ficaremos com os processos de toda a sorte, as sociedades sem cabeça e as sociedades de duas cabeças, como a Colonisadora, imitação da aguia austriaca. Aqui ficará o grande banco. A mesma ponte truncada da bahia, que o mar começou a comer, e as montanhas russas inacabadas da Gloria tambem ficarão aqui, tão inacabadas e tão truncadas como podemos pedi-lo aos deuses.

Perderemos, é certo, o Supremo Tribunal de Justiça; mas, tendo a camara municipal de Tubarão, em um assomo de colera, qualificado um acto d'aquella instituição como *ignobilmente anormal*, e não nos convido, nem cortar as relações com o Tubarão, nem sahir da escola do respeito, melhor é que o tribunal se mude e nos deixe. Grande Tubarão! Tudo por causa de um homem. O que não dirá elle por um principio?

* * *

29 de Janeiro.

Gósto d'este homem pequeno e magro chamado Barata Ribeiro, prefeito municipal, todo vontade, todo acção, que não perde o tempo a vêr correr as aguas do Euphrates. Como Josué, acaba de pôr abaixo as muralhas de Jerichó, vulgo *Cabeça de Porco*. Chamou as tropas, segundo as ordens de Jaweh; durante os

seis dias da escritura, deu volta á cidade e depois mandou tocar as trombetas. Tudo ruiu, e, para mais justeza biblica, até carneiros sahiram de dentro da *Cabeça de Porco*, tal qual da outra Jerichó sahiram bois e jumentos. A differença é que estes foram passados a fio de espada. Os carneiros, não só conservaram as vidas mas receberam hontem algumas acções de sociedades anonymas.

Outra differença. Na velha Jerichó houve, ao menos, uma casa de mulher que salvar, porque a dona tinha acolhidó os mensageiros de Josué. Aqui nenhuma recebeu ninguem. Tudo pereceu portanto, e foi bom que percesse. Lá estavam para fazer cumprir a lei a autoridade policial, a autoridade sanitaria, a força publica, cidadãos de boa vontade, e cá fóra é preciso que esteja aquelle apoio moral, que dá a opinião publica aos varões provadamente fortes.

Não me condemnem as reminiscencias de Jerichó. Foram os lindos olhos de uma judia que me meteram na cabeça os passos da Escritura. Elles é que me fizeram ler no livro do Exodo a condemnação das imagens, lei que elles entendem mal, por serem judeus, mas que os olhos christãos entendem pelo unico sentido verdadeiro. Tal foi a causa de não ir, desde annos, á procissão de S. Sebastião, em que a imagem do nosso padroeiro é transportada da cathedral ao Castelo. Sexta-feira fui ve-la sahir. Eramos dois, um amigo e eu; logo depois eramos quatro, nós e as nossas melancolias. Deus de bondade! Que differença entre a procissão de sexta-feira e as de outr'ora. Ordem, numero, pompa, tudo o que havia quando eu era menino, tudo desapareceu. Valha a piedade, posto não faltaram olhos christãos, e femininos, — um par d'elles, — para acompanhar com riso amigo e particular uma

velha opa encarnada e inquieta. Foi o meu amigo que notou essa passagem do Cântico dos Cânticos. Todo eu era pouco para evocar a minha meninice...

E tu, Belém Ephrata... Vêde ainda uma reminiscência bíblica; é do propheta Miguéas... Não tenho outra para significar a vitoria de Theresopolis. De Belém tinha de vir o salvador do mundo, como de Theresopolis ha de vir a salvação do Estado fluminense. Está feito capital o lindo e fresco deserto das montanhas. Peso de Campos (agora é imitar o propheta Isaias), peso de Vassouras, peso de Nictheroy. Não valeram riquezas, nem supplicas. A ti, pobre e antiga Nictheroy, não te valeu a eloquencia do teu Belisario Augusto, nem sequer a rivalidade das outras cidades pretendentes. Tinha de ser Theresopolis. « E tu, Belém Ephrata, tu és pequenina entre as milhares de Judá... » Pequenina tambem é Theresopolis, mas pequenina em casas; terras ha muitas, pedras não faltam, nem cal, nem trolhas, nem tempo. Falta o meu velho amigo Rodrigues, — ora morto e enterrado, — que possuia uma boa parte d'aquellas terras desertas. Ai, Justiniano! Os teus dias passaram como as aguas que não voltam mais. E' ainda uma palavra da Escritura.

Fôra com estes sapatos de Israel. Calcemo-nos á maneira da rua do Ouvidor, que pisamos, onde a vida passa em borborinho de todos os dias e de cada hora. Chovem assuntos modernos. O banco, por exemplo, o novo banco, filho de dois pais, como aquella criança divina que era, dizia Camões, nascida de duas mães. As duas mães, como sabeis, eram a madre de sua madre, e a coxa de seu padre, porque no tempo em que Jupiter engendrou esse pequerrucho, ainda não estava descoberto o remedio que previne a concepção para sempre, e de que ouço fallar na rua do Ouvidor. Di-

zem até que se annuncia, mas eu não leio annuncios.

No tempo em que os lia, até os ia catar nos jornaes estrangeiros. Um d'estes, creio que americano, trazia um de excellente remedio para não sei que perturbações gastricas; recommendava, porém, ás senhoras que o não tomassem, em estado de gravidez, pelo risco que corriam de abortar... O remedio não tinha outro fim senão justamente este; mas a policia ficava sem haver por onde pegar do invento e do inventor. Era assim, por meios astutos e grande dissimulação que o remedio se offerencia ás senhoras cançadas de aturar crianças.

A moeda falsa, que previne a miseria, não a previne para sempre, visto que a policia tem o poder iniquo de interromper os estudos de gravura e meter toda uma academia na Detenção. Já li que se trata de *demolir caracteres*, e tambem que a autoridade está *atacando o capital*. Eu, em se me falando esta linguagem, fico do lado do capital e dos caracteres. Que póde, sem elles, uma sociedade?

Um criado meu, que perdeu tudo o que possuia na compra de *desventuras*... perdõem-lhe; é um pobre homem que fala mal. Ensinei-lhe a correcta pronuncia de *debentures*, mas elle disse-me que *desventuras* é o que ellas eram, *desventuras* e *patifarias*. Pois esse criado tambem defende o capital; a differença é que não se accusa a si de atacar o dos outros, e sim aos outros de lhe terem levado o seu. Quanto aos caracteres, entende que, se alguma cousa quer *demolir*, não são os caracteres, mas as proprias caras, que são os caracteres externos, e não o faz por medo da policia.

Lê tudo o que os jornaes publicam, este homem. Foi elle que me deu noticia da nova denuncia contra a

Geral; elle chama-lhe nova, não sei se houve outra. Contou-me tambem uma historia de discursos, paronymphos e retratos, e' mais um contrabando de objetos de prata dentro de um canapé velho.

— Não ganho dinheiro com isto, conclue elle; mas consolo-me das minhas desventuras.

— *Debentures*, José Rodrigues.

*
* *

5 de Fevereiro.

Contaram algumas folhas esta semana, que um homem, não querendo pagar por um kilo de carne preço superior ao taxado pela prefeitura, ouvira do açougueiro que poderia pagar o dito preço, mas que *o kilo seria mal pesado*.

Pára, amigo leitor; não te importes com o resto das cousas, nem dos homens. Com um osso, queria o outro reconstruir um animal; com aquella só palavra, podemos recompôr um animal, uma familia, uma tribu, uma nação, um continente de animaes. Não é que a palavra seja nova. E' menos velha que o diabo, mas é velha. Creio que no tempo das libras, já havia libras mal pesadas, e até arrobas. O nosso erro é crer que inventamos, quando continuamos, ou simplesmente copiamos. Tanta gente pasma ou vocifera diante de pecados, sem querer ver que outros iguaes pecados se pecaram, e ainda outros se estão pecando, por varias outras terras peccadoras.

Andamos em boa companhia. Não nos hão lapidar por actos que são antes effeito de uma epidemia do

tempo. Ou lapidem-nos, mas no sentido em que se lapida um diamante, para se lhe deixar o puro brilho da especie. N'este ponto, força é confessar que ainda ha por aqui impurezas e defeitos graves; mas o bello diamante Estrella do Sul, que hoje pertence a não sei que corôa europêa, não foi achado na Bagagem prestes a ser engastado, mas naturalmente bruto. Ha impurezas. Ha inepecia, por exemplo, muita inepecia. Quando não é inepecia, são inadvertencias. Apontam-se diamantes que tanto têm de finos como de patáos, e só o longo estudo da mineralogia poderá dar a chave da contradição.

Mas, *sursum corda*, como se diz na missa. Subamos ao alto valor espiritual da resposta do açougueiro. *Um kilo mal pesado*. Pela lei, um kilo mal pesado não é kilo, são novecentas e tantas grammas, ou só novecentas. Mas a persistencia do nome é que dá a grande significação da palavra e a consequente theoria. Trata-se de uma idéa que o vendedor e o comprador entendem, posto que legalmente não exista. Elles crêem e juram que ha duas especies de kilo, — o de peso justo e o mal pesado. Perderão a carne ou o preço, primeiro que a convicção.

Ora bem, não será assim com o resto? Que são notas falsas, se acaso estão de acordo com as verdadeiras, e apenas se distinguem d'ellas por uma tinta menos viva, ou por alguns pontos mais ou menos incorrectos? Falsas seriam, se se parecessem tanto com as outras, como um rotulo de pharmacia com um bilhete do Banco Emissor de Pernambuco, para não ir mais lonje; mas se entre as notas do mesmo banco houver apenas differenças miudas de côr ou de desenho, as chamadas falsas estão para as verdadeiras, como o kilo, mal pesado para o kilo de peso justo. Exclúo natural-

mente o caso de emissões clandestinas, porque as notas de taes emissões nunca se poderão dizer mal pesadas. O peso é o mesmo. A alteração [única está no accrescimo do mantimento, determinado pelo accrescimo dos kilos. Quanto ao mais, falsas ou verdadeiras, valha-nos aquella benta francezia que diz que *tout finit par des chansons*.

Pañuelo á la cintura,
Pañuelo al cuello,
Io no sé d'onde salen
Tantos pañuelos!

Sáiam d'onde fôr, basta que enfeitem a moça andaluza. Não lhe faltarão guitarras nem guitarreiros, que levantem até á lua os seus meritos, ainda que elles sejam mal pesados. Que valem cincoenta ou cem grammas de menos a um merecimento, se lhe não tiram este nome? Tudo está no nome. Vi estadistas que tinham de sciencia politica um kilo muito mal pesado, e nunca os vi gritar contra o açougueiro; alguns acabaram crendo que o peso era justo, outros que até traziam um pedaço de quebra...

—Isto prova, interrompe-me aqui o açougueiro, que o senhor entende pouco do que escreve. Se realmente tivesse idéas claras, saberia que não ha só kilos mal pesados; tambem os ha bem pesados. Mas quem os recebe da segunda classe, não corre ás folhas publicas. Creia-me, isto de philosophia não se faz só com a penna no papel, mas tambem com o facção na alcatra. Saiba que o mundo é uma balança, em que se pezam alternadamente aquelles dois kilos, entre brados de alegria e de indignação. Para mim, tenho que o kilo mal pesado foi inventado por Deus, e o bem pesado pelo Diabo; mas os meus freguezes pensam o contrario, e d'ahi um povo de scismaticos, uma raça perversa e corrupta...

— Bem; faça o resto da cronica.



12 de Fevereiro.

Falleci hontem, pelas sete horas da manhã. Já se entende que foi sonho; mas tão perfeita a sensação da morte, a despegar-me da vida, tão ao vivo o caminho de céo, que posso dizer haver tido um ante-gosto da bemaventurança.

Ia subindo, ouvia já os córos de anjos, quando a propria figura do Senhor me appareceu em pleno infinito. Tinha uma amphora nas mãos, onde espremera algumas duzias de nuvens grossas, e inclinava-a sobre esta cidade, sem esperar procissões que lhe pedissem chuva. A sabedoria divina mostrava conhecer bem o que convinha ao Rio de Janeiro; ella dizia enquanto ia entornando a amphora:

— Esta gente vai sahir tres dias á rua com o furor que traz toda a restauração. Convidada a divertir-se no inverno, preferiu o verão, não por ser melhor, mas por ser a propria quadra antiga, a do costume, a do calendario, a da tradição, a de Roma, a de Veneza, a de Paris. Com temperatura alta, podem vir transtornos de saude, — algum apparecimento de febre, que os seus vizinhos chamem logo amarela, não lhe podendo chamar peor... Sim, chovamos sobre o Rio de Janeiro.

Alegrei-me com isto, posto já não pertencesse á terra. Os meus patricios iam ter um bom carnaval, — velha festa que está a fazer quarenta annos, se já os

não fez. Nasceu um pouco por decreto, para dar cabo do entrudo, costume velho, datado da colonia e vindo da metropole. Não pensem os rapazes de vinte e dois annos que o entrudo era alguma cousa semelhante ás tentativas de resurreição, empreendidas com bisnagas. Eram tinas d'agua, postas na rua ou nos corredores, dentro das quaes metiam á força um cidadão todo, — chapéo, dignidade e botas. Eram seringas de lata; eram limões de cêra. Davam-se batalhas porfiadas de casa a casa, entre a rua e as janellas, não contando as bacias d'agua despejadas á traição. Mais de uma tuberculose caminhou em tres dias o espaço de tres meses. Quando menos, nasciam as constipações e bronquites, rouquidões e tosses, e era a vez dos boticarios, porque, n'aquelles tempos infantes e rudes, os pharmaceuticos ainda eram boticarios.

Cheguei a lembrar-me, apezar de ir caminho do céu, dos episodios de amor que vinham com o entrudo. O limão de cêra, que de longe podia escalavrar um olho, tinha um officio mais proximo e inteiramente secreto. Servia a molhar o peito das moças; era esmigalhado n'elle pela mão do proprio namorado, maciamente, amorosamente, interminavelmente...

Um dia veiu, não Malesherbes, mas o carnaval, e deu á arte da loucura uma nova feição. A alta roda acudiu de pronto; organizaram-se sociedades, cujos nomes e gestos ainda esta semana foram lembrados por um collaborador da *Gazeta*. Toda a fina flôr da capital entrou na dança. Os personagens historicos e os vestuarios pitorescos, um d'ge, um mosqueteiro, Carlos V, tudo resurgia ás mãos dos alfaiates, diante de figurinos, á força de dinheiro. Pegou o gosto das sociedades, as que morriam eram substituidas, com varia sorte, mas igual animação.

Naturalmente, o suffragio universal, que penetra em todas as instituições d'este seculo, alargou as proporções do carnaval, e as sociedades multiplicaram-se, como os homens. O gosto carnavalesco invadiu todos os espiritos, todas os bolsos, todas as ruas. *Evohé! Bacchus est roi!* dizia um côro de não sei que peça do Alcazar Lyrico, — outra instituição velha, mas velha e morta. Ficou o côro, com esta simples emenda: *Evohé! Momus est roi!*

Não obstante as festas da terra, ia eu subindo, subindo, subindo, até que cheguei á porta do céu, onde S. Pedro parecia aguardar-me, cheio de riso.

— Guardaste para ti thesouros no céu ou na terra? perguntou-me.

— Se erer em thesouros escondidos na terra é o mesmo que escondel-os, confesso o meu peccado, porque acredito nos que estão no morro do Castello, como nos cento e cincoenta contos fortes do homem que está preso em Valladolid. São fortes; segundo o meu criado José Rodrigues, quer dizer que são trezentos contos. Creio n'ellès. Em vida fui amigo de dinheiro, mas havia de trazer mysterio. As grandes riquezas deixadas no Castello pelos jesuitas foram uma das minhas crenças da meninice e da mocidade; morri com ella, e agora mesmo ainda a tenho. Perdi saude, illuções, amigos e até dinheiro; mas a crença nos thesouros do castelo não a perdi. Imaginei a chegada da ordem que expulsava os jesuitas. Os padres do collegio não tinham tempo nem meios de levar as riquezas consigo; depressa, depressa, ao subterraneo, venham os ricos calices de prata, os cofres de brilhantes, safiras, coraes, as dobras e os dobrões, os vastos sacos cheios de moeda, cem, duzentos, quinhentos sacos. Puxa, puxa este Santo Ignacio de ouro massiço, com olhos

de brilhantes, dentes de perolas; toca a esconder, a guardar, a fechar...

— Pára, interrompeu-me S. Paulo; falas como se estivesses a representar alguma cousa. A imaginação dos homens é perversa. Os homens sonham facilmente com dinheiro. Os thesouros que valem são os que se guardam no céu, onde a ferrugem os não come.

— Não era o dinheiro que me fascinava em vida, era o mysterio. Eram os trinta ou quarenta milhões de cruzados escondidos, ha mais de seculo, no Castello; são os trezentos contos do preso de Valladolid. O mysterio, sempre o mysterio.

— Sim, vejo que amas o mysterio. Explicar-me has este de um grande numero de almas que foram d'aqui para o Brasil e tornaram sem se poderem incorporar?

— Quando, divino apostolo?

— Ainda agora.

— Ha de ser obra de um medico italiano, um doutor... esperai... creio que Abel, um doutor Abel, sim Abel... E' um facultativo illustre. Descobriu um processo para esterilizar as mulheres. Correram muitas, dizem; affirma-se que nenhuma póde já conceber; estão promptas.

— As pobres almas voltavam tristes e desconsoladas; não sabiam a que attribuir essa repulsa. Qual é o fim do processo esterilizador?

— Politico. Diminuir a população brasileira, á proporção que a italiana vai entrando; idéa de Crispi, aceita por Giolitti, confiada a Abel...

— Crispi foi sempre tenebroso.

— Não digo que não; mas, em summa ha um fim politico, e os fins politicos são sempre elevados... Panamá, que não tinha fim politico...

— Adeus, tu és muito fallador. O céu é dos grandes silencios contemplativos.

*
* *

26 de Fevereiro.

O que mais me encanta na humanidade, é a perfeição. Ha um immenso conflito de lealdades debaixo do sol. O concerto de louvores entre os homens póde dizer-se que é já musica classica. A maledicencia, que foi antigamente uma das pestes da terra, serve hoje de assunto a comedias fosseis, a romances arcaicos. A dedicação, a generosidade, a justiça, a fidelidade, a bondade, andam a rodo, como aquellas moedas de ouro com que o heroe de Voltaire viu os meninos brincarem nas ruas de El-Dorado.

A organização social podia ser dispensada. Entretanto, é prudente conserva-la por algum tempo, como um recreio util. A invenção de crimes, para serem publicados á maneira de romances, vale bem o dinheiro que se gasta com a segurança e a justiça publicas. Algumas d'essas narrativas são demaziado longas e enfadonhas, como a *Maria de Macedo*, cujo setimo volume vai adiantado; mas isso mesmo é um beneficio. Mostrando aos homens os effeitos de um grande enfado, prova-se-lhes que o typo do massante, — ou *cacete*, como se dizia outr'ora — é dos peiores d'este mundo, e impede-se a volta de semelhante flagello. Uma das boas instituições do seculo é a *phalange das cousas perdidas*, composta dos antigos gatunos e incumbida de apanhar os relgios e carteiras que os

descuidados deixam cair, e restitui-los a seus donos. Tudo effeito de discursos moraes.

Posto que inutil, pela ausencia de crimes, o jury é ainda uma excellente instituição. Em primeiro lugar, o sacrificio que fazem todos os mezes alguns cidadãos em deixarem os seus officios e negocios para fingirem de réos, é já um grande exemplo de civismo. O mesmo direi dos jurados. Em segundo lugar, o torneio de palavras a que dá logar entre advogados, constitue uma boa escola de eloquencia. Os jurados aprendem a responder aos quesitos, para o caso de apparecer algum crime. A's vezes, como succedeu ha dias, enganam-se nas respostas, e mandam um réo para as galès, em vez de o devolverem á familia; mas, como são simples ensaios, esse mesmo erro é beneficio, para tirar aos homens alguma pontinha de orgulho de sapiencia que por ventura lhes haja ficado.

Mas a perfeição maior, a perfeição maxima, é a de que nos deu noticia esta semana o cabo submarino. O grão-turco, por occasião do jubileu do papa, escreveu-lhe uma carta autographa de felicitações, acompanhada de presentes de alta valia. Não se póde dizer que sejam cortezias temporaes. O papa já não governa, como o sultão da Turquia. A fineza é ao chefe espirital, tão espirital como o jubileu. Já scismaticos e hereticos tinham feito a mesma cousa; faltava o grão-turco, e já não falta. Allah cumprimentou o Senhor, Mahomet a Christo. Tudo o que era contraste, fez-se harmonia, o opposto ajustou-se ao opposto. Ondas e ondas de sangue custou o conflito de dois livros. A cruz e o crescente levaram atraz de si milhares e milhares de homens. Houve coleras grandes. Houve tambem grandes e pequenos poetas que cantaram os feitos e os sentimentos evangelicos, ora pela nota mar-

cial, ora pela nota desdenhosa. Um d'elles dedilhou no alaúde romantico a historia d'aquelle sultão que requestava uma cantarina de Granada, e lhe prometia tudo :

Je donnerais sans retour
Mon royaume pour Médine,
Médine pour ton amour.

— Rei sublime, faze-te primeiramente christão, respondeu a bella Juana; damnado é o praser que uma mulher pôde achar nos braços de um incredulo.

Tempos de Granada! já não é preciso que os sultões se christianisem. Agora é a Sublime Porta, com a sua chancelaria, as suas circulares diplomaticas, os seus gestos occidentaes, que desaprendeu o *crê ou morre* para celebrar a festa de um grande incredulo do Korão. Onde vão as guerras de outrora? Onde param os alfanges tintos de sangue christão? Naturalmente estão com as espadas tintas de sangue musulmano. Vivam os vivos!

Eu, se pudesse dar um conselho em taes casos, propunha a emenda do breviario. *Gloria a Deus nas alturas*, deve ficar; mas para que accrescentar : *e na terra paz aos homens*? A paz ahi está, completa, universal, perenne. Vêde Ubá. Vêde que magnifico espectáculo deu ella a todos os municipios do Estado mineiro, fazendo uma eleição tranquilla, sem as ruins paixões que corrompem os melhores sentimentos d'este mundo. O governador de S. Paulo achou-se em casa com cerca de oitenta *bombons* de dynamite, — excellente produto da industria local, que conseguiu reduzir um explosivo tão violento a simples doce de confeitaria.

Não fallo de Pernambuco, nem do Rio Grande do

Sul, nem das amazonas de Dahomey, nem das danças de Madrid, a que chamaram tumultos, por ignorancia do hespanhol, nem da Guaratiba, nem de tantas outras partes e artes, que são consolações da nossa humanidade triumphante.

Mas a paz não basta. Falta dizer da alegria. Oh! doce alegria dos corações! Um só exemplo, e dou fim a isto. Aqui está o parecer dos syndicos da geral, publicado sexta-feira. Diz que entre os nomes da proposta de concordata ha alguns jocosos e outros obscenos. O parecer censura esse genero de literatura concordataria. Escrito com a melancolia que a natureza, para realçar a alegria do seculo, poz na alma de todos os syndicos, o parecer não comprehende a vida e as suas bellas flôres. Isto quanto aos nomes jocosos. Pelo que toca aos obscenos, é preciso admittir que, assim como ha bocas recatadas, tambem as ha lubricas. A alegria tem todas as fórmãs, não se ha-de excluir uma, por não ser igual ás outras. A monotonia é a morte. A vida está na variedade.

Demais, que se ha-de fazer com accionistas que ainda devem de entradas oitenta e cinco mil oitocentos e quarenta e seis contos cento e sessenta mil e duzentos réis (85.846:160 \$200)? Rir um pouco, e bater-lhes na barriga. Ora, cada um ri com a boca que tem. Mas a prova de que a obscenidade, como a jocosidade, fórmãs de alegria, são de origem legitima e authentica, é que todas as firmas foram legalmente reconhecidas. Quando a alegria entra nos cartorios. é que a tristeza fugiu inteiramente d'este mundo.

*
* **5 de Março.*

Quando os jornaes annunciaram para o dia 1.º d'este mez uma parede de açougueiros, a sensação que tive, foi mui diversa da de todos os meus concidadãos. Vós ficastes aterrados; eu agradei o acontecimento ao céo. Boa occasião para converter esta cidade ao vegetarianismo.

Não sei se sabem que eu era carnívoro por educação e vegetariano por principio. Criaram-me a carne, mais carne, ainda carne, sempre carne. Quando cheguei ao uso da razão e organizei o meu código de principios, incluí n'elle o vegetarianismo; mas era tarde para a execução. Fiquei carnívoro. Era a sorte humana; foi a minha. Certo, a arte disfarça a hediondez da materia. O cozinheiro corrige o talho. Pelo que respeita ao boi, a ausencia do vulto inteiro faz esquecer que a gente come um pedaço de animal. Não importa, o homem é carnívoro.

Deus, ao contrario, é vegetariano. Para mim, a questão do paraíso terrestre explica-se clara e singelamente pelo vegetarianismo. Deus creou o homem para os vegetaes, e os vegetaes para o homem; fez o paraíso cheio de amores e frutos, e poz o homem n'elle. Comei de tudo, disse-lhe, menos do fruto d'esta arvore. Ora, essa chamada arvore era simplesmente carne, um pedaço de boi, talvez um boi inteiro. Se eu soubesse hebraico, explicaria isto muito melhor.

Vêde o nobre cavallo! o paciente burro! o incomparavel jumento! Vêde o proprio boi! Contentam-se

todos com a herva e o milho. A carne, tão saborosa á onça, — e ao gato, seu parente pobre, — não diz cousa nenhuma aos animaes amigos do homem, salvo o cão, excepção mysteriosa, que não chego a entender. Talvez, por mais amigo que todos, comesse o resto do primeiro almoço de Adão, de onde lhe veiu igual castigo.

Emfim, chegou o dia 1.^o de março; quasi todos os açougues amanhecera sem carne. Chamei a familia; com um discurso mostrei-lhe que a superioridade do vegetal sobre o animal era tão grande, que deviamos aproveitar a occasião e adoptar o são e fecundo principio vegetariano. Nada de ovos, nem leite, que fediam a carne. Hervas, hervas santas, puras, em que não ha sangue, todas as variedades das plantas, que não heram nem esperneiam, quando lhes tiram a vida. Convenci a todos; não tivemos almoço nem jantar, mas dois banquetes. Nos outros dias a mesma cousa.

Não desmaieis, retalhistas, nesta forte empreza. Dizia um grande philosopho que era preciso recommear o entendimento humano. Eu creio que o estomago tambem, porque não ha bom raciocinio sem boa digestão, e não ha boa digestão com a maldição da carne. Morrese de porco. Quem já morreu de alface? Retalhistas, meus amigos, por amor d'aquelle philosopho, por amor de mim, continuai a resistencia. Os vegetarianos vos serão gratos. Tereis morte gloriosa e sepultura honrada, com hervas e arbustos. Não é preciso pedir, como o poeta, que vos plantem um salgueiro no cemiterio; plantar é comnosco; nós cercaremos as vossas campos de salgueiros tristes e saudosos. Que é nossa vida? Nada. A vossa morte, porém, será a grande reconstituição da humanidade. Que o Senhor vol-a dê suave e prompta.

Compreende-se que, occupado com esta passagem da doutrina á pratica, pouco haja attendido aos successos de outra especie, que, aliás, são filhos da carne. Sim, o vegetarianismo é pai dos simples. Os vegetarianos não se batem; têm horror ao sangue. Gostei, por exemplo, de saber que a multidão, na noite do desastre do Lyceu de Artes e Officios, atirou-se ao interior do edificio para salvar o que pudesse; é acção propria da carne, que avigóra o animo e o céga diante dos grandes perigos. Mas, quando li que, de envolta com ella, entraram alguns homens, não para despejar a casa, mas para despejar as algibeiras dos que despejavam a casa, reconheci tambem ali o signal do carnívoro. Porque o vegetariano não cobiça as cousas alheias; mal chega a amar as proprias. Reconstituído segundo o plano divino, anterior á desobediencia, elle torna ás idéas simples e desambiciosas que o Creador incutiu no primeiro homem.

Se não pratica o furto, é claro que o vegetariano detesta a fraude e não conhece a vaidade. D'aí um elogio a mim mesmo. Eu não me dou por apostolo unico d'esta grande doutrina. Creio até que os temos aqui, anteriores a mim, e, — singular approximação! — no proprio conselho municipal. Só assim explico a nota jovial que entra em alguns debates sobre assumptos graves e gravissimos.

Supponhamos a instrucção publica. Aqui está um discurso, sahido esta semana, mas proferido muito antes do dia 1.º de março; discurso meditado, estudado, cheio de circumspecção (que o vegetariano não repelle, ao contrario) e de muitas pontuações alegres, que são da essencia da nossa doutrina. Tratava-se dos jardins da infancia. O Sr. Capelli notava que taes e tantos são os dotes exigidos nas *jardineiras*, belleza, carinho,

idade inferior a trinta annos, boa voz, canto, que difficilmente se poderão achar n'este paiz moças em quantidade precisa.

Não conheço o Sr. Maia Lacerda, mas conheço o mundo e os seus sentimentos de justiça, para me não admirar do cordial *não apoiado* com que elle repelliu a asseveração do Sr. Capelli. Não contava com o orador, que aparou o golpe galhardamente: « Vou responder ao seu *não apoiado*, disse elle. As que encontramos, remettendo-as para lá, receio que, bonitas como sabem ser as brasileiras, corram o risco de não voltar mais, e sejam aprehendidas como belios specimens do typo americano. »

Outro ponto alegre do discurso é o que trata da necessidade de ensinar a lingua italiana, fundando-se em que a colonia italiana aqui é numerosa e crescente, e espalha-se por todo o interior. Parece que a conclusão devia ser o contrario; não ensinar italiano ao povo, antes ensinar a nossa lingua aos italianos. Mas, posto que isto não tenha nada com o vegetarismo, desde que faz com que o povo possa ouvir as operas sem libreto na mão, é um progresso.

*
* *

12 de Março.

Que cuidam que me ficou dos ultimos acontecimentos politicos do Amazonas? Um verbo: *desacclamar-se*. Está em um dos telegrammas do Pará e refere-se ao cidadão que, por algumas horas, estivera com o poder nas mãos. « Tendo em officio participado a sua accla-

mação e marcado o prazo de 12 horas para a retirada do governador, *desacclamou-se* em seguida por outro officio... »

Póde ser (tudo é possível) que o intuito da palavra fosse antes gracejar com a acção; mas as palavras, como os livros, têm os seus fados, e os d'esta serão prosperos. E' uma porta aberta para as restituições politicas. Resignar, como abdicar, exprime a entrega de um poder legitimo, que o uso tornou pesado, ou os acontecimentos fizeram caduco. Mas, como se ha de exprimir a restituição do poder que a aclamação de alguns entregou por horas a alguém? Desacclamar-se. Não vejo outro modo.

Merimée confessou um dia que da historia só dava apreço ás anedotas. Eu nem ás anedotas. Contento-me com palavras. Palavra brotada no calor do debate, ou composta por estudo, filha da necessidade, oriunda do amor ao requinte, obra do acaso, qualquer que seja a sua certidão de baptismo, eis o que me interessa na historia dos homens. D'esta maneira fico abaixo do outro, que só curava de anedotas. Sim, meus amigos, nunca me vereis vencido por ninguem. Alta ou baixa que seja uma idéa, acreditee que tenho outra mais alta ou mais baixa. Assim, o autor da *Chronica de Carlos IX* dava Thucydides por umas memorias authenticas de Aspasia ou de um escravo de Pericles. Eu dou as memorias d'este escravo pela noticia da palavra que Pericles applicava, em particular, aos cacetes e amoladores do seu tempo.

Que valem, por exemplo, todas as lutas do nosso velho parlamentarismo, em comparação com esta simples palavra : *inverdade*? Inverdade é o mesmo que mentira, mas mentira de luva de pellica. Vêde bem a differença. Mentira só, núa e crúa, dada na boche-

cha, dóe. Inverdade, embora dita com energia, não obriga a ir aos queixos da pessoa que a profere. — « Perdôe-me V. Ex., mas o que acaba de dizer é uma inverdade; nunca o presidente da Parahyba affirmou tal cousa. » — « Inverdade é a sua; desculpe-me que lhe diga em boa amizade; V. Ex. n'este negocio tem espalhado as maiores inverdades possiveis! para não ir mais longe, o crime attribuido ao redactor do *Imparcial*... »

— « São pontos de vista; peço a palavra. »

Parece que inexactidão bastava ao caso; mas é preciso attender ao uso das palavras. Não cançam só as linguas que as dizem; ellas proprias gastam-se. Quando menos, adoecem. A anemia é um dos seus males frequentes; o esfalfamento é outro. Só um longo repouso as pôde restituir ao que eram, e torna-las prestaveis.

Não achei a certidão de baptismo da inverdade; pôde ser até que nem se baptisasse. Não nasceu do povo, isso creio. Entretanto, está moça, pôde ainda casar, conceber e aumentar a familia do lexicon. Ouso até afirmar que ha n'ella alguns signaes de pessoa que está de esperanças. E o filho é macho; e ha de chamar-se *inverdadero*. Não se achará melhor euphemismo de mentiroso; é ainda mais doce que sua mãe, posto que seja feio de cara; mas quem vê cara, não vê corações.

Vi muitos outros viventes de igual condição, que mereceriam algumas linhas; mas o tempo urge, e fica para outra vez. Nem ha só viventes separados; tenho visto irmãos, fileira de irmãos, sahidos da mesma coxa ou do mesmo utero, com o nome de uma só familia, apenas differençado pelo suffixo, cuja significação não alcanço. Um exemplo, e despeço-me.

A chefia, e particularmente a chefia de policia, é uma dona robusta, de grandes predicados e alto poder. Suppuz por muitos annos que era filha unica do velho chefe; mas os tempos me foram mostrando que não. Tem irmãs, tem irmãos, tem *chefação*, pessoa de igual ou maior força, porque a dessinencia é mais energica. Tem *chefança*. Vi muitas vezes esta outra senhora, á frente da policia ou de um partido, disputar ás irmãs o dominio excluzivo, sem alcançar mais que comparti-lo com ellas. Vi ainda a nobre *chefatura*, tão valida e tão ambiciosa, como as outras. Dos irmãos só conheço o esbelto *chefado*, que, allegando o sexo, pretendeu sempre a chefança, a chefatura, a chefação ou a chefia de familia.

Parece que, á semelhança dos filhos de Jacob, invejosos de José, que era particularmente amado do pai, os filhos e filhas do velho chefe, vendo a predilecção d'este pela linda chefia, cuidaram de a matar. Estavam prestes a faze-lo, quando surgiu a idéa de a meter na cisterna, e dize-la morta por uma féra, como na Escritura; mas a vinda dos mesmos israelitas, com os seus camellos, carregados de myrrha e aromas...

Velha imaginação, onde vaes tu, pelos caminhos do sonho? Deixa os camellos e a sua carga, deixa o Egypto, fecha as azas, abre os olhos, desce; esta é a rua do Ouvidor, onde não se mata José nem chefia; mas unicamente o tempo, esse bom e máu amigo, que não tem pai, nem mãe, nem irmãos, e domina todo este mundo, desde antes de Jacob até Deus sabe quando.

Para chronica, é pouco; mas para matar o tempo, sobra.



26 de Março.

Entrou o outomno. Despontam as esperanças de ouvir Sarah Bernhardt e *Falstaff*. A arte virá assim, com as suas notas de ouro, cantadas e falladas, trazer á nossa alma aquella paz que alguns homens de boa vontade tentaram restituir á alma rio-grandense, reunindo-se quinta-feira na rua da Quitanda.

Creio que a arte ha de ser mais feliz que os homens. Da reunião d'estes resultou saber-se que não havia solução pratica de acordo com os seus intuitos. Talvez os convidados que lá não foram e mandaram os seus votos em favor do que passasse, já adivinhassem isso mesmo. Viram de longe o texto da moção final, e a assignaram de vespera. Ha d'esses espiritos que, ou por sagacidade pronta, ou por esforço grande, lêem antes da meia noite as palavras que a aurora tem de trazer escritas na capa vermelha e branca, saúdam as estrellas, fecham as janellas e vão dormir descansados. Alguns sonham, e creio que sonhos generosos; mas a imaginação e o coração não mudam a torrente das cousas, e os homens acordam frescos e leves, sem haver debatido nem encandescido nada.

Comecemos por pacificar-nos. Paz na terra aos homens de boa vontade — é a prece christã; mas nem sempre o céo a escuta, e, apesar da boa vontade, a paz não alcança os homens e as paixões os dilaceram. Para este effeito, a arte vale mais que o céo. A propria guerra, cantada por ella, dá-nos a serenidade que não achamos na vida. Venha a arte, a grande arte,

entre o fim do outomno e o principio do inverno.

Confiemos em Sarah Bernhardt com todos os seus ossos e caprichos, mas com o seu genio tambem. Vamos ouvir-lhe a prosa e o verso, a paixão moderna ou antiga. Confiemos no grande *Falstaff*. Não é poetico, de certo, aquelle gordo Sir John; afoga-se em amores lubricos e vinho das Canarias. Mas tanto se tem dito d'elle, depois que o Verdi o pôz em musica, que mui naturalmente é obra prima.

O peor será o libretto, que, por via de regra, não hade prestar; mas leve o diabo librettos. Antes do diluvio, — ou mais especificadamente, pelo tempo do *Trovador*, dizia-se que o autor do texto d'essa opera era o unico librettista capaz. Não sei; nunca o li. O que me ficou é pouco para provar alguma cousa. Quando a cigana cantava : *Ai nostri monti ritorneremo*, a gente só ouvia o vozeirão da Casaloni, uma mulher que valia, corpo e alma, por uma companhia inteira. Quando Mauricio rompia o famoso : *Di quella pira l'orrendo juoco* rasgaram-se as luvas com palmas ao Tamberlick ou ao Mirate. Ninguem queria saber do Camarano, que era o autor dos versos.

Resignemos-nos ao que algum máu alfaiate houver cortado na capa magnifica de Shakspeare. Tem-se aqui publicado noticias da obra nova, e creio haver lido que um trecho vai ser cantado em concerto; mas eu prefiro esperar. Demais, pouco é o tempo para ir seguindo esta outra guerra civil, a proposito do facultativo, italiano, que mostra ser patricio de Machiavelli. Fez o seu annuncio, e entregou a causa aos adversarios. Estes fazem, sem querer, o negocio d'elle; e se algum vai ficando conhecido, a culpa é das cousas, não da intenção; não se póde fallar sem palavras, e as palavras fizeram-se para ser ouvidas. Não digo entendidas,

posto que as haja de fina casta, taes como a ischiohebetomia, a ischiopubiotomia, a symphysiotomia, a copharectomia, a hysterectomia, a hysterosalpingectomia, e outras que andam pelos jornaes, todas de raça grega e talvez do proprio sangue dos Atridas.

Tudo isto a proposito de um processo ignoto e celebre. Descobriu-se agora (segundo li) que uma senhora já o conhece e emprega. Seja o que fôr, é uma questão reduzida aos medicos; não passará aos magistrados. Vamos esquecendo; é o nosso officio.

Bem faz o Dr. Castro Lopes, que trabalha no silencio, e de quando em quando apparece com uma descoberta, seja por livro, ou por artigo. Annuncia-se agora um volume de questões economicas, em que elle trata, além de outras cousas, de uma moeda universal. Um só rebanho e um só pastor, é o ideal da igreja catholica. Uma só moeda deve ser o ideal da igreja do diabo, porque ha uma igreja do diabo, no sentir de um grande padre. Venha, venha depressa esse volapuk das riquezas. Não lhe conheço o tamanho; póde ser do tamanho da de Lycurgo ou das areias do mar. Mas não aconteça com a moeda universal o mesmo que aconteceu com o volapuk. Acabo de ler que um dos mais influentes propugnadores d'aquella lingua reconhece a inutilidade do esforço. O commercio do mundo inteiro não pega, e prefere os seus dizeres antigos ás combinações dos que grammaticaram aquelle invento curioso. E' que o artificial morre sempre, mais cedo ou mais tarde.



23 de Abril.

Eu, se tivesse de dar *Hamlet* em lingua puramente carioca, traduziria a celebre resposta do principe da Dinamarca : *Words, words, words*, por esta : *Boatos, boatos, boatos*. Com effeito, não ha outra que melhor diga o sentido do grande melancolico. Palavras, boatos, poeira, nada, cousa nenhuma.

Toda a semana finda viveu d'isso, salvo a parte que não veiu por boatos, mas por factos, como o caso do coreto da praça Tiradentes. Ninguem boquejou nada sobre aquella construcção, por isso mesmo deu de si uma porção de consequencias graves. Os boatos, porém, andavam a rodo, os rumores iam de ouvido em ouvido, nas lojas, corredores, em casa, entre a pera e o queijo, entre o basto e a espadilha. Conspirações, dissensões, explosões. Uns davam á distribuição dos boatos a fórma interrogativa, que é ainda a melhor de todas. Homem, será certo que X furtou um lenço? O ouvinte, que nada sabe, nada affirma; mas aqui está como elle transmite a noticia : — Parece que X furtou um lenço. Um lenço de seda? Provavelmente; não valeria a pena furtar um lenço de algodão. A noticia chega á Tijuca com esta fórma definitiva : X furtou dois lenços, um de seda, e, o que é mais nojento, outro de algodão, na rua dos Ourives.

Não me digam que imito assim a fabula do marido e do ovo. Na fabula, quando o marido chega a ter posto uma duzia de ovos, ha ao menos o unico ovo de gallinha com que elle experimentou de manhã a dis-

creção da esposa. Aqui não ha sequer as cascas. E, se não, vejam o que me aconteceu quarta-feira.

Estava á porta de uma pharmacia, conversando com dois amigos sobre os effeitos prodigiosos do quinino, quando appareceu outro velho amigo nosso, o qual nos revelou muito á puridade que na quinta-feira teriamos graves acontecimentos, e que nos acautelassemos. Quizemos saber o que era, instámos, rogámos, não alcançámos nada. Graves acontecimentos. Elle fallava de boa fé. Tinha a expressão ingenua da pessoa que crê, e a expressão piedosa da pessoa que avisa. Retirou-se; ficámos a conjecturar e chegámos a esta conclusão, que os successos annunciados eram o desenlace fatal dos boatos que andavam na rua. Todas essas cegonhas bateriam as azas á mesma hora, convertidas em abutres, que nos comeriam em poucos instantes.

Para mysterio, mysterio e meio. Sahi d'ali, corri á casa de um armeiro, onde comprei algumas espingardas e bastante cartuchame. Além d'isso, com o pretexto de saudar o dia 21 de abril, alcancei por emprestimo duas peças de artilharia. Assim armado, recolhi-me a casa, jantei, digeri, e meti-me na cama. Naturalmente não dormi; mas tambem não vi a aurora, nem o sol de quinta-feira. Portas e janellas fechadas. Nenhum rumor em casa, comidas frias para não fazer fogo, que denunciasse pelo fumo a presença de refugiados. Ensinei á familia a senha monastica; andavamos calados, interrompendo o silencio de quando em quando para dizermos uns aos outros que era preciso morrer. Assim se passou a quinta-feira.

Na sexta-feira, pelas seis horas da manhã, ouvi tiros de artilharia. Ou é a salva de Tiradentes, disse á familia, ou é a revolução que venceu. Sahi a rua; era a salva. Perguntei pelos mortos. Que mortos? Pelos aconteci-

mentos. Que acontecimentos? Nada houvera; toda a cidade vivera em paz. Assim se desvaneceram os sustos, filhos de boatos, filhos da imaginação. Assim se desvanecem todos os demais ovos do marido de La Fontaine.

Só um facto se havia dado, como disse, o do coreto. Fui á praça ver os destroços, mas já não vi nada; achei a estatua e curiosos. Desandei, atravessei o largo de S. Francisco e desci pela rua do Ouvidor, ao encontro do prestito de Tiradentes. Soube que já não havia prestito. Era pena; esta cidade tem, para Tiradentes, não só a divida geral da glorificação, como precursor da independencia e martyr da liberdade, mas ainda a divida particular do resgate. Ella festejou com pompa a execução do infeliz patriota, no dia 21 de abril de 1792, vestindo-se de galas e ouvindo cantar um *Te-Deum*.

Espiando para casa, lembrei-me que esse dia 21 era ainda anniversario de outra tentativa politica. O povo d'esta cidade e os eleitores convocados revolucionariamente pelo juiz da comarca, reuniram-se na praça do Commercio e pediram ao rei a constituição hespanhola, interinamente. A constituição foi dada na mesma noite, contra a vontade de algumas pessoas, e retirada no dia seguinte, depois de alguns lances proprios de taes crises, não por ser constituição, — visto que, dois annos depois, tinhamos outra, — mas naturalmente por ser hespanhola. De Hespanha só mulheres, guitarras e pintores.

Tudo são anniversarios. Que é hoje senão o dia do anniversario natalicio de Shakespeare? Respiremos, amigos; a poesia é um ar eternamente respiravel. Miremos este grande homem; miremos as suas bellas figuras, terriveis, heroicas, ternas, comicas, melancholicas,

apaixonadas, varões e matronas, donzeis e donzellas, robustos, frageis, pallidos, e a multidão, a eterna multidão forte e movediça, que execra e brada contra Cesar, ouvindo a Bruto, e chora e acclama Cesar, ouvindo a Antonio, toda essa humanidade real e verdadeira. E acabemos aqui; acabemos como elle mesmo, que acabaremos bem. *All is well that ends well.*

*
* *

14 de Maio.

Hontem de manhã, descendo ao jardim, achei a grama, as flores e as folhagens transidas de frio e pingando. Chovera a noite inteira; o chão estava molhado, o céu feio e triste, e o Corcovado de carapuça. Eram seis horas; as fortalezas e os navios começaram a salvar pelo quinto anniversario do Treze de Maio. Não havia esperanças de sol; e eu perguntei a mim mesmo se o não teríamos nesse grande anniversario. E' tão bom poder exclamar : « Soldados, é o sol de Austerlitz ! » O sol é, na verdade, o socio natural das alegrias publicas; e ainda as domesticas, sem elle, parecem minguadas.

Houve sol, e grande sol, n'aquelle domingo de 1888, em que o senado votou a lei, que a regente sancionou, e todos sahimos á rua. Sim, tambem eu sahi á rua, eu o mais encolhido dos caramujos, tambem eu entrei no prestito, em carruagem aberta, se me fazem favor, hospede de um gordo amigo ausente; todos respiravam felicidade, tudo era delirio. Verdadeiramente, foi o unico dia de delirio publico que me lembra ter

visto. Essas memorias atravessavam-me o espirito, enquanto os passaros trinavam os nomes dos grandes batalhadores e vencedores, que receberam hontem nesta mesma columna da *Gazeta* a merecida glorificação. No meio de tudo, porém, uma tristeza indefinivel. A ausencia do sol coincidiria com a do povo? O espirito publico tornaria á sanidade habitual?

Chegaram-me os jornaes. D'elles vi que uma commissão da sociedade, que tem o nome de Rio Branco, iria levar á sepultura d'este homem de Estado uma corôa de louros e amores perfeitos. Comprehendi a philosophia do acto; era lembrar o primeiro tiro vibrado na escravidão. Não me dissipou a melancolia. Imaginei vêr a commissão entrar modestamente pelo cemiterio, desviar-se de um enterro obscuro, quasi anonymo, e ir depôr piedosamente a corôa na sepultura do vencedor de 1871. Uma commissão, uma grinalda. Então lembraram-me outras flores. Quando o senado acabou de votar a lei de 28 de setembro, cahiram punhados de flores das galerias e das tribunas sobre a cabeça do vencedor e dos seus pares. E ainda me lembraram outras flores...

Estas eram de climas alheios. *Primrose day!* Oh! se pudessemos ter um *primrose day!* Esse dia de primavera é consagrado á memoria de Disraeli pela idealista e poetica Inglaterra. E' o da sua morte, ha treze annos. N'esse dia, o pedestal da estatua do homem de Estado e romancista é forrado de seda e coberto de infinitas grinaldas e ramalhetes. Dizem que a primavera era a flôr da sua predilecção. D'ahí o nome do dia. Aqui estão jornaes que contam a festa de 19 do mez passado. *Primrose day!* Oh! quem nos dera um *primrose day!* Começariamos, é certo, por ter os pedestaes.

Um velho autor da nossa lingua, — creio que João de Barros; não posso ir verifica-lo agora; ponhamos João de Barros... Este velho autor fala de um proverbio que dizia: «os italianos governam-se pelo passado, os hespanhóes pelo presente e os francezes pelo que ha de vir.» E em seguida dava «uma repreensão de penna á nossa Hespanha», considerando que Hespanha é toda a peninsula, e só Castella é Castella. A nossa gente, que d'ali veiu, tem de receber a mesma reprehensão de penna; governa-se pelo presente, tem o porvir em pouco e o passado em nada ou quasi nada. Eu creio que os inglezes resumem as outras tres nações.

Temo que o nosso regosijo vá morrendo, e a lembrança do passado com elle, e tudo se acabe n'aquella frase estereotypada da imprensa nos dias da minha primeira juventude. Que eram afinal as festas da independencia? Uma parada, um cortejo, um spectaculo de gala. Tudo isso occupava duas linhas, e mais estas duas: as fortalezas e os navios de guerra nacionaes e estrangeiros surtos no porto deram as *salvas de estylo*. Com este pouco, e certo, estava commemorado o grande acto da nossa separação da metropole.

Em menino, conheci de vista o major Valladares; morava na rua Setê de Setembro, que ainda não tinha este titulo, mas o vulgar nome de rua do Cano. Todos os annos, no dia 7 de setembro, armava a porta da rua com setim verde e amarello, espalhava na calçada e no corredor da casa *folhas da Independencia*, reunia amigos, não sei se tambem musica, e commemorava assim o dia nacional. Foi o ultimo abencerragem. Depois ficaram as salvas do estylo.

Todas essas minhas idéas melancolicas bateram as azas á entrada do sol, que afinal rompeu as nuvens, e ás tres horas governava o céu, salvo alguns trechos

onde as nuvens teimavam em ficar. O Corcovado desbarretou-se, mas com tal fastio, que se via bem ser obrigação de vassallo, não amor da cortezia, menos ainda amizade pessoal ou admiração. Quando tornei ao jardim, achei as flôres enxutas e lepidas. Vivam as flores! Gladstone não fala na camara dos communs sem levar alguma na sobrecasaca: o seu grande rival morto tinha o mesmo vicio. Imaginae o effeito que nos faria Rio Branco ou Itaborahy com uma rosa ao peito, discutindo o orçamento, e dizei-me se não somos um povo triste.

Não, não. O triste sou eu. Provavelmente ma digestão. Comi favas, e as favas não se dão commigo. Comerei rosas ou primaveras, e pedir-vos-hei uma estatua e uma festa que dure, pelo menos, dois anniversarios. Já é demais para um homem modesto.



29 de Outubro.

— ... Mas por que é que não adoecer outra vez? No domingo passado, esteve aqui um senhor alto, cheio, bem parecido, que me deu noticias suas, disse-me que havia adoecido, — adoecido ou nadado...

— Adoecido; mas doenças, minha senhora, não se compram na botica, posto se agravem n'ella, alguma vez. A minha achou felizmente um boticario consciencioso, que, depois de me haver dado um vidro de remedio e o troco do dinheiro, disse-me com um gesto mais doutoral que pharmaceutico: « Não desanime; a sua molestia tem um prazo certo; são tres periodos ».

Quiz pedir o dinheiro, restituir o vidro e esperar o fim do prazo certo, mas o homem já ouvia outro freguez, igualmente enfermo dos olhos, e naturalmente ia preparar-lhe o mesmo remedio, pelo mesmo preço, com o mesmo prazo e igual animação.

— Então, não foi nadando que...

— Não, bella creatura, eu não sei nadar. Outr'ora, quando tomava banhos de mar... Sim, houve tempo em que penetrei no seio de Amphitrite, com estes pés que a senhora está vendo, e com estes braços; ficavamos peito a peito; eu chegava a meter a cabeça na bella coma verde da deusa, mas não sahía da beira da praia. Se o seio lhe entumecia um pouco mais, por effeito de algum suspiro, eu, cheio de respeito, desandava. Quando Venus a flagellava muito, eu não penetrava; deixava-me ficar do lado de fóra, olhando, com vontade e com pena.

— (*Aparte*) Singular banhista!

— A senhora diz?

— Que tinha bem vontade de ver outra vez o senhor que aqui esteve, domingo passado. Elle que faz?

— Minha senhora, elle presentemente cessa de engordar. Anda lepido, come bem, dorme bem, escreve bem, nada bem. Quer-me até parecer que o nadador de que lhe fallou, é elle mesmo; disse aquillo para desviar as attentões, mas não é outro.

— Ah! tambem penetra no seio de Amphitrite?

— Penetra, e sempre com estes dois versos de Camões, na boca:

* Todas as deusas desprezei do céo,
Só para amar das aguas a princeza.

— Gracioso!

— Gracioso, mas falso; é um modo de captivar a

deusa. A senhora sabe que não ha cousa que mais enterneça uma deusa, que falar de sentimentos exclusivos. Elle é fino; não ha-de ir dizer a Amphitrite que a todas as deusas prefere a magestosa Juno ou a guerreira Pallas; mas creia que é tambem guerreiro e magestoso. N'aquelle dia, enquanto bracejava através da onda marinha, fazia de Mercurio, com a differença que levava os recados na barriga.

— Então, devéras, foi elle?

— Positivamente, não sei; mas vou dizendo que foi, já por vingança, já porque não conheço nada mais recreativo que espalhar um boato. O vicio é muita vez um boato falso, e ha virtudes que nunca foram outra cousa. Digo-lhe mais : este mundo em que a senhora suppõe viver, não passa talvez de um simples boato. Os anjos, para matar o immortal tempo, fizeram correr pelo infinito o boato da criação, e nós, que imaginamos existir, não passamos das proprias palavras do boato, que rolam por todos os seculos dos seculos.

— Palavras apenas ?

— Palavras, phrases. A senhora é uma linda phrase de artista. Tem nas fórmas um magnifico substantivo; os adjetivos são da casa de Madame Guimarães. A boca é um verbo. *Et verbo caro facta est.*

— Ahi vem o senhor com as suas graças sem graça. Não me ha-de fazer crer que a explosão da ilha Mocanguê foi uma virgula...

— Não foi outra cousa. O bombardeio é uma reticencia, a molestia um solecismo, a morte um hiato, o casamento um ditongô, as lutas parlamentares, eleições e outras uma cacophonia.

— Ainda uma vez, por que não adoeceu esta semana? Está soporifero. Quizera saber de uma porção de cousas, mas não lhe pergunto nada. Adeus.

— Não, não me mande embora, deixe-me ficar ainda um instante. E' tão bom vê-la, mira-la... E depois, advirto que estou apenas na tira oitava, e tenho de dar, termo médio, doze.

— Vamos; fale por tiras.

— Tomára poder falar-lhe por volumes, por bibliothecas. Não esgotaria o assunto; tudo seria pouco para dizer os seus feitiços e o gosto que sinto em estar a seu lado. Compreendo Tartufo ao pé de Elmira : *Je tâle votre habit ; l'étoffe en est moelleuse...* Vá; responda que a senhora é *fort chatouilleuse*, para conservar a rima do texto, mas emendemos Molière. Eu, para mim, tenho que Tartufo é um calumniado. A verdade é que, sem accommodações com o céo, este mundo seria insupportavel. E o céo é o mais accommodaticio dos credores. Judas ainda pôde ser perdoado. Pilatos tambem; lembre-se que elle começou por lavar as mãos; lave a alma, e está a caminho. Sendo assim, que mal ha na bonhomia que Tartufo attribue ao céo? « Oh ! fazenda macia que é a deste seu vestido ! » Que estremeções são esses, meu Deus?

— Ouço o bombardeio.

— Não é bombardeio. E' o meu coração que bate. A artilharia do meu amor é extraordinaria; não digo unica, porque ha a de Othello. Pouco abaixo de Othello, estamos Phedra e eu. Já notou que não me comparo nunca a gente miuda?

— Já; assim como tenho notado que o senhor é muito derretido.

— Querida amiga, isso não depende da cêra, mas do fogo. Que ha-de fazer uma vela accesa, senão derreter-se? E' a unica razão de haver fabricas de velas; se ellas durassem sempre, acabavam as fabricas, os fabricantes, e consequentemente as proprias velas. Creio

que ha aqui alguma contradição; mas a contradição é d'este mundo. Para longe os raciocinios perfeitos e os homens immutaveis ! Cada erro de logica póde ser um tento que a imaginação ganhe, e a imaginação é o sal da vida. Quanto aos homens immutaveis, são de duas ordens, — os que se limitam a se-lo, sem confessa-lo, — e os que o são, e o proclamam a todos os ventos. A perfeição é dize-lo sem o ser. Um homem que passe por varias opiniões, e demonstre que só teve uma opinião na vida, esse é a perfeição buscada e alcançada. A modo que a senhora está bocejando? A culpa é sua, se me meto em assuntos aridos; podiamos ter continuado Tartufo.

— Quantas tiras?

— Começo a decima segunda. A senhora faz-me lembrar uma borboleta que encontrei hontem na rua da Assembléa. A rua da Assembléa não é passeio ordinario de borboletas; não ha ali flôres nem arvores. Esta de que lhe falo, agitava as azas de um lado para outro, abaixo e acima, de porta em porta. Suspendendo as minhas reflexões aborrecidas, parei alguns instantes para observar. Evidentemente, estava perdida; descera de algum morro ou fugira de algum jardim, se os ha por ali perto. De repente, sumiu-se; eu meti a cabeça no chão e segui com as minhas cogitações tetricas. Mas a borboleta appareceu de novo, para tornar a sumir-se e reaparecer, segundo eu estacava o passo ou ia andando. Finalmente, encontrei um amigo que me convidou a tomar uma chicara de café e quatro boatos. A borboleta sumiu-se de todo. Conclua.

— As azas eram azues?

— Azues.

— Rajadas de ouro?

— De ouro.

— Não era eu; era um fiosinho de poeira, que forcejava por arranca-lo aos pensamentos lugubres. Ha desses fenomenos. Agora mesmo, parece-me vêr, ao longe, um pontosinho luminoso.

— Não, senhora; está perto, e é escuro; é o ponto final.

— Que não seja um boato, como tantos!

*
*
*

5 de Novembro.

Ha na comedia *Verso e Reverso*, de José de Alencar, um personagem que não vê ninguém entrar em scena, que não lhe pergunte: — *Que ha de novo?* Esse personagem cresceu com os trinta e tantos annos que lá vão, engrossou, bracejou por todos os cantos da cidade, onde ora resoa a cada instante: — *Que ha de novo?* Ninguém sai de casa que não ouça a infallivel pergunta, primeiro ao vizinho, depois aos companheiros de bonde. Se ainda não a ouvimos ao proprio conductor do bonde, não é por falta de familiaridade, mas porque os cuidados politicos ainda o não distrahiram da corrança das passagens e da troca de idéas com o cocheiro. Tudo, porém, chega a seu tempo e compensa o perdido.

Confesso que esta semana entrei a aborrecer semelhante interrogação. Não digo o numero de vezes que a ouvi, na segunda-feira, para não parecer inverosimil. Na terça-feira, cuidei lê-la impressa nas paredes, nas caras, no chão, no céu e no mar. Todos a repetiam em torno de mim. Em casa, á tarde, foi a primeira

cousa que me perguntaram. Jantei mal; tive um pesadelo; tresentas mil vozes bradaram do seio do infinito: — *Que ha de novo?* Os ventos, as marés, a burra de Balaam, as locomotivas, as bocas de fogo, os prophetas, todas as vozes celestes e terrestres formavam este grito unisono: — *Que ha de novo?*

Quiz vingar-me; mas onde ha tal acção que nos vingue de uma cidade inteira? Não podendo queima-la, adotei um processo delicado e amigo. Na quarta-feira, mal saí á rua, dei com um conhecido que me disse, depois dos bons dias costumados:

— Que ha de novo?

— O terremoto.

— Que terremoto? Verdade é que esta noite ouvi grandes estrondos, tanto que suppuz serem as fortalezas todas juntas. Mas ha de ser isso, um terremoto; as paredes da minha casa estremeceram; eu saltei da cama, assustado; estou ainda surdo... Houve algum desastre?

— Ruínas, senhor, e grandes ruínas.

— Não me diga isso! A rua do Ouvidor, ao menos...

— A rua do Ouvidor está intacta, e com ella a

Gazeta de Noticias.

— Mas onde foi?

— Foi em Lisboa.

— No dia de hoje, 1 de novembro, ha seculo e meio.

Uma calamidade, senhor! A cidade inteira em ruínas. Imagine por um instante, que não havia o marquez de Pombal, — ainda o não era, — Sebastião José de Carvalho, um grande homem, que poz ordem a tudo, enterrando os mortos, salvando os vivos, enforcando os ladrões, e restaurando a cidade. Fala-se na reconstrução de Chicago; eu creio que não lhe fica abaixo o caso de Lisboa, visto a differença dos tempos,

e a distancia que val de um povo a um homem. Grande homem, senhor! Uma calamidade! uma terrivel calamidade!

Meio embaçado, o meu interlocutor seguiu caminho, a buscar noticias mais frescas. Peguei em mim e fui por ahí fóra distribuindo o terremoto a todas as curiosidades insaciaveis. Tornei satisfeito a casa; tinha o dia ganho.

Na quinta-feira, dois de novembro, era minha intenção ir tão sómente ao cemiterio; mas não ha cemiterio que valha contra o personagem do *Verso e Reverso*. Pouco depois de transpor o portão da lugubre morada, veiu a mim um amigo vestido de preto, que me apertou a mão. Tinha ido visitar os restos da esposa (uma santa!), suspirou e concluiu

— Que ha de novo?

— Foram executados.

— Quem?

— A coragem, porém, com que morreram, compen-sou os desvarios da acção, se ella os teve; mas eu creio que não. Realmente, era um escandalo. Depois, a traição do pupillo e afilhado foi indigna: pagou-se-lhe o premio, mas a indignação publica vingou a morte do trahido.

— De acordo; um pupillo... Mas quem é o pupillo?

— Um miseravel, Lazaro de Mello.

— Não conheço. Então, foram executados todos?

— Todos; isto é, dois. Um dos cabeças foi degradado por dez annos.

— Quaes foram os executados?

— Sampaio...

— Não conheço.

— Nem eu; mas tanto elle, como o Manuel Beckman, executados neste triste dia de mortos... Lá vão

dois seculos! Em verdade, passaram mais de duzentos annos, e a memoria d'elles ainda vive. Nobre Maranhão!

O viuvo mordeu os beiços; depois, com um toque de ironia triste, murmurou:

— Quando lhe perguntei o que havia de novo, esperava alguma cousa mais recente.

— Mais recente só a morte de Rocha Pitta, neste mesmo dia, em 1738. Note como a historia se entrelaça com os historiadores; morrem no mesmo dia. talvez á mesma hora, os que a fazem e os que a escrevem.

O viuvo sumiu-se; eu deixei-me ir costeando aquellas casas derradeiras, cujos moradores não perguntam nada, naturalmente porque já tiveram resposta a tudo. Necropole da minha alma, ahí é que eu quizera residir e não nesta cidade inquieta e curiosa, que não se farta de perscrutar, nem de saber. Se ahí estivesse de uma vez, não ouviria como no dia seguinte, sexta-feira, a mesma eterna pergunta. Era já cerca de 11 horas quando sahí de casa, armado de um naufragio, um terrivel naufragio, meu amigo.

— Onde? Que naufragio?

— O cadaver da principal vitima não se achou; o mar serviu-lhe de sepultura. Natural sepultura; elle cantou o mar, o mar pagou-lhe o canto arrebatando-o á terra e guardando-o para si. Mas vá que se perdesse o homem; o poema, porém, esse poema, cujos quatro primeiros cantos aí ficaram para mostrar o que valiam os outros... Pobre Brasil! pobre Gonçalves Dias! Tres de novembro, dia horriavel; 1861, anno detestavel! Lembro-me como se fosse hoje. A noticia chegou muitos dias depois do desastre. O poeta voltava ao Maranhão...

Raros ouviam o resto. Os que ouviam, mandavam-

me interiormente a todos os diabos. Eu, sereno, ia contando, contando, e recitava versos, e dizia a impressão que tive a primeira vez que vi o poeta. Estava na sala de redacção do *Diario do Rio*, quando ali entrou um homem pequenino, magro, ligeiro. Não foi preciso que me dissessem o nome; adivinhei quem era. Gonçalves Dias! Fiquei a olhar, pasmado, com todas as minhas sensações e enthusiasmos da adolescencia. Ouvia cantar em mim a famosa *Canção do exilio*. E toca a repetir a canção, e a recitar versos sobre versos. Os intrepidos, se me aguentavam até o fim, marcavam-me; eu só os deixava moribundos.

No sabbado, notei que os perguntadores fugiam de mim, com receio, talvez de ouvir a queda do imperio romano ou a conquista do Perú. Eu, por não fiar dos tempos, sahi com a morte de Torres Homem no bolso; era recentissima, podia enganar o estomago. Creio, porém, que a explosão da vespera bastou ás curiosidades vadias. Não me arguam de impiedade. Se é certo, como já se disse, que os mortos governam os vivos, não é muito que os vivos se defendam com os mortos. Dá-se assim uma confederação tacita para a boa marcha das cousas humanas.

Hoje não saio de casa; ninguem me perguntará nada. Não me perguntes tu tambem, leitor indiscreto, para que eu te não responda como na comedia, apóz o desenlace: — *Que ha de novo?* inquire o curioso, entrando. E um dos rapazes: — *Que vamos almoçar.*

*
* **12 de Novembro.*

Durante a semana houve algumas pausas, mais ou menos raras, mais ou menos prolongadas; mas os tiros comeram a maior parte do tempo. Basta dizer que foram mais numerosos que os boatos. Aquella quadra pre-historica, em que um tiro de peça, ouvido á noite, era o signal para consultar e acertar os relogios, não se póde já comparar a estes dias terriveis, em que os tiros parecem pancadas de um relógio enorme, de um relógio que pára ás vezes, mas a que se dá corda com pouco :

Never — forever,
Forever — never,

tal qual na ballada de Longfellow. A poesia, meus amigos, está em tudo, na guerra como no amor.

Relevem-me aqui uma illustre banalidade. Que é o amor mais que uma guerra, em que se vai por escaramuças e batalhas, em que ha mortos e feridos, heroes e multidões ignoradas? Como os outros bombardeios, o amor attrahe curiosos. A vida, neste particular, é uma interminavel praia da Gloria ou do Flamengo. Quando Daphnis e Chloe trávam as suas lutas, são poucos os oculos e binoculos da gente vadia para contar as balas, ou que se perdem, ou que se aproveitam, não falando dos naturaes holophotes que todos trazemos na cara.

De mim digo, porém, que aborreço a galeria. Uma vez desci do bonde, na praia da Gloria, para ceder ao convite de um amigo que queria ver o bombardeio.

Desci ainda outra vez para escapar a um sujeito que me contava a guerra da Criméa, onde não esteve, não havendo nunca sahido d'aqui, mas que se ligava á sua adolescencia, por serem contemporaneos. Ninguem ignora que os sucessos d'este mundo, domesticos ou estranhos, uma vez que se liguem de algum modo aos nossos primeiros annos, ficam-nos perpetuados na memoria. Por que é que, entre tantas cousas infantis e locaes, nunca me esqueceu a noticia do golpe de Estado de Luiz Napoleão? Pelo espanto com que a ouvi ler. As famosas palavras: *Sahi da legalidade para entrar no direito* ficaram-me na lembrança, posto não soubesse o que era direito nem legalidade. Mais tarde, tendo reconhecido que este mundo era uma infancia perpetua, conclui que a proclamação de Napoleão III acabava como as historias da minha meninice: « Entrou por uma porta, sahiu por outra, manda el-rei nosso senhor que nos conte outra. » Por exemplo, o dia de hoje, 12 de novembro, é o anniversario do golpe de Estado de Pedro I, que tambem sahiu da legalidade para entrar no direito.

Mas não quero ir adiante sem lhes dizer o que me succedeu, quando pela segunda vez desci na praia da Gloria, a pretexto de ver o bombardeio. Estive ali uns dez minutos, os precisos para ouvir a um homem, e depois a outro homem, cousas que achei dignas do prelo. O primeiro defendia a these de que os tiros eram necessarios, mórmente os de canhão-revólver, e tambem as explosões de paioes de polvora. Dizia isto com tal placidez, que cuidei ouvir um simples amator; mas o segundo homem rectificou esta minha impressão; dizendo-me, logo que o outro se retirou: — « E' um vidraceiro; não quer a morte de ninguem, quer os vidros quebrados. » E o segundo homem, ar grave,

declarou que abominava as lutas civis, concluindo que ninguem tinha a vida segura nesta troca de bombardas; elle, pela sua parte, já fizera testamento, não sabendo se voltaria para casa, visto que a existencia dependia agora de uma bala fortuita. Gostei de ouvi-lo. Era o contraste judicioso e melancolico do primeiro. Quando elle se despediu, perguntei a um terceiro: «Quem é este senhor? — «E' um tabellião», respondeu-me.

Assim vai o mundo. Nem sempre o cidadão mata o homem. *E Bruto, o cidadão, tambem é homem*, diz um verso de Garrett. Deixem-me accrescentar, em prosa, que o homem é muitas vezes mulher, por esse vicio de curiosidade que herdou da nossa mãe Eva, — outra illustre banalidade. E' a segunda que digo hoje. Rigorosamente, devia parar aqui; mas então não fallaria das emissões particulares que estão apparecendo em Joinville, Cataguazes e Campos. A *Gazeta*, antehontem, transcreveu tres notas campistas, e indignou-se. Prova que é mais moça que eu. Ha muitos annos, 1868 ou 1869, lembro-me bem ter visto em Petropolis bilhetes de emissões particulares, não impressos, mas ingenuamente manuscritos. Não traziam filetes nem emblemas; não se davam ao escrupulo dos numeros de série. *Vale tanto*, ou *vale isto*, mais nada. Não posso affirmar com segurança se ainda se conhecia a origem de alguns; mas creio que sim.

Esta questão prende com uma theoria, que reputo verdadeira, a saber, que o direito de emittir é individual. Cada homem póde pôr em circulação o numero de bilhetes que lhe parecer. Serão aceitos até onde fôr a confiança. O credito responderá pelo valor. N'esta hypotese, melhor é o manuscrito que o impresso; porque o impresso é de todos, e o manuscrito é meu.

Entendam-me bem. Não admitto a clausula forçada da troca do bilhete por ouro, prata ou papel do Estado; seria rebaixar a uma permuta de cousas tangíveis uma operação que deve repousar pura e simplesmente no credito « essa alavanca do progresso e da civilisação », para falar como o meu criado. Isto posto, a sociedade terá achado o eixo que perdeu desde a morte do feudalismo. A fome morrerá de fome. Ninguém pedirá, todos darão.

Não me acordeis, se é sonho. Mas não é sonho. Vejo mais que todos vós que vos suppondes acordados. Se descreis d'isto, chegareis a descreer do espiritismo, perdereis a propria razão. Que radioso paraiso ! N'esse dia, o tempo será aquelle mesmo relógio que o poeta americano poz na escada dos seus versos; mas a pendula não baterá mais que amor, paz e abundancia, com esta pequena alteração do estribilho :

Ever — forever !
Forever — ever !

* * *

19 de Novembro.

Um dia d'estes, lendo nos diarios alguns attestados sobre as excellencias do xarope Cambará, fiz uma observação tão justa que não quero furta-la aos contemporaneos, e porventura aos posteros. Verdadeiramente, a minha observação é um problema, e, como o de Hamlet, trata da vida e da morte. Quando a gente não póde imitar os grandes homens, imite ao menos as grandes ficções.

E por que não hei de eu imitar os grandes homens? Conta-se que Xerxes, contemplando um dia o seu immenso exercito, chorou com a idéa de que, ao cabo de um seculo, toda aquella gente estaria morta. Tambem eu contemplo, e choro, por effeito de igual idéa; o exercito é que é outro. Não são os homens que me levam á melancholia persa, mas os remedios que os curam. Mirando os remedios vivos e efficazes, faço esta pergunta a mim mesmo : Por que é que os remedios morrem?

Com effeito, eu assisti ao nascimento do xarope... Perdão; vamos atraz. Eu ainda mamava quando appareceu um medico que « restituia a vista a quem a houvesse perdido ». Chamava-se o autor Antonio Gomes, que o vendia em sua propria casa, rua dos Barbonos n. 26. A rua dos Barbonos era a que hoje se chama do Evaristo da Veiga. Muitas pessoas colheram o beneficio inestimavel que o remedio prometia. Sahiram da noite para a luz, para os espectaculos da natureza, dispensaram a muleta de terceiro, puderam ler, escrever, contar. Um dia, Antonio Gomes morreu. Era natural; morreu como os soldados de Xerxes. O inventor da polvora, quem quer que elle fosse, tambem morreu. Mas porque não sobreviveu o collyrio de Antonio Gomes, como a polvora? Que razão houve para acabar com o autor uma invenção tão util á humanidade?

Não se diga que o collyrio foi vencido pelo rapé Grimstone, « vulgarmente denominado de alfazema », seu contemporaneo. Esse, comquanto fosse um bom especifico para molestias de olhos, não restituia a vista a quem a houvesse perdido; ao menos, não o fazia constar. Quando, porém, tivesse esse mesmo effeito, tambem elle morreu, e morreu duas vezes, como remedio e como rapé.

As inflamações de olhos tinham aliás, outro inimigo terrível nas « pilulas universaes americanas »; mas, como estas eram universaes, não se limitavam aos olhos, curavam tambem sarnas, ulceras antigas, erupções cutaneas, erysipela e a propria hydropesia. Vendiam-se na pharmacia de Lourenço Pinto Moreira; mas o unico deposito era na rua do Hospicio n. 40. Eram pilulas provadas; não curavam a todos, visto que ha differença nos humores e outras partes; mas curavam muita vez e aliviavam sempre. Onde estão ellas? Sabemos o numero da casa em que moravam; não conhecemos o da cova em que repousam. Não se sabe sequer de que morreram; talvez em duello com as « pilulas catarticas do pharmaceutico Carvalho Junior », que tambem curavam as inflamações de olhos e molestias da pelle, com esta particularidade que dissipavam a melancolia. Eram uteis no rheumatismo, efficazes nos males de estomago, e faziam vigorar a côr do rosto. Mas tambem estas descansam no Senhor, como os velhos hebreus.

Para que falar do « elixir anti-flegmatico », do « balsamo homogeneo » e tantos outros preparados contemporanos da Maioridade? O xarope, a cujo nascimento assisti, foi o « xarope do Bosque », um remedio composto de vegetaes, como se vê do nome, e devéras miraculoso. Era bem pequeno, quando este preparado entrou no mercado; chego á maturidade, já não o vejo entre os vivos. E' certo que a vida não é a mesma em todos; uns a tiveram mais longa, outros mais breve. Ha casos particulares, como o das sanguesugas; essas acabaram por causa do gasto infinito. Imagine-se que ha meio seculo vendiam-se « aos milheiros » na rua da Alfândega n. 15. Não ha producção que resista a tamanha procura. Depois, o barbeiro sangrador é officio extincto.

Porque é que morreram tantos remedios? Porque é que os remedios morrem? Tal é o problema. Não basta expo-lo; força é achar-lhe solução. Ha de haver uma razão que explique tamanha ruina. Não se póde compreender que drogas efficazes no principio de um seculo, sejam inuteis ou insufficientes no fim d'elle. Tendo meditado sobre este ponto algumas horas longas, creio haver achado a solução necessaria.

Esta solução é de ordem metaphysica. A natureza, interessada na conservação da especie humana, inspira a composição dos remedios, conforme a graduação pathologica dos tempos. Já alguém disse, com grande sagacidade, que não ha doenças, mas doentes. Isto que se diz dos individuos, cabe igualmente aos tempos, e a molestia de um não é exactamente a de outro. Ha modificações lentas, successivas, por modo que, ao cabo de um seculo, já a droga que a curou não cura; é preciso outra. Não me digam que, se isto é assim, a observação basta para dar a successão dos remedios. Em primeiro logar, não é a observação que produz todas as modificações therapeuticas; muitas d'estas são de pura suggestão. Em segundo logar, a observação, em substancia, não é mais que uma *suggestão reflectida* da natureza.

Prova desta solução é o facto curiosissimo de que grande parte dos remedios citados e não citados, existentes ha quarenta e cincoenta annos, curavam particularmente a erysipela. Variavam as outras molestias, mas a erysipela estava inclusa na lista de cada um d'elles. Naturalmente, era molestia vulgar; d'ahi a florescencia dos medicamentos apropriados á cura. O povo, graças á illusão da Providencia, costuma dizer que Deus dá o frio conforme a roupa; o caso da erysipela mostra que a roupa vem conforme o frio.

Não importa que d'aqui a algumas dezenas de annos, um seculo ou ainda mais, certos medicamentos de hoje, estejam mortos. Verificar-se-ha que a modificação do mal trouxe a modificação da cura. Tanto melhor para os homens. O mal irá recuando. Essa marcha gradativa terá um termo, remotissimo, é verdade, mas certo. Assim, chegará o dia em que, por falta de doenças, acabarão os remedios, e o homem, com a saude moral, terá alcançado a saude physica, perenne e indestructivel, como aquella.

Indestructivel? Tudo se pôde esperar da industria humana, a braços com o eterno aborrecimento. A monotonia da saude pôde inspirar a busca de uma ou outra macacôa leve. O homem receitará tonturas ao homem. Haverá fabricas de resfriados. Vender-se-hão calos artificiaes, quasi tão dolorosos como os verdadeiros. Alguns dirão que mais,

1894

1 de Janeiro.

Sombre quatre-vingt-treize! E' o caso de dizer, com o poeta, agora que elle se despede de nós, este anno em que perpez um seculo o anno terrivel da Revolução. Mas a chronica não gosta de lembranças tristes, por mais heroicas que tambem sejam; não vai para epopeas, nem tragedias. Cousas doces, leves, sem sangue nem lagrimas.

No banquete da vida, para falar como outro poeta... Já agora falo por poetas; está provado que, apezar de fantasticos e sonhadores, são ainda os mais habeis contadores de historias e inventores de imagens. A vida, por exemplo, comparada a um banquete é idéa felicissima. Cada um de nós tem ali o seu logar; uns retiram-se logo depois da sôpa, outros antes do *coup du milieu*, não raros vão até á sobremesa. Tem havido casos em que o conviva se deixa estar comido, bebido, e sentado. E' o que os noticiarios chamam *macrobio*, — e, quando a pessoa é mulher, por uma d'essas liberdades que toda gente usa com a lingua, *macrobia*.

Felizes esses! Não que o banquete seja sempre uma delicia. Ha sopas execraveis, peixes podres e não poucas vezes esturro. Mas, uma vez que a gente se deixou vir para a mesa, melhor é ir farto d'ella, para não levar

saudades. Não se sente a marcha; vai-se pelos pés dos outros. Houve d'esses retardatarios, Moltke esteve prestes a sê-lo, Gladstone creio que acaba por aí, como os nossos Saldanha Marinho e Tamandaré. Deus os fade a todos!

Imaginemos um homem que haja nascido com o seculo e morra com elle. Victor Hugo já o achou com dois annos (*ce siècle avait deux ans*), e pôde ser que contasse viver até o fim; não passou da casa dos oitenta. Mas Heine, que veio ao mundo no proprio dia 1 de janeiro de 1800, bem podia ter vivido até 1899, e contar tudo o que se passou no seculo, com a sua penna mestra de *humour*... Oh! pagina immortal! Assistir á santa-alliança e á dynamite! Vir do legitimismo ao anarchismo, parandó aqui e ali na liberdade, eis aí uma viagem interessante de dizer e de ouvir. Revoluções, guerras, conquistas, uma infinidade de constituições, grande variedade de calças, casacas e chapéos, escolas novas, novas descobertas, idéas, palavras, danças, livros, armas, carruagens, e até linguas... Viver tudo isso, e referi-lo ao seculo XX, grande obra, em verdade.

Deus ou a paralyisia não o quiz. Heine notaria, melhor que ninguem, o advento do anarchismo, se é certo que este governo inedito tem de sair á luz com o fim do seculo. Ninguem melhor que elle faria o parallelo do legitimismo do principio com o anarchismo do fim, Carlos X e Nada. Que excellentes conclusões! Nem todas seriam cabaes, mas seriam todas bellas. Aos homens da sciencia ficam as razões solidas com que affirmam a marcha ascendente para a perfeição. Os poetas variam; ora crêem no paraiso, ora no inferno, com esta particularidade que adoptam o peor para expo-lo em versos bonitos. Heine tinha a vantagem de o saber expôr em bonita prosa.

Mas, como ia dizendo, no banquete da vida... Leve-me o diabo se sei a que é que vinha este banquete. Talvez para notar que a distribuição dos logares põe a gente, ás vezes, ao pé de máos vizinhos, em cujo caso não ha mais poderoso remedio que descancar do paradoxo da esquerda na banalidade da direita, e vice-versa. Se a idéa não foi essa, então foi dizer que a chronica é prato de pouca ou nenhuma resistencia, simples molho branco. Idéa velha, mas antes velha que nada. Uns fazem a historia pela acção pessoal e collectiva, outros a contam ou cantam pela tuba canora e bellicosa... Tuba canora e bellicosa é expressão de poeta — de Camões, creio. A chronica é a frauta ruda ou agreste de Camões, creio. Vivam os poetas! Não me acode outra gente para coroar este anno que nasce.

Quanto ao que morre, 1893, não vai sem pragas nem saudades, como os demais annos seus irmãos, desde que ha astronomia e almanacks. Tal é a condição dos tempos, que são todos duros e amenos, segundo a condição e o logar. Se esta banalidade da direita lhe parece cançativa, volte-se o leitor para a esquerda, e ouvirá algum paradoxo que o descance d'ella, — este, por exemplo, que o melhor dos annos é o peor de todos. Toda a questão (lhe dirá a esquerda) está em definir o que seja bom ou máu.

Por exemplo, a guerra é má, em si mesma; mas a guerra pôde ser boa, comparada com o anarchismo. Se este vier, 1893, tu haverás sido uma das suas datas historicas, pelos golpes que déste, pelo principio de systematisação do mal. Que será o mundo comtigo? Não consultemos Xenophonte, que, ao ver as trocas de governo nas republicas, monarchias e oligarchias, concluia que o homem era o animal mais difficil de reger; mas, ao mesmo tempo, mirando o seu heróe e a

numerosa gente que lhe obedeciam, concluia que o animal de mais facil governo era o homem. Se já por essa noite dos tempos fosse conhecido o anarchismo, é provavel que a opinião do historiador fosse esta : que, embora pessimo, era um governo optimo. A variedade dos pareceres, a sua propria contradição, tem a vantagem de chamar leitores, visto que a maior parte delles só lê os livros da sua opinião. E' assim que eu explico a universalidade de Xenophonte.

Não me attribuem desrespeito ao escritor; isto é rir, para não fazer outra cousa que deixe de alliviar o baço. Em todo caso, antes gracejar de um homem finado ha tantos seculos, que estrear já o carnaval com este immenso calor, como fez hontem uma associação. Agora tu, Terpsychoe, me ensina...

*
* *
*

7 de Janeiro.

Quem será esta cigarra que me acorda todos os dias n'este verão do diabo, — quero dizer, de todos os diabos, que eu nunca vi outro que me matasse tanto. Um amigo meu conta-me cousas terriveis do verão de Cuyabá, onde, a certa hora do dia, chega a parar a administração publica. Tudo vai para as rêdes. Aqui não ha rêde, não ha descanso, não ha nada. Este tempo serve, quando muito, para reanimar conversações moribundas, ou para dar que dizer a pessoas que se conhecem pouco e são obrigadas a vinte ou trinta minutos de bonde. Começa-se por uma exclamação e um gesto, depois uma ou duas anedotas, quatro remi-

niscencias, e a declaração inevitavel de que a pessoa passa bem de saude, a despeito da temperatura.

— Custa-me a supportar o calor, mas de saude passo maravilhosamente bem.

Não sei se é isso que me diz todas as manhãs a tal cigarra. Seja o que fôr, é sempre a mesma cousa, e é noticia d'alma, porque é dita com um gráo de sonoridade e tenacidade que excede os maiores exemplos de gargantas musicaes, serviçaes e rijas. A minha memoria, que nunca perde essas occasiões, recita logo a fabula de La Fontaine e reproduz a famosa gravura de Gustavo Doré, a bella moça da rabeça, que o inverno veio achar com a rabeça na mão, repellida por uma mulher trabalhadeira, como faz a formiga á outra. E o quadro e os versos misturam-se, prendem-se de tal maneira, que acabo recitando as figuras e contemplando os versos.

N'isto entra um gallo. O gallo é um mahometano vadio, relogio certo, cantor mediocre, ruim vianda. Entra o gallo e faz com a cigarra um concerto de vozes, que me acorda inteiramente. Sacudo a preguiça, collijo os trechos de sonho que me ficaram, se algum tive, e fito o docel da cama ou as taboas do tecto. A's vezes fito um quintal de Roma, de onde algum velho gallo acorda o illustre Virgilio, e pergunto se não será o mesmo gallo que me acorda, e se eu não serei o mesmissimo Virgilio. E' o periodo de loucura mansa, que em mim succede ao somno. Subo então pela via Appia, dobro a rua do Ouvidor, esbarro com Mecenas, que me convida a cear com Augusto e um remanescente da companhia geral. Segue-se a vez de um passarinho, que me canta no jardim, depois outro, mais outro. Passaros, gallo, cigarra, entoam a symphonia matutina, até que salto da cama e abro a janella.

Bom dia, bello sol. Já d'aqui vejo as guias torcidas dos teus magnificos bigodes de ouro. Morro verde e crestado, palmeiras que recortaes o céu azul, e tu, locomotiva do Corcovado, que trazeis o sibilo da industria humana ao concerto da natureza, boim dia ! Pregão da industria, tu, «duzentos contos, Paraná, ultimo de resto !», recebe tambem a minha saudação. Que és tu, se não a locomotiva da Fortuna? Tempo houve em que a gente ia dos arrabaldes á casa do João Pedro da Veiga, rua da Quintanda, comprar o numero da esperança. Agora és tu mesmo, numero solcito, que vens cá ter aos arrabaldes, como os simples mascates de fazenda se os compradores de garrafas vasiaas. Progresso quer dizer concurrencia e commodidade. Melhor é que eu compre a riqueza a duas pessoas, á porta de minha casa, do que vá comprar á casa de uma só, a dois tostões de distancia.

Eis ahi começam a deitar fumo as chaminés vizinhas; tratam do café ou do almoço. Na rua passa assobiando um moleque, que faz lembrar aquelle chefe do ministerio austriaco, a que se referiu quinta-feira, na *Gazeta de Noticias*, Max Nordau. Ouço tambem uma cantiga, um choro de criança, um bonde, os preludios de alguma cousa ao piano, e outra vez e sempre a cigarra cantando todos os seus *erres* sem *effes*, emquanto o sol espalha as barbas louras pelo ar transparente.

Ir-me-ha cantar, todo o verão, esta cigarra estridula? Canta, e que eu te ouça, amiga minha; é signal de que não haverei entrado no obituario do mesmo verão, que já sobe de cincoenta pessoas diarias. Disse-ram-m'ó; eu não me dou ao trabalho de contar os mortos. Percebo que morre mais gente, pela frequencia dos carros de defuntos que encontro, quando volto para casa e elles voltam do cemiterio, com o seu aspeto

funebre e os seus cocheiros menos funebres. Não digo que os cocheiros voltem alegres; posso até admitir, para facilidade da discussão, que tornem tristes; mas ha grande differença entre a tristeza do vehiculo e a do automedonte. Este traz no rosto uma expressão de dever cumprido e consciencia repousada, que inteiramente escapa ás frias taboas de um carro.

De mim peço ao cocheiro que me levar, que já na ida para o cemiterio vá francamente satisfeito, com uma pontinha de riso e outra de cigarro ao canto da boca. Pisque o olho ás amas secas e frescas, e creaturas analogas que fôr encontrando na rua; creia que os meus manes não soffrerão no outro mundo; ao contrario, alegrar-se-hão de saber a cara ajustada ao coração, e a indiferença interior não desmentida pelo gesto. Imite as suas mulas, que levam com igual passo Cesar e João Fernandes.

Ah! enquanto eu ia escrevendo essas melancolias aborrecidas, o sol foi enchendo tudo; entra-me pela janella, *já tudo é mar; ao mar já fallam praias*, dizia Ovidio por boca de Bocage. Aqui o diluvio é de claridade; mas uma claridade cantante, porque a cigarra não cessa, continúa a cigarrear no arvored, fundindo o som no espectáculo. Como ha pouco, na cama, miro a cantiga e ouço o clarão. Se todos estes dias não fossem isto mesmo, eu diria que era a commemoração da chegada dos tres Reis.

Essa festa popular, não sei se perdurará no interior; aqui morreu ha muitos annos. Cantar os Reis era uma d'essas usanças locaes, como o presepe, que o tempo demoliu e em cujas ruinas brotou a arvore do Natal, produção do norte da Europa, que parece pedir os gelos do inverno. O nosso presepe era mais devoto, mas menos alegre. Durava, em alguns logares, até o dia de

Reis. A cantiga da festa de hontem era a mesma em toda a parte,

O' de casa nobre gente,
Acordai e ouvireis,

e o resto, que póde parecer simplorio e velho, mas o velho foi moço e o simplorio tambem é signal de ingenho.



4 de Fevereiro.

Quando eu li que este anno não póde haver carnaval na rua, fiquei mortalmente triste. E' crença minha, que no dia em que o deus Momo fôr de todo exilado d'este mundo, o mundo acaba. Rir não é só *le propre de l'homme*, é ainda uma necessidade d'elle. E só ha riso, e grande riso, quando é publico, universal, inextinguivel, á maneira dos deuses de Homero, ao ver o pobre coxo Vulcano.

Não veremos Vulcano estes dias, cambaio ou não, não ouviremos chocalhos, nem guizos, nem vozes tortas e finas. Não sahirão as sociedades, com os seus carros cobertos de flôres e mulheres, e as ricas roupas de velludo e setim. A unica veste que poderá apparecer, é a cinta hespanhola, ou não sei de que raça, que dispensa agora os colletes e dá mais graça ao corpo. Esta moda quer-me parecer que péga; por ora, não ha muitos que a tragam. Quatrocentas pessoas? quinhentas? Mas toda religião começa por um pequeno numero de fieis. O primeiro homem que vestiu um simples colar de missangas, não viu logo todos os homens com

o mesmo traje; mas pouco a pouco a moda foi pegando, até que vieram atraz das missangas, conchas, pedras verdes e outras. D'ahi até o capote, e as actuaes mangas de presunto, em que as senhoras metem os braços, que caminho! O chapéu baixo, feitro ou palha, era ha 25 annos uma minoria infima. Ha um chapelaria n'esta cidade que se inaugurou com chapéus altos em toda a parte, nas portas, vidraças, balcões, cabides, dentro das caixas, tudo chapéus altos. Annos depois, passando por ella, não vi mais um só d'aquella especie; eram muitos e baixos, de varia materia e fórmas variadissimas.

Não admira que acabemos todos de cinta de seda. Quem sabe se não é uma reminiscencia da tanga do homem primitivo? Quem sabe se não vamos remontar os tempos até ao colar de missangas? Talvez a perfeição esteja ahi. Montaigne é de parecer que não fazemos mais que repisar as mesmas cousas e andar no mesmo circulo; e o Ecclesiastes diz claramente que o que é, já foi, e o que foi, é o que ha de vir. Com autoridades de tal porte, podemos crer que acabarão algum dia alfaiates e costureiras. Um colar apenas, materia simples, nada mais; quando muito, nos bailes, um simulacro de *gibus* para pedir com graça uma quadri-lha ou uma polka. Oh! a polka das missangas! Ha-de haver uma com esse titulo, porque a polka é eterna. e quando não houver mais nada, nem sol, nem lua, e tudo tornar ás trevas, os ultimos dois échos da catastrophe derradeira usarão ainda, no fundo do infinito, esta polka offerecida ao Creador: *Derruba, meu Deus, derruba!*

Como se disfarçarão os homens pelo carnaval quando voltar a idade da missanga? Naturalmente com os trajés de hoje. A *Gazeta de Noticias* escreverá

por esse tempo um artigo, em que dirá : « Pelas figuras que têm apparecido nas ruas, terão visto os nossos leitores até onde foi, seculos atraz, já não diremos o máu gosto, que é evidente, mas a violação da natureza, no modo de vestir dos homens. Quando possuíam as melhores casacas e calças, que são a propria epiderme, tão justa ao corpo, tão sincera, inventaram umas vestiduras perversas e falsas. Tudo é obra do orgulho humano, que pensa aperfeiçoar a natureza, quando infringe as suas leis mais elementares. Vêde o lenço, o homem de outr'ora achou que elle tinha uma ponta de mais, e fez um tecido de quatro pontas, sem musculos, sem nervos, sem sangue, absolutamente imprestavel, desde que não esteja ao alcance da pessoa. Ha no nosso museu nacional um exemplar d'essa ridicularia. Hoje, para dar uma idéa viva da differença das duas civilisações, publicamos um desenho comparativo, dois homens, um moderno, outro dos fins do seculo XIX; é obra de um joven pintor, que diz ser descendente de Belmiro; foi descoberto por um dos redatores d'esta folha, o nosso excellente companheiro João, amigo de todos os tempos. »

Que não possa eu ler esse artigo, ver as figuras, compara-las, e repetir os ditos do Ecclesiastes e de Montaigne, e annunciar aos povos desse tempo que a civilisação mudará outra vez de camisa ! Irei antes, muito antes, para aquella outra Petropolis, capital da vida eterna. Lá ao menos ha fresco, não se morre de insolação, nome que já entrou no nosso obituario, segundo me disseram esta semana. Não se póde imaginar a minha desillusão. Eu cria que, apesar de termo um sol de rachar, não morreríamos nunca de semelhante cousa. Ha annos deram-se aqui alguns casos de não sei que molestia fulminante, que disseram ser isso; mas

vão lá provar que sim ou que não. Para se não provar nada, é que o mal fulmina. Assim, nem tudo acaba em cajuada, como eu suppunha; também se morre de insolação. Morreu um, morrerão ainda outros. A chuva d'estes dias não fez mais que açular a canicula.

De resto, a morte escreveu esta semana em suas tabellas, algumas das melhores datas, levando consigo um Dantas, um José Silva, um Coelho Bastos. Não se conclue que ella tem mais amor aos que sobrenadam, do que aos que se afundam; a sua democracia não distingue. Mas ha certo gosto particular em dizer aos primeiros, que nas suas aguas tudo se funde e confunde, e que não ha serviços á patria ou á humanidade, que impeçam de ir para onde vão os inuteis ou ainda os máus. Vingue-se a vida guardando a memoria dos que o merecem, e, na proporção de cada um, distinctos com distinctos, illustres com illustres.

Essa ha-de ser a moda que não acaba. Ou caminhe-mos para a perfeição deliciosa e eterna, ou não façamos mais que ruminar, perpetuo camello, o mesmo jantar de todas as idades, a moda de morrer é a mesma... Mas isto é lugubre, e a primeira das condições do meu officio é deitar fóra as melancholias, mórmente em dia de carnaval. Tornemos ao carnaval, e liguemos assim o principio e o fim da chronica. A razão de o não termos este anno, é justa; seria até melhor que a prohibição não fosse precisa, e viesse do proprio animo dos foliões. Mas não se póde pensar em tudo.

*
* *

11 de Março.

Escrevo com o pé no estribo. E' um modo de dizer,

que talvez esteja prestes a mudar de clima. Para onde, não sei. Se consultasse o meu desejo, iria para a ilha da Trindade. Pelo que leio, foi um cidadão norte-americano, casado, com uma linda moça de New-York, que entrou pela ilha dentro, não achou viva aima, tomou conta do territorio e trata de colonisa-lo. Dizem as noticias que a ilha será um principado, e já tem o seu brazão : um triangulo de ouro com uma corôa ducal. Dizem mais que o posseiro já embarcou para a Europa, afim de ser reconhecido pelas potencias. Justamente o contrario do que eu faria; mas se os gostos fossem iguaes, já não haveria mundo n'este mundo.

Eu, entrado que fosse na ilha, começava por não sahir mais d'ella; far-me-hia rei sem subditos. Ficariamos tres pessoas, eu, a rainha e um cozinheiro. Mais tarde, poetas e historiadores concordariam em dizer que as tres pessoas da ilha é que deram occasião ao titulo d'esta; a differença é que os poetas diriam a cousa em verso, sem documentos, e os historiadores dil-a-hiam em prosa com documentos. Entretanto, não só o titulo é anterior, mas não haveria em mim a menor intenção symbolica.

Rei sem subditos! Oh! sonho sublime! imaginação unica! Rei sem ter a quem governar, nem a quem ouvisse, sem petições, nem aborrecimentos. Não haveria partido que me atacasse, que me espiasse, que me calumniasse, nem partido que me bajulasse, que me beijasse os pés, que me chamasse sol radiante, leão indomito, cofre de virtude, o ar e a vida do universo. Quando me nascesse uma espinha na cara, não haveria uma côrte inteira para me dizer que era uma flôr, uma açucena, que todas as pessoas bem constituídas usavam por enfeite : nenhum, mais engenhoso que os

outros, accrescentaria: «Senhor, a natureza tambem tem as suas modas.» Se eu perdesse um pé, não teria o desprazer de ver coxear os meus vasallos.

Entretanto, para que a mentira não se pudesse suppôr exilada do meu reino, eu ensinaria á rainha e ao cozinheiro uma geographia nova; dir-lhes-hia que a terra era um pão de assucar, ou uma pyramide, para ser mais egypcio, e que a minha ilha era o cume da pyramide. Tudo mais estava abaixo. O sol não era propriamente um sol, mas um mensageiro que me traria todos os dias as saudações da parte inferior da terra. As estrellas, suas filhas, incumbidas de velar-me á noite, eram as aias destinadas unicamente ao rei da Trindade.

— Mas tambem em Nova-York ha estrellas e na Virginia, e na California, diria a rainha da Trindade durante as primeiras lições.

— Jasmim do Cabo (este é o nome que eu lhe daria), Jasmim do Cabo e do meu coração, as estrellas de Nova-York, da California e da Virginia não são filhas do sol, mas enteadas. Has-de saber que o sol é casado em segundas nupcias com a lua, que lhe trouxe todas essas filhas que operam lá em baixo. As d'aqui são filhas d'elle mesmo; são as de raça pura e divina.

E eu acabaria crendo nos meus proprios sonhos, que é a vantagem d'elles, e a mais positiva do mundo. Prova d'isso é a noticia da moratoria dada esta semana a um commerciante, por credores de cerca de sete mil contos. Foi tal o effeito que isto produziu em mim, que en entrei a suppor-me devedor de sete, de dez, de vinte mil contos. Comecei por uma pontinha de inveja; não pela moratoria, que para mim seria indifferente; com ella ou sem ella, o principal é dever tantos mil contos de réis. As pequenas dividas são aborrecidas como

moscas. As grandes, logicamente, deviam ser terribes como leões, e são mansissimas.

Cri-me devedor dos sete mil contos, tanto mais feliz quanto que não lidára com dinheiros tão altos. Este sonho, que affligiria a espiritos menos sublimes, para mim foi tal que se converteu em realidade, e não pude acabar de crer que não devia nada, quando o meu criado me quiz provar hoje de manhã que todas as minhas pequenas contas estavam pagas. As pequenas, creio; mas as grandes? Sim, eu devo ainda, pelo menos uns cinco mil contos. Que não posso dever vinte mil! Que não prefere ser devedor de vinte mil contos, a ser credor de quatro patacas?

Demais, tenho veneração aos grandes numeros. Acho que a marcha da civilisação explica-se pelo crescimento numerico dos seculos. Que podia ser o seculo iv em comparação com o seculo xix? Que poderá ser o seculo xix, em comparação com seculo MDCCCLXXXVIII? O maior numero implica maior perfeição.

Vêde o obituario. A' medida que vai crescendo, deixa de ser a lista vulgar dos outros dias : impõe, aterra. Já é alguma cousa morrerem para mais de cento e setenta pessoas. Podemos chegar a duzentas e a tresentas. Certamente não é alegre; ha espetaculos mais joviaes, leituras mais leves; mas o interesse não está na leveza nem na alegria. A tragedia é terrivel, é pavorosa, mas é interessante. Depois, se é verdade que os mortos governam os vivos, tambem o é que os vivos vivem dos mortos. Esta outra idéa é banal, mas não podemos deixar de reconhecer que os alugadores de carros, os cocheiros, os pharmaceuticos, os physicos (para falar á antiga), os marmoristas, os escrivães, os juizes, alfaiates, sem contar a Empresa Funeraria,

ganham com o que os outros perdem. *Ex fumo darem lucem.*

Mas deixemos numeros tristes, e venhamos aos alegres. O dos concurrentes literarios da *Gazeta* é respeitavel. Por maior que seja a lista dos escritos fracos, certo é que ainda ficou boa somma de outros, e dos vencidos ainda os haverá que pugnem mais tarde e vençam. Bom é que, no meio das preocupações de outra ordem, as musas não tenham perdido os seus devotos e ganhem novos. Magalhães Azeredo, que ficou á frente de todos, póde servir de exemplo aos que, tendo talento como elle, quizerem perseverar do mesmo modo. Vivam as musas! Essas bellas moças antigas não envelhecem nem desfeiam. Afinal é o que ha mais firme debaixo do sol

*
**

18 de Março.

Logo que se annunciou a batalha do dia 13, recolhi-me a casa, disposto a não apparecer antes de tudo acabado. Convidaram-me a subir a um dos morros, onde o perigo era muito menor que o sol; mas o sol era grande. Nem a vista dos homens que passavam, desde manhã, com oculos e binoculos, me animou a ir tambem ver a batalha. A preguiça ajudou o temor, e ambos me ataram as pernas.

Em casa, occorreu-me que podia ter a visão da batalha, sem sol nem fadiga. Era bastante que me ajudasse o genio humano com o seu poder divino. A historia, por mais animada que fosse, não sei se me daria

a propria sensação da cousa. A poesia era melhor; Homero, por exemplo, com a *Iliada*. Nada mais apropriado que este poema. Troya, um campo entre a cidade e os navios, e no campo e nos navios as tropas gregas. Aqui as fortalezas e as balas formariam o campo.

Ouçõ uma objecção. A polvora não estava inventada no tempo de Homero. E' certo; mas tambem é certo que outras cousas havia no tempo de Homero, que totalmente se perderam. Nem eu pedia mais que a vista da realidade por suggestão da poesia.

Ao meio-dia, troando os primeiros tiros, abri o poeta. Pouco a pouco fui mergulhando na acção cantada. As pancadas que os cocheiros de bondes davam com os pés, para instigar as mulas, cançadas de puxar tanta gente, já me pareciam o tumulto dos carros dos guerreiros. Percebi o effeito da leitura. Quando o meu criado me levou ao gabinete uma cajuada, cuidei que era a deusa Hebe que me servia uma taça de nectar, e disse :

— Hebe divina, graças á tua excelsa bondade, vou apreciar esta delicia, desconhecida aos homens.

José Rodrigues, com espanto de si mesmo, retorquia-me :

— Tu és já um deus, tu estás no proprio Olympo, ao lado de Jupiter.

Vi que era assim mesmo. Mas, em vez de entrar na luta dos homens, como os outros deuses, meus collegas, deixei-me estar mirando o furor dos combates, o retinir das lanças nos broqueis, o estrondo das armaduras quebradas, o sangue que corria dos peitos, das pernas e dos hombros, os homens que morriam e as vozes grandes de todos. Era bello ver os deuses intervindo na pugna, disfarçados em pessoas da terra,

desviando os golpes de uns, guiando a mão de outros, cobrindo a estes com uma nuvem opaca faze-los sahir do campo, falando, animando, descompondo, se era preciso. Os seus proprios ardis eram admiraveis.

De quando em quando, a memoria e o ouvido juntavam-se á leitura, e a realidade ia de par com a ficção. Assim, no momento em que Marte, lanceado por Diomedes, volta ao céo, onde Pæon lhe deita um balsamo suavissimo, na ferida, que o faz sarar logo, veiu-me á lembrança a noticia lida n'aquella manhã de estarem fechadas todas as pharmacias da cidade, menos a do Sr. Honorio Prado. Depois, quando o capacete de Agamemnon recolhe os signaes dos guerreiros, o arauto os agita, e tira-se á sorte qual será o valente que terá de lutar com Heitor, ouvi, lembro-me bem que ouvi uma voz conhecida na rua : « Um de resto? vinte contos! » Tudo, porém, se confundia na minha imaginação; e a realidade presente ou passada era prontamente desfeita na contemplação da poesia.

Todos os guerreiros me appareciam, com as armas homericas, rutilantes e fortes, os seus escudos de sete e oito couros de boi, cobertos de bronze, os arcos e setas, as lanças e capacetes. Agamemnon, rei dos reis, o divino Achilles, Diomedes, os dois Ajax, e tu, artificioso Ulysses, enfrentando com Heitor, com Enêas, com Páris, com todos os bravos defensores da santa Ilion. Via o campo coalhado de mortos, de armas, de carros. As cerimoniaes do culto, as libações e os sacrificios vinham temperar o espetaculo da colera humana; e, posto que a cozinha de Homero seja mais substancial que delicada, gostava de vêr matar um boi, passa-lo pelo fogo e come-lo com essa mistura de mel, cebola, vinho e farinha, que devia ser mui grata ao paladar antigo.

A acção ia seguindo, com a alternativa propria das batalhas. Ora perdia um, ora outro. Este avançava até á praia, depois recuava, terra dentro. O clamor era enorme, as mortes infinitas. Herões de ambos os lados cahiam, ensopados em sangue. O terror desfazia as linhas, a coragem as recompunha, e os combates sucediam aos combates. Eu, do Olympo, mirava tudo, tão tranquillo como agora que escrevo isto. Minto; não podia esquivar-me á commoção dos outros deuses. Assim, quando Patroclo, vendo os seus quasi perdidos, sahiu a combater com as armas de Achilles, senti a grandeza do espectáculo; mas nem esse nem outro gosto algum pôde ser comparado ao que me deu o proprio Achilles, quando soube que o amigo morrera ás mãos de Heitor.

Vi, ninguém me contou, vi as lagrimas e a furia do heroe. Vi-o sahir com as novas armas que o proprio Vulcano fabricou para elle; vi depois ainda novos e terriveis combates. No mais renhido d'elles, desceram todos o deuses e dividiram-se entre os exercitos, conforme as suas sympathias. Só ficámos Jupiter e eu. E disse-me o rei dos deuses :

— Anonymo (chamo-te assim, porque ainda não tens nome no céu), contempla comigo este quadro não menos deleitoso que acerbo. Até os rios buscaram combater Achilles; mas o filho de Peleu vencerá a todos.

Não direi o que vi, nem o que ouvi : teria de repetir aqui uma interminavel historia. Foi medonho e bello. Os deuses, mais que nunca, ajudavam os homens. Momento houve em que elles proprios combateram uns com outros, entre grandes palavradas, cão, cadela, e muito murro, muita pedrada, uma luta de raivas e despeitos. Emfim, Achilles matou Heitor. Jamais

esquecerei as lamentações das mulheres troyanas. Assisti depois ás festas da vitoria, corridas a cavallo e a pé, o disco e o pugilato.

Eram seis horas da tarde, quando me chamaram para jantar. Pessoas vindas dos morros proximos contaram que não houvera batalha alguma; desmenti esse principio de ballela, referindo tudo o que vira, que foi muito, longo e aspero. Não me deram credito. Um insinuou que eu tinha o juizo virado. Outro quiz fazer-me crêr que a fogueira em que ardiam os restos de Heitor, era um simples incendio na ilha das Cobras. Os jornaes estão de acôrdo com os meus contraditores; mas eu prefiro crer em Homero, que é mais velho.



25 de Março.

A semana foi santa, — mas não foi a semana santa que eu conheci, quando tinha a idade de mocinho nascido depois da guerra do Paraguay. Deus meu! Ha pessoas que nasceram depois da guerra do Paraguay! Ha rapazes (u) fazem a barba, que namoram, que se casam, que têm filhos, e, não obstante, nasceram depois da batalha de Aquidaban! Mas então que é o tempo? E' a brisa fresca e preguiçosa de outros annos, ou este tufão impetuoso que parece apostar com a electricidade? Não ha duvida que os relogios, depois da morte de Lopez, andam muito mais depressa. Antigamente tinham o andar proprio de uma quadra em que as noticias de Ouro Preto gastavam cinco dias para chegar ao Rio de Janeiro. Ia-se a S. Paulo por Santos.

Ainda assim, na semana, os estudantes de direito desciam a serra de Cubatão e vinham tomar o vapor de Santos para o Rio. Que digo? Caso houve em que vieram unicamente assistir á primeira representação de uma peça de theatro. Lembras-te, Ferreira de Menezes? Lembras-te, Sizenando Nabuco? Não respondem; creio que estão mortos.

Ahi vou escorregando para o passado, cousa que não interessa no presente. O passado que o joven leitor ha de saborear é o presente, lá para 1920, quando os relogios e os almanacks criarem azas. Então, se elle escrever n'esta columna, aos domingos, será igualmente insipido com as suas recordações : « Tempo houve (dirá elle) em que o primeiro Frontão da rua do Ouvidor, descendo, á esquerda, perto da rua de Gonçalves Dias, era uma confeitaria, a confeitaria Pascoal. Este nome, que nenhuma commoção produz na alma do rapaz nascido com o seculo, acorda em mim saudades vivissimas. A casa da mesma rua esquina da dos Ourives onde ainda hontem (perdoem ao guloso) comprei um excellente paio, era uma casa de joias, pertencente a um italiano, um Farani, Cesar Farani, creio, na qual passei horas excellentes. Fóra, fóra, memorias importunas !

Assim poderá escrever o leitor, em 1920, n'esta ou n'outra columna e para os jovens d'esse anno não será menos aborrecido.

Mas, por isso mesmo que os ha-de enfadar, deixe-me enfada-lo um pouco, repetindo que a semana santa que acabou hontem ou acaba hoje não é a semana santa anterior á passagem do Passo da Patria ou ao ultimo ministerio Olinda.

As semanas santas de outro tempo eram, antes de tudo, muito mais compridas. O domingo de Ramos

valia por tres. As palmas que se traziam das igrejas eram muito mais verdes que as de hoje, mais e melhor. Verdadeiramente ja não ha verde. O verde de hoje é um amarello escuro. A segunda-feira e a terça-feira eram lentas, não longas; não sei se percebem a differença. Quero dizer que eram tediosas, por serem varias. Raiava, porém, a quarta feira de trevas; era o principio de uma serie de cerimoniaes, e de officios, de procissões, de sermões de lagrimas, até o sabado de alleluia, em que a alegria reaparecia, e finalmente o domingo de Paschoa que era a chave de ouro.

Tenho mais criterio que meu successor de 1920; não quero mata-lo com algumas noticias que elle não hade entender. Como entender, depois da passagem de Humaytá, que as procissões do enterro, uma de S. Francisco de Paula, outra do Carmo, eram tão compridas que não acabavam mais? Como pintar-lhe os andores, as filas de tochas inumeraveis, as Marias Beús, segundo a fórma popular, o centurião, e tantas outras partes da cerimonia, não contando as janellas das casas illuminadas, acolchoadas e atapetadas de moças bonitas — moças e velhas, — porque já n'aquelle tempo havia algumas pessoas velhas, mas poucas. Tudo era da idade e da côr das palmas verdes. A velhice é uma idéa recente. Data do berço de um menino que eu vi nascer com o ministerio Sinimbu. Antes deste, — ou mais exactamente, antes do ministerio Rio Branco, — tudo era juvenil no mundo, não juvenil de passagem, mas perpetuamente juvenil. As excepções, que eram raras, vinham confirmar a regra.

Não entenderieis nada. Nem sei se chegareis a entender o que me succedeu agora, indo ver o officio da Paixão em uma igreja. Outr'ora, quando de

todo o sermão da montanha eu só conhecia o padre-nosso, a impressão que recebia era mui particular, uma mistura de fé e de curiosidade, um gosto de ver as luzes, de ouvir os cantos, de mirar as alvas e as casulas, o hyssope e o thuribulo. Entrei na igreja. A gente não era muita; sabe-se que parte da população está fóra d'aqui. Metade dos fieis ali presentes eram senhoras, e senhoras de chapéo. Nunca me esqueceu o escandalo produzido pelos primeiros chapéos que ousaram entrar na igreja em taes dias; escandalo sem tumulto nada mais que murmuração. Mas o costume venceu a repugnancia, e os chapéos vão á missa e ao sermão. Algumas senhoras rezavam por livros, outras desfiavam rosários, as restantes olhavam só ou rezariam mentalmente. Não quero esquecer um velho cantor de igreja, que ali achei, e que, em criança, ouvira cantar nas festas religiosas; creio que nunca fez outra cousa, salvo o curto periodo em que o vi no côro da defunta Opera Nacional. Que idade teria? Sessenta, setenta, oitenta...

Soou o canto-chão. Chegou-me o incenso. A imaginação deixou-se-me embalar pela musica e inebriar pelo aroma, duas fortes azas que a levaram de oeste a léste. Atraz d'ella foi o coração, tornado á simpleza antiga. E eu resurgi, antes de Jesus. E Jesus appareceu-me antes de morto e resuscitado, como nos dias em que rodeava a Galiléa, e, abrindo os labios, disse-me que a sua palavra dá solução a tudo.

— Senhor, disse eu então, a vida é aflitiva, e ahi está o Ecclesiastes que diz ter visto as lagrimas dos innocentes, e que ninguem os consolava.

— Bemaventurados os que choram, porque elles serão consolados.

— Vêde a injustiça do mundo. « Nem sempre o

premio é dos que melhor correm; diz ainda o Ecclesiastes, e tudo se faz por encontro e casualidade. »

— Bemaventurados os que têm fome e sede de justiça, porque elles serão fartos.

— Mas é ainda o Ecclesiastes que proclama haver justos, aos quaes provêm males...

— Bemaventurados os que são perseguidos por amor da justiça, porque d'elles é o reino do céo.

E assim por diante. A cada palavra de lastima respondia Jesus com uma palavra de esperança. Mas já então não era elle que me apparecia, era eu que estava na propria Galiléa, diante da montanha, ouvindo com o povo. E o sermão continuava. Bemaventurados os pobres de espirito. Bemaventurados os pacificos. Bemaventurados os mansos...



1 de Abril.

Emfim ! Vai entrar em discussão no Conselho Municipal o projecto que alli apresentou o Sr. Dr. Capelli, sobre hygiene. Ainda assim, foi preciso que o autor o pedisse, ante-hontem. Ja tenho lido que o conselho trabalha pouco, mas não aceito em absoluto esta affirmação. Conselho Municipal ou Camara Municipal, a instituição que dirige os serviços da nossa velha e boa cidade, foi sempre objecto de censuras, ás vezes com razão, outras sem ella, como aliás acontece a todas as instituições humanas.

Trabalhe pouco ou muito, é de estimar que traga para a discussão o projecto do Sr. Dr. Capelli. (Se elle

não resolve totalmente a questão hygienica nem a isso se propõe), pôde muito bem resolve-la em parte. Não entro no exame dos seus diversos artigos; basta-me o primeiro. O primeiro artigo estabelece concurso para a nomeação dos commissarios de hygiene, que se chamarão de ora avante inspectores sanitarios.

E' discutivel a idéa do concurso. Não me parece claro que melhore o serviço, e pôde não passar de simples illusão. O artigo, porém, dispõe, como ficou dito, que os commissarios de hygiene se chamem de ora avante inspectores sanitarios, e essa troca de um nome por outro é meio caminho andado para a solução. Os nomes velhos ou gastos tornam caducas as instituições. Não se melhora verdadeiramente um serviço deixando o mesmo nome aos seus officiaes. E' do Evangelho, que não se põe remendo novo em panno velho. O panno aqui é a denominação. O proprio Conselho Municipal tem em si um exemplo do que levo dito. Camara municipal não era máo nome, tinha até um ar democratico; mas estava poido. O nome creou a personagem da cousa, e a má fama levou consigo a obra e o titulo. Conselho Municipal, sendo nome diverso, exprime a mesma idéa democratica, é bom e é novo.

Outro exemplo, e de fóa. Sabe-se que a camara dos lords está arriscada a descambar no ocaso, ou a ver-se muito diminuida. Não duvido que os seus ultimos actos tenham dado logar á guerra que lhe movem, com o proprio chefe do governo á frente, se é certo o que nos disse ha pouco um telegramma. Mas quem sabe se, trocando opportunamente o titulo, não teria ella desviado o golpe imminente, embora ficasse a mesma cousa, ou quasi?

Conta-se de um homem (creio que já referi esta anec-

dota) que não podia achar bons copeiros. De dois em dois mezes, mandava embora o que tinha, e contratava outro. Ao cabo de alguns annos chegou ao desespero; descobriu, porém, um meio com que resolveu a difficuldade. O copeiro que o servia então, chamava-se José. Chegado o momento de substitui-lo, pagou-lhe o aluguel, e disse :

— José, tú agora chamas-te Joaquim. Vai pôr o almoço, que são horas.

Dois mezes depois, reconheceu que o copeiro voltara a ser insupportavel. Fez-lhe as contas, e concluiu :

— Joaquim, tu passas agora a chamar-te André. Vai lá para dentro.

Fel-o João, fel-o Manuel, fel-o Marcos, fel-o Rodrigo, percorreu toda a onomastica latina, grega, judaica, anglo-saxonia, conseguindo ter sempre o mesmo ruim criado, sem andar a busca-lo por essas ruas. Entendamo-nos : eu creio que a ruindade desaparecia com a investidura do nome, e voltava quando este principiava a envelhecer. Póde ser tambem que não fosse assim, e que a simples novidade do nome trouxesse ao amo a illusão da melhoria. De um ou de outro modo, a influencia dos nomes é certa.

Por exemplo, quem ignora a vida nova que trouxe ao ensino da infancia a troca d'aquella velha taboleta « Collegio de Meninos » por esta outra « Externato de instrucção primaria »? Concorde que o aspecto scientifico da segunda fórma tenha parte no resultado; antes d'elle, porém, ha o effeito mysterioso da simples mudança. Mas eu vou mais longe.

Vou tão longe, que ousa crer nas rehabilitações historicas, unicamente ou quasi unicamente pela alteração do nome das pessoas. O actual processo para esses trabalhos é rever os documentos, avaliar as

opiniões, e contar os factos, comparar, rectificar, excluir, incluir, concluir. Todo esse trabalho é inutil, se se não trocar o nome por outro. Messalina, por exemplo. Esta imperatriz chegou á celebridade do substantivo, que é a maior a que póde aspirar uma creatura real ou fingida : uma messalina, um tartufo. Se quizerdes tira-la da lama historica, em que ella cahiu, não vos bastará esgravatar o que disseram d'ella os autores; arrancai-lhe violentamente o nome. Chamai-lhe Anastacia. Quereis fazer uma experiencia? Pegai em Suetonio e lêde com o nome de Anastacia tudo o que elle refere de Messalina; é outra cousa. O asco diminue, o horror afrouxa, o escandalo desaparece, e a figura emerge, não digo para o céu, mas para uma collina. Em historia, o occupar uma collina é alguma cousa. Gregorovius, como outros autores deste seculo, quiz rehabilitar Lucrecia Borgia; acho que o fez, mas esqueceu-se de lhe mudar o nome, e toda gente continúa a descompo-la em prosa com Victor Hugo, ou em verso e por musica com Donizetti.

Voltando aos commissarios de hygiene, futuros inspectores sanitarios, repito que o serviço melhorará muito com essa alteração do titulo, e não é pouco. Mas é preciso que, sem dize-lo na lei, nem no parecer, nem nos debates, fiquem todos combinados em alterar periodicamente o titulo, desde que o serviço precise reforma. Não me compete lembrar outros, nem me occorre nenhum. Digo só que, passados mais quatro ou cinco titulos, não será má politica voltar ao primeiro. Os nomes têm, ás vezes, a propriedade de criar pelle nova, só com o desuso ou descanço. Commissario de hygiene, que vai ser descalçado agora, desde que repouse alguns annos, ficará com sola nova e tacão direito. Assim acontecesse aos meus sapatos !

*
* * *

8 de Abril.

Quinta-feira á tarde, pouco mais de tres horas, vi uma cousa tão interessante, que determinei logo de começar por ella esta chronica. Agora, porém, no momento de pegar na penna, receio achar no leitor menor gosto que eu para um espectáculo, que lhe parecerá vulgar, e porventura torpe. Releve-me a imperlinencia; os gostos não são iguaes.

Entre a grade do jardim da praça Quinze de Novembro e o logar onde era o antigo passadiço, ao pé dos trilhos de bonds, estava um burro deitado. O logar não era proprio para remanso de burros, d'onde conclui que não estaria deitado, mas cahido. Instantes depois, vimos (eu ia com um amigo), vimos o burro levantar a cabeça e meio corpo. Os ossos furavam-lhe a pelle, os olhos meio-mortos fechavam-se de quando em quando. O infeliz cabeceava, mas tão frouxamente, que parecia estar proximo do fim.

Diante do animal havia algum capim espalhado e uma lata com agua. Logo, não foi abandonado inteiramente; alguma piedade houve no dono ou quem quer que é que o deixou na praça, com essa ultima refeição á vista. Não foi pequena acção. Se o autor d'ella é homem que leia chronicas, e acaso ler esta, receba d'aqui um aperto de mão. O burro não comeu do capim, nem bebeu da agua; estava já para outros capins e outras aguas, em campos mais largos e eternos.

Meia duzia de curiosos tinham parado ao pé do

animal. Um d'elles, menino de dez annos, empunhava uma vara, e se não sentia o desejo de dar com ella na anca do burro para esperta-lo, então eu não sei conhecer meninos, porque elle não estava do lado do pescoço, mas justamente do lado da anca. Diga-se a verdade; não o fez, — ao menos emquanto ali estive, que foram poucos minutos. Esses poucos minutos, porém, valeram por uma hora ou duas. Se ha justiça na terra, valerão por um seculo, tal foi a descoberta que me pareceu fazer, e aqui deixo recommendada aos estudiosos.

O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciencia. Indifferente aos curiosos, como ao capim e á agua, tinha no olhar a expressão dos meditativos. Era um trabalho interior e profundo. Este remoque popular : *por pensar morreu um burro* mostra que o phenomeno foi mal entendido dos que a principio o viram; o pensamento não é a causa da morte, a morte é que o torna necessario. Quanto á materia do pensamento, não ha duvida que é o exame da consciencia. Agora, qual foi o exame da consciencia d'aquelle burro, é o que presumo ter lido no escasso tempo que ali gastei. Sou outro Champollion, porventura maior; não decifrei palavras escritas, mas idéas intimas de creatura que não podia exprimi-las verbalmente.

E diria o burro comsigo :

« Por mais que vasculhe a consciencia, não acho peccado que mereça remorso. Não furtei, não menti, não matei, não calumniei, não offendi nenhuma pessoa. Em toda a minha vida, se dei tres couces, foi o mais, e isso mesmo antes de haver aprendido maneiras de cidade e de saber o destino do verdadeiro burro, que é apanhar e calar. Quanto ao zurro, usei d'elle como linguagem. Ultimamente é que percebi que me não

entendiam, e continuei a zurrar por ser costume velho, não com idéa de agravar ninguém. Nunca dei com homem no chão. Quando passei do tilbury ao bond, houve algumas vezes homem morto ou pisado na rua, mas a prova de que a culpa não era minha, é que nunca segui o cocheiro na fuga; deixava-me estar aguardando a autoridade.

«Passando a ordem mais elevada de acções, não acho em mim a menor lembrança de haver pensado sequer na perturbação da paz publica. Além de ser a minha índole contraria a arruaças, a propria reflexão me diz que, não havendo nenhuma revolução declarado os direitos do burro, taes direitos não existem. Nenhum golpe de Estado foi dado em favor d'elle; nenhuma corôa os obrigou. Monarchia, democracia, oligarchia, nenhuma fórma de governo teve em conta os interesses da minha especie. Qualquer que seja o regimen, ronca o páo. O páo é a minha instituição, um pouco temperada pela teima, que é, em resumo, o meu unico defeito. Quando não teimava, mordía o freio, dando assim um bonito exemplo de submissão e conformidade. Nunca perguntei por sóes nem chuvas; bastava sentir o freguez no tilbury ou o apito do bonde, para sahir logo. Até aqui os males que não fiz; vejamos os bens que pratiquei.

«A mais de uma aventura amorosa terei servido, levando depressa o tilbury e o namorado á casa da namorada — ou simplesmente empacando em logar onde o moço que ia no bonde podia mirar a moça que estava na janella. Não poucos devedores terei conduzido para longe de um credor importuno. Ensi-nei philosophia a muita gente, esta philosophia que consiste na gravidade do porte e na quietação dos sentidos. Quando algum homem, d'esses que chamam

patuscos, queria fazer rir os amigos, fui sempre em auxilio d'elle, deixando que me dêsse tapas e punhadas na cara. Emfim... »

Não percebi o resto, e fui andando, não menos alvo-rogado que pezaroso. Contento da descoberta, não podia furtar-me á tristeza de ver que um burro tão bom pensador ia morrer. A consideração, porém, de que todos os burros devem ter os mesmos dotes principaes, fez-me ver que os que ficavam, não seriam menos exemplares que esse. Por que se não investigará mais profundamente o moral do burro? Da abelha já se escreveu que é superior ao homem, e da formiga também, colectivamente falando, isto é, que as suas instituições politicas são superiores ás nossas, mais *rationaes*. Por que não succederá o mesmo ao burro, que é maior?

Sexta-feira, passando pela praça Quinze de Novembro, achei o animal já morto.

Dois meninos, parados, contemplavam o cadaver, espectáculo repugnante; mas a infancia, como a sciencia, é curiosa sem asco. De tarde já não havia cadaver nem nada. Assim passam os trabalhos d'este mundo. Sem exagerar o merito do finado, força é dizer que, se elle não inventou a polvora, também não inventou a dynamite. Já é alguma cousa n'este final de seculo. *Requiescat in pace.*

*
*

10 de Junho.

Hontem de manhã, indo ao jardim, como de costume, achei lá um burro. Não leram mal, não, meus

senhores, era um burro, um burro de carne e osso, de mais osso que carne. Ora, eu tenho rosas no jardim, rosas que cultivo com amor, e que me querem bem, que me saudam todas as manhãs com os seus melhores cheiros, e dizem sem pudor cousas mui galantes sobre as delicias da vida, porque eu não consinto que as cortem do pé. Hão de morrer onde nasceram.

Vendo o burro n'aquelle logar, lembrei-me de Lucius, o Lucius da Thessalia, que, só com mastigar algumas rosas, passou outra vez de burro a gente. Estremeci, e, — confesso a minha ingratidão, — foi menos pela perda das rosas, que pelo terror do prodigio. Hypocrita, como me cumpria ser, saudei o burro com grandes reverencias, e chamei-lhe Lucius. Elle abanou as orelhas, e retorquiú :

— Não me chamo Lucius.

Fiquei sem pinga de sangue; mas para não agravall-o com demonstrações de espanto, que lhe seriam duras, disse :

— Não? Então o nome de Vossa Senhoria...?

— Tambem não tenho senhoria. Nomes só se dão a cavallos, e quasi exclusivamente a cavallos de corridas. Não leu hoje telegrammas de Londres, noticiando que nas corridas de Oaks venceram os cavallos Fulano e Sicrano? Não leu a mesma cousa quinta-feira, a respeito das corridas de Epsom? Burro de cidade, burro que puxa bond ou carroça, não tem nome; na roça póde ser. Cavallo é tão adulado que, vencendo uma corrida na Inglaterra, manda-se lhe o nome a todos os cantos da terra. Não pense que fiz verso; ás vezes saem-me rimas da boca, e podia achar editor para ellas, se quizesse; mas não tenho ambições literarias. Fallo rimado, porque fallo poucas vezes, e atrapalho-me. Pois, sim, senhor. E sabe de quem é o

primeiro dos cavallos vencedores de Epsom, o que se chama Ladas? E' do proprio chefe do governo, lord Roseberry, que ainda não ha muito ganhou com elle dois mil guinéos.

— Quem é que lhe conta todas essas cousas inglezas?

— Quem? Ah! meu amigo, é justamente o que me traz a seus pés, disse o burro ajoelhando-se, mas levantando-se logo, a meu pedido. E continuou: Sei que o senhor se dá com gente de imprensa, e vim aqui para lhe pedir que interceda por mim e por uma classe inteira, que devia merecer alguma compaixão...

— Justiça, justiça, emendei eu com hypocrisia e servilismo.

— Vejo que me comprehende. Ouça-me; serei breve. Em regra, só se devia ensinar aos burros a lingua do paiz; mas o finado Greenough, o primeiro gerente que teve a companhia do Jardim Botânico, achou que devia mandar ensinar inglez aos burros dos bonds. Compreende-se o motivo do acto. Recem-chegado ao Rio de Janeiro, trazia mais vivo que nunca o amor da lingua natal. Era natural crer que nenhuma outra cabia a todas as creaturas da terra. Eu aprendi com facilidade...

— Como? Pois o senhor é contemporaneo da primeira gerencia?

— Sim, senhor; eu e alguns mais. Somos já poucos, mas vamos trabalhando. Admira-me que se admire. Devia conhecer os animaes de 1869 pela valente decrepitude com que, embora deitando a alma pela boca, puxamos os carros e os ossos. Ha nisto um resto da disciplina, que nos deu a primeira educação. Apanhamos, é verdade, apanhamos de chicote, de ponta de pé, de ponta de redea, de ponta de ferro, mas é só

quando as poucas forças não acodem ao desejo; os burros modernos, esses são teimosos, resistem mais á pancadaria. Afinal, são moços.

Suspirou e continuou :

— No meio de tanta afflicção, vale-nos a leitura, principalmente de folhas inglezas e americanas, quando algum passageiro as esquece no bond. Um d'elles esqueceu ante-hontem um numero do *Truth*. Conhece o *Truth*?

— Conheço.

— E' um periodico radical de Londres, continuou o burro, dando a força á noticia, como um simples homem. Radical e semanal. E' escrito por um cidadão, que dizem ser deputado. O numero era o ultimo, chegado de fresco. Mal me levaram á mangedoura, ou cousa que o valha, folheei o periodico de *Labouchère*... Chama-se *Labouchère* o redactor. O periodico publica sempre, em duas columnas, noticia comparativa das sentenças dadas pelos tribunaes londrinos, com o fim de mostrar que os pobres e desamparados têm mais duras penas que os que o não são, e por actos de menor monta. Ora, que hei de ler no numero chegado? Cousas d'estas. Um tal John Fearon Bell, convencido de maltratar quatro potros, não lhes dando sufficiente comida e bebida, do que resultou morrer um e ficarem tres em misero estado, foi condemnado a cinco libras de multa; ao lado desse vinha o caso de *Fuão Thompson*, que foi encontrado a dormir em um celeiro e condemnado a um mez de cadeia. Outra comparação. *Elliott*, acusado de maltratar dezeseis bezerros, cinco libras de multa e custas. *Mary Ellen Connor*, accusada de vagabundagem, um mez de prisão. *William Pope*, por não dar comida bastante a oito cavallos, cinco libras e custas. *William Dudd*, aprendiz de pescador,

réo de desobediencia, vinte e dois dias de prisão. Tudo mais assim. Um rapaz tirou um ovo de faisão de um ninho : quatorze dias de cadeia. Um senhor maltratou quatro vaccas, cinco libras e custas.

— Realmente, disse eu sem grande convicção, a differença é enorme...

— Ah ! meu nobre amigo ! Eu e os meus pedimos essa differença, por maior que seja. Condemnem a um mez ou um anno os que tirarem ovos ou dormirem na rua ; mas condemnem a cincoenta ou cem mil réis aquelles que nos maltratam por qualquer modo, ou não nos dando comida sufficiente, ou, ao contrario, dando-nos excessiva pancada. Estamos prontos a apanhar, é o nosso destino, e eu já estou velho para aprender outro costume ; mas seja com moderação, sem esse furor de cocheiros e carroceiros. O que o tal inglez acha pouco para punir os que são crueis connosco, eu acho que é bastante. Quem é pobre não tem vícios. Não exijo cadeia para os nossos oppressores, mas uma pequena multa e custas, creio que serão efficazes. O burro ama só a pelle ; o homem ama a pelle e a bolsa. Dê-se-lhe na bolsa ; talvez a nossa pelle padeça menos.

— Farei o que puder ; mas...

— Mas que ? O senhor afinal é da especie humana, ha-de defender os seus. Eia, falle aos amigos da imprensa ; ponha-se á frente de um grande movimento popular. O conselho municipal vai levantar um emprestimo, não ? Diga-lhe que, se lançar uma pena pecuniaria sobre os que maltratam burros, cobrirá cinco ou seis vezes o emprestimo, sem pagar juro, e ainda lhe sobrarão dinheiro para o theatro municipal, e para theatros parochiaes, se quizer. Ainda uma vez, respeitavel senhor, cuide um pouco de nós. Foram os homens que descobriram que nós eramos seus tios, senão

directos, por afinidade. Pois, meu caro sobrinho, é tempo de reconstituir a familia. Não nos abandone, como no tempo em que os burros eram parceiros dos escravos. Faça o nosso *treze de maio*. Lincoln dos teus maiores, segundo o evangelho de Darwin, expede a proclamação da nossa liberdade!

Não se imagina a eloquencia d'estas ultimas palavras. Cheio de enthusiasmo, prometti, pelo céu e pela terra, que faria tudo. Perguntei-lhe se lia o portuguez com facilidade; e, respondendo-me que sim, disse-lhe que procurasse a *Gazeta* de hoje. Agradeceu-me com voz lacrimosa, fez um gesto de orelhas, e sahiu do jardim vagarosamente, cai aqui, cai acolá.

CHOVENDO

1 de Julho

Quinta-feira de manhã fiz como Noé, abri a janella de arca e soltei um corvo. Mas o corvo não tornou, de onde inferi que as cataractas do céu e as fontes do abysmo continuavam escancaradas. Então disse commigo : As aguas hão de acabar algum dia. Tempo virá em que este diluvio termine de uma vez para sempre, e a gente possa descer e palmear a rua do Ouvidor e outros beccos. Sim, nem sempre ha-de chover. Veremos ainda o céu azul como a alma da gente nova. O sol, deitando fóra a carapuça, espalhará outra vez os grandes cabellos louros. Brotarão as hervas. As flores deitarão aromas capitosos.

Emquanto pensava, ia fechando a janella da arca e tornei depois aos animaes que trouxera commigo, á imitação de Noé. Todos elles aguardavam noticias do fim. Quando souberam que não havia noticia nem fim, ficaram desconsolados.

— Mas que diabo vos importa um dia mais ou menos de chuva? perguntei-lhes. Vocês aqui estão commigo, dou-lhes tudo; além da minha conversação, viveis em paz, ainda os que sois inimigos, lobos e cordeiros, gatos e ratos. Que vos importa que chova ou não chova?

— Senhor meu, disse-me um espadarte, eu sou grato, e todos os nossos o são, ao cuidado que tivestes em trazer para aqui uma piscina, onde podemos nadar e viver; mas piscina não vale o mar; falta-nos a onda grossa e as corridas de peixes grandes e pequenos, em que nos comemos uns aos outros, com grande alma. Isto que nos déstes, prova que tendes bom coração, mas nós não vivemos do bom coração dos homens. Vamos comendo, é verdade, mas comendo sem appetite, porque o melhor appetite...

Foi interrompido pelo gallo, que bateu as azas, e, depois de cantar tres vezes, como nos dias de Pedro, proferiu esta allocução :

— Pela minha parte, não é a chuva que me aborrece. O que me aborreceu desde o principio do diluvio, foi a vossa idéa de trazer sete casaes de cada vivente, de modo que somos aqui sete gallos e sete gallinhas, proporção absolutamente contraria ás mais simples regras da arithmetica, ao menos as que eu conheço, Não brigo com os outros gallos, nem elles commigo, porque estamos em treguas, não por falta de *casus belli*. Ha aqui seis gallos de mais. Se os mandassemos procurar o corvo?

Não lhe dei ouvidos. Fui d'ali ver o elephante enroscando a tromba no surucucú, e o surucucú enroscando-se na tromba do elephante. O camello esticava o pescoço, procurando algumas leguas de deserto, ou, quando menos, uma rua do Cairo. Perto delle, o gato e o rato ensinavam historia um ao outro. O gato dizia que a historia do rato era apenas uma longa serie de violencias contra o gato, e o rato explicava que, se perseguia o gato, é porque o queijo o perseguia a elle. Talvez nenhum d'elles estivesse convencido. O sabiá suspirava. A um canto, a lagartixa, o lagarto e o crocodilo

palestravam em familia. Cousa digna da attenção do philosopho é que a lagartixa via no crocodilo uma formidavel lagartixa, e o crocodilo achava na lagartixa um crocodilo mimoso; ambos estavam de accordo em considerar o lagarto um ambicioso sem genio (versão lagartixa) e um presumido sem graça (versão crocodilo).

— Quando lhe perguntam pelos avós, observou o crocodilo, costuma responder que elles foram os mais bellos crocodilos do mundo, o que póde provar com papiros antiquissimos e authenticos...

— Tendo nascido, concluiu a lagartixa, tendo nascido na mais humilde fenda de parede, como eu... Crocodilo de bobagem!

— Notai que elle falla muito do lótó e do nenufar, refere casos do hipopotamo, para enganar os outros, mas confunde Cleopatra com o Khediva e as antigas dynastias com o governo inglez...

Tudo isso era dito sem que o lagarto fizesse caso. Ao contrario, parecia rir, e costeava a parede da arca, a ver se achava algum calor de sol. Era então sexta-feira, á tardinha. Pareceu-me vêr por uma fresta uma linha azul. Chamei uma pomba e soltei-a pela janella da arca. N'isto chegou o burro, com uma aguia pouxada na cabeça, entre as orelhas. Vinha pedir-me, em nome das outras alimarias, que as soltasse, qualquer que fosse o risco. Fallou-me teso e quieto, não tanto pela circumspecção da raça, como pelo medo, que me confessou, de ver fugir-lhe a aguia, se mexesse muito a cabeça. E dizendo-lhe eu que acabava de soltar a pomba, agradeceu-me e foi andando. Pelas dez horas da noite, voltou a pomba com uma flor no bico. Era o primeira signal de que as aguas iam descendo.

— As aguas são ainda grandes, disse-me a pomba, mas parece que foram maiores. Esta flôr não foi colhida de herva, mas atirada pela janella fóra de uma arca, cheia de homens, porque ha muitas arcas boiando. Esta de que fallo, deitou fóra uma porção de flores, colhi esta que não é das menos lindas.

Examinei a flôr; era de rhetorica. Nenhum dos animaes conhecia tal planta. Expliquei-lhes que era uma flôr de estufa, producto da arte humana, que ficava entre a flôr de panno e a da campina. Ha-de haver alguma academia ahi perto, conclui, academia ou parlamento.

Hontem, sobre a madrugada, tornei a abrir a janella e soltei outra vez a pomba, dizendo aos outros que, se ella não tornasse, era signal de que as aguas estavam inteiramente acabadas. Não voltando até o meio dia, abri tudo, portas e janellas, e despejei toda aquella creação n'este mundo. Desisto de descrever a alegria geral. As borboletas e as aranhas iam dansando a tarantella, a vibora adornava o peçoço do cão, a gazella e o urubú, de aza e braço dados, voavam e saltavam ao mesmo tempo... Viva o diluvio! e viva o sol!

*
* *

O PUNHAL DE MARTINHA

5 de Agosto.

Quereis vêr o que são destinos? Escutai. Ultrajada por Sexto Tarquinio, uma noite, Lucrecia resolve não sobreviver á deshonra, mas primeiro denuncia ao marido e ao pai a aleivosia d'aquelle hospede, e pede-

lhes que a vinguem. Elles juram vinga-la, e procuram tira-la da afficção dizendo-lhe que só a alma é culpada, não o corpo, e que não ha crime onde não houve asquieciencia. A honesta moça fecha os ouvidos á consolação e ao raciocinio, e, sacando o punhal que trazia escondido, embebe-o no peito e morre. Esse punhal podia ter ficado no peito da heroína, sem que ninguem mais soubesse d'elle; mas, arrancado por Bruto, serviu de lábaro á revolução que fez baquear a realza e passou o governo á aristocracia romana. Tanto bastou para que Tito Livio lhe dêsse um logar de honra na historia, entre energicos discursos de vingança. O punhal ficou sendo classico. Pelo duplo character de arma domestica e publica, serve tanto a exaltar a virtude conjugal, como a dar força e luz á eloquencia politica.

Bem sei que Roma não é a Cachoeira, nem as gazetas d'essa cidade bahiana podem competir com historiadores de genio. Mas é isso mesmo que deploro. Essa parcialidade dos tempos, que só recolhem, conservam e transmittem as acções encommendadas nos bons livros, é que me entristece, para não dizer que me indigna. Cachoeira não é Roma, mas o punhal de Lucrecia, por mais digno que seja dos encomios do mundo, não occupa tanto logar na historia, que não fique um canto para o punhal de Martinha. Entretanto, vereis que esta pobre arma vai ser consumida pela ferrugem da obscuridade.

Martinha não é certamente Lucrecia. Parece-me até, se bem entendo uma expressão do jornal *A Ordem*, que é exactamente o contrario. « Martinha (diz elle) é uma rapariga franzina, moderna ainda, e muito conhecida n'esta cidade, de onde é natural. » Se é moça, se é natural da Cachoeira, onde é muito

conhecida, que quer dizer *moderna*? Naturalmente quer dizer que faz parte da ultima leva de Cythera. Esta condição, em vez de prejudicar o paralelo dos punhaes, dá-lhe maior realce, como ides ver. Por outro lado, convém notar que, se ha contraste das pessoas, ha uma coincidência de logar : Martinha mora na rua do Pagão, nome que faz lembrar a religião da esposa de Collatino. As circumstancias dos dois actos são diversas. Martinha não deu hospedagem a nenhum moço de sangue régio ou de outra qualidade. Andava a passeio, á noite, um domingo do mez passado. O sexto Tarquinio da localidade, christãmente chamado João, com o sobrenome de Limeira, aggreduiu e insultou a moça, irritado naturalmente com os seus desdens. Martinha recolheu-se á casa. Nova aggressão, á porta. Martinha, indignada, mas ainda prudente, disse ao importuno : « Não se aproxime, que eu lhe furo. » João Limeira aproximou-se, ella deu-lhe uma punhalada, que o matou instantaneamente.

Talvez esperasseis que ella se matasse a si propria. Esperarieis o impossivel, e mostrarieis que me não entendestes. A differença das duas acções é justamente a que vai do suicidio ao homicidio. A romana confia a vingança ao marido e ao pai. A cachoeirense vingase por si propria, e, notai bem, vingase de uma simples intenção. As pessoas são desiguaes, mas força é dizer que a acção da primeira não é mais corajosa que a da segunda, sendo que esta cede a tal ou qual subtilidade de motivos, natural d'este seculo complicado.

Isto posto, em que é que o punhal de Martinha é inferior ao de Lucrecia? Nem é inferior, mas até certo ponto é superior. Martinha não profere uma frase de Tito Livio, não vai a João de Barros, alcunhado o

Tito Livio portuguez, nem ao nosso João Francisco Lisboa, grande escritor de igual valia. Não quer sanefas literarias, não ensaia attitudes de tragedia, não faz d'aquelles gestos oratorios que a historia antiga põe nos seus personagens. Não; ella diz simplesmente e incorrectamente: «Não se aproxime, que eu lhe furo». A palmatoria dos grammaticos pôde punir essa expressão; não importa, o *eu lhe furo* traz um valor natal e popular, que vale por todas as bellas frases de Lucrecia. E depois, que tocante euphemismo! Furar por matar; não sei se Martinha inventou esta applicação; mas, fosse ella ou outra a autora, é um achado do povo, que não manuseia tratados de rhetorica, e sabe ás vezes mais que os rhetoricos de officio.

Com tudo isso, arrojo de acção, defesa propria, simplicidade de palavra, Martinha não verá o seu punhal no mesmo feixe de armas que os tempos resguardam da ferrugem. O punhal de Carlota Corday, o de Ravailiac, o de Booth, todos esses e ainda outros farão cortejo ao punhal de Lucrecia, luzidios e prontos para a tribuna, para a dissertação, para a palestra. O de Martinha irá rio abaixo do esquecimento. Taes são as cousas deste mundo! Tal é a desigualdade dos destinos!

Se, ao menos, o punhal de Lucrecia tivesse existido, vá; mas tal arma, nem tal acção, nem tal injuria, existiram jámais, é tudo uma pura lenda, que a historia metteu nos seus livros. A mentira usurpa assim a corôa da verdade, e o punhal de Martinha, que existiu e existe, não logrará occupar um logarsinho ao pé do de Lucrecia, pura ficção. Não quero mal ás ficções, amo-as, acredito n'ellas, acho-as preferiveis ás realidades; nem por isso deixo de philosophar sobre o destino das cousas tangiveis em comparação com as imagina-

rias. Grande sabedoria é inventar um passaro sem azas, descreve-lo, faze-lo ver a todos, e acabar acreditando que não ha passaros com azas... Mas não falemos mais em Martinha.

* * *

19 de Agosto.

Tem havido grandes cercos e entradas da policia em casas de jogo. Systematicamente, a autoridade procura dispersar os religionarios da Fortuna, e trancar os antros da perdição. Esta phrase não é nova, mas o vicio tambem é velho, e não se põe remendo novo em panno velho, diz a Escritura. Já se jogava no tempo da Escritura; lançaram-se dados sobre a tunica de Jesus Christo. Na China, em que ha tudo desde muitos milhares de annos, é provavel que o jogo se perca na noite dos tempos. Mahomet, que tinha algumas partes de grande homem, apesar de ser o proprio cão tihoso, consentiu o uso do xadrez aos seus arabes, e fez muito bem; é um jogo que não admite quinielas, e, apesar de ter cavallos, não se dá ao aperfeiçoamento da raça cavallar, como os varios derbys d'este mundo.

Antes de ir adiante, deixem-me pôr aqui uma observação que fiz e me pareceu digna de nota. Compilador do seculo vinte, quando folheares a collecção da *Gazeta de Noticias*, do anno da graça de 1894, e deres com estas linhas, não vás adiante sem saber qual foi a minha observação. Não é que lhe attribua nenhuma mina de ouro, nem grande merito; mas ha de ser

agradavel aos meus manes saber que um homem de 1944 dá alguma attenção a uma velha chronica de meio seculo. E se lebares a piedade ao ponto de escrever em algum livro ou revista : « Um escritor do seculo XIX achou um caso de côr local que não nos parece destituído de interesse... », se fizeres isto, podes accrescentar como o soldado da canção francesa :

Du haut du ciel, — ta demeure dernière, —
Mon colonel, tu dois être content.

Sim, meu joven capitão, ficarei contente, desde ja te abenço, compilador do seculo vinte; mas vamos á minha observação.

A marcha ordinaria da policia é entrar na casa, apprehender a roleta, as cartas, os dados, multar o dono em quinhentos mil réis e sahir. Emquanto ella entra, os freguezes escondem-se ou fogem pelos muros ou pelos telhados. O dono da casa raramente foge; affeito á guerra, sabe que recebeu um balazio, e força é deixar algum sangue. Quando, porém, acontece serem todos apanhados entre o 10 e o 22, ou entre a sota e o az, parece que ha gestos de acatamento e consideração. E' quasi provavel que, terminada a acção policial, todos elles acompanhem os agentes até o patamar, com reverencias.

Ora bem; telegrammas de Hespanha dizem que a policia deu em uma casa de jogo de Madrid, onde achou muitos fidalgos. Que pensaes que fizeram os freguezes? Que fugiram pelos fundos ou pelos telhados? Não, senhor; os freguezes correram aos trabucos que haviam trazido comsigo e travaram combate com a policia. Não dizem os telegrammas se venceram ou foram vencidos; nem quantos morreram. Tambem não quero sabe-lo. O que me importa em tudo isso é

a côr local. Vêde bem como estamos na Hespanha. Um fidalgo, que terá talvez o direito de se cobrir diante do rei, jámais consentirá que um alguazil lhe deite mão ao hombro, e primeiro a decepará com uma bala.

Essa noticia, que parece nada, explica o fracasso da nossa Opera Nacional. O caso da tavolagem de Madrid daria nas mãos de um Merimée uma novela como a *Carmen*, de onde viria um maestro extrahir uma opera. Os hespanhóes tem a sua opera, que é a zarzuela. Não lhes hão-de faltar assuntos, pois que sabem fugir da realidade chata das lutas incruentas, e os bons fidalgos defendem o rei de copas com o mesmo brio e prontidão com que defenderiam o rei da Hespanha. Como fazemos a mesma cousa? Não só não ha trabucos nas nossas casas de jogo, mas as proprias bengalas são esquecidas nos momentos de crise. Ao primeiro apito, pernas. Ao primeiro vulto, muros. Quando succede faltarem as pernas e os muros, sobram sorrisos e barretadas. Nunca deixarei de approvar uma attitude ou um movimento que exprima respeito á autoridade e reconhecimento implicito do erro; mas com isto fazem-se catechismos, apologos moraes e partes de policia. Operas é que não.

Explicado assim o fracasso da nossa Opera Nacional, deixem-me confessar que nem tudo são Operas n'este mundo. Ha palavras sem musica. D'ahi as nossas diligencias, que, se perdem pelo lado esthetic, lucram pelo lado moral. Por isso mesmo, convém apoiar-las. Toda repressão é pouca. Se, porém, basta o zelo da autoridade e a energia dos seus agentes, não sei. Póde succeder que a acção da policia seja igual á das Danaides, e que o immenso tonel não chegue a depositar um litro de agua. Primeiro seria preciso

calafeta-lo, afim de que a agua não se escoe da rua do Lavradio para a dos Invalidos. Onde está, porém, esse tanoeiro cyclopico?

Não induzam d'aqui que eu quero ver interrompido o serviço das Danaides, nem concluem da citação do telegramma de Madrid que approvo o uso do trabuco. Não, Deus meu; tanto não quero uma cousa, nem approvo outra, que applaudo ambas as contrarias. E perdõem-me se insisto n'este ponto. Nem todos os leitores concluem logicamente. Muitos ha que, se alguém acha o Rangel mais elegante que o Bastos, exclamam convencidos;

— Ah! já sei, é amigo do Rangel!

E todo o tempo é pouco para replicar':

— Não, homem de Deus, não sou amigo nem inimigo do Rangel; creio até que elle me deve dez tostões. O que digo, é que, comparado com o Bastos, o Rangel é mais elegante.

— Pobre Bastos! Odio velho não cança. Por que não confessa logo que o detesta?

— Mas eu não detesto o Bastos; sympathiso até com elle, e, se bem me lembro, devo-lhe um favor, não pequeno, aqui ha annos, tanto mais digno de lembrança quanto foi espontaneo...

— Mas por que lhe chama lapuz?

— Que lapuz? Não disse tal. Disse que acho o Rangel mais elegante...

— Que o adora, em summa.

Não ha sahir d'aqui. O melhor, em taes casos, é calar a boca, ou encerrar o escrito, se se escreve. Viva Deus! Creio que está finda a chronica.

*
* **2 de Setembro.*

Acabo de lêr que os conductores de bonds tiram annualmente para si, das passagens que recebem, mais de mil contos de réis. Só a companhia do Jardim Botânico perdeu por essa via, no anno passado, trescentos e sessenta contos. Escrevo por extenso todas as quantias, não só por evitar enganos de impressão, faceis de dar com algarismos, mas ainda para não assustar logo á primeira vista, se os numeros sahirem certos. Póde acontecer tambem, que taes numeros, sendo grandes, gerem incredulidade, e nada mais duro que escrever para incredulos.

Parece que as companhias têm experimentado varios meios de fiscalisar a cobrança, sem claro effeito. Attribute-se ao finado Miller, gerente que foi da companhia do Jardim Botânico, um dito mais gracioso que verdadeiro, assás expressivo do scepticismo que distinguia aquelle amavel allemão. Dizia elle (se é verdade) que, pondo fiscaes aos conductores, comiam conductores e fiscaes, e assim era melhor que só comessem conductores. Ha n'isso parcialidade. Ou o spiritismo é nada, ou Miller foi conductor de bond em alguma existencia anterior, e d'ahi essa protecção exclusiva a uma classe. Não haveria bonds, mas havia homens. Miller terá sido conductor de homens, os quaes, juntos em nação formam um vasto bond, ora atolado e parado, como a China, ora tirado por electricidade, como o Japão.

Mas eu não creio que Miller tenha dito semelhante

couza; ha de ser invenção do cocheiro. Ninguem accusa o cocheiro de connivencia na subtracção dos mil e tantos contos, sendo aliás certo que, no organismo politico e parlamentar do bond, elle é o presidente do conselho, o chefe do gabinete. O conductor é o rei constitucional, que reina e não governa, os passageiros são os contribuintes. Que o conductor não governa, vê-se a todo instante pela desatencção do cocheiro á campainha, que o manda parar. « Advirta Vossa Magestade, diz o cocheiro com o gesto, que a responsabilidade do governo é minha, e eu só obedeco á vontade do parlamento, cujas redeas levo aqui seguras. » Segundo toque de campainha recommenda ao chefe do gabinete que, n'esse caso, peça ás camaras um voto de approvação. » Perfeitamente », responde o cocheiro, e requer o voto com duas fortes lambadas. O parlamento, cioso das suas prerogativas, empaca; é justamente a occasião que o passageiro agil e sagaz aproveita para descer e entrar em casa.

Não é preciso demonstrar que as sociedades anonymas, como as politicas, são outros tantos bonds, e se Miller não foi conductor de alguma destas, é que o foi de alguma daquellas. Mas deixemos supposições gratuitas. Ninguem jura ter ouvido ao proprio Miller as palavras que a lenda lhe attribue. Que ficam ellas valendo? Valem o que valem outras tantas palavras historicas. Não percamos tempo com ficções.

Vamos antes a duas especies de subtracção, que devem ser contadas na somma total, — uma contra as companhias, outra contra os passageiros. A primeira é rara, mas existe, como as anomalias do organismo. Tem-se visto algum passageiro riar modestamente do bolso o nikel da passagem, — ou não tira-lo, (ha duas escolas) — e ir olhando cheio de

melancolia para as casas que lhe ficam á direita ou á esquerda, segundo a ponta do banco em que está. Os olhos derramam idéas tristes. Se o conductor, distrahido ou atrapalhado na cobrança, não convida o passageiro a idéas chistosas, dá-se este por pago, e o níkel torna surdamente para a algibeira de onde sahiu, ou, se não sahiu, lá fica.

A segunda especie de subtracção é tambem rara, e ainda mais prejudicial ao passageiro que á companhia. Consiste em pedir o conductor ao passageiro que espere o troco da nota que este lhe deu. A's vezes nem é preciso pedir, faz um gesto ou não faz nada : subentende-se que toda nota tem troco. O passageiro prosegue na leitura ou na conversação interrompida, se não vai simplesmente pensando na instabilidade das cousas d'esta vida. Acontece que chega a casa ou á esquina da rua em que mora, e manda parar o bond. Igualmente sensível ao aspecto melancolico das habitações humanas, o conductor toca machinalmente a campainha, e o homem desce, louvando ainda uma vez esta conducção tão barata, que lhe permite ir por um tostão do largo de S. Francisco ao campo de S. Christovão.

Este segundo caso é de consciencia. Com effeito, se o conductor não deu troco ao passageiro, ha-de entregar a nota á companhia? Não; seria fazer com que ella cobrasse dez vezes a mesma passagem. Ha-de trocar a nota para entregar só a passagem e ficar com o resto? Seria legitimar uma divisão criminosa. Ha-de annunciar a nota? Seria publicar a sua propria distracção, e demais arriscar o emprego, cousa que um pai de família não deve fazer. A unica solução é guardar tudo.

Mas ainda, sem estes dois elementos, parece que a

perda annual é grande, e algum remedio é necessario. A idéa de interessar os proprios passageiros, ligados por um laço de caridade, póde ser fecunda, e, em todo caso, é elevada. O unico receio que tenho, é da pouca persistencia nossa, por preguiça de animo ou outra cousa. O interesse é mais constante. José Rodrigues, a quem consultei sobre esta materia, disse-me que isto de perder são os onus do officio; tambem a companhia de que elle tinha *debentures*, perdeu-os todos. Mas lembrou-me um meio engenhoso e util : incumbir os accionistas de vigiarem por seus proprios olhos a cobrança das passagens. Interessados em recolher todo o dinheiro, serão mais severos que ninguem, mais pontuaes, não ficará vintem nem conto de réis fóra da caixa.

* * *

9 de Setembro.

A morte de Mancinelli deu logar a uma observação, naturalmente tão velha ou pouco menos velha que o mundo, a saber, que o homem é um animal de sonhos e mysterios. Não gosta das verdades simples. Assim, relativamente ao motivo do suicidio, ouvi muitas versões remotas e complicadas. A mais espantosa foi que Mancinelli estava com ordem de prisão, por ter mandado lançar fogo ao Polytheama, e recorrera á morte, não por desespero, mas por temor.

Confessemos que é ir um pouco longe. Entretanto, façamos justiça aos homens, a realidade era mais difficil de crer que a invenção e a fantasia. Um empresario que se mata por não poder pagar aos credores, orça pela phenix e pela Sibylla. Era natural não

admittir que, em tal situação, um empregado prefira a bala ao paquete. O paquete é a solução commum, mas também ha casos de simples discurso explicativo, palavras duras, uma reducção, uma convenção, uma infracção e o silencio. Não me lembra nenhum caso mortal.

O pobre e fino artista foi o primeiro, e por muitos e muitos annos será o unico, porque eu não creio que nenhum outro, nas mesmas condições, se metta tão cedo em tal officio, para o qual não basta o sentimento da arte. Não o conheci de perto, nem de longe, mas parece que era profundamente sensivel, tinha o orgulho alto, o pundonor agudo e o sentimento da responsabilidade vivissimo. Não podendo lutar, preferiu a morte, que se lhe afigurou mais facil que a vida e mais necessaria também.

Ha justamente um mez, deu-se em Oxford um suicidio, que, a certo respeito, é o de Mancinelli. Foi o de John Mowat. Este erudito era bibliothecario da Universidade. Nomeado membro do Congresso das sciencias que ali se reunia agora, teve medo de não poder desempenhar cabalmente o mandato, pegou de uma corda e enforcou-se. Sabia-se que era homem de grande impressibilidade. Vivendo feliz, socegado, entregue aos livros, temeu cá fóra um fiasco. Compreendendo que a gente ingleza também recusasse tal motivo, e preferisse crer, visto tratar-se de um bibliothecario que elle deitára fogo á bibliotheca de Alexandria.

Realmente, matar-se um homem por suspeitar que póde ficar abaixo de um cargo é cousa que, ainda escrita, ninguem crê; parece uma pagina de Swift. Antes de tudo, esse sentimento de inferioridade é rarissimo. Quando existe, fica tão fundo na consciencia, que só o olho perspicaz do observador póde sen-

ti-lo e palpa-lo cá de fora. A apparencia é contraria; o ar da pessoa, o tom, o aspecto, tudo persuade á multidão que o cargo é que é pequeno. A verdade, porém, é que Mowat matou-se por causa d'essa modestia doentia, quando o seu dever era ser sadio e forte, crêr que podia arrancar uma estrella do céu, e, obrigado a faze-lo, tira-la da algibeira.

N'um e n'outro caso, como nos demais, surge a questão de saber se o suicidio é um acto de coragem ou de fraqueza. Questão velha. Tem sido muito discutida, como a de saber qual é maior, se Cesar ou Napoleão; mas esta é mais recente e indigena. Póde dizer-se que os dois grandes homens equilibram-se, nos votos, mas a questão do suicidio é antes resolvida no sentido da fraqueza que no da coragem. E' um problema psychologico facil de tratar entre o largo do Machado e o da Carioca. Se o bond fôr electrico, a solução é achada em metade do caminho.

Segundo os canones, o suicidio é um attentado ao Creador, e o nosso primeiro e recente arcebispo aproveitou o caso Mancinelli para lembra-lo aos parochos e a todo o clero, e consequentemente que os suffragios ecclesiasticos são negados aos que se matam. A circular de D. João Esberard é sobria, energica e verdadeira; recorda que a sociedade civil e a philosophia condemnam o suicidio, e que a natureza o considera com horror. No mesmo dia da expedição da circular (quinta-feira), um homem que padecia de molestia dolorosa ou incuravel, talvez uma e outra cousa, recorreu á morte como á melhor das tisanas. Supponho que não terá lido a palavra do prelado; mas outros suicidas virão depois d'ella, pois que os canones são mais antigos, a philosophia tambem, e mais que todos a natureza.

Conta Plutarcho que houve, durante algum tempo,

em Mileto uma cousa que elle chama conjuração, mas que eu, mais moderno, direi epidemia, e era que as moças do logar entraram a matar-se umas após outras. A autoridade publica, para acudir a tamanho perigo, decretou que os cadaveres das moças que d'ali em diante se matassem, seriam arrastados pelas ruas, inteiramente nus. Cessaram os suicidios. O pudor acabou com o que não puderam conselhos nem lagrimas. A privação dos suffragios ecclesiasticos é assaz forte para os crentes, embora não seja sempre decisiva; mas a incredulidade do seculo e a frouxidão dos proprios crentes hão-de tornar improficua muita vez a intervenção do prelado.

Pela minha parte, estou com os canones, com a philosophia, com a sociedade e com a natureza, sem negar que são dois belos versos aquelles com que o poeta Garção fecha a ode que compoz ao suicidio :

Todos podem tirar a vida ao homem,
Ninguem lhe tira a morte.

Convenho que a morte seja propriedade inalienavel do homem, mas ha-de ser com a condição de a conservar inculta, de lhe não metter arado nem enxada. Condição que não se póde crer segura, nem geralmente acceita. São materias complicadas, longas, e cada vez sinto menos papel debaixo da penna. Enchamos o que falta com uma revelação e uma observação.

A revelação é um grito d'alma que ouvi, quando a noticia do suicidio de Mancinelli chegou a um logar onde estavamos eu e um amigo. « Ora pilulas ! bradou este meu amigo; é outro emprezario que me leva a assignatura. » Consolei-o dizendo que as assignaturas do theatro lirico, perdidas ou interrompidas neste mundo são pagas em tresdobro no céo. A esperanza de ouvir

eternamente os *Huguenotes* e o *Lohengrin* alegrou a alma diletante e christã do meu amigo. Disse-lhe que os anjos, como a eternidade é longa, estudam as operas todas, para indemnisação das algibeiras e dos ouvidos defraudados pelo suicidio ou pelo paquete; accrescendo que os maestros no céu serão os regentes da orchestra das suas operas, menos os judeus, que poderão mandar pessoa de confiança.

Quanto ao reparo, é um pouco velho, mas serve. Verificou-se ainda uma vez a supremacia da musica em nossa alma. Certamente, as circumstancias da morte de Mancinelli, as qualidades sympathicas do homem, os dons do artista, a honradez do character, contribuíram muito para o terrível effeito da noticia. Creio, porém, que uma parte do effeito originou-se na condição de empregario lyrico. A verdade é que nós amamos a musica sobre todas as cousas e as primadonas como a nós mesmos.

* * *

16 de Setembro.

Que boas que são as semanas pobres! As semanas ricas são ruidosas e enfeitadas, aborreciveis, em summa. Uma semana pobre chega á porta do gabinete, humilde e medrosa :

— Meu caro senhor, eu pouco tenho que lhe dar. Trago as algibeiras vasias; quando muito, tenho aqui esta cabeça quebrada, a cabeça do Mathias...

— Mas que quero eu mais, meu amigo? Uma cabeça é um mundo... Mathias, que Mathias?

— Mathias, o leiloeiro que passava hontem pela rua de S. José, escorregou e cahiu... Foi uma casca de banana.

— Mas ha cascas de banana na rua de S. José?

— Onde é que não ha cascas de bananas? Nem no céo, onde não se come outra fructa, com toda certeza, que é fructa celestial. Mate-me Deus com bananas. Gosto dellas cruas, com queijo de Minas, assadas com assucar, assucar e canella... Dizem que é mui nutritiva.

Confirmo este parecer, e ahi vamos nós eu e a semana pobre, papel abaixo, fallando de mil cousas que se ligam á banana, desde a botanica até á politica. Tudo sae de cabeça do Mathias. Não ha tempo nem espaço, ha só eternidade e infinito, que nos levam consigo; vamos pegando aqui de uma flôr, ali de uma pedra, uma estrella, um raio, os cabellos de Medusa, as pontas do diabo, microbios e beijos, todos os beijos que se têm consumido neste mundo, todos os microbios que nos têm consumido, até que damos por nós no fim do papel. São assim as semanas pobres.

Mas as semanas ricas! Uma semana como esta que hontem acabou, farta de successos, de aventuras, de palavras, uma semana em que até o cambio começou a esticar o pescoço póde ser boa para quem gostar de bulha e de acontecimentos. Para mim que amo o socego e a paz é a peor de todas as visitas. As semanas ricas exigem varias cerimoniaes, algum serviço, muitas cortezias. Demais, são trapalhonas, despejam as algibeiras sem ordem e a gente não sabe por onde lhes pegue, tantas e taes são as cousas que trazem consigo. Não ha tempo de fazer estylo com ellas, nem abrir a porta á imaginação. Todo elle é pouco para acudir aos factos.

— Como é que V. Ex. poude vir tão carregada assim, não me dirá?

— Não é tudo.

— Ainda ha mais factos?

— Tenho-os ali fóra, na carruagem; trouxe commigo os de maior melindre, vou mandar trazer os outros pelo lacaio... Pedro!

— Não se incommode V. Ex.; eu mando o José Rodrigues. José Rodrigues! Vá ali á carruagem desta senhora e traga os pacotes que lá achar. Vêm todos em pacotes?

— Todos, menos o edificio da Fabrica das Chitas que afinal recebeu o ultimo piparote do tempo e cahiu. Pelo resultado, podemos dizer que foi o dedo da Providencia que o deitou abaixo; não matou ninguem. Imagine se o bond que descia passasse no momento de cahir o monstro, e que o homem que queria ir ver na casa arruinada a cadella que dava leite aos filhos houvesse chegado ao logar onde estavam os cães. Que desastre, santo Deus! que terrivel desastre!

— Terrivel, minha senhora? Não nego que fosse feio, mas o mal seria muito menor que o bem. Perdão; não gesticule antes de ouvir até o fim... Repito que o bem compensaria o mal. Imagine que morria gente, que havia pernas esmigalhadas, ventres estripados, craneos arreventados, lagrimas, gritos, viuvas, orfãos, angustias, desesperos... Era triste, mas que commoção publica! que assunto fertil para tres dias! Recorde-se da Mortona.

— Que Mortona?

— Creio que houve um desastre d'este nome; não me lembro bem, mas foi negocio em que se fallou tres dias. Nós precisamos de commoções publicas, são os banhos electricos da cidade. Como du-

ram pouco, devem ser fortes. Olhe o caso Mancinelli...

— A minha mana mais velha é que o trouxe consigo. Foi um suicidio, creio?

— Foi, foi um horrivel suicidio que abalou a cidade em seus fundamentos. No dia da morte, cerca de mil pessoas foram ver o cadaver do triste empresario. Quando se deu o primeiro spectaculo a favor dos artistas, acudiram ao theatro dezeseite pessoas, não contando os porteiros, que entram por officio. Não ha que admirar n'essa differença de algarismos; as commoções fortes são naturalmente curtas. Fortes e longas, seriam a mais horrivel das nevroses. Foi uma pena não ter passado um bond cheio de gente na occasião em que ruiu a Fabrica das Chitas; cheio de gente, isto é, de crianças sem mãis, maridos sem esposas, viuvas costureiras, sem os filhos, e muitos passageiros, muitos pingentes, como dizem dos que vão pendurados nos estribos incommodando os outros. Creia V. Ex.; uma vez que os homens já não compõem tragedias, é preciso que Deus as faça, para que este theatro do mundo varie de spectaculo. Tudo fandango, minha senhora! Seria de mais.

— Como o senhor é perverso!

— Eu? Mas...

— Vamos aos outros successos d'estes sete dias; trago muitos.

— Perdão; quero primeiro lavar-me da pécha que me pôz. Eu perverso?

— Damnado.

— Eu damnado? Mas em que é que sou damnado e perverso? Não lhe disse, note bem, que eu faria ruir o edificio da Fabrica das Chitas, quando passasse o bond, mas que era bom que elle ruisse quando o bond passasse. Ha um abysmo...

— Pois sim; vamos ao 'mais. Aqui estão dois factos importantes.

— ...um grande abysmo. Nem fallo só pelos outros, mas tambem por mim. Não tenho duvida em confessar que o spectaculo de uma perna alanhada, quebrada, ensanguentada, é muito mais interessante que o da simples calça que a veste. As calças, esses simples e banaes canudos de panno, não dão commoção. As proprias calças femininas, quando commovem, não é por serem calças...

— Vamos aos successos.

— ... mas por serem calças calçadas. E' outro abysmo. Repare que hoje só vejo abysmos. Ha uma chuva de abysmos; a imagem não é boa, mas que ha bom n'este seculo, minha senhora, excluindo a occupação do Egypto? Dizem que se descobriu um elemento novo. Talvez seja falso, mas póde ser que não; tudo é relativo. O relativo é inimigo do absoluto; o absoluto, quando não é Deus, é (com licença) o tenor que canta as glorias divinas. Começo a variar, minha senhora; não me sinto bem...

— Então acabemos depressa; é tarde, preciso retirar-me.

— ...se é que não estou peor. O peor é inimigo do bom, dizem; mas os dictionarios negam absolutamente essa proposição, e eu vou com elles...

— Oh! o senhor faz-me nervosa!

— ...não só por serem dictionarios, mas por serem livros grossos. Oh! V. Ex. não sabe o que são esses livros altos e de ponderação. Os dictionarios, se não são eternos, deviam se-lo. Uma só lingua, um só dictionario, e eterno; era o ideal da systematisação. A systematisação é, para falar verdade...

— Não posso mais, adeus!

— José Rodrigues, fecha a porta; se esta senhora voltar, dize-lhe que sahi. Ah!

* * *

23 de Setembro.

Os depoimentos d'esta semana complicaram de tal maneira o caso da bigamia Louzada, que é impossivel destrinça-lo, sem o auxilio de uma grande doutrina. Essa doutrina, eu, que algumas vezes me ri d'ella, venho proclama-la bem alto, como a ultima e verdadeira.

Com effeito, vimos que a primeira mulher do capitão é negada por elle, que affirma ser apenas sua cunhada. Outros, porém, dizem que a primeira mulher é esta mesma que ahí está, e quem o diz é o vigario, que os casou em 1870, e o padrinho, que assistiu á cerimonia. Mas eis ahi surge a certidão de obito e o numero da sepultura da primeira esposa, que, de outra parte, são negadas, porque a pessoa morta não é a mesma e tinha nome diverso. Ha assim uma pessoa enterrada e viva, mulher, cunhada e estranha, um enigma para cinco policias juntas, quanto mais uma.

Vinde, porém, ao espiritismo, e vereis tudo claro como agua. Eu não crio espiritismo até junho ultimo quando li na *União Espirita* que, ha annos, um distincto juriconsulto nosso, antigo deputado por Matto Grosso, consentiu em assistir a uma experiencia. Foi invocado o espirito da sogra do deputado e respondeu o Marquez de Abaeté: « Meu amigo; o espiritismo é uma verdade. Abaeté. » Cahiram-me as cataractas dos

olhos. Certamente o caso não era novo; mais de uma resposta d'essas apparecem, que eu sempre attribui á simulação. A circumstancia, porém, da assignatura é que me clareou a alma, não só porque o marquez era homem verdadeiro, mas ainda porque o espirito assignara, não o seu nome de baptismo, mas o titulo nobiliario. Se houvesse charlatanismo, teria sahido o nome de Antonio, para fazer crer que os espiritos desencarnados deixam n'este mundo todas as distincções. A assignatura do titulo prova a authenticidade da resposta e a verdade da doutrina.

Sendo a doutrina verdadeira, está explicada a confusão da esposa, da cunhada e da senhora estranha, que se dá no processo do capitão, porquanto os doutores da escola ensinam que os espiritos renascem muita vez tortos, isto é, os filhos encarnam-se nos pais das mãis, e não é raro ver um menino voltar á este mundo filho de um primo. D'ahi essa complicação de pessoas, que a policia não deslindará nunca, sem o auxilio d'esta grande doutrina moderna e eterna.

Converta-se a policia. Não ha desdouro em abraçar a verdade, ainda que outros a contestem; todas as grandes verdades acham grandes incredulos. Demais, a doutrina é consoladora. A resposta do marquez prova que os homens, de envolta com a carne, que é materia, não deixam o titulo, que é uma fórma particular de espirito. Quando o Japão começou a ter espirito, não adoptou só o regimen parlamentar, nacionalisou tambem os condes, e lá tem, entre outros, o seu conde Ito, que dizem ser estadista eminente. A China, invejosa e proguiçosa, ergueu a custo as palpebras e murmurou como no nosso antigo Alcazar da rua Uruguayana : *Vous avez de l'esprit? Nous aussi.* E creou um marquez, o marquez Tcheng, mas não foi adiante.

Quanto a mim, não só creio no spiritismo, mas desenvolvo a doutrina. Desconfiai de doutrinas que nascem á maneira de Minerva, completas e armadas. Confiai nas que crescem com o tempo. Sim, vou além dos meus doutores; creio firmemente que um espirito de homem póde reencarnar-se em um animal. Em Mogy-mirim, Estado de S. Paulo, acaba de enlouquecer um burro. Assim o conta a *Ordem* por estas palavras : « Segunda-feira passada, um burro do Dr. Santo di Prospero enlouqueceu repentinamente. » E refere os destroços que o animal fez até achar a morte. Ora, esta loucurá do burro mostra claramente que o infeliz perdeu a razão. Que espirito estaria encarnado nesse pobre animal, amigo do homem, seu companheiro, e muita vez seu substituto? Talvez um genio. A prova é que o perdeu. Com quatro pés, não póde entrar onde nós entramos com dois. Quanta vez teria elle dito comsigo : — Não fosse a minha illusão em reencarnar-me nesta besta, e estaria agora entre pessoas honradas e illustradas, falando em vez de zurrar, colhendo palmas, em vez de pancadaria. E' bem feito; a minha idéa de incorporar o burro na sociedade humana, se era generosa, não era pratica, porque o homem nunca perderá o preconceito dos seus dois pés.

Outro ponto que me parece dever ser examinado e addicionado á nossa grande doutrina, é a volta dos espiritos, encarnados (se assim posso dizer) em simples obras humanas, vehiculo ou outro objecto. Penso, entretanto, que a gradação necessaria a todas as cousas exige para esta nova encarnação que o espirito haja primeiro tornado em algum bruto. Assim é que um espirito, desde que tenha sido reencarnado na tartaruga, logo que se desencarne, póde voltar nova-

mente encarnado no bond electrico. Não dou isto como dogma, mas é doutrina assaz provavel. Já não digo o mesmo da idéa (se a ha) de que um serviço pôde ser reencarnado em outro. Serviço é propriamente o effeito da actividade e do esforço humano em uma dada applicação. Tirai-lhe essa condição, e não ha serviço. E' um resultado, nada mais. Pôde não prestar, ser descurado, não valer dois caracões, ou ao contrario pôde ser excelente e perfeito, mas é sempre um resultado. Quem disser, por exemplo, que o serviço da antiga companhia bonds do Jardim Botânico está reencarnado no novo, provará com isso que de certo tempo a esta parte só tem andado de carro, mas andar de carro não é condição para ser espirita. Ao contrario, a nossa doutrina prefere os humildes aos orgulhosos. Quer a fé e a sciencia, não cocheiros embonecados, nem cavallos briosos.

Voltando á bigamia do capitão, digo novamente á policia que estude o espiritismo e achará pé nessa confusão de senhoras. Sem elle, nada ha claro nem solido, tudo é precario, escuro e anarchico. Se vos disserem que é vêzo de todas as doutrinas deste mundo darem-se por salvadoras e definitivas, acreditai e affirmai que sim, exceptuando sempre a nossa, que é a unica definitiva e verdadeira. *Amen.*

*
* * *

4 de Novembro.

E' verdade trivial que, quando o rumor é grande, perdem-se naturalmente as vozes pequenas. Foi o que se deu esta semana.

A semana foi toda de combatividade, para fallar como os phrenologistas. Tudo esteve na t ela da discuss o, desde a luz stearica at    demora dos processos, desde as carnes verdes at    liberdade de cabotagem. De algumas quest es, como a da luz stearica, sei apenas que, se a lesse, n o estaria vivo. A das carnes verdes   propriamente de n s todos; mas a disposi o em que me acho, de passar a vegetariano, desinteressa-me da solu o, e tanto faz que haja monopolio, como liberdade. *A liberdade   um mysterio*, escreveu Montaigne, e eu accrescento que o monopolio   outro mysterio, e, se tudo s o mysterios n'este mundo, como no outro, fiquem-se com os seus mysterios, que eu me vou aos meus espinafres.

De resto, nos negocios que me interessam directamente, n o   meu costume perder o tempo que posso empregar em cousas de obriga o. E' assim, que approvo e approvarei sempre uma passagem que li na acta da reuni o de commerciantes, que se fez na Intendencia Municipal, para tratar da crise de transportes. Orando, o Sr. Antonio Verneck observou que havia pouca gente na sala. Respondeu-lhe um dos presentes, em aparte : « Eu, se n o fosse o pedido de um amigo, n o estaria aqui. » Digo que approvo, mas com restric es, porque n o ha amigos que me arranquem de casa, para ir cuidar dos meus negocios. Os amigos t m outros fins, se s o amigos, se n o s o mandados pelo diabo para tentar um homem que est  quieto.

N o obstante a pequena concurrencia, parece que o rumor do debate foi grande, pouco menor que o da quest o de cabotagem na camara dos deputados. Mas, para mim, em materia de navega o, tudo   navegar, tudo   encommendar a alma a Deuse e ao piloto. A melhor navega o   ainda a d'aquellas conchas c r

de neve, com uma ondina dentro, olhos côr do céu, tranças côr de sol, toda em verso e toda no aconchego do gabinete. Mórmente em dias de chuva, como os d'esta semana, é navegação excellente, e aqui a tive, em primeiro logar com o nosso Coelho Netto, que aliás não fallou em verso, nem trouxe d'aquellas figuras do norte ou do levante, aonde a musa costuma leva-lo, vestido, ora de nevoas, ora de sol. Não foi o Coelho Netto das *Balladilhas*, mas o dos *Bilhetes Postaes* (dois livros em um anno), por antonomasia *Anselmo Ribas*. Paginas de *humour* e de fantasia, em que a imaginação e o sentimento se casam ainda uma vez, ante esse pretor de sua eleição. Derramados na imprensa, pareciam esquecidos; collegidos no livro, vê-se que deviam ser lembrados e relembrados. A segunda concha...

A segunda concha trouxe devéras uma ondina, uma senhora, e veio cheia de versos, os *Versos*, de Julia Cortines. Esta poetiza de temperamento e de verdade disse-me cousas pensadas e sentidas, em uma lingua inteiramente pessoal e forte. Que poetiza é esta? Lucio de Mendonça é que apresenta o livro em um prefacio necessario, não só para dar-nos mais uma pagina vibrante de *sympathia*, mas ainda para convidar essa multidão de *distrahidos* a deter-se um pouco a ler. Lêde o livro; ha n'elle uma vocação e uma alma, e não é sem razão que Julia Cortines traduz, á pag. 94, um canto de Leopardi. A alma d'esta moça tem uma corda dorida de Leopardi. A dôr é velha; o talento é que a faz nova, e aqui a achareis novissima. Julia Cortines vem sentar-se ao pé de Zalina Rolim, outra poetiza de verdade, que sabe rimar os seus sentimentos com arte fina, delicada e pura. O *Coração*, livro d'esta outra moça, é terno, a espaços triste, mas

é menos amargo que o d'aquella; não tem os mesmos desesperos...

Eia! foje, foje, poesia amiga, basta de recordar as horas de hontem e de ante-hontem. A culpa foi da camara dos deputados, com a sua navegação de cabotagem, que me fez falar da tua concha eterna, para a qual tudo são mares largos e não ha leis nem Constituições que vinguem. Anda, vai que o cysne te leve agua fóra com as tuas hospedes novas e nossas.

Voltemos ao que eu dizia do rumor grande, que faz morrer as vozes pequenas. Não ouviste de certo uma dessas vozes discretas, mas eloquentes; não leste a punição de tres jockeys. Um por nome José Nogueira não disputou a corrida com animo de ganhar; foi suspenso por tres mezes. Outro, H. Cousins, «atrapalhou a carreira ao cavallo Sylvio»; teve a multa de quinhentos mil réis. Outro, finalmente, Horacio Perazzo, foi suspenso por seis mezes, porque, além de não disputar a corrida com animo de ganhar, offendeu com a espóra uma egua.

Estes castigos encheram-me de espanto, não que os ache duros, nem injustos; creio que sejam merecidos, visto o delicto, que é grave. Os capitulos da accusação são taes, que nenhum espirito recto achará defesa para elles. O meu assombro vem de que eu considerava o jockey parte integrante do cavallo. Cuidei que, lançados na corrida, formavam uma só pessoa, moral e physica, um lutador unico. Não suppunha que as duas vontades se dividissem, a ponto de uma correr com animo de ganhar a palma, e outra de a perder; menos ainda que o complemento humano de um cavallo embaraçava a marcha de outro cavallo, e muito menos que se lembrasse de offender uma egua com a espóra.

Se os animaes fossem cartas, em vez de cavallos, dir-se-hia que os homens furtavam no jogo.

Quinhentos mil réis da multa ! Pelas azas do Pegaso ! devem ser ricos esses funcçionarios. Tres e seis mezes de suspensão ! Como sustentarão agora as familias, se as têm, ou a si mesmos, que tambem comem ? Não irão empregar-se na Intendencia Municipal, onde a demora dos ordenados faz presumir que os jockeys do expediente andam suspensos por acções semelhantes. Não hão de ir puxar carroça. Vocaçãõ theatral não creio que possuam. Se são ricos, bem ; mas, então, por que é que não fundaram, ha dois ou tres annos, uma sociedade bancaria, ou de outra especie, onde podiam agora atrapalhar a marcha dos outros cavallos, esporrear as eguas alheias, e, em caso de necessidade, correr sem animo de ganhar a partida ? Este ultimo ponto não seria commum, antes rarissimo ; mas basta que fosse possivel. Nem é outra a regra christã, que manda perder a terra para ganhar o céo. Sem contar que não haveria suspensões nem multas.

*
* *

11 de Novembro.

A antiguidade cerca-me por todos os lados. E não me dou mal com isso. Ha n'ella um aroma que, ainda applicado a cousas modernas, como que lhes troca a natureza. Os bandidos da actual Grecia, por exemplo, têm melhor sabor que os clavinateiros da Bahia. Quando a gente lê que alguns sujeitos foram estripados na Thessalia ou Marathona, não sabe se lê um

jornal ou Plutarcho. Não succede o mesmo com a comarca de Ilhéos. Os gatunos de Athenas levam o dinheiro e o relógio, mas em nome de Homero. Verdadeiramente não são furtos, são remeniscencias classicas.

Quinta-feira um telegramma de Londres noticiou que acabava de ser publicada uma versão ingleza da *Eneida*, por Gladstone. Aqui ha antigo e velho. Não é o caso do Sr. Zama, que, para escrever de capitães, foi busca-los á antiguidade, e aqui nol-os deu ha duas semanas; o Sr. Zama é relativamente moço. Gladstone é velho e teima em não envelhecer. E' octogenario, podia contentar-se com a doce carreira de macrobio, e só vir á imprensa quando fosse para o cemiterio. Não quer; nem elle, nem Verdi. Um faz operas, outro saiu do parlamento com uma cataracta, operou a catarata e publicou a *Eneida* em inglez, para mostrar aos inglezes como Virgilio escreveria em inglez, se fosse inglez. E não será inglez Virgilio?

Como se não bastasse essa revivescencia antiga, e mais o livro do Sr. Zama, apparece-me Carlos Dias com os *Scenarios*, um banho enorme de antiguidade. Já é bom que um livro responda ao titulo, e é o caso d'este, em que os scenarios são scenarios, sem ponta de drama, ou raramente. Que levou este moço de vinte annos ao gosto da antiguidade? Diz elle, na pagina ultima, que foi uma mulher; eu, antes de ler a ultima pagina, cuidei que era simples effeito de leitura, com extraordinaria tendencia natural. Leconte de Lisle e Flaubert lhe terão dado a occasião de ir ás grandezas mortas, e a *Profissão de Fé*, no desdem dos modernos, faz lembrar o soneto do poeta romantico.

Mas não se trata aqui da antiguidade simples, heroica ou tragica, tal como a achamos nas paginas de

Homero ou Sophocles. A antiguidade que este moço de talento prefere, é a complicada, requintada ou decadente, os grandes quadros de luxo e de luxuria, o enorme, o assombroso, o babylonico. Ha muitas mulheres n'este livro, e de toda casta, e de varia fórma. Pede-lhe vigor, pede-lhe calor e colorido, achal-oshas. Não lhe peças, — ao seu Nero, por exemplo, — a philosophia em que Hamerling envolve a vida e a morte do imperador. Este grande poeta deu á farta d'aquelles quadros lascivos ou terriveis, em que a sua imaginação se compraz; mas, corre por todo o poema um fluido interior, e a ironia final do Cesar sai de envolta com o sentimento da realidade última : « O desejo da morte acabou a minha insaciavel sêde da vida. »

Ao fechar o livro dos *Scenarios*, disse commigo : « Bem, a antiguidade acabou. » — « Não acabou, bradou um jornal; aqui está uma nova descoberta, uma collecção recente de papyrus gregos. Já estão discriminados cinco mil. » — « Cinco mil ! » pulei eu. E o jornal, com bonhomia : « Cinco mil, por ora ; dizem cousas interessantes da vida commum dos gregos, ha entre elles uma parodia da *Iliada*, uma novella, explicações de um discurso de Demosthenes... Pertence tudo ao museu de Berlim. »

— Basta, é muita antiguidade; venhamos aos modernos.

— Perdão, acudiu outra folha, a França tambem descobriu agora alguma cousa para competir com a rival germanica; achou em Delos duas estatuas de Apollo. Mais Apollos. Puro marmore. Achou tambem paredes de casas antigas, cuja pintura parece de honrem. Os assumptos são mythologicos ou domesticos, e servem...

— Basta !

— Não basta; Babylonia também é gente, insinúa uma gazeta; Babylonia, em que tanta cousa se tem descoberto, revelou agora uma vasta sala atulhada de retabulos inscritos... Cousas preciosas! Já estão com a Inglaterra, a França, a Allemanha e os Estados-Unidos da America. Sim; não é á tôa que estes americanos são inglezes de origem. Têm o gosto da antiguidade; e, como inventam telephone e outros milagres, podem pagar caro essas reliquias. Ha ainda...

Sacudi fóra os jornaes e cheguei á janella. A antiguidade é boa, mas é preciso descançar um pouco e respirar ares modernos. Reconheci então que tudo hoje me anda impregnado do antigo, e que, por mais que busque o vivo e o moderno, o antigo é que me cai nas mãos. Quando não é o antigo, é o velho, Gladstone substitue Virgilio. A commissão uruguay que ahí está, trazendo medalhas commemorativas da campanha do Paraguay, não sendo propriamente antiga, falla de cousas velhas aos moços. Campanha do Paraguay! Mas então, houve alguma campanha do Paraguay? Onde fica o Paraguay? Os que já forem entrados na historia e na geographia, poderão descrever essa guerra, quasi tão bem como a de Jugurtha. Faltar-lhes-ha, porém, a sensação do tempo.

Oh! a sensação do tempo! A vista dos soldados que entravam e saham, de semana em semana, de mez em mez, a ancia das noticias, a leitura dos feitos heroicos, trazidos de repente por um paquete ou um transporte de guerra... Não tinhamos ainda este cabo telegraphico, instrumento destinado a amesquinhar tudo, a dividir as novidades em talhadas finas, poucas e breves. N'aquelle tempo as batalhas vinham por inteiro, com as bandeiras tomadas, os mortos e feridos, numero de prisioneiros, nomes dos heróes do dia,

as proprias partes officiaes. Uma vida intensa de cinco annos. Já la vai um quarto de seculo. Os que ainda mamavam quando Osorio ganhava a grande batalha, podem applaudi-lo amanhã revivido no bronze, mas não terão o sentimento exacto d'aquelles dias...

*
* *

18 de Novembro.

Uma semana que inaugura na segunda-feira uma estatua e na quinta um governo, não é qualquer d'essas outras semanas que se despacham brincando. Isto em principio; agora, se attenderdes á solemnidade especial dos dois actos, á significação de cada um d'elles, á multidão de gente que concorreu a ambos, chegareis á conclusão de que taes successos não cabem n'uma estreita chronica. Um mestre de prosa, autor de narrativas lindas, curtas e duradouras, confessou um dia que o que mais apreciava na historia, eram as anedotas. Não discuto a confissão; digo só que, applicada a este officio de chronista, é mais que verdadeira. Não é para aqui que se fizeram as generalisações, nem os grandes factos publicos. Esta é, no banquete dos acontecimentos, a mesa dos meninos.

Já a imprensa, por seus editoriaes, narrou e commentou largamente os dois acontecimentos. Osorio foi revivido, depois de o ser no bronze, e Bernardelli glorificado pela grandeza e perfeição com que perpetuou a figura do heroe. Quanto á posse do Sr. presidente da Republica, as manifestações de enthusiasmo do povo e as esperanças d'essa primeira transmissão do poder,

por ordem natural e pacifica, foram registradas na imprensa diaria, á espera que o sejam devidamente no livro. Nem foram esquecidos os serviços reaes d'aquelle que ora deixou o poder, para repousar das faticas de dois longos annos de luta e de trabalho.

Não nego que um pouco de philosophia possa ter entrada n'esta columna, contanto que seja leve e ridente. As sensações tambem podem ser contadas, se não cançarem muito pela extensão ou pela materia; para não ir mais longe, o que se deu commigo, por occasião da posse, no senado. Quinta-feira, quando ali cheguei, já achei mais convidados que congressistas, e mais pulmões que ar respiravel. Na entrada da sala das sessões, fronteira á mesa da presidencia, muitas senhoras iam invadindo pouco a pouco o espaço, até conquista-lo de todo. Era novo; mais novo ainda a entrada de uma senhora, que foi sentar-se na cadeira do barão de S. Lourenço. Ao menos, o logar era o mesmo; a cadeira pôde ser que fosse outra. D'ahi a pouco, alguns deputados e senadores offereciam ás senhoras as suas poltrenas, e todos aquelles vestidos claros vieram alternar com as casacas pretas.

Quando isto se deu, tive uma visão do passado, uma d'aquellas visões chamadas imperiaes (duas por anno), em que o regimento nunca perdia os seus direitos. Tudo era medido, regrado e solitario. Faltava agora tudo, até a figura do porteiro, que n'esses dias solemnes calçava as meias pretas e os sapatos de fivela, enfiava os calções, e punha aos hombros a capa. Os senadores, como tinham farda especial, vinham todos com ella, excepto algum padre, que trazia a farda da igreja. O barão de S. Lourenço se ali resuscitasse, comprehendia, ao aspecto da sala, que as instituições eram outras, tão outras como provavelmente a sua cadeira.

Aquella gente numerosa, rumorosa e mesclada esperava alguém, que não era o imperador. Certo, eu amo a regra e dou pasto á ordem. Mas não é só na poesia que *souvent un beau désordre est un effet de l'art*. Nos actos publicos tambem; aquella mistura de damas e cavalleiros, de legisladores e convidados, não era das instituições, mas do momento; exprimia um « estado da alma » popular. Não seria propriamente um effeito da arte, concordo, e sim da natureza; mas que é a natureza senão uma arte anterior?

Gambetta achava que a Republica Franceza « não tinha mulheres ». A nossa, ao que vi outro dia, tem boa copia d'ellas. Elegantes, cumpre dize-lo, e tão cheias de ardor, que foram as primeiras ou das primeiras pessoas que deram palmas, quando entrou o presidente da Republica. Vêde a nossa felicidade: sentadas nas proprias cadeiras do legislador, nenhuma d'ellas pensava occupar, nem pensa ainda em occupal-as á força de votos.

Não as teremos tão cedo em clubs, pedindo direitos politicos. São ainda caseiras como as antigas romanas, e, se nem todas iam lã, muitas as vestem, e vestem bem, sem pensar em construir ou destruir ministerios.

Nós é que fazemos ministerios, e, se já os não fazemos nas camaras, ha sempre a imprensa, por onde se podem dar indicações ao chefe do Estado. O velho costume de recommendar nomes, por meio de listas publicadas a pedido nos jornaes, resuscitou agora, de onde se deve concluir que não havia morrido. Vimos listas impressas, desde muito antes da posse, a maior parte com algum nome absolutamente desconhecido. Esta particularidade deu-me que pensar. Por que esses collaboradores anonymos do poder executivo? E porque, entre nomes sabidos, um que se não sabe a quem

pertence? Resolvi a primeira parte da questão, depois de algum esforço. A segunda foi mais difficil, mas não impossivel. Não ha impossiveis.

O que me trouxe a chave do enigma, foi a propria eleição presidencial. As urnas deram cerca de trescentos mil votos ao Sr. Dr. Prudente de Moraes, muitas centenas a alguns nomes de significação republicana ou monarchica, algumas dezenas a outros, seguindo-se uma multidão de nomes sabidos ou pouco sabidos, que apenas puderam contar um voto. Quando se apurou a eleição, parei diante do problema. Que queria dizer essa multidão de cidadãos com um voto cada um? A razão e a memoria explicaram-me o caso. A memoria repetiu-me a palavra que ouvi, ha anno, a alguém, eleitor e organisador de uma lista de candidatos á deputação. Vendo-lhe a lista, composta de nomes conhecidos, excepto um, perguntei quem era este.

— Não é candidato, disse-me elle, não terá mais de vinte a vinte e cinco votos, mas é um companheiro aqui do bairro; queremos fazer-lhe esta manifestação-sinha de amigos.

Conclui o que o leitor já percebeu, isto é, que a amizade é engenhosa, e a gratidão infinita, podendo ir do puding ao voto. O voto, pela sua natureza politica, é ainda mais nobre que o puding, e deve ser mais saboroso, pelo facto de obrigar á impressão do nome votado. Guarda-se a acta eleitoral, que não terá nunca outro tomno.

Toda gloria é primavera. A estatua de Osorio vinha naturalmente depois d'esta maxima, mas o pulo é tão grande, e o papel vai acabando com tal presteza, que o melhor é não tornar ao assumpto. Fique a estatua com os seus dois collaboradores, o esculptor e o soldado; en contento-me em contempla-la e passar, e a

lembrar-me das gerações futuras que hão-de contemplar como eu.

* * *

25 de Novembro.

Vão acabando as festas uruguayas. D'aqui a pouco, amanhã, não haverá mais que lembrança das luminárias, musicas, flores, dansas, corridas, passeios, e tantas outras cousas que alegraram por alguns dias a cidade. Hoje é a regata de Botafogo, hontem foi o baile do Cassino, ante-hontem foi a festa do Corcovado... Não. Não escrevo *pic-nic*, por ter a respeito d'este vocabulo duas duvidas, uma maior, outra menor, como diziam os antigos pregoeiros de praças judicias.

Aqui está a maior. Sabe-se que esta palavra veiu dos francezes, que escrevem *pique-nique*. Como é que nós, que temos o gosto de adoçar a pronuncia e muitas vezes alongar a palavra, adoptamos esta fórma rispida e breve : *picnic*? Eis ahi um mysterio, tanto mais profundo quanto que eu, quando era rapaz (ante-hontem, pouco mais ou menos) lia e escrevia *pique-nique*, á franceza. Que a fórma *pic-nic* nos viesse de Portugal nos livros e correspondencias dos ultimos annos, sendo a fórma que mais se ajusta á pronuncia da nossa antiga metropole, é o que primeiro ocorre aos inadvertidos. Eu, sem negar que assim escrevam os ultimos livros e correspondencias d'aquella origem, lembrarei que Caldas Aulete adopta *pique-nique*; resposta que não presta muito para o caso, mas não tenho outra á mão.

Não me digas, leitor esperto, que a palavra é de origem ingleza, mas que os inglezes escrevem *pick-nick*. Sabes muito bem que ella nos veiu de França, onde lhe tiraram as calças londrinas, para vesti-la á moda de Paris, que n'este caso particular é a nossa propria moda. Vêde o *frac* dos francezes. Usamos hoje esta fórma, que é a original, nós que tínhamos adoptado ante-hontem (era eu rapaz) a fórma adoçada de *fraque*.

A outra duvida, a menor, quasi não chega a ser duvida, se reflectirmos que as palavras mudam de significação com o andar do tempo, ou quando passam de uma região a outra. Assim que, *pique-nique* era aqui, e continúa a ser algures, uma patuscada, banquete, ou como melhor nome haja, em que cada convida entra com a sua quota. Quando um só é que paga o pato e o resto, a cousa tinha outro nome. A palavra ficou significando, ao que parece, um banquete campestre.

Foi naturalmente para acabar com taes duvidas que o Sr. Dr. Castro Lopes inventou a palavra *convescote*. O Sr. Dr. Castro Lopes é a nossa Academia Franceza. Esta, há cerca de um mez, admittiu no seu dictionario a palavra *actualidade*. Em vão a pobre *actualidade* andou por livros e jornaes, conversações e discursos; em vão Littré a incluiu no seu dictionario. A academia não lhe deu ouvidos. Só quando uma especie de sufrágio universal decretou a expressão, é que ella a canonicou. D'onde se infere que o Sr. Dr. Castro Lopes, sendo a nossa Academia Franceza, é tambem o contrario della. E' a academia pela autoridade, é o contrario pelo methodo. Longe de esperar que as palavras envelheçam cá fóra, elle as compõe novas, com os elementos que tira da sua erudição, dá-lhes a benção e

manda-as por esse mundo. O mesmo paralelo se pôde fazer entre elle e a igreja catholica. A igreja, tendo igual autoridade, procede como a academia, não inventa dogmas, define-os.

Convalesce tem prosperado, posto não seja claro, á primeira vista como *engrossador*, termo recente, de applicação politica, expressivo e que faz imagem, como dizem os francezes. E' certo que a clareza deste vem do verbo donde sahiu. Quem o inventou? Talvez algum sceptico, por horas mortas, relembrando uma procissão qualquer; mas tambem pôde ser obra de algum religioso, aborrecido com ver augmentar o numero dos fieis. As religiões politicas diferem das outras em que os fieis da primeira hora não gostam de ver fieis das outras horas. Parecem-lhes inimigos; é verdade que as conversões, tendo os seus motivos na consciencia, escapam á verificação humana e é possivel que um homem se ache, repentinamente catholico menos pelos dogmas que pelas galhetas. As galhetas fazem engrossar muito. Mas fosse quem fosse o inventor do vocabulo, certo é que este, apezar de anonymo e popular, ou por isso mesmo, espalhou-se e prosperou; não admirará que fique na lingua, e se houver, ahí por 1950, uma Academia Brasileira, pôde bem ser que venha a inclui-lo no seu dictionario. O Sr. Dr. Castro Lopes poderia recommenda-lo a um alto destino.

Oh! se o nosso venerando latinista me dêsse uma palavra que, substituindo *mentira*, não fosse *inverdade*! Creio que esta segunda palavra nasceu no parlamento, obra de algum orador indignado e cauteloso, que, não querendo ir até á *mentira*, achou que *inexactidão* era frouxa de mais. Não nego perfeição a *inverdade*, nem euphonia, nem cousa nenhuma. Digo só que me é antipathica. A *sympathia* é o meu lexico. A razão

por que eu nunca *explodo*, nem gosto que os outros *explodam*, não é porque este verbo não seja elegante, bello, sonóro, e principalmente necessario; é porque elle não vai com o meu coração. *Le cœur a des raisons que la raison ne connaît pas*, disse um moralista.

A outra palavra, *mentira*, essa é sympathica, mas faltam-lhe maneiras e anda sempre grávida de tumultos. Ha cerca de quinze dias, em sessão do conselho municipal, cahiu da boca de um intendente no rosto de outro, e foi uma agitação tal, que obrigou o presidente a suspender os trabalhos por alguns minutos. Reaberta a sessão, o presidente pediu aos seus collegas que discutissem com a maior moderação; pedido excessivo, eu contentar-me-hia com a menor, era bastante para não ir tão longe.

De resto, a agitação é signal de vida e melhor é que o conselho se agite que durma. Esta semana o caso da bandeira, que é dos mais graciosos, agitou bastante a alma municipal. Se o lêste, é inutil contar; se o não lêste, é difficil. Refiro-me á bandeira que appareceu hasteada na sala das sessões do conselho, em dia de gala, sem se saber o que era nem quem a tinha ali posto. Pelo debate viu-se que a bandeira era positivista e que um empregado superior a havia hasteado, depois de consentir n'isso o presidente. O presidente explicou-se. Um intendente propoz que a bandeira fosse recolhida ao museu nacional, por ser « obra de algum merecimento ». Outro chamou-lhe trapo. « Trapo não, que é de seda, » corrigiu outro. O positivismo foi atacado. Crescendo o debate, alargou-se o assumpto e as origens da revolução do Rio Grande do Sul foram achadas no positivismo, bem como a estatua de Monroe e um episodio do asylo de mendicidade.

Se assim é, explica-se o apostolado antipositivista,

fundado esta semana, e não pôde haver maior alegria para o apostolado positivista; não se faz guerra a fantasmas, a não ser no livro de Cervantes. Mas que pensa de tudo isto um habitante do planeta Marte, que está espiando cá para baixo com grandes olhos ironicos?

A bandeira não teve destino, foi a conclusão de tudo, e não será de admirar que torne a apparecer no primeiro dia de gala, para dar logar a nova discussão, — cousa utilissima, pois da discussão nasce a verdade. Para mim, a bandeira cahiu do céu. Sem ella esta pagina, que começou pedante, acabaria ainda mais pedante.

*
* *

2 de Dezembro.

Quando me leres, poucas horas terão passado depois da tua volta do Cassino. Vieste da festa Alencar; é domingo, não tens de ir aos teus negocios, ou aos teus passeios, se és mulher, como me parece. Os teus dedos não são de homem. Mas, homem ou mulher, quem quer que sejas tu, se foste ao Cassino, pensa que fizeste uma boa obra, e, se não foste, pensa em Alencar, que é ainda uma obra excellente. Verás em breve erguida a estatua. Uma estatua por alguns livros!

Olha, tens um bom meio de examinar se o homem vale o monumento, etc. E' domingo, lê alguns dos taes livros. Ou então, se queres uma boa idéa d'elle, péga no livro de Araripe Junior, estudo imparcial e completo, publicado agora em segunda edição. Araripe Junior nasceu para a critica; sabe ver claro e

dizer bem. E' o autor de *Gregorio de Mattos*, creio que basta. Se já conheces *José de Alencar*, não perdes nada em rele-lo; ganha-se sempre em reler o que merece, accrescendo que acharás aqui um modo de amar o romancista, vendo-lhe distintamente todas as feições, as bellas e as menos bellas, o que é perpetuo, e o que é perecível. Ao cabo, fica sempre uma estatua do chefe dos chefes.

Queres mais? Abre este outro livro recente, *Estudos Brasileiros*, de José Verissimo. Ahi tens um capitulo inteiro sobre Alencar, com a particularidade de tratar justamente da cerimonia da primeira pedra do monumento, e, a proposito d'elle, da figura do nosso grande romancista nacional. E' a segunda serie de estudos que José Verissimo publica, e cumpre o que diz no titulo; é brasileiro, puro brasileiro. Da competencia d'elle nada direi que não saibas : é conhecida e reconhecida. Ha lá certo numero de paginas que mostram que ha n'elle tambem muita benevolencia. Não digo quaes sejam : adivinha-se o enigma lendo o livro; se, ainda lendo, não o decifrares, é que me não conheces.

E assim, relendo as criticas, relendo os romances, ganharás o teu domingo, livre das outras lembranças, como desta ruim semana. Guerra e peste; não digo fome, para não mentir, mas os preços das cousas são já tão atrevidos, que a gente come para não morrer.

A peste, essa anda perto, como espiando a gente. Oh! grão de areia de Cromwell, que vales tu, ao pé do bacilo virgula? Qualquer Cromwell de hoje, com infinitamente menos que um grão de areia, cai do mais alto poder da terra no fundo da maior cova. Franca-mente, prefiro os tempos em que as doenças, se não eram maleitas, barrigas d'agua, ou espinhela caída, tinham causas metaphysicas e curavam-se com resas e

sangrias, benzimentos e sanguesugas. A descoberta do bacilo foi um desastre. Antigamente, adoecia-se; hoje mata-se primeiro o bacilo da doença, depois adoce-se, e o resto da vida dá apenas para morrer.

Tantas pessoas têm já visto o bacilo virgula e toda a mais pontuação bacilar, que não me se dá dizer que o vi também. Começa a ser distinção. Um homem capaz não póde já existir sem ter visto, uma vez que seja, essa extraordinaria creatura. O bacilo virgula é a Sarah Bernhardt da pathologia, o cysne preto dos lagos intestinaes, o bicho de sete cabeças, não tão raro, nem tão fabuloso. Quero crer que todas essas virgulas que vou deitando entre as orações, não são mais que bacilos, já sem veneno, temperando assim a pathologia com a ortographia, — ou vice-versa.

Quanto á guerra, houve apenas duas noites de combate, investidas a quarteis e corpos de guarda, nacionaes contra policiaes, gregos contra troyanos, tudo por causa de uma Helena, que se não sabe quem seja. Ouvi ou li que foi por causa de um chapéo. E' pouco; mas lembremo-nos que assim como o bacilo virgula substituiu o grão de areia de Cromwell, assim o chapéo substitue a mulher, e tudo irá diminuindo... Somos chegados ás cousas microscopicas, não tardam as invisiveis, até que venham as impossiveis. Um chapéo de palhinha de Italia deu para um *vaudeville*; este, de palha mais rude, deu para uma tragedia. Tudo é chapéo.

Não quero saber de assassinatos, nem de suicidios, nem das longas historias que elles trouxeram á hora da conversação; é sempre de mais. Também não vi nem quero saber o que houve com as pernas de um pobre moço, no Cattete, que ficaram em baixo de um bond da Companhia Jardim Botânico. Ouvi que se perderam.

Não é a primeira pessoa a quem isto acontece, nem será a ultima. A companhia póde defender-se muito bem, citando Victor Hugo, que perdeu uma filha por desastre, e resignadamente comparou a criação a uma roda :

Que la création est une grande roue
Qui ne peut se mouvoir sans écraser quelqu'un.

A mesma cousa dirá a Companhia do Jardim Botânico, em prosa ou verso, mas sempre a mesma cousa : — « Eu sou como a grande roda da criação, não posso andar sem esmagar alguma pessoa. » Comparação energica e verdadeira. A fatalidade do officio é que a leva a quebrar as pernas aos outros. O pessoal d'esta companhia é carinhoso, o horario pontual, nenhum atropelo, nenhum descarrilamento, as ordens policiaes contra os reboques são cumpridas tão exactamente, que não ha coração bem formado que não chegue a enthusiasmar-se. Se ainda vemos dois e tres carros puxados por um electrico, é porque a electricidade attrae irresistivelmente, e os carros prendem-se uns aos outros; mas a administração estuda um plano que ponha termo a esse escandalo das leis naturaes.

Terras ha em que os casos, como os do Cattete, são punidos com prisão, indemnisação e outras penas; mas para que mais penas, além das que a vida traz consigo? Demais, os processos são longos, não contando que a admiravel instituição do jury — é a melhor escola evangelica d'estes arredores: « Quem estiver innocente, que lhe atire a primeira pedra ! » exclama elle com o soberbo gesto de Jesus. E o réo, seja de ferimento ou simples estellionato, é restituído ao officio de roda da criação.

O melhor, é não punir nada. A consciencia é o mais

crú dos chicotes. O dividendo é outro. Uma companhia de carris que reparta igualmente aleijões ao publico e lucros a si mesmo, verá nestes o seu proprio castigo se é caso de castigo; se o não é, para que fazella padecer duas vezes?

Não creio que o periodo anterior esteja claro. Este vai sahir menos claro ainda, visto que é difficil ser fiel aos principios e não querer que o prefeito saia das urnas. A verdade, porém, é que eu prefiro um prefeito nomeado a um prefeito eleito, — ao menos, por ora. José Rodrigues, a quem consulto em certos casos, vai mais longe, entendendo que os proprios intendentés deviam ser nomeados. E' homem de arrocho; o pai era saquarema.

Menos claro que tudo, é este periodo final. Tem-se discutido se o Hospicio Nacional de Alienados deve ficar com o Estado ou tornar á Santa Casa da Misericordia. Consultei a este respeito um doido, que me declarou chamar-se duque do Caucaso e da Cracovia, conde Stellario, filho de Prometheu, etc., e a sua resposta foi esta :

— Se é verdade que o Hospicio foi levantado com o dinheiro de loterias e de titulos nobiliarios, que o José Clemente chamava imposto sobre a vaidade, é evidente que o Hospicio deve ser entregue aos doidos, e elles que o administrem. O grande Erasmo (ó Deus !) escreveu que andar atraz da fortuna e de distincções é uma especie de loucura mansa; logo a instituição, fundada por doidos, deve ir aos doidos, — ao menos, por experiencia. E' o que me parece ! é o que parece ao grande principe Stellario, bispo, *episcopus*, papam... O seu a seu dono.



16 de Dezembro.

Um telegramma de S. Petersburgo annunciou antehontem que a bailarina Labushka cometteu suicidio. Não traz a causa; mas, dizendo que ella era amante do finado imperador, fica entendido que se matou de saudade.

Que eu não tenha, ó alma slava, ó Cleopatra sem Egypto, que eu não tenha a lyra de Byron para cantar aqui a tua melancolica aventura! Possuias o amor de um potentado. O telegramma diz que eras amante « declarada », isto é, aceita como as demais instituições do paiz. Sem protocolo, nem outras etiquetas, pela unica lei de Eros, dansavas com elle a redowa da mocidade. Naturalmente eras a professora, por isso que eras bailarina de officio; elle, dicipulo, timbrava em não perder o compasso, e a Santa Russia, que dizem ser immensa, era para vós ambos infinita.

Um dia, a morte, que tambem gosta de dansar, pegou no teu imperador e transferiu-o a outra Russia ainda mais infinita. A tristeza universal foi grande, porque era um homem bom e justo. D'aqui mesmo, d'esta remota capital americana, vimos os grandiosos funeraes e ouvimos as lamentações publicas. Não nos chegaram as tuas, porque ha sempre um recanto surdo para as dorés irregulares. Agora, porém, que tudo acabou, eis ahi rebôa o som de um tiro, que faltava para completar os funeraes do autocrata. Rival da morte, quizeste ir dansar com elle a redowa da eternidade.

Ha aqui um mysterio. Não é vulgar em bailarinas essa fidelidade verdadeiramente eterna. Muitas vezes choram; estanques as lagrimas, recolhem as recordações do morto, outras tantas lagrimas cristalisadas em diamantes, contam os titulos de divida publica, estão certos; as sedas são ainda novas, todos os tapetes vieram da Persia ou da Turquia. Se ha um palacete, dado em dia de annos, as paredes, que viram o homem, passam a yer tão sómente a sombra do homem, fixada nos ricos moveis do salão e do resto. Se não ha palacete, ha leiloeiros para vender a mobilia. Como leva-la á velha hospedaria de outras terras, Belgrado ou Veneza, aonde a meia viuva se abriga para descansar do morto, e de onde sai, ás vezes, pelo braço de um marido, barão authentico e mais authentico mendigo?

Eis o que se dá no mundo da pirueta. O teu suicidio, porém, ultima homenagem, e (perdoem-me a exageração) a mais eloquente das milhares que recebeu a memoria do imperador, o teu suicidio é um mysterio. Grande mysterio, que só o mundo slavo é capaz de dar. Foi telegramma o que li? Foi alguma pagina de Dostoyevsky? A conclusão ultima é que amavas. Sacrificaste uma aposentadoria grossa, a fama, a curiosidade publica, as memorias que podias escrever ou mandar escrever, e, antes d'ellas, as entrevistas para os jornaes, os interrogatorios que te fariam sobre os habitos do imperador e os teus proprios habitos, e quantos copos de chá bebias diariamente, as côres mais do teu gosto, as roupas mais do teu uso, quem foram teus pais, se tiveste algum tio, se esse tio era alto, se era coronel, se era reformado, quando se reformou, quem foi o ministro que assignou a reforma, etc., um rosario de noticias interessantes para o publico de ambos os mundos. Tudo sacrificaste por um mysterio.

Mysterios nunca nos aborreceram; a prova é que folgamos agora diante de dois mysterios enormes, dois verdadeiros abysmos (insondaveis). Sempre gostámos do inextricavel. Este paiz não detesta as questões simples, nem as soluções transparentes, mas não se pôde dizer que os adore. A razão não está só na sedução propria do obscuro e do complexo, está ainda em que o obscuro e o complexo abrem a porta á controversia. Ora, a controversia, se não nasceu connosco, foi pelo facto inteiramente fortuito, de haver nascido antes; se se não tem apressado em vir a este mundo, era nossa irmã gêmea; se temos de a deixar neste mundo, é porque ainda cá ficarão homens. Mas vamos aos nossos dois mysterios.

O primeiro d'elles anda já tão safado, que até me custa escrever o nome: é o cambio. Está outra vez no « tapete da discussão ». O segundo é recente, é novissimo, começa a entrar no debate: é o bacilo-virgula. Os mysterios da religião não nos accendem uns contra os outros; para crer n'elles basta a fé, e a fé não discute. Os do encilhamento aturdiram por alguns dias ou semanas; mas desde que se descobriu que o dinheiro cahia do céu, o mysterio perdeu a razão de ser. Quem, n'aquelle tempo, poz uma cesta, uma gamela, uma barrica, uma vasilha qualquer, ao luar ou ás estrellas, e achou-se de manhã com cinco, dez, vinte mil contos, entendeu logo que só por falsificação é que fazemos dinheiro cá em baixo. Ouro puro e copioso é o que cai do eterno azul.

Eu, quando era pequenino, achei ainda uma usança da noite de S. João. Era expor um copo cheio d'agua ao sereno, e despejar dentro um ovo de gallinha. De manhã ia-se ver a fóima do ovo; se era navio, a pessoa tinha de embarcar; se era uma casa, viria a ser pro-

prietaria, etc. Consultei uma vez o bom do santo; vi, claramente visto, — vi um navio; tinha de embarcar. Ainda não embarquei, mas enquanto houver navios no mar, não perco a esperança. Por ocasião do encilhamento, a maior parte das pessoas, não podendo sacudir fóra as crenças da meninice, não punham gamellas vasias ao sereno, mas um copo com agua e ovo. De manhã, viam navios, e ainda agora não vêem outra cousa. Por que não puzeram gamellas? Vivam as gamellas! Ou, se é licito citar versos, digamos com o cantor dos *Tymbiras* :

.....Paz aos Gamellas!
Renome e gloria...

Ha quem queira filiar o cambio actual aos costumes do encilhamento. A pessoa que me disse isto, provavelmente soube explicar-se; eu é que não soube entendê-la. E' uma complicação de dinheiro que se ganha ou se perde, sem saber como, anonymamente, com designação geral de baixistas e altistas. Um embrulho. Mas ha-de ser illusão, por força. Quem se lembra d'aquelles bellos dias do encilhamento, sente que elles acabaram, como os bellos dias de Aranjuez. Onde está agora o delirio? onde estão as imaginações? As estradas na lua, o anel de Saturno, a pelle dos ursos polares, onde vão todos esses sonhos deslumbrantes, que nos fizeram viver, pois que a vida *es sueño*, segundo o poeta?

Taes sonhos ainda são possiveis com o mysterio do bacilo-virgula. Toda esta semana andou agitado esse bicho da terra tão pequeno, para citar outro poeta, o terceiro ou quarto que me vem ao bico da penna. Ha dias assim; mas eu supponho que hoje esta affluencia de lembranças poeticas é porque a poesia é tam-

hem um mysterio, e todos os mysterios são mais ou menos parentes uns dos outros. Supponho, não affirmo; depois do que tenho lido sobre o famoso bacilo, não affirmo nada; tambem não nego. Autoridades respeitaveis dizem que o bacilo mata, pelo modo asiatico; outras tambem respeitaveis juram que o bacilo não mata.

Hippocrate dit oui, et Gallien dit non.

* * *

23 de Dezembro.

A semana acabou fresca, tendo começado e continuado horrivelmente callida. Até quinta-feira á noite ninguem podia respirar. Sexta-feira trouxe mudança de tempo e baixa de temperatura. O phenomeno explicar-se-ia naturalmente, em qualquer occasião, mas houve uma coincidencia que me leva a attribui-lo a causas transcendentaes. Se cuidas que alludo ao encerramento do Congresso Nacional, enganas-te. O calor do Congresso tinha-se ido, ha muito, com a camara dos deputados. O senado, apezar da troca de regimen e do minimo da idade, ha de ser sempre a antiga Siberia, pelo proprio character da instituição. Não, a causa foi outra.

A causa foi o banquete que o ministro da Suecia e Noruega deu aos commandantes e officiaes da corveta e da canhoneira ancoradas no nosso porto, banquete a que assistiram os consules da Hollanda e da Dinamarca. Homens do norte, amassados com gelo, curtidos com ventos asperos, uma vez reunidos á volta

da mesa, communicaram uns aos outros as sensações antigas, e, por suggestão, transportaram para aqui algumas braçadas d'aquelles climas remotos. Estando em dezembro, evocaram o seu inverno d'elles, que não é o nosso moço lepido de S. João, mas um velho pesado do Natal. Já antes da sopa, deviam tremer de frio. Eu próprio, ao ler-lhes os nomes, levantei a gola do fraque. Os bigodes pingavam neve. As rajadas de vento levavam os guardanapos.

Tendo sido na noite de quarta-feira o banquete escandinavo, o nosso céu ainda resistiu durante a quinta-feira, e com tal desespero que parecia queimar tudo; mas na sexta-feira já não pôde, e não teve remédio senão chover e ventar. Não choveu, nem ventou muito, não chegou a nevar, mas fez-nos respirar, e basta. O que talvez não baste, é a explicação. Espirítos rasteiros não podem aceitar razões de certa elevação, mas com esses não se teima. Faz-se o que fiz sexta-feira ao meu criado, quando elle me entrou no gabinete para annunciar que não havia carne. Trazia os cabellos em pé, os olhos esbugalhados, a boca aberta, e só fallou depois que a minha frieza, totalmente escandinava, não correspondendo a tanto assombro, accendeu n'elle o desejo de me dar a grande novidade. Eu, cada vez mais escandinavo, respondi-lhe que, se não havia carne, havia outras cousas. Não contestou a sabedoria da resposta, mas confessou que a razão do espanto e consternação em que vinha, era o receio de não haver mais carne n'este mundo.

— Não entendendo de leis, concluiu José Rodrigues, cuidei que era alguma lei nova que mandava acabar com a carne...

Este José Rodrigues é bom, é diligente, respeitoso, mas coxêa do intellecto, não que seja doido, mas é

estupido. Não digo burro; burro com falla seria mais intelligente que elle. Hontem, depois do almoço, veiu ter commigo, trazendo uma folha na mão :

— Patrão, leio aqui estes dois annuncios : « Para tosses rebeldes, xarope de jaramacarú. » — « Para intendente municipal, Calixto José de Paiva. » Qual destes dois remedios é melhor? E que molestia é essa que nunca vi?

— Tu és tolo, José Rodrigues.

— Com perdão da palavra, sim, senhor.

— Pois se as molestias são duas, como é que me perguntas qual dos remedios é melhor? E' claro que ambos são bons, um para tosses rebeldes, outro para intendente municipal.

— E esta molestia é como a neurasthenia, que o patrão me ensinou a dizer, e ainda não sei se digo direito, — a tal molestia nova, que é bem antiga; é a que chamavamos espinhela cahida. Ou intendente será assim cousa de dentes?... O patrão desculpe; eu não andei por escolas, não aprendi leis nem medicina...

— José Rodrigues, ha cousas que, não se entendendo logo, nunca mais se entendem. Onde andas tú que não sabes o que é intendente? Sabes o que é vereador?

— Vereador, sei; é o homem que o povo põe na camara para vêr as cousas da cidade, a limpeza, a agua, os lampeões.

— Pois é a mesma cousa.

— A mesma cousa? Entendo; é como a espinhela cahida, que hoje se chama anatomia ou neurasthenia. Pois, sim, senhor. Intendente é o mesmo que vereador. Cura-se então com o Paiva do annuncio? Mas, se o Paiva é remedio, conforme diz o patrão, não entendo que se applique a neurasthenia ou intendente...

— Tu não estás bom, José Rodrigues; vai-te embora.

— Para dizer a minha verdade, bom, bom, não estou; amanheci com uma dôr do lado, que não posso respirar, e é por isso que vim perguntar ao patrão se era melhor o xarope, se o Paiva. Talvez o Paiva seja mais barato que o xarope. Isto de remedios, não é o serem mais caros... A's vezes os mais caros não prestam para nada, e um de pouco preço cura que faz gosto. Mas, emfim, não faço questão de preço. A saude merece tudo. Vou ao Paiva... isto é, o jornal fala tambem de um Canedo, para a mesma molestia... Não é Canedo que se diz? Talvez o Canedo seja ainda mais barato que o Paiva.

— Isso é cousa que só á vista das contas do boticario. Toma o que puderes; mas, antes disso, faz-me um favor. Vai ver se eu estou no largo da Carioca.

— Sim, senhor. Se não estiver, volto?

— Espera primeiro até ás cinco horas; se até ás cinco horas não me achares, é que não estou, e então volta para casa.

— Muito bem; mas se o patrão lá estiver, que quer que lhe faça?

— Puxa-me o nariz.

— Ah! isso não? Confianças d'essas não são comigo. Gracejar, gracejo, e o patrão faz-me o favor de rir; mas não se puxa o nariz a um homem...

— Bem, dá-me então as boas tardes e vem-te embora para casa.

— Perfeitamente.

Emquanto elle ia ao largo da Carioca, fui-me eu ás notas da semana, e não achei mais nada que valesse a pena, salvo o planeta que se descobriu entre Marte e Mercurio. Mas isso mesmo, para quem não é astro-

nomo, vale pouco ou nada; não que as grandezas do céu estejam trancadas aos olhos ignaros, francas estão, e o infimo dos homens póde admira-las. Não é isso; é que um astrónomo diria sobre este novo planeta cousas importantes. Que direi eu? Nada ou algum absurdo. Buscaria achar alguma relação entre os planetas que apparecem e as cidades que ameaçam desaparecer com terremotos. A Calabria padeceu mais com elles que com os salteadores; pouco é o chão seguro debaixo dos pés das bellas italianas ou do fortissimo Crispi. Na Hungria houve um tremor ha dois dias; outras partes do mundo têm sido abaladas.

Andará a terra com dores de parto, e alguma cousa vai sair d'ella, que ninguem espera nem sonha? Tudo é possível. Quem sabe se o planeta novo não foi o filho que ella deu á luz por occasião dos tremores italianos? Assim, podemos fazer uma astronomia nova; todos os planetas são filhos do consorcio da terra e do sol, cuja primogenita é a lua, anemica e solteirona. Os demais planetas nasceram pequenos, cresceram com os annos, casaram e povoaram o céu com estrellas. Ahi está uma astronomia que Julio Verne podia meter em romances, e Flammarion em decimas.

Tambem se póde tirar d'aqui uma politica internacional. Quando a Africa e o que resta por occupar e civilisar, estiver occupado e civilisado, os planetas que apparecerem, ficarão pertencendo aos paizes cujas entranhas houverem sido abaladas na occasião com terremotos; são propriamente seus filhos. Restará conquistalos; mas o tretaneto de Edison terá resolvido este problema, collocando os planetas ao alcance dos homens, por meio de um parafuso electrico e quasi infinito.

*
* *

30 de Dezembro.

A sorte é tudo. Os acontecimentos tecem-se como as peças de theatro, e representam-se da mesma maneira. A unica differença é que não ha ensaios; nem o autor nem os actores precisam d'elles. Levantado o panno, começa a representação, e todos sabem os papeis sem os terem lido. A sorte é o ponto.

Esse pequeno exordio é a melhor explicação que posso dar do drama da praça da Republica, e a mais viva condemnação da teimosia com que alguns jornaes pediram a demolição dos pavilhões e arcos das festas uruguayas. Ainda bem que não pediram tambem a eliminação de tres grinaldas de folhas seccas, já sem cara de folhas, que ainda pendem dos arcos de gaz na rua de S. José. Oh! não me tirem essas pobres grinaldas! Não fazem mal a ninguem, não tolhem a vista, não escondem gatunos, e são verdadeiras maximas. Quando desço por ali, com a memoria cheia de algumas folhas verdes que vieram commigo no bond, acontece-me quasi sempre parar diante d'ellas. E ellas dizem-me cousas infinitas sobre a caducidade das folhas verdes, e o prazer com que as ouço não tem nome na terra nem provavelmente no céu. *Ergo bibamus!* Eahi me vou contente ao trabalho. Não é novo o que ellas dizem, nem serão as ultimas que o dirão. A banalidade repete-se de seculo a seculo, e irá até á consumação dos seculos; não é folha que perca o viço.

Vindo ao pavilhão da praça da Republica, o acontecimento de quinta-feira provou que elle era necessa-

rio, porque a sorte, que rege este mundo, já estava com o drama nas mãos para aponta-lo aos actores. E os actores foram cabaes no desempenho. O gatuno, que resistiu ao ataque de alguns homens de boa vontade dava um magnifico bandido. Um simples gatuno, não defende com tanto ardor a liberdade, posto que a liberdade seja um grande beneficio. As armas do gatuno são as pernas. Elle foge ao clamor publico, á espada da policia, á cadeia; póde dar um cascudo, um empurrão; matar, não mata. E' certo que o tal Puga não podia fugir; mas os Pugas de lenços e outras miudezas, em casos taes, não tendo por onde fugir, entregam-se; preferem a prisão simples aos complicados remorsos. Nem lenços nem carteiras deixam remorsos. A propria casa, apolices, terrenos e outros bens, havidos capciosamente, não tiram o somno. O sangue, sim, o sangue perturba as noites.

D'ahi veiu a suspeita de ser este Puga doido, — e parece confirma-la a declaração que elle fez de chamar-se Jesus-Christo. A declaração não basta, e podia ser um estratagema; mas ha tal circumstancia que me faz crer que elle é devéras alienado : é ser hespanhol. Os bandidos hespanhoes, embora saltem e despojem a gente, não deixam de respeitar a religião. Dizem que levam bentinhos comsigo, ouvem missas, quasi que confessam os seus peccados.

A tragedia, se deveras é doido, foi assim, mais tragica. Essa luta em um desvão, entre um louco e alguns homens valentes, um dos quaes morreu e os outros saíram feridos, deve ter sido extraordinariamente lugubre. Tal espectáculo, é claro, estava determinado. Era preciso que fosse em logar que pudesse conter o millhar de espectadores que teve; logo, a praça da Republica, devia ser no alto de edificio vasio e livre, para

onde só se pudesse ir por uma escada de mão; logo, o pavilhão das festas. Tudo vinha assim disposto, era só compri-lo á risca.

Os espectadores, que também fizeram parte do espectáculo, desempenharam bem o seu papel, mas parece que o haviam apprendido em Shakspeare. Assim é que, simultaneamente applaudiam os corajosos que subiam a escada de mão, e apupavam os que iam só a meio caminho e desciam amedrontados. Acclamações e assobios, de mistura, enchiam os ares, até a scena final, quando o Puga, subjugado, desceu ferido também. Ahi Shakspeare cedeu o passo a Lynch, outro tragico, sem igual genio, mas com a mesma inconsciencia do genio, cujo unico defeito é não ter feito mais que uma tragedia em sua vida. A policia interveio para se não representar essa outra peça, e, se salvou a vida ao Puga, praticou um acto muito menos liberal, que foi restaurar a censura dramatica.

Ao enterramento do soldado que acabou a vida n'aquella luta, creio que acompanhou menos gente, os que pegaram no caixão, e alguns amigos particulares, se é que os tinha. O cocheiro acompanhou porque ia guiando os burros. Concluamos que o homem ama a luta e respeita a morte; entusiasta diante do heroe, fica naturalmente triste e solitario diante do cadaver, e deixa-o ir para onde todos havemos de ir, mais tarde ou mais cedo.

Resumindo, direi ainda mais uma vez que a sorte é tudo, e não são só os livros que têm os seus fados. Também os têm os arcos e os pavilhões. Que digo? Também os têm as proprias palavras. Ha dias, o Sr. general Roberto Ferreira, referindo-se a uma noticia, encabeçou o seu artigo com estas palavras : *Consta, não ; é exacto*. E todos discutiram o artigo, afirmando

uns que constava, outros que era exacto. A reflexão que tirei d'ahi foi longa e profunda, não por causa da materia em si mesma, que não é commigo, mas por outra causa que vou dizer, não tendo segredos para os meus leitores.

Conheço desde muito o velho *Constar*, era eu bem menino; lembra-me remotamente que foi um carioca, Antonio de Moraes Silva, que o apresentou em nossa casa. Velho, disse eu? Na idade, era-o; mas na pessoa era um dos mais robustos homens que tenho visto. Alto, forte, pulso grosso, espaduas longas; dir-se-hia um Atlas. O moral correspondia ao physico. Era afirmativo, autoritario, dogmatico. Quando referia um caso, havia de crer-se por força. As proprias historias da carocha, que contava para divertir-nos, deviam ser aceitas como factos authenticos. O carioca Moraes, que tenho grande fé n'elle, dizia que era assim mesmo, e ninguem podia descrever de um, que era arriscar-se a levar um peteleco de ambos.

Poucos annos depois, tornando a vel-o, caiu-me a alma aos pés — a alma e o chapéo, porque ia justamente cumprimenta-lo, quando lhe ouvi dizer com a voz tremula e abafada: « Supponho... ouvi que... dar-se-ha que seja?... Tudo é possivel. » Não me conhecia! Respondi-lhe que era eu mesmo, em carne e osso, e indaguei da saude d'elle. Algum tempo deixou vagar os olhos em derredor, cochilou do esquerdo, depois do direito, e com um grande suspiro, redarguiu que ouvira dizer que ia bem, mas não podia afirma-lo; era materia incerta. « Macacôas », disse-lhe eu rindo para anima-lo. « Tambem não, isto é, creio que não », respondeu o homem. Dei-lhe o braço, e convidei-o a ir tomar café ou sorvete. Hesitou, mas acabou accitando.

Conversámos cerca de meia hora. Deus de misericórdia ! Não era já o dogmatico de outro tempo, cujas afirmações, como espadas, cortavam toda discussão. Era um velho tonto, vago, dubitativo, incerto do que via, do que ouvia, do que bebia. Tomou um sorvete, crendo que era café, e achou o café extremamente gelado. Ha sorvetes de café, disse eu, para ver se o traria á afirmação antiga; concordou que sim, embora pudesse ser que não. Um sceptico ! um triste sceptico !

Que é isto senão a sorte? A sorte, e só ella, tirou ao velho *Constar*, o gosto das idéas definitivas e dos factos averiguados. A sorte e só ella, decidirá da eleição do dia 6 de janeiro. Podem contar, sommar e multiplicar os votos; a eleição ha de ser o que ella quizer. A peça esta pronta. Não nos espantemos do que virmos; preparemo-nos para analysar as scenas, os lances, o dialogo, porque a peça está feita.

A sorte acaba de golpear-me cruamente. Sempre cuidei que o meu silencio modesto e espressivo indicasse ao Sr. presidente da Republica onde estava a pessoa mais apta (posso agora dize-lo sem modestia), para o cargo de prefeito. S. Ex, não me viu. *Outrageons Fortune!* Tu és a causa d'esta preterição. Sem ti, o prefeito era eu, e eu te pagaria, sorte affrontosa, elevando-te um templo no mesmo logar onde está o pavilhão das festas uruguayas.

1895

10 de Março.

A autoridade recolheu esta semana á detecção duas feiticeiras e uma cartomante, levando as ferramentas de ambos 'os officios. Achando-se estes incluídos no código como delictos, não fez mais que a sua obrigação, ainda que incompletamente.

A minha questão é outra. As feiticeiras tinham consigo uma cesta de bugigangas, aves mortas, moedas de dez e vinte réis, uma perna de ceroula velha, saquinhos contendo feijão, arroz, farinha, sal, assucar, cangica, penas e cabeças de frangos. Uma d'ellas, porém, chamada Umbelina, trazia no bolso não menos de quatrocentos e treze mil réis. Eis o ponto. Peço a attenção das pessoas cultas.

Nestes tempos em que o pão é caro e pequeno, e tudo o mais vai pelo mesmo fio, um officio que dá quatrocentos e treze mil réis póde ser considerado delicto? Parece que não. Gente que precisa comer, e tem que pagar muito pelo pouco que come, podia roubar ou furtar, infringindo os mandamentos da lei de Deus. Taes mandamentos não fallam de feitiçaria, mas de furto. A feitiçaria, por isso mesmo que não está entre o homicidio e a impiedade, é delicto inventado pelos homens, e os homens erram. Quando acertam, é pre-

ciso examinar a sua afirmação, comparar o acto ao rendimento, e concluir.

Não se diga que a feitiçaria é illusão das pessoas credulas. Sou indigno de criticar um codigo, mas deixem-me perguntar ao autor do nosso : Que sabeis disso? Que é illusão? Conheceis Poe? Não é jurisconsulto, posto dêsse um bom juiz formador da culpa. Ora, Poe escreveu a respeito do povo : « O nariz do povo e a sua imaginação; por elle é que a gente póde leval-o, em qualquer tempo, aonde quizer. » O que chamais illusão é a imaginação do povo, isto é, o seu proprio nariz. Como fazeis crime a feitiçaria de o puxar até o fim da rua, se nós podemos puxa-lo até o fim da parochia, do districto ou até do mundo?

No nosso anno terrivel, vimos esse nariz chegar mais que ao fim do mundo, chegar ao céo. Ninguém fez disso crime, alguns fizeram virtude, e ainda os ha virtuosos e credores. Realmente, prometter com um palmo de papel um palacio de marmore é o mesmo que dar um verdadeiro amor com dois pés de gallinha. A feiticeira fecha o corpo ás molestias com uma das suas bugigangas, talvez a ceroula velha, — e ha facultativo (não digo competente) que faz a mesma cousa, levando a ceroula nova. Que razão ha para fazer de um acto maleficio, e beneficio de outro?

O codigo, como não crê na feitiçaria, faz d'ella um crime, mas quem diz ao codigo que a feiticeira não é sincera, não crê realmente nas drogas que applica e nos bens que espalha? A psychologia do codigo é curiosa. Para elle, os homens só crêm aquillo que elle mesmo crê; fóra d'elle, não havendo verdade, não ha quem creia outras verdades, — como se a verdade fosse uma só e tivesse trocos miudos para a circulação moral dos homens.

Tudo isto, porém, me levaria longe; limitemo-nos ao que fica; e não fallemos da cartomante, em que se não achou dinheiro, provavelmente porque o tem na caixa economica. Relativamente ás cartomantes, confesso que não as considero como as feiticeiras. A cartomancia nasceu com a civilização, isto é, com a corrupção, pela doutrina de Rousseau. A feitiçaria é natural do homem; vêde as tribus primitivas. Que também o é da mulher, confessa-lo-ha o leitor. Se não fôr pessoa extremamente grave, já ha-de ter chamado feiticeira a alguma moça. Vão metter na cadeia uma senhora só porque fecha o corpo alheio com os seus olhos, que valem mais ainda que cabeças de frangos ou pés de gallinha. Ou pés de gallinha!

Podia dizer de muitas outras feitiçarias, mas seria necessario indagar o ponto de semelhança, e não estou de alma inclinada á demonstração. Nem á simples narração, Deus dos enfermos! Isto vai sahindo ao sabor da penna e tinta. E por estar doente, e com grandes desejos de acudir á feitiçaria, é que me doe (sempre o interesse pessoal!) a prisão das duas mulheres. Talvez a moeda de dez réis me dêsse saude, não digo uma só moeda, mas um milhão d'ellas.

Sim, eu creio na feitiçaria, como creio nos bichos de Villa Isabel, outra feitiçaria, sem sacos de feijão. São systemas. Cada systema tem os seus meios curativos e os seus emblemas particulares. Os bichos de Villa Isabel, mansos ou bravios, fazem ganhar dinheiro depressa, e sem trabalho, tanto como fazem perderlo, igualmente depressa e sem trabalho, tudo sem trabalho, não contando a viagem de bond, que é longa, vária e alegre. Ganha-se mais do que se perde, e tal é o segredo que esses bons animaes trouxeram da natureza, que os homens, com toda a civilização

antiga e moderna, ainda não a'caçaram. Não sei se a feitiçaria dos bichos dá mais dos quatrocentos e treze mil réis da Umbelina; talvez dê mais, o que prova que é melhor.

Além d'essas, temos muitas outras feitiçarias; mas já disse, não vou adiante. A penna cae-me. Não trato sequer da politica, aliás assumpto que dá saude. Ha quem creia que ella é uma bella feitiçaria, e não falta quem accrescente que n'esta como na outra, o povo não póde nem anda desnarigado; é horrendo e incommodo.

Tambem não cito o jury, instituição feitiçeira, dizem muitos. Ser-me-ia preciso examinar este ponto longamente, profundamente, independentemente, e não ha em mim agora profundeza, nem independencia, nem me sobra tempo para taes estudos. Eu aprecio esta instituição que exprime a grande idéa do julgamento pelos pares; examina-se o facto sem prevenção de magistrados, nem camara propria de officio, sem nenhuma attenção á pena. O crime existe? Existe; eis tudo. Não existe; eis ainda mais. Depois, é para mim instituição velha, e eu gosto particularmente dos meus velhos sapatos; os novos apertam os pés, emquanto que um bom par de sapatos folgados é como os dos proprios anjos guerreiros, Miguel, etc., etc., etc.

*
* *

24 de Março.

Divino equinoxio, nunca me hei-de esquecer que te devo a idéa que vou communicar aos meus concida-

dãos. Antes de ti, nos tres primeiros dias horridos da semana, não é possivel que tal idéa me brotasse do cerebro. Depois, tambem não. Conheço-me, leitor. Ha quem pense, transpirando; eu, quando transpiro, não penso. Deixo essa funcção ao meu criado, que, do principio ao fim do anno, *pensa* sempre, embora seja o contrario do que me é agradável; por exemplo, escova-me o chapéo ás avessas. Naturalmente, ralho.

— Mas, patrão, eu pensava...

— José Rodrigues, brado-lhe exasperado; deixa de pensar alguma vez na vida.

— Ha de perdoar, mas o pensamento é influencia que vem dos astros; ninguem pôde ir contra elles.

Ciço, calo-me e vou andando. Nos dias que correm, ter um criado que pense barato, é tão rara fructa, que não vale a pena discutir com elle a origem das idéas. Antes mudar de chapéo que de ordenado.

A idéa que tive quinta-feira, em parte se pôde comparar ao chapéo escovado de encontro ao pello; mas será culpa da escova ou do chapéo? Cuido que do chapéo. O dia correu fresco, a noite fresquissima. As estrellas fulguravam extraordinariamente, e se o meu criado tem razão, foram ellas que me influiram o pensamento. Sahi para a rua. Havia proximo umas bodas. A casa illuminada chamava a attenção publica, muita gente fóra, moças principalmente, que não perdem festas daquellas, e correm á igreja, ás portas, á rua, para ver um noivado. Qualquer pessoa de mediano espirito cuidará que era este assumpto que me preocupava. Não, não era; cogitava eleitoralmente, ao passo que rompia os grupos, perguntava a mim mesmo : Por que não faremos uma reforma constitucional?

Fala-se muito em eleições violentas e corruptas,

a bico de penna, a bacamarte, a faca e a páo. Nenhuma d'essas palavras é nova aos meus ouvidos. Conheço-as desde a infancia. Crespas são deveras; na entrada do proximo seculo é força mudar de methodo ou de nomenclatura. Ou o mesmo systema com outros nomes, ou estes nomes com diversa applicação. Como em todas as cousas, ha uma parte verdadeira na accusação, e outra falsa, mas eu não sei onde uma acaba, nem onde outra começa. Pelo que respeita á fraude, sem negar os seus meritos e proveitos, acho que algumas vezes podem dar canceiras inuteis. Quanto á violencia, sou da familia de Stendhal, que escrevia com o coração nas mãos : *Mon seul defect est de ne pas aimer le sang.*

Não amando o sangue, temendo as incertezas da fraude, e julgando as eleições necessarias, como achar um modo de as fazer sem nenhum desses riscos? Formulei então um plano comparavel ao gesto do meu criado, quando escova o chapéo ás avessas. Supprimo as eleições. Mas como farei as eleições, supprimindo-as? Faço-as conservando-as. A idéa não é clara; lêde-me devagar.

Sabeis muito bem o que eram os pelouros antigamente. Eram umas bolas de cera, onde se guardavam, escritos em papel, os nomes dos candidatos á vereação; abriam-se as bolas no fim do prazo da lei, e os nomes que saham, eram os escolhidos para a magistratura municipal. Pois este processo do antigo regimen é o que me parece capaz de substituir o actual mecanismo, desenvolvido, adequado ao numero de eleitos. Um grave tribunal ficará incumbido de escrever os nomes, não de todos os cidadãos que tiverem condições de elegibilidade, mas só d'aquelles que, tres ou seis mezes antes, se declararem candidatos.

Outro tribunal terá a seu cargo abrir os pelouros, ler os nomes, escreve-los, atesta-los, proclama-los e publica-los. Esta é a metade da minha idéa.

A outra metade é o seu natural complemento. Com effeito, restaurar os pelouros, sem mais nada, seria desinteressar o cidadão da escolha dos magistrados e universalisar a abstenção. Quem quereria sahir de casa para resistir á esteril cerimonia da leitura de nomes? Poucos, de certo, pouquissimos. Acrescentai a gravidade do tribunal e teremos um espectáculo proprio para fazer dormir. Não tardaria que um partido se organisasse pedindo o antigo processo, com todos os seus riscos e perigos, far-se-hia provavelmente uma revolução, correria muito sangue, e este apparelho, restaurado para eliminar o bacamarte, acabaria ao som do bacamarte.

Eis o complemento. O meneio das palavras será nem mais nem menos o dos bichos do Jardim Zoológico. O cidadão, em vez de votar, aposta. Em vez de apostar no gato ou no leão, aposta no Alves ou no Azambuja. O Azambuja dá, o Alves não dá, distribuem-se os dividendos aos devotos do Azambuja. Para o anno dará o Alves, se não der o Meirelles.

Nem ha razão para não amiudar as eleições, fazel-as algumas vezes semestraes, bimensaes, mensaes, quinzenaes, e, tal seja a pouquidade do cargo, semanaes. O espirito publico ficará deslocado; a opinião será regulada pelos lucros, e dir-se-ha que os principios de um partido nos ultimos dois annos têm sido mais favorecidos pela Fortuna que os principios adversos. Que mal ha n'isso? Os antigos não se regeram pela Fortuna? Gregos e romanos, homens que valeram alguma cousa, confiavam a essa deusa o governo da Republica. Um d'elles (não sei qual)

dizia que tres poderes governam este mundo : Prudencia, Força e Fortuna. Não podendo eliminar esta, regulemo-la.

O interesse publico será enorme. Haverá palpites, pedir-se-hão palpites; far-se-ha até, se fôr preciso, uma legião de adivinhos, incumbidos de segredar aos cidadãos os nomes provaveis ou certos. Haverá folhas especiaes, bonds especiaes, botequins especiaes, onde o cidadão receba um refresco e um palpite, deixando dois ou tres mil réis. Esta quantia parece ser mais, e é menos que os mil e duzentos homens que acabam de morrer nas ruas de Lima. Sendo as pequenas revoluções, em substancia, uma questão eleitoral, segue-se que o meu plano zoologico é preferivel ao systema de suspender a matança de tanta gente, por intervenção diplomatica. A zoologia exclue a diplomacia e não mata ninguem. *Mon seul defaut etc.*

CONTO DO VIGARIO

31 de Março de 1895.

De quando em quando apparece-nos o conto do vigario. Tivemol-o esta semana, bem contado, bem ouvido, bem vendido, porque os autores da composição puderam receber integralmente os lucros do editor.

O conto do vigario é o mais antigo genero de ficção que se conhece. A rigor, póde crer-se que o discurso da serpente, induzindo Eva a comer o fructo prohibido, foi o texto primitivo do conto. Mas, se ha duvida sobre isso, não a póde haver quanto ao caso de Jacob e seu sogro. Sabe-se que Jacob propoz a Labão que lhe dêsse todos os filhos das cabras que nascessem malhados. Labão concordo certo de que muitos trariam uma só côr; mas Jacob, que tinha plano feito, pegou de umas varas de platano, raspou-as em parte, deixando-as assim brancas e verdes a um tempo, e, havendo-as posto nos tanques, as cabras concebiam com os olhos nas varas, e os filhos sahiam malhados. A boa fé de Labão foi assim embaçada pela finura do genro; mas não sei que ha na alma humana que Labão é que faz sorrir, ao passo que Jacob passa por um varão arguto e habil.

O nosso Labão d'esta semana foi um honesto

fazendeiro do Chiador, que, estando em uma rua d'esta cidade, viu apparecer um homem, que lhe perguntou por outra rua. Nem o fazendeiro, nem o outro desconhecido que ali appareceu tambem, tinha noticia da rua indicada. Grande afflicção do primeiro homem recentemente chegado da Bahia, com vinte contos de réis de um tio d'elle, já fallecido, que deixa a dezeseis para os naufragos da *Terceira* e quatro para a pessoa que se encarregasse da entrega.

Quem é que, nestes ou em quaesquer tempos, perderia tão boa occasião de ganhar depressa e sem canção quatro contos de réis? eu não, nem o leitor, nem o fazendeiro do Chiador, que se offereceu ao desconhecido para ir com elle depositar na casa Leitão, largo de Santa Rita, os dezeseis contos, ficando-lhe os quatro de remuneração.

— Não é preciso que o acompanhe, respondeu o desconhecido; basta que o senhor leve o dinheiro, mas primeiro é melhor juntar a este o que traz ahí consigo.

— Sim, senhor, annuiu o fazendeiro. Sacou do bolso o dinheiro que tinha (um conto e tanto), entregou-o ao desconhecido, e viu perfeitamente que este o juntou ao maço dos vinte; acção analogá á das varas de Jacob. O fazendeiro pegou do maço todo, despediu-se e guiou para o largo de Santa Rita. Um homem de má fé teria ficado com o dinheiro, sem curar dos naufragos da *Terceira*, nem da palavra dada. Em vez d'isso, que seria mais que deslealdade, o portador chegou á casa do Leitão, e tratou de dar os dezeseis contos, ficando com os quatro de recompensa. Foi então que viu que todas as cabras eram malhadas. O seu proprio dinheiro, que era de uma só côr, como as ovelhas de Labão, tinha

a pelle variegada dos jornaes velhos do costume.

A prova de que o primeiro movimento não é bom é o que o fazendeiro do Chiador correu logo á policia; é o que fazem todos. Mas a policia, não podendo ir á cata de uma sombra, nem adivinhar a cara e o nome de pessoas habeis em fugir, como os heróes dos melodramas, não fez mais que distribuir o segundo milheiro do conto do vigario, mandando a noticia aos jornaes. Eu, se algum dia os contistas me pegassem, trataria antes de recolher os exemplares da primeira edição.

Aos sapientes e pacientes recommendo a bella monographia que podem escrever estudando o conto do vigario pelos seculos atrás, as suas modificações segundo o tempo, a raça e o clima. A obra, para ser completa, deve ser immensa. E' seguramente maior o numero das tragedias, tanta é a gente que se tem estripado, esfaqueado, degolado, queimado, enforcado, debaixo deste bello sol, desde as batalhas de Josué até aos combates das ruas de Lima, onde as autoridades sanitarias, segundo telegrammas de hontem, esforçam-se grandemente por sanear a cidade « empestada pelos cadaveres que ficaram apodrecidos ao ar livre ». Lembrai-vos que eram mais de mil, e imaginai que o detestavel fedor de gente morta não custa a vitoria de um principio. O conto é menos numeroso, e, seguramente, menos sublime; mas ainda assim occupa lugar eminente nas obras de ficção. Nem é o tamanho que dá primazia á obra, é a feitura della. O conto do vigario não é propriamente o de Voltaire, Boccacio ou Andersen, mas é conto, um conto especial, tão celebre como os outros, e mais lucrativo que nenhum.

*
* **14 de Abril.*

Nada ha peor que oscillar entre dois assumptos. A semana santa chama-me para as cousas sagradas, mas uma idéa que me veiu do Amazonas chama-me para as profanas, e eu fico sem saber para onde me volte primeiro. Estou entre Jerusalem e Manáos; posso começar pela cidade mais remota, e ir depois á mais proxima; posso tambem fazer o contrario.

Havia um meio de combina-las : era meter-me em uma das montarias ou igarités do Amazonas, com o meu amigo José Verissimo, e deixar-me ir com elle, rio abaixo ou acima, ou pelos confluentes, á pesca do pirarucu, do peixeboi, da tartaruga ou da infinidade de peixes que ha no grande rio e na costa maritima. Não podia ter melhor companheiro; pittoresco e exacto, erudito e imaginoso, dá-nos na monographia que acaba de publicar, sob o titulo *A pesca na Amazonia*, um excellente livro para consulta e deleite. Como se trata do pescado amazonico e acabamos a semana santa, iria eu assim a Jerusalem e a Manáos, sem sahir do meu gabinete. Mas o bom christão acharia que não basta pescar, como S. Pedro, para ser bom christão, e os amigos de idéas novas diriam que não ha idéa nem novidade em moquear o peixe á maneira dos habitantes de Obidos ou Rio Branco. Força é ir a Manáos e a Jerusalem.

Já que estou no Amazonas, começo por Manáos. As folhas chegadas hontem referem que n'aquella capital a camara dos deputados dividiu-se em duas.

Essa dualidade de camaras de deputados e de senados tende a repetir-se, a multiplicar-se, a fixar-se nos varios Estados d'este paiz. Não são phenomenos passageiros; são situações novas, identicas, perduraveis. Os olhos de pouca vista alcançam n'isto um defeito e um mal, e não falta quem peça o concerto de um e a extirpação de outro. Não será concertar uma lei natural, isto é, viola-la? Não será extirpar uma vegetação espontanea, isto é, abrir caminho a outra?

Geralmente, as opposições não gostam dos governos. Partido vencido contesta a eleição do vencedor, e partido vencedor é simultaneamente vencido, e vice-versa. Tentam-se accordos, dividindo os deputados; mas ninguem acceita minorias. No antigo regimen iniciou-se uma representação de minorias, para dar nas camaras um recanto ao partido que estava de baixo. Não pegou bem, — ou porque a porcentagem era pequena, — ou porque a planta não tinha força bastante. Continuou praticamente o systema da lavra unica.

Os fatos recentes vão revelando que estamos em vespuras de um direito novo. Sim, leitor attento, é certo que a luta nasce das rivalidades, as rivalidades da posse e a posse da unidade de governo e de representação. Se, em vez de uma camara, tivermos duas, dois senados em vez de um, tudo coroado por duas administrações, ambos os partidos trabalharão para o beneficio geral. Não me digam que tal governo não existe nos livros, nem em parte alguma. Socrates, — para não citar Taine e consortes — aconselhava ao legislador que, quando houvesse de legislar tivesse em vista a terra e os homens. Ora os homens aqui amam o governo e a tribuna, gostam de propôr, votar, discutir, atacar, defender e os demais verbos, e o

partido que não folheia a grammatica politica acha naturalmente que já não ha syntaxe; ao contrario, o que tem a grammatica na mão julga a linguagem alheia obsoleta ou corrupta. O que estamos vendo é a impressão em dois exemplares da mesma grammatica. Virão breve os tempos messianicos, — melhores ainda que os de Israel, porque lá os lobos deviam dormir com os cordeiros, mas aqui os cordeiros dormirão com os cordeiros, á falta de lobos.

Emquanto não vêm esses tempos messianicos, vamo-nos contentando com os da escriptura, e com a semana santa que passou. Assim passo eu de Manáos a Jerusalem.

Ha meia duzia de assumptos que não envelhecem nunca; mas ha um só em que se póde ser banal, sem parece-lo, é a tragedia do Golgotha. Tão divina é ella que a simples repetição é novidade. Essa cousa eterna e sublime não cança de ser sublime e eterna. Os seculos passam sem esgota-la, as linguas sem confundi-la, os homens sem corrompe-la. « O Evangelho fala ao meu coração » escrevia Rousseau; é bom que cada homem sinta este pedaço de Rousseau em si mesmo...

Entretanto, se eu admiro o bello sermão da Montanha, as parabolias de Jesus, os duros lances da semana divina, desde a entrada em Jerusalem até á morte no Calvario, e as mulheres que se abraçaram á cruz, e cuja distincção foi tão finamente feita por Lulu Senior, quinta-feira, se tudo isso me faz sentir e pasmar, ainda me fica espaço na alma para ver e pasmar de outras cousas. Perdoe-me a grandeza do assumpto uma reminiscencia, aliás incompleta, pois não me lembra o nome do moralista, mas foi um moralista que disse ser a fidelidade dos namorados

uma especie de infidelidade relativa, que vai dos olhos aos cabellos, dos cabellos á boca, da boca aos braços, e assim passeia por todas as bellezas da pessoa amada. Espiritualisemos a observação, e applicuemol-a ao Evangelho.

Assim é que, no meio das sublimidades do livro santo, ha lances que me prendem a alma e despertam a attenção dos meus olhos terrenos. Não é ama-lo menos; é ama-lo em certas paginas. Grande é a morte de Jesus, divina é a sua paciencia, infinito é o seu perdão. A fraqueza de Pilatos é enorme, a ferocidade dos algozes inexcedivel...

Mas, não sendo primoroso o ultimo acto dos discipulos, não deixa de ser instructivo. Um, por trinta dinheiros, vendeu o Mestre; os outros, no momento da prisão, desapareceram, ninguem mais os viu. Um só delles, sem se declarar, meteu-se entre a multidão, e penetrou no pretorio entre os soldados. Tres vezes lhe perguntaram se tambem não andava com os discipulos de Christo; respondeu que não, que nem o conhecia, e, á terceira vez, cantando o gallo, lembrou-se da prophesia de Christo, e chorou. São Matheus, contando o acto deste discipulo, diz que elle entrara no pretorio, com os soldados, « a ver em que parava o caso ». Hoje diriamos, se o Evangelho fosse de hoje, « a ver em que paravam as modas ». Tal é a mudança das linguas e dos tempos!

Este versiculo do evangelista não vale o sermão da Montanha, mas, usando da theoria do moralista a que ha pouco alludi, esta é a pontinha da orelha do Evangelho.

*
* *

2 de Junho.

Quando me deram noticia da morte de Saldanha Marinho, veio-me á lembrança aquelle dia de julho de 1868, em que a camara liberal viu entrar pela porta o partido conservador. Ha vinte e sete annos; mas os acontecimentos foram taes e tantos, depois disso, que parece muito mais.

Os liberaes voltaram mais tarde, tornaram a cair e a voltar, até que se foram de vez, como os conservadores, e com uns e outros o imperio.

Jovem leitor, não sei se acabavas de nascer ou se andavas ainda na escola. Dado que sim, ouvirás falar d'aquelle dia de julho, como os rapazes de então ouviam fallar da Maioridade ou do fim da republica de Piratinim, que foi a pacificação do sul, ha meio seculo.

Certo, não ignoras o que eram as recepções de ministerios ou de partidos, viste muitas d'ellas, e a ultima ha seis annos. Has-de lembrar-te que a camara enchia-se de gente, galerias, tribunas, recinto. Na ultima recepção, em 1889, ouvi que alguns espectadores, cansados de estar em pé, sentaram-se nas proprias cadeiras dos deputados. Creio que antigamente não vinha muita gente ao recinto, mas a população da cidade era muito menor. A estatistica é a chave dos costumes. Demais, não esqueças a ternura do nosso coração, a cultura da amizade, o gosto de servir, a necessidade de mostrar alguma influencia, e por fim a indignação, que leva um grande numero de

peessoas a entrar com os hombros. Comprehende-se, aliás, a curiosidade publica. O acontecimento em si mesmo era sempre interessante; depois, a certeza de que se não ia ouvir fallar de impostos, dava animo de penetrar no recinto sagrado. Accrescentai que nós amamos a esgrima da palavra, e applaudimos com prazer os golpes certos e bonitos.

Tambem houve applausos em 1868, como em 1889, como nas demais sessões interessantes, ainda que fossem de simples interpellações aos ministros. « As galerias não podem dar signaes de approvação ou reprovação », diziam somnolentemente os presidentes da camara. A primeira vez que ouvi esta advertencia, fiquei um pouco admirado; suppunha que o presidente presidia, e que o mais era uma questão de policia interior; mas explicaram-me que a mesa é que era a commissão de policia. Compreendi então, e notei uma virtude da galeria, é que applaudia sempre e não pateava nunca.

Ouçõ ainda os applausos de 1868, estrepitosos, sinceros e unanimes. Os ministros entraram, com Itaborahy á frente, e foram occupar as cadeiras onde dias antes estavam os ministros liberaes. Um d'estes ergueu-se, e em poucas palavras explicou a sahida do gabinete. Não me esqueceu ainda a impressão que deixou em todos a famosa declaração de que a escolha de Torres Homem não era *acertada*. Zacharias acabava de repeti-la no senado. Geralmente, as dissoluções dos gabinetes eram explicadas por frases vagas, e porventura nem sempre veridicas. D'aquella vez conheceu-se que a explicação era verdadeira. Disse-se então que a palavra fôra buscada para dar ao gabinete as honras da sahida. Alguem ouviu por esse tempo, ao proprio Zacharias, n'aquella grande chácara de

Catumby, que « desde a quaresma sentia que a queda era inevitavel ». Grande athleta, quiz cahir com graça.

Itaborahy levantou-se e pediu os orçamentos. Foi então que desabou uma tempestade de vozes duras e vibrantes. Posto soubesse que se despedia a si mesma, a camara votou uma moção de despedida ao ministerio conservador. Um só espirito suppoz que a moção podia desfazer o que estava feito; não me lembra o nome, talvez não soubesse ler em politica, e d'ahi essa credulidade natural, que se manifestou por um aparte cheio de esperanças.

Uma das vozes duras e vibrantes foi a de Saldanha Marinho. Escolhido senador pelo Ceará, nessa occasião, bastava-lhe pouco para entrar no senado — para espera-lo, ao menos. O silencio era o conselho do sabio. Diz um proverbio arabe que « da arvore do silencio pende o seu fructo, a tranquillidade. » Diz mal ou diz pouco este proverbio, porque a prosperidade é tambem um fruto do silencio, Saldanha Marinho podia calar-se e votar, — votar contra o ministerio, incluir o nome entre os que o recebiam na ponta da lança, e até menos. Crises dessas alcançam as pessoas. Tambem se brilha pela ausencia. O senador escolhido deitou fóra até a esperança. Ergueu-se, e com poucas palavras atacou o ministerio e a propria corôa; lembrou 1848, a que chamou estellionato, e deixou-se cahir com os amigos. O senado annullou a eleição, e Saldanha Marinho não tornou na lista triplice.

Cahiu com os amigos. A acção foi digna e póde dizer-se rara. Para ir ao senado, não faltavam seges, nem animaes seguros. Saldanha ficou a pé. Não lhe custava nada ser firme; desde que, em 1860, tornara á politica pelo jornalismo, nunca soube ser outra cousa. 1860! Quem se não lembra da celebre eleição desse anno, em

que Octaviano, Saldanha e Ottoni derribaram as portas da camara dos deputados á força de pena e de palavra? O *lencinho branco* de Ottoni era a bandeira d'essa rebelião, que poz na linha dos supplentes de eleitores os mais illustres chefes conservadores... Oh tempos idos! Vencidos e vencedores vão todos entrando na historia. Alguns restam ainda, encalvecidos ou encanecidos pelo tempo, e dois ou tres cingidos de honras merecidas. O que ora se foi, separára-se-ha muito dos companheiros, sem perder-lhes a estima e a consideração. Mudára de campo, se é que se não restituiu ao que era por natureza.

O AUTOR DE SI MESMO

16 de Junho.

Guimarães chama-se elle; ella Christina. Tinham um filho, a que puzeram o nome de Abilio. Cançados de lhe dar máos tratos, pegaram do filho, meteram n'ò dentro de um caixão e foram po-lo em uma estribaria, onde o pequeno passou tres dias, sem comer nem beber, coberto de chagas, recebendo bicadas de gallinhas, até que veiu a fallecer. Contava dois annos de idade. Succedeu este caso em Porto Alegre, segundo as ultimas folhas, que accrescentam terem sido os paes recolhidos á cadeia, e aberto o inquerito. A dôr do pequeno foi naturalmente grandissima, não só pela tenra idade, como porque bicada de gallinha dóe muito, mórmente em cima de chaga aberta. Tudo isto, com fome e sêde, fel-o passar « um máo quarto de hora », como dizem os francezes, mas um quarto de hora de tres dias; donde se pôde inferir que o organismo do menino Abilio era apropriado aos tormentos. Se chegasse a homem, dava um luctador resistente; mas a prova de que não iria até lá, é que morreu.

Se não fosse Schopenhauer, é provavel que eu não tratasse d'este caso diminuto, simples noticia de gazetilha. Mas ha na principal das obras d'aquelle philosopho um capitulo destinado a explicar as causas

transcendentes, do amor. Elle, que não era modesto, affirma que esse estudo é uma perola. A explicação é que dois namorados não se escolhem um ao outro pelas causas individuaes que presumem, mas porque um ser, que só póde vir d'elles, os incita e conjuga. Appliquemos esta theoria ao caso Abilio.

Um dia Guimarães viu Christina, e Christina viu Guimarães. Os olhos de um e de outro trocaram-se, e o coração de ambos bateu fortemente. Guimarães achou em Christina uma graça particular, alguma cousa que nenhuma outra mulher possuia. Christina gostou da figura de Guimarães, reconhecendo que entre todos os homens era um homem unico. E cada um disse consigo : « Bom consorte para mim ! » O resto foi o namoro mais ou menos longo, o pedido da mão da moça, as formalidades, as bodas. « S havia só ou chuva, quando elles casaram, não se : mas, suppondo um céu escuro e o vento minuano, valeram tanto como a mais fresca das brisas debaixo de um céu claro. Bemaventurados os que se possuem, porque elles possuirão a terra. Assim pensaram elles. Mas o autor de tudo, segando o nosso philosopho, foi unicamente Abilio. O menino, que ainda não era menino nem nada, disse consigo, logo que os dois se encontraram : « Guimarães ha de ser meu pae, e Christina ha de ser minha mãe; não quero outro pae nem outra mãe; é preciso que nasça delles, levando commigo, em resumo, as qualidades que estão separadas nos dois. » As entrevistas dos namorados era o futuro Abilio que as preparava; se eram difficeis, elle dava coragem a Guimarães para affrontar os riscos, e paciencia a Christina para espera-lo. As cartas eram ditadas por elle. Abilio andava no pensamento de ambos, mascarado com o rosto della, quando

estava no delle, e com o delle, se era no pensamento della. E fazia isso a um tempo, como pessoa que, não tendo figura propria, não sendo mais que uma idéa especifica, podia viver inteiro em dois logares, sem quebra da identidade nem da integridade. Fallava nos sonhos de Christina com a voz de Guimarães, e nos de Guimarães com a de Christina, e ambos sentiam que nenhuma outra voz era tão doce, tão pura, tão deleitosa.

Emfim, nasceu Abilio. Não contam as folhas cousa alguma acerca dos primeiros dias d'aquelle menino. Podiam ser bons. Ha dias bons debaixo do sol. Tambem não se sabe quando começaram os castigos, — refiro-me aos castigos duros, os que abriram as primeiras chagas, não as pancadinhas do principio, visto que todas as cousas têm um principio, e muito provavel é que nos primeiros tempos da criança os golpes fossem applicados diminutivamente. Se chorava, é porque a lagrima é o succo da dôr. Demais, é livre, — mais livre ainda nas crianças que mamam, que nos homens que não mamam.

Chagado, encaixotado, foi levado á estribaria, onde, por um desconcerto das cousas humanas, em vez de cavallos, havia gallinhas. Sabeis já que estas, mariscando, comiam ou arrancavam sómente pedaços da carne de Abilio. Ahi, n'esses tres dias, podemos imaginar que Abilio, inclinado aos monologos, recitas-se este outro de sua invenção : « Quem mandou áquelles dois casarem-se para me trazerem a este mundo? Estava tão socegado, tão fóra d'elle, que bem podiam fazer-me o pequeno favor de me deixarem lá. Que mal lhes fiz eu antes, se não era nascido? Que banquete é este em que o convidado é que é comido?

N'esse ponto do discurso é que o philosopho de Dantzig, se fosse vivo e estivesse em Porto Alegre, bradaria com a sua velha irritação : « Cala a boca, Abilio. Tu não só ignoras a verdade, mas até esqueces o passado. Que culpa podem ter essas duas creaturas humanas, se tu mesmo é que os ligaste? Não te lembras que, quando Guimarães passava e olhava para Christina, e Christina para elle cada um cuidando de si, tu é que os fizeste attrahidos e namorados? Foi a tua ancia de vir a este mundo que os ligou sob a fórma de paixão e de escolha pessoal. Elles cuidaram fazer o seu negocio, e fizeram o teu. Se te sahiu mal o negocio, a culpa não é d'elles, mas tua, e não sei se tua sómente... Sobre isto, é melhor que aproveites o tempo que ainda te sobrar das gallinhas, para ler o trecho da minha grande obra, em que explico as cousas pelo miudo. E' uma perola. Está no tomo II, livro IV, capitulo XLIV... Anda, Abilio, a verdade é verdade ainda á hora da morte. Não creias nos professores de philosophia, nem na peste de Hegel... »

E Abilio, entre duas bicadas :

— Será verdade o que dizes, Arthur; mas é tambem verdade que, antes de cá vir, não me doia nada, e se eu soubesse que teria de acabar assim, ás mãos dos meus proprios autores, não teria vindo cá. Ui ! ai !

*
* *

23 de Junho.

Não vou ao extremo de attribuir á Phenix Dramatica qualquer intenção philosophica ou simplesmente

historica. Não; a Phenix, como todos os theatros, publicou um annuncio. Mas o que é que não ha dentro de um annuncio? Durante muitos annos acreditei que as « moças distinctas, de boa educação » que pedem pelos jornaes « a protecção de um senhor viuvo », eram victimas de odios de familia ou da fatalidade, que buscavam um resto de sentimento medieval n'este seculo de guarda-chuvas. Como suppôr que eram damas nobremente desoccupadas que procuravam emprego honesto? Um annuncio é um mundo de mysterios?

O que a Phenix mandou inserir nos jornaes não traz mysterios. E' a lista do espectaculo composto de varias partes, das quaes duas especialmente fazem assumpto d'esta meditação. A primeira é uma comedia: *Arthur ou dezeseis annos depois*. Quando li este titulo tive um sobresalto; depois, não sei que fada pegou em mim, pelos cabellos, e levou-me atravez dos annos até aos meus tempos de menino. Cahi em cheio entre os primeiros bonecos que vi na minha vida: eram de páo! De páo e tinham graça. Santos bonecos, oh! bonecos do meu coração, ereis sublimes, fallaveis com eloquencia e syntaxe, comquanto fosse eu que fallasse por vós; mas a criança tem o máo veso de crer que tudo o que diz é perfeito. Ereis sinceros; não conhecieis isto que os francezes chamam *fumisterie*, e que, pela nossa lingua, poderíamos dizer (approximadamente) debique. Não, bonecos da minha infancia, vós não me debicaveis; nem com a syntaxe, nem sem ella.

Nesse tempo não tinha visto a comedia, que era pelo seu verdadeiro genero, um *vaudeville*. Tambem não a vi depois, nem agora. Sei que antigamente se representou no theatro de S. Pedro de Alcantara e

no de S. Francisco. A data da composição está no proprio subtitulo, moda que se perdeu, e na denominação dos actos : 1º *O baptismo do barco*; 2º *O amor de mãe*. Ignoro os nomes dos artistas que a representavam. Podia ser a Jesuina Montani, que se fizera celebre na *Graça de Deus*, ou a Leonor Orsat afamada na *Vendedora de Perus*, titulos que trazem a mesma data e o mesmo esquecimento. Em volta da peça agora annunciada, vi apparecer uma infinidade de sombras, como D. João viu surgir as das mulheres que o tinham amado e perdido. As velhas reminiscencias têm a particularidade de trazerem a frescura antiga; eu fiquei calado e cabisbaixo.

Pedro Luiz, o epigrammatico forrado de poeta, contou-me um dia que, estando em Roma, certa noite, ouviu tocar um realejo e não pôde suster as lagrimas. Que os manes de meu amigo me perdoem esta revelação! Aquelle espirito fino e sarcastico chorou ao som de um banal instrumento. Certo, elle não estava ao pé das ruinas da antiga Roma, pois que taes ruinas pediam antes a musica do silencio. Havia de ser em alguma rua ou hospedaria; mas demos que fossem ruinas. A linguagem natural d'ellas é a da caducidade das cousas; nada mais facil, em dado caso, que achar n'ellas um pouco de nós mesmos. Revia elle os dias da meninice, as festas da roça e da cidade? Foi então que algum tocador perdido na noite entrou a moer a musica do seu realejo; era a propria voz dos tempos que dava alma ás reminiscencias antigas; d'ahi algumas lagrimas.

Eu, não por ser mais forte, mas talvez por não estar em Roma, não chorei quando li o titulo de *Arthur ou dezeseis annos depois*. Nem foi porque este outro realejo me trouxesse lembranças perdidas ou

que eu julgava taes. Tambem eu vi, na infancia, tocadores que paravam na rua, moiam a musica e estendiam o chapéo para receberem os dois vintens de esportula. Cuido que ainda hoje fazem o mesmo; os meninos é que são outros, e os dois vintens subiram a tostão. Deus meu! eu bem sei que um trecho de musica de realejo não vale os *Huguenoles*, como aquella comedia pacata e sentimental não valia o *Filho de Giboyer* nem o *Pai prodigo*, que nós iamós ver, tempos depois, no Gymnasio Dramatico, — o theatro que ha pouco chamei S. Francisco, e hoje é, se me não engano, uma loja de fazendas.

Agora a segunda parte do annuncio da Phenix, que parece dar ao todo um ar de paralelo e compensação. A segunda parte é uma cançoneta, com este titulo suggestivo: *Ora toma, Mariquinhas!* Não posso julgar da cançoneta, porque não a ouvi nunca; mas, se como dizia Garret, ha titulos que dispensam livros, este dispensa as coplas; basta-lhe ser o que é para se lhe adivinhar um texto picante, bregeiro, em fraldas de camisa. Não são dezeseis annos, como na comedia, mas trinta annos ou mais, que decorrem d'aquelle *Arthur* a esta *Mariquinhas*. Ha uma historia entre as duas datas, historia gaiata, ou não, segundo a idade e os temperamentos. D'ahi a significação do annuncio e a sua inconsciente philosophia.

Os que tiverem ido ao theatro, levados uns pela velha comedia, outros pela cançoneta nova, sahiram de lá satisfeitos, a seu modo. Tambem pôde succeder — e isto será a gloria do annuncio, — que os da cançoneta não achassem inteiramente insipido o sabor da peça velha, e que os da peça velha sentissem o vinho das coplas subir-lhes á cabeça. Esses foram pela rua abaixo, de braço dado; emquanto o moço gargareja

com a ingenuidade de Arthur a rouquidão da cantiga nova, o velho recompõe um pouco da vida exausta com dois trinados da cançoneta.

A cançoneta, como genero, nasceu no antigo Alcazar. A principio as cantoras levantavam uma pontinha de nada do vestido, isso mesmo com gesto encolhido e delicado. Annos depois, nos grandes cancans, mandavam a ponta do pé aos narizes dos cantores. O gesto era feio, mas haviam-se com tal arte que não se descompunham, posto se lhes vissem as saias e as meias, — meias lavadas. *Enfin, Malherbe vint...*

*
* *
*

7 de Julho.

Os mortos não vão tão depressa, como quer o adagio; mas que elles governam os vivos, é cousa dita, sabida e certa. Não me cabe narrar o que esta cidade viu hontem, por occasião de ser conduzido ao cemiterio o cadaver de Floriano Peixoto, nem o que vira antes, ao ser elle transportado para a Cruz dos Militares. Quando, ha sete dias, fallei de Saldanha da Gama e dos funeraes de Coriolano que lhe deram, estava longe de suppor que, poucas horas depois, teriamos noticia do obito do marechal. O destino poz assim, a curta distancia, uma de outra, a morte de um dos chefes da rebellião de 6 de setembro e a do chefe de Estado que tenazmente a combateu e debellou.

A historia é isto. Todos somos os fios do tecido que a mão do tecelão vai compondo, para servir aos

olhos vindouros, com os seus varios aspectos moraes e politicos. Assim como os ha solidos e brilhantes, assim tambem os ha frouxos e desmaiados, não contando a multidão delles que se perde nas cores de que é feito o fundo do quadro. O marechal Floriano era dos fortes. Um de seus mais illustres amigos e companheiros, Quintino Bocayuva, definiu na tribuna do senado, com a eloquencia que lhe é propria, a natureza, a situação e o papel do finado vice-presidente. Bocayuva, que tanta parte teve nos successos de 15 de Novembro, é hoje um dos remanescentes daquelle grupo de homens, alguns dos quaes a morte levou, outros se acham dispersos pela politica, restando os que ainda une o mesmo pensamento de iniciação. A verdade é que temos vivido muito nestes seis annos, mais que nos que decorreram do combate de Aquidaban á revolução de 15 de Novembro, vida agitada e rapida, tão apressada quão cheia de successos.

Mas, como digo, os mortos não vão tão depressa que se percam todos de nossa vista. Hontem era um ex-chefe de Estado que a população conduzia ou via conduzir ao ultimo jazigo. Hoje commemora-se o centenario de um poeta. Digo mal. Nem se commemora, nem é ainda o centenario. Este é no fim do mez; o que se faz hoje, quando li nas folhas, é convidar os homens de letras para tratarem dos meios de celebrar o primeiro centenario da morte de José Bazilio da Gama. Não conheço o pio brasileiro que tomou a si essa iniciativa; mas tem d'aqui todo o meu apoio. Não se vive só de politica. As musas tambem nutrem a alma nacional. Foi o nosso Gonzaga que escreveu com grande acerto que as pyramides e os obeliscos arrazam-se, mas que as *Iliadas* e as *Éneidas* ficam.

José Bazilio não escreveu *Eneidas* nem *Iliadas*, mas o *Uruguay* é obra de um grande e doce poeta, precursor de Gonçalves Dias. Os quatro cantos dos *Tymbiras*, escapos ao naufragio, são da mesma familia d'aquelles cinco cantos do poema de José Bazilio. Não tem este a popularidade da *Marilia* de Dirceu, sendo-lhe, a certos respeitos, superior, por mais incompleto e menos limado que o ache Garrett; mas o proprio Garrett escreveu em 1826 que os brasileiros têm no poema de José Bazilio da Gama « a melhor corôa da sua poesia, que n'elle é verdadeiramente nacional, e legitima americana. »

Neste tempo em que o uso do verso solto se perdeu inteiramente, tanto no Brasil como em Portugal, Gonzaga tem essa superioridade sobre o seu patricio mineiro. As rimas daquelle cantam de si mesmas, quando não baste a perfeição dos seus versos, ao passo que o verso solto de José Bazilio tem aquella harmonia, seguramente mais difficil, a que é preciso chegar pela só inspiração e belleza do metro. Não serão sempre perfeitos. O meu bom amigo Muzzio, companheiro de outr'ora, critico de bom gosto, achava detestaveis aquelles dois famosos versos do *Uruguay*:

Tropel confuso de cavallaria,
Que combate desordenadamente.

— Isto nunca será onomatopéa, dizia elle; são dois máos versos.

Concordava que não eram melodiosos, mas defendia a intenção do poeta, capaz de os fazer com a tonica usual. Um dia, achei em Filinto Elisio uma imitação d'aquelles versos de José Bazilio da Gama, por signal que ruim, mas o lyrico portuguez confessava a imitação e a origem. Não quero dizer que isto tornasse

mais bellos os do poeta mineiro; mas é força lembrar o que valia no seu tempo Filinto Elysio, tão acaçado, que meia duzia de versos seus, elogiando Boccage, bastaram a inspirar a este o celebre grito de orgulho e de gloria: — *Zoilos, tremei! Posteridade, és minha.*

A reunião de hoje póde ser prejudicada pela grande commoção de hontem. Outro dia seria melhor. Se alguns homens de letras se juntarem para isto, façam obra original, como original foi o poeta no nosso mundo americano. Antes de tudo, seja-me dado pedir alguma cousa: excluam a polyanthéa. Oh! a polyanthéa! Um dia appareceu aqui uma polyanthéa; d'ahi em diante tudo ou quasi tudo se fez por essa fórma. A cousa, desde que lhe não presida o gosto e a escolha, descai naturalmente até á vulgaridade; o nome, porém, fal-a-ha sempre odiosa, tão usado e gasto se acha. Não lhe ponham tal designação; qualquer outra, ou nenhuma, é preferivel, para colligir as homenagens da nossa geração.

No meu tempo de rapaz, era certo fazer-se uma reunião litteraria, onde se recitassem versos e prosas adequados ao objecto. Não aconselho este alvitre; além de ser costume perdido, e bem perdido, seria grandemente arriscado revive-lo. Não se podem impor programmas, nem se ha-de tapar a boca aos que a abrirem para dizer alguma cousa fóra do ajuste. Uma d'aquellas reuniões foi notavel pela leitura que alguém fez de um relatorio, não sei sobre que, mas era um relatorio comprido e mal recitado. Um dos convidados era official do exercito, estava fardado, e passeava na sala contigua, obrigando um cho-carreiro a dizer que a directoria da festa mandára buscar o official para prender o leitor do relatorio,

apenas acabada a leitura; mas a leitura, a fallar verdade, creio que ainda não acabou.

Não; ha varios modos de commemorar o poeta de Lindoya, dignos do assumpto e do tempo. Não busquem grandeza nem rumor; falta ao poeta a popularidade necessaria para uma festa que toque a todos. Uma simples festa litteraria é bastante, desde que tenha gosto e a arte. Officialmente se poderá fazer alguma cousa, o nome do poeta, por exemplo, dado pelo conselho municipal a uma das novas ruas. Devo aqui notar que Minas Geraes, que tem o gosto de mudar os nomes ás cidades, não deu ainda a nenhuma d'ellas o nome de Gonzaga, e bem podia dar agora a alguma o nome de Lindoya, se o do cantor d'esta lhe parece extenso em demasia; qualquer acto, emfim, que mostre o apreço devido á musa deliciosa de José Bazilio, o mesmo que, condemnado a desterro, pôde com versos alcançar a absolvição e um logar de official de secretaria.

Eu não verei passar teus doze annos,
Alma de amor e de piedade cheia,
Esperam-me os desertos africanos,
Aspera, inculta, montuosa areia.
Ah tu fazes cessar os tristes damnos...

Assim fallou elle á filha do marquez de Pombal, como sabeis, e dos versos lhe veiu a boa fortuna. A má fortuna veiu-lhe do character, que se conservou fiel ao marquez, ainda depois de cahido, e perdeu com isso o emprego...

Para acabar com poetas. Valentim Magalhães tornou da Europa. Viu muito em pouco tempo e soube ver bem. Parece-me que teremos um livro d'elle contando as viagens. Com o espirito de observação que possui, e a phantasia original e viva, dar-nos-ha

um volume digno do assumpto e de si. O que se póde saber já, é que, indo a Paris, não se perdeu por lá; viu Burgos e Salamanca, viu Roma e Veneza, — Veneza que eu nunca verei, talvez, se a morte me levar antes, como diria M. de la Palisse, — Veneza, *a unica*, como escrevia ha pouco um autor americano.

*
* *

14 de Julho.

Carne e paz foram as doações principaes da semana. A carne é municipal, a paz é federal, mas nem por isso são menos apraziveis ao homem e ao cidadão, uma vez que a carne seja barata e a paz eterna. Eterna! Que paz ha eterna n'este mundo? A mesma paz dos tumulos é uma frase. Lá ha guerra, — guerra no proprio homem, luta pela vida. Nem é raro ir cá de fóra buscar o morto ao jazigo derradeiro para isto ou para aquillo, como o celebre principe D. Pedro, que, uma vez rei, fez coroar o cadaver de D. Ignezde Castro. O nosso João Caetano, quando queria dar alguma solemnidade ás representações da *Nova Castro*, annunciava que a tragedia acabaria com a scena da coroação. Obtinha com isto mais uma ou duas centenas de mil réis. Não ficava mais bella a tragedia; mas o espectador gostava tanto de prolongar a sua propria illusão!

Paz e carne. Faz lembrar os jantares de S. Bartholomeu dos Martyres: vacca e riso. Se com estas duas cousas o arcebispo não deixou de ser canonisado, esperemos que nos canonisem tambem. Nem creio que haja melhor caminho para o céu. Não nego as

bellezas do jejum, mas o céu fica tão longe, que um homem fraco pôde cair na estrada, se não tiver alguma cousa no estomago. Que essa cousa seja barata, é o que presumo sahir do acto da intendencia; e basta isso para ter feito uma sessão util.

Um dos intendentes pensa o contrario; acha que só se fizeram torneios oratorios. Foi o Sr. Honorio Gurgel. Ao que retorquiu o Sr. Vieira Fazenda « Começando pelos de V. Ex. » Replicou o Sr. Honorio Gurgel : « Verdadeiros jogos floraes, onde o Sr. Fazenda, como sempre, brilhou pela sua facundia. » E o Sr. Vieira Fazenda : « V. Ex. está continuando a tomar tempo ao conselho com longos discursos. » E' difficil crer que haja paz depois de taes remoqueos; mas se ha leis que explicam tudo, alguma explicará este phenomeno. Pouco visto em legislação, prefiro crer que, se algum sangue correu depois d'aquillo, foi sómente o da vacca approvada e contratada.

Vacca e riso. Agora é o riso que se annuncia, por meio da pacificação do sul. A guerra é bôa, e, dado que seja exacto, como pensa um philosopho, que ella é a mãe de todas as cousas, preciso é que haja guerras, como ha casamentos. A leitura de batalhas é agradável ao espirito. As proclamações napoleonicas, as descrições homericas, as oitavas camoneanas, lidas no gabinete, dão idéa do que será o proprio espectáculo no campo. A mais de um combatente ouvi contar as bellezas tragicas da lucta entre homens armados, e tenho acompanhado muita vez o joven Fabricio del Dongo na batalha de Waterloo, levados ambos nós pela mão de Stendhal. O destino trouxe-me a este campo quieto do gabinete, com sahida para a rua do Ouvidor, de maneira que, se adoeci de um olho, não o perdi em combate, como succedeu a Camões. Talvez

por isso não componha iguaes versos. Homero, que os perdeu ambos, deixou um grande modelo de arte.

Entre parenthesis, uma patricia nossa que não perdeu nenhum dos seus bellos olhos de vinte e um annos, mostrou agora mesmo que se podem compôr versos, sem quebra da belleza pessoal. Não é a primeira, de certo. A marqueza de Alorna já tinha provado a mesma cousa. A Sevigné, se não compoz versos, fez cousas que os merecem, e era bonita e mãe. Não cito outras, nem George Sand, que era bella nem George Elliot, que era feia. Francisca Julia da Silva, a patricia nossa, se é certo o que nos conta João Ribeiro, no excellente prefacio dos *Marmores*, já escrevia versos aos quatorze annos. Bem podia dizer, pelo estylo de Bernardim : « Menina e moça me levaram da casa de meus paes para longes terras... » Essas terras são as da pura mythologia, as de Venus talhada em marmore, as terras dos castellos medievaes, para cantar diante d'elles e d'ellas impassivelmente. *Musa impassivel*, que é o titulo do ultimo soneto do livro, melhor que tudo pinta esta moça insensivel e fria. Essa impassibilidade será a propria natureza da poetiza, ou uma impressão literaria? Eis o que nos dirá aos vinte e cinco annos ou aos trinta. Não nos sahirá jámais uma das choramingas de outro tempo; mas aquelle soneto da pag. 74. em que « a alma vive e a dôr exulta, ambas unidas », mostra que ha nella uma corda de sympathia e outra de philosophia.

Outro parenthesis. A *Gazeta* noticiou que alguns habitantes da estação de Lima Duarte pediram ao presidente da Companhia Leopoldina a mudança do nome da localidade para o de Lindoya, agora que é o centenario de Basilio da Gama. Pela carta que me deram a ler, vejo que põem assim em andamento a

idéa que me correu ha sete dias. Eu fallei ao governo de Minas Geraes; mas os habitantes de Lima Duarte deram-se pressa em pedir para si a designação, e é de crer que sejam servidos. Ao que supponho, o presidente da Companhia é o Sr. conselheiro Paulino de Souza, lido em cousas patrias, que não negará tão pequeno favor a tão grande brasileiro. Demais, a historia tem encontros mysteriosos : o filho do visconde de Uruguay honrará assim o cantor do *Uruguay*. E' quasi honrar-se a si proprio. Provemos que o lemos :

Serás lido, *Uruguay*. Cubra os meus olhos
 Embora um dia a escura noite eterna,
 Tu vive e gosa a luz serena e pura;
 Vae aos bosques...

Fechados ambos os parenthesis, tornemos á paz anunciada. Tambem ella é util, como a guerra, e tem a sua hora. O mundo romano dormia em paz algumas vezes. Venha a paz, uma vez que seja honrada e util. Não fallo por interesse pessoal. Como eu não saio a campo a combater, deixo-me n'esta situação que o povo chama : « ver touros de palanque ». O poeta Lucrecio, mais profundamente, dizia que era doce, estando em terra, ver naufragar, etc. O resto é sabido. Carne e paz : é muito para uma semana unica. Vacca riso : não é preciso mais para uma vida inteira, — salvo o que mais vale e não cabe na chronica.

*
 * *

4 de Agosto.

Antes de escrever o nome de Basilio da Gama, é

força escrever o do Dr. Theotonio de Magalhães. A este moço se deve principalmente a evocação que se fez esta semana do poeta do *Uruguay*. Pessoas que educaram os ouvidos de rapaz com versos de José Basilio, não tinham na memoria o centenario da morte do poeta. Não as crimino por isso; seria criminal-me com ellas. Também não ralho dos ultimos annos d'este seculo, tão exhaustivos para nós, tão cheios de successos, *terra marique*. Não ha lugar para todos, para os vivos e para os mortos, principalmente os grandes mortos. Mas como alguém se lembrou do poeta, esse fallou por todos, e muitos seguiram a bandeira do joven piedoso e modesto, que mostrou possuir o sentimento da gloria e da patria.

Não se fez demais para quem muito merecia; mas fez-se bem e com alma. Que os nossos patricios de 1995, chegando o dia 20 de julho, recordem-se igualmente que a lingua, que a poesia da sua terra, adornam-se d'essas flôres raras e vividas. Se a vida publica ainda impedir que os nomes representativos do nosso genio nacional andem na boca e memoria do povo, alguém haverá que se lembre d'elle, como agora, e o segundo centenario de Basilio da Gama será celebrado, e assim os ulteriores. Que esse modo de viver na posteridade seja ainda uma consolação! Quando a pá do archeologo descobre uma estatua divina e truncada, o mundo abala-se, e a maravilha é recolhida aonde possa ficar por todos os tempos; mas a estatua será uma só. Ao poeta resuscitado em cada anniversario restará a vantagem de ser uma nova e rara maravilha.

Tal foi uma das festas da semana, que teve ainda outras. Ha tempo de se affligir e tempo de saltar de gosto, diz o *Ecclesiastes*; donde se póde concluir, sem truismo, que ha semanas festivas e semanas aborre-

cidas. No *Ecclesiastes* ha tudo para todos. A pacificação do sul lá está : « Ha tempo de guerra e tempo de paz ». Muita gente entende que este é que é o tempo de paz ; muita outra julga, pelo contrario, que é ainda o tempo da guerra, e de cada lado se ouvem razões claras e fortes. O *Ecclesiastes*, que tem resposta para tudo, alguma dará a ambas as opiniões ; se não fosse a urgencia do trabalho, iria busca-la ao proprio livro ; não podendo faze-lo, contento-me em suppôr que elle dirá aquillo que tem dito a todos, em todas as linguas principalmente no latim, a que o trasladaram : « Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade. »

Napoleão emendou um dia essas palavras do santo livro. Foi justamente em dia de victoria. Quiz ver os cadaveres dos velhos imperadores austriacos, foi aonde elles estavam depositados, e gastou largo tempo em contemplação, elle, imperador tambem, até que murmurou, como no livro : » Vaidade das vaidades, e tudo é vaidade. » Mas, logo depois para corrigir o texto e a si, acrescentou : « Excepto talvez a força. » Seja ou não exacta a anecdota, a palavra é verdadeira. Podeis emenda-la ao curso ambicioso, se quizerdes, como elle fez ao desconsolado de Israel, mas ha-de ser em outro dia. Os minutos correm ; agora é fallar da semana e das suas festas alegres.

Uma d'essas festas foi o regresso do Sr. Ruy Barbosa. Coincidiu com o de Basilio da Gama ; mas aquelle veio de Londres, este da sepultura, e por mais definitiva que seja a sepultura, força é confessar que o autor do *Uruguay* não veio de mais longe que o illustre ministro do governo provisorio. Talvez de mais perto. A sepultura é a mesma em toda a parte, qualquer que seja o marmore e o talento do esculptor, ou a simples pedra sem nome ou com elle, posta em

cima da cova. A morte é universal. Londres não é universal. Londres é Londres, tanto para os que a admiram, como para os que a detestam. Um membro da communa de Paris, visitando a Inglaterra ha annos, escreveu que era um paiz profundamente insular, tanto no sentido moral, como no geographico. Os que leram as cartas do Sr. Ruy Barbosa no *Jornal do Commercio*, terão sentido que elle, um dos grandes admiradores do genio britannico, reconhece aquillo mesmo na nação, e particularmente na capital da Inglaterra.

A recepção do Sr. Ruy Barbosa foi mais enthusias-tica e ruidosa que a de Basilio da Gama; differença natural, não por causa dos talentos, que são incomparaveis entre si, mas porque a vida activa falla mais ao animo dos homens, porque o Sr. Ruy Barbosa teve parte grande na historia dos ultimos annos, finalmente porque é alguem que vem dizer ou fazer alguma cousa. Como essa cousa, se a houver, é certamente politica, tróco de caminho e torno-me ás letras, ainda que ahi mesmo ache o culto espirito do Sr. Ruy Barbosa, que tambem as pratica e com intimidade. Não importa; aqui, o que houver de dizer ou fazer, será bem vindo a todos.

Outra festa, não propriamente a primeira em data ou lustre, mas em interesse cá da casa, foi o anniversario da *Gazeta de Noticias*. Completou os seus vinte annos. Vinte annos é alguma cousa na vida de um jornal qualquer, mas na da *Gazeta* é uma longa pagina da historia do jornalismo. O *Jornal do Commercio* lembrou hontem que ella fez uma transformação na imprensa. Em verdade, quando a *Gazeta* appareceu, a dois vintens, pequena, feita de noticias, de anecdotas, de ditos picantes, apregoada pelas ruas, houve

no publico o sentimento de alguma cousa nova, adequada ao espirito da cidade. Ha vinte annos. As moças desta idade não se lembraram de fazer agora um gracioso mimo á *Gazeta*, bordando por suas mãos uma bandeira, ou, em seda, o numero de 2 de agosto de 1875. São duas boas idéas que em 1896 podem realisar as moças de vinte e um annos, e depressa, depressa, antes que a *Gazeta* chegue aos trinta. Aos trinta, por mais amor que haja a esta folha, não é facil que as senhoras da mesma idade lhe façam mimos. Se lessem Balzac, fal-os-hiam grandes, e achariam mãos amigas que os recebessem; mas as moças deixaram Balzac, pai das mulheres de trinta annos.



11 de Agosto.

Que pouco se leia n'esta terra é o que muita gente afirma, ha longos annos; é o que acaba de dizer *um bibliomano* na *Revista Brasileira*. Este, porém, confirmando a observação, dá como uma das causas do desamor á leitura o ruim aspecto dos livros, a fórma desigual das edições, o máo gosto, em summa. Creio que assim seja, comtanto que essa causa entre com outras de igual força. Uma d'estas é a falta de estantes. As nossas grandes mercenarias estão cheias de moveis ricos, varios de gosto; não ha só cadeiras, mesas, camas, mas toda a sorte de trastes de adorno fielmente copiados dos modelos francezes, alguns com o nome original, o *bijou de salon*, por exemplo, outros em lingua hybrida, como o *porte-bibclots*. Entra-se nos

grandes depositos, fica-se deslumbrado pela perfeição da obra, pela riqueza da materia, pela belleza da forma. Tambem se acham lá estantes, é verdade, mas são estantes de musicas para piano e canto, bem acabadas, vario tamanho e muito maneyras.

Ora, ninguem póde comprar o que não ha. Mórmente aos noivos, nem tudo acode. A prova é que, se querem comprar crystaes, metaes, louça, vão a outras casas, assim tambem roupa branca, tapeçaria, etc.; mas não é nellas que acharão estantes. Nem é natural que um mancebo, prestes a contrahir matrimonio, se lembre de ir a lojas de menor apparencia, onde as compraria de ferro ou de madeira; quando se lembrasse, reflectiria certamente que a mobilia perderia a unidade. Só as grandes fabricas poderiam dar boas estantes, com ornamentações, e até sem ellas.

A *Revista Brasileira* é um exemplo de que ha livros com excellentes aspectos. Creio que se vende; se não se vendesse, não seria por falta de materia e valiosa. Mudemos de caminho, que este cheira a annuncio. Fallemos antes da impressão que este ultimo numero me trouxe. Refiro-me ás primeiras paginas de um longo livro, uma biographia de Nabuco, escrita por Nabuco, filho de Nabuco. E' o capitulo da infancia do finado estadista e jurisconsulto. As vidas dos homens que serviram n'outro tempo e são os seus melhores representantes, hão-de interessar sempre ás gerações que vierem vindo. O interesse, porém, será maior, quando o autor juntar o talento e a piedade filial, como no presente caso. Dizem que na sepultura de Chatam se poz este letreiro: « O pai do Sr. Pitt ». A revolução de 1889 tirou, talvez, ao filho de Nabuco uma consagração analoga, Que elle nos dê com a penna o que nós daria com a palavra e a acção

parlamentares, se outro fosse o regimen, ou se elle adoptasse a constituição republicana. Ha muitos modos de servir a terra de seus pais.

A impressão de que fallei, vem de annos longos. Desde muito morrera Paraná, e já se approximava a queda dos conservadores, por intermedio de Olinda, precursor da ascenção de Zacharias. Ainda agora vejo Nabuco, já senador, no fim da bancada da direita, ao pé da janella, no logar correspondente ao em que ficava, do outro lado, o marquez de Itanhaem, um mólho de ossos e pelles, tropego, sem dentes nem valor politico. Zacharias, quando entrou para o senado foi sentar-se na bancada inferior á de Nabuco. Eis aqui Eusebio de Queiroz, chefe dos conservadores, respeitado pela capacidade politica, admirado pelos dotes oratorios, invejado talvez pelos seus celebres amores. Uma grande belleza do tempo andava desde muito ligada ao seu nome. Perdoem-me esta menção. Era uma senhora alta, outomniça... São migalhas da historia, mas as migalhas devem ser recolhidas. Ainda agora leio que, entre as reliquias de Nelson, colligidas em Londres, figuram alguns mimos da formosa Hamilton. Nem por se ganharem batalhas navaes ou politicas se deixa de ter oração. Jequitinhonha acabava de chegar da Europa, com os seus bigodes pouco senatoriaes. Lá estavam Rio Branco, simples Paranhos, no centro esquerdo, bancada inferior, abaixo de um senador do Rio Grande do Sul, — como se chamava? — Ribeiro, um que tinha ao pé da cadeira, no chão atapetado, o dicionario de Moraes, e o consultava a miudo, para verificar se taes ou taes palavras de um orador eram ou não legitimas; era um varão instruido e lhano. Quem especificar mais? S. Vicente, Caxias, Abrantes, Maranguape,

Cotegipe, Uruguay, Itaborahy, Ottoni, e tantos, tantos, uns no fim da vida, outros para lá do meio d'ella, e todos presididos pelo Abaeté, com os seus compridos cabellos brancos.

Eis ahi o que fizeram brotar as primeiras paginas de *Um estadista do imperio*. Ouço ainda a voz eloquente do velho Nabuco, do mesmo modo que elle devia trazer na lembrança as de Vasconcellos, Ledo, Paula Souza, Lino Coutinho, que ia ouvir, em rapaz, na galeria da camara, segundo nos conta o filho. Que este faça reviver aquelles e outros tempos, contribuindo para a historia do seculo XIX, quando algum sabio de 1950 vier contar as nossas evoluções politicas.

Como não se ha-de só escrever historia politica, aqui está Coelho Netto, romancista, que podemos chamar historiador, no sentido de contar a vida das almas e dos costumes. E' dos nossos primeiros romancistas, e, geralmente fallando, dos nossos primeiros escritores; mas é como autor de obras de ficção que ora vos trago aqui, com o seu recente livro *Miragem*. Coelho Netto tem o dom da invenção, da composição, da descrição e da vida, que corôa tudo. Não vos poderia narrar a ultima obra, sem lhe cercear o interesse. Parte d'ella está na vista immediata das cousas, scenas e scenarios. Não ha transportar para aqui os aspectos rusticos, as vistas do céu e do mar, as noites dos soldados, a vida da roça, os destroços de Humaytá, a marcha das tropas, em 15 de novembro, nem ainda as ultimas scenas do livro, tristes e verdadeiras. O derradeiro encontro de Thadeu e da mãe é pathetico. Os personagens vivem, interessam e commovem. A propria terra vive. A miragem, que dá o titulo ao livro, é a vista illusoria de Thadeu, relativamente ao

futuro trabalhado por elle, e o desmentido que o tempo lhe traz, como ao que anda no deserto.

Não posso dizer mais; chegaria a dizer tudo. A arte dos caracteres mereceria ser aqui indicada com algumas citações; os episodios, como os amores de Thadeu em Corumbá, a impiedade de Luiza acerca dos desregramentos da mãe, a bondade do ferreiro Nazario, e outros que mostram em Coelho Netto um observador de pulso,

* * *

25 de Agosto.

Pombos-correios, vulgarmente chamados telegrammas, vieram ante-hontem do sul para communicar que a paz está feita. Tanto bastou para que a cidade se alegrasse, se embandeirasse e illuminasse. Grandes foram as manifestações por essa obra generosa; muita gente correu ao palacio de Itamaraty, onde acclamou e cobriu de flores o presidente da Republica. Natural é que razões politicas e patrióticas determinassem esse acto; para mim bastava que fossem humanas. *Homo sum, et nihil humanum*, etc. Bem sei que a guerra tambem é humana, por mais deshumana que nos pareça; nem nós estamos aqui só para cortar, entre amigos, o pão da cordialidade. Para isso, não era preciso sair do Eden. Não percamos de vista que dos dois primeiros irmãos um matou o outro, e tinham todo este mundo por seu. Se algum dia a paz governar universalmente este mundo, começará então a guerra dos mundos entre si, e o infinito ficará juncado de planetas mortos.

Vingará por ultimo o sol, até que o Senhor apague essa ultima vela, para melhor se agasalhar e dormir. Sonhará elle connosco?

Felizmente, são successos remotos, e muita gente dormirá debaixo da terra, antes que comece a derradeira *Illiada*, sem Homero. Contentemo-nos com a paz que nos sorri agora, e alegremo-nos de ver irmãos alegres e unidos. Eu, como as letras são essencialmente artes de paz, é natural que a saúde com particular amor. O tumulto das armas nem sempre é favoravel á poesia.

De resto, a semana começou bem para letras e artes. O Sr. senador Ramiro Barcellos achou, entre os seus cuidados politicos, um momento para pedir que entrasse na ordem do dia o projecto dos direitos autoraes. O Sr. presidente do senado, de prompto acordo, incluiu o projecto na ordem do dia. Resta que o senado, correspondendo á iniciativa de um, e á boa vontade de outro, vote e conclua a lei.

Não lhe peço que discuta. Discussões levam tempo, sem adiantar nada. O artigo 6º da Constituição está sendo discutido com animação e competencia, sem que aliás nenhum orador persuada os adversarios. Cada um votará como já pensa. Talvez se pudesse fazer um ensaio de parlamento calado, em que só se falasse por gestos, como queria um personagem de não sei que peça de Sardou, achando-se só com uma senhora. Sardou? Não affirmo que fosse elle, podia ser Barrière ou outro; foi uma peça que vi ha muitos annos, no extincto theatro de S. Januario, chrisnado depois em Atheneu Dramatico, tambem extincto, ou no Gymnasio Dramatico, tão extincto como os outros. Tudo extincto; não me ficaram mais que algumas recordações da mocidade, brevemente extincta.

Recordações da mocidade! Não sei se mande compôr estas palavras em redondo, se em italico. Vá de ambas as fórmãs. *Recordações da mocidade*. Na peça d'este nome, já no fim, quando os rapazes dos primeiros actos têm familia e posição social, alguém lembra um ritornelo, ou é a propria orchestra que o toca á surdina; os personagens fazem um gesto para dansar, como outr'ora, mas o sentimento da gravidade presente os reprime e todos mergulham outra vez nas suas gravatas brancas. E' o que te succede quinquagenario que ora lês os livros de todos esses rapazes que trabalham, escrevem e publicam. E' o ritornelo das gerações novas; eil-o que te recorda o ardor agora tepido, os risos da primavera fugidia, os ares da manhã passada. Bella é a tarde, e noites ha bellissimas; mas a frescura da manhã não tem parelha na galeria do tempo.

Eis aqui um, Magalhães de Azeredo, que a diplomacia veio buscar no meio dos livros que fazia. Dante, sendo embaixador, deu exemplo aos governos de que um homem póde escrever protocolos e poemas, e fazer tão bem os poemas, que ainda saiam melhores que os protocolos. O nosso Domingos de Magalhães foi diplomata e poeta. Não conheço as suas notas, mas li os seus versos, e regalei-me em criança com o *Antonio José*, representado por João Caetano, para não falar no *Waterloo*, que mamavamos no berço, com a *Canção do exilio* de Gonçalves Dias.

Este outro Magalhães — Magalhães de Azeredo, é dos que nasceram para as letras, governando Deodoro; pertence á geração que mal chegou á maioridade, e toda se desfaz em versos e contos. Compõe-se d'estes o livro que acaba de publicar com o titulo de *Alma Primitiva*. Não te enganes; não supponhas que é um

estudo — por meio de historias imaginadas — da alma humana em flôr. Nem serás tão esquecido que te não lembre a novella aqui publicada; historia de amor, de ciúme e de vingança, um quadro da roça, o contraste da alma de um professor com a de um tropeiro. Tal é o primeiro conto; o ultimo, *Uma escrava*, é tambem um quadro da roça, e a meu ver, ainda melhor que o primeiro. E' menos um quadro da roça que da escravidão. Aquella D. Bellarina, que manda vergalhar até sangrar uma mucama de estimação, por ciúmes do marido, cujo filho a escrava trazia nas entranhas, deve ser neta d'aquella outra mulher que, pelo mesmo motivo, castigava as escravas, com tições accesos pessoalmente applicados... Dil-o não sei que chronista nosso, frade naturalmente; mais recatado que o frade, fiquemos aqui. São horrores, que a bondade de muitas haverá compensado; mas um povo forte pinta e narra tudo.

Não é o conto unico da roça e da escravidão, nem só d'elle se compõe este livro variado. Creio que a melhor pagina de todas é a do *Ashavero*, quadro terrivel de um navio levando o cholera-morbus, pelo oceano fóra, rejeitado dos portos, rejeitado da vida. E' daquelles em que o estylo é mais condensado e vibrante.

Não cuides, porém, que todas as paginas d'este livro são cheias de sangue e de morte. Outras são estudos tranquillos de um sentimento ou de um estado, quadros de costumes ou desenvolvimento de uma idéa. *De além-tumulo* tem o elemento phantastico, tratado com fina significação e sem abuso. O que podes notar em quasi todos os seus contos é um ar de familia, uma feição mesclada de ingenuidade e melancolia. A melancolia corrige a ingenuidade, dando-lhe a intui-

ção do mal mundano; a ingenuidade tempêra a melancolia, tirando-lhe o que possa haver n'ella triste ou pesado. Não é só physicamente que o Dr. Magalhães de Azeredo é sympathico; moralmente attrae. A educação mental que lhe deram auxiliou uma natureza docil. Os seus habitos de trabalho são, como supponho, austeros e pacientes. Duvidará algumas vezes de si? O trabalho dar-lhe-ha a mesma fé que tenho no seu futuro.



1º de Setembro.

Aquillo que Lulú Senior disse ante-hontem a respeito do professor inglez que enforcaram na Guiné trouxe naturalmente a côr alegre que elle empresta a todos os assumptos. As pessoas que não leem telegrammas não viram a noticia; elle, que os lê, fez da execução do inglez e dos autores do acto uma bonita caçoadá. Nada ha, entretanto, mais temeroso nem mais lugubre.

Não fallo do enforcamento, ordenado pelas autoridades indigenas. Eu, se fosse autoridade de Guiné, tambem condemnaria o professor inglez, não por ser inglez, mas por ser professor. Enforcaram o homem, e não ha-de ser a simples noticia de um enforcado que faça perder o somno nem o appetite. A descripção do acto faria arrepiar as carnes, mas os telegrammas não descrevem nada, e o professor foi pendurado fóra da nossa vista. Nem mais teremos aqui tal espectáculo; o desuso, e por fim a lei acabaram com a força para sempre, salvo se a lei de Lynch entrar

nos nossos costumes; mas não me parece que entre.

Quanto ao crime que levou o professor inglez ao cadafalso africano, não é ainda o que mais me entristece e abate. Dizem que comeu algumas crianças. Compreendo que o matassem por isso. E' um crime hediondo, naturalmente; mas ha outros crimes tão hediondos, que, ainda affligindo a rinh'alma, não me deixam prostrado e quasi sem vida. Demais, póde ser que o professor quizesse explicar aos ouvintes o que era canibalismo, scientificamente fallando. Pegou de um pequeno e comeu-o. Os ouvintes, sem saber onde ficava a differença entre o canibalismo scientifico e o vulgar, pediram explicações; o professor comeu outro pequeno. Não sendo provavel que os espiritos da Guiné tenham a comprehensão facil de um Aristoteles, continuaram a não entender, e o professor continuou a devorar meninos. E' o que em pedagogia se chama « lição das cousas ».

Se assim fosse, deveriamos antes lastimar o sacrificio que fez tal homem, comendo o semelhante, para o fim de ensinar e civilisar gentes incultas. Mas seria isso? Foi o amor ao ensino, a dedicação á sciencia, a nobre missão do progresso e da cultura? Ou estaremos vendo os primeiros signaes de um terrivel e proximo retrocesso? Vou explicar-me.

Em 1890, foi descoberto e processado em Minas Geraes um anthropophago. Um só já era demais; mas o processo revelou outros, sendo o maior de todos o réo Clemente, apresentado ao juiz municipal de Grão Mogol, Dr. Belisario da Cunha e Mello, ao qual estava sujeito o termo de Salinas, onde se deu o caso.

Não era este Clemente nenhum vadio, que preferisse comer um homem a pedir-lhe dez tostões para comer outra cousa. Era lavrador, tinha vinte e dois

annos de idade. Confessou perante o subdelegado haver matado e comido seis pessoas, dois homens, duas mulheres e duas crianças. Não tenham pena de todos os comidos. Um d'elles, a moça Francisca, antes de ser comida por elle, com quem vivia maritalmente, ajudou-o a matar e a comer outra moça, de nome Maria. Outro comido, um tal Basilio, foi com elle á casa de Fuão Simplicio, onde pernoitaram; e estando o dono a dormir, os dois hospedes com uma mão de pilão o mataram, assaram e comeram. Mas tempos depois, um sabado, 29 de novembro de 1890, levado de saudades, matou o companheiro Basilio, e estava a comer-lhe as coxas, tendo já dado cabo da parte superior do corpo, quando foi preso. Os dois meninos, comidos antes, chamavam-se Vicente e Elesbão, e eram irmãos de Francisca, filhos de Manuela. Por que escapou Manuela? Talvez por não ser moça. Oh! mocidade! Oh! flôr das flores! A mesma anthropophagia te prefere e busca. Aos velhos basta que os desgostos os comam.

Importa notar que o inventor da anthropophagia, no termo de Salinas, não foi Clemente, mas um tal Leandro, filho de Sabininha, e mais a mulher por nome Emiliana. Propriamente foram estes os que mataram um menino, e o levaram para casa, e o esfolaram e assaram; mas, quando se tratou de come-lo, convidaram amigos, entre elles Clemente, que confessou ter recebido uma parte do defunto. A informação consta do interrogatorio. Não tive outras noticias nem sei como acabou o processo. Hão-de lembrar-se que esse foi o anno terrivel (1890-91) em que se perdeu e ganhou tanto dinheiro que não pude ler mais nada. Comiam-se aqui tambem uns aos outros, sem offensa do código — ao menos no capitulo do assassinato.

A conclusão que tiro do caso de Salinas e do caso da Guiné é que estamos talvez prestes a tornar atrás, cumprindo assim o que diz um philosopho, — não sei se Montaigne, — que nós não fazemos mais que andar á roda. Ha de custar a crêr, mas eu quizera que me explicassem os dois casos, a não ser dizendo que tal costume de comer gente é repugnante e barbaro, além de contrario á religião; palavra de civilisado, que outro civilisado desmentiu agora mesmo na Guiné. Não esqueçam a proposta de Swift, para tornar as crianças irlandezas, que são infinitas, uteis ao bem publico. « Affirmou-me um americano, disse elle, meu conhecido de Londres e pessoa capaz, que uma criança de boa saude e bem nutrida, tendo um anno de idade, é um alimento delicioso, nutritivo e são, quer cosido, quer assado, de forno ou de fogão. » E' excusado replicar-me que Swift quiz ser apenas ironico. Os inglezes é que attribuiram essa intenção ao escrito pelo sentimento de repulsa; mas os proprios inglezes acabaram de provar na Africa a veracidade e (com as restricções devidas a humanidade e á religião) o patriotismo de Swift.

Talvez o deão e o americano se hajam enganado em limitar ás crianças de um anno as qualidades de sabor e nutrição. Se tornarmos á anthropophagia, é evidente que o uso irá das crianças aos adultos, e póde já fixar-se a idade em que a gente ainda deva ser comida: quarenta a quarenta e cinco annos. Acima d'esta idade, não creio que as qualidades primitivas se conservem. Como é provavel que a actual civilisação subsista em grande parte, é naturalissimo que se façam instituições proprias de criação humana, ou por conta do Estado, ou de acôrdo com a lei das sociedades anonymas. Penso tambem que acabará

o crime de homicidio, pois que o modo certo de defesa do criminoso será, logo que estripe o seu inimigo ou um rival, ceia-lo com pessoas de policia.

Horrivel, concordo; mas nós não fazemos mais que andar á roda, como dizia o outro... Que me não posso lembrar se foi realmente Montaigne, pois iria d'aqui pesquisar o livro, para dar o texto na propria e deliciosa lingua delle! Os francezes têm um estribillo que se poderá applicar á vida humana, dado que o seu philosopho tenha razão :

Si cette histoire vous embête,
Nous allons la recommencer.

Os portuguezes têm esta outra, para facilitar a marcha, quando são dois ou mais que vão andando :

Um, dois, tres;
Acerta o passo, Ignez,
Outra vez!

Estribilhos são moletas que a gente forte deve dispensar. Quando voltar o costume da anthropophagia, não ha mais que trocar o « amai-vos uns aos outros », do Evangelho, por esta doutrina : « Comei-vos uns aos outros. » Bem pensado são os dois estribilhos da civilisação.

*
* * *

8 de Setembro.

Não me fallem de amnistias, nem de chuvas, nem de frios, nem do naufragio do *Britannia*, nem do eclipse da lua que dizem ter havido no principio da

semana. Ha pessoas que trazem de cór os eclipses. Tambem en fui assim, graças aos almanacks. Um dia, porém, vendo que o sol e a lua, posto que primitivos, eram ainda os melhores almanacks d'este mundo, acabei com os outros. A economia é sensivel; mas nem por isso ando com os olhos no céo. Tendo tropeçado tanta vez, como o sabio antigo, sigo o conselho da velha e não tiro os olhos do chão : é o mais seguro gesto para não cahir no poço.

Vós, que me lêdes ha tres annos ou mais, duvidareis um pouco d'esta affirmação. Sim, é possivel que me tenhaes visto com os olhos no firmamento, á cata de alguma estrella perdida ou sonhada. Não o vejo, mas não tenho tempo de me reler, nem já agora rasgo o que ahi fica, para dizer outra cousa. Farei de conta que isto é uma rectificação, á maneira dos escrivães e outros officiaes, como esta que leio no ultimo numero do *Archivo Municipal* : « Proveu mais o dito ouvidor geral que dos primeiros effeitos d'esta camara se faça um tinteiro de prata, na fórmula do outro que *acabou*, digo na fórmula do outro que *serve*. » Com um simples digo se põe o contrario.

Esse *Archivo* não traz só velhos documentos, mas tambem lições e boas regras. No dito auto de correição, que se fez ali pelos fins do primeiro terço do seculo passado, emendou-se muita lacuna e cortou-se muita demasia. « Proveu mais o ouvidor, que por quanto ha grandes queixas do mal que se cobram os fóros dos bens do Concelho, por serem dados alguns a pessoas poderosas, e outros a pessoas ecclesiasticas, mandou que d'aqui em diante se não deem mais a semelhantes pessoas, senão dando fiadores chãos e abonadores... » Os proprios governadores não escaparam a este terrivel ouvidor geral, que tambem mandou « que por

nenhum caso de hoje em diante se dê mais a nenhum governador d'esta praça ajuda de custo para casas nem para outros effeitos alguns, das rendas da camara com pena de os pagarem os officiaes da camara e de não entrarem mais no governo d'esta Republica. » Emfim, até mandou que se contratasse um letrado, o licenciado Bento Homem de Oliveira, com o ordenado de trinta e dois mil réis por anno.

Trinta e dois mil réis por anno! Bom tempo. ah! bom tempo! Apesar da nobreza da terra, não vivia ainda nem morria a marquezia de Tres Rios, que só com medicos dispendeu (dizem as noticias de S. Paulo) cerca de quinhentos contos. Bom tempo, ah! bom tempo em que se taxava o preço a tudo, e o regimento dos alfaiates marcava para um collete, uma vestia e um calção (um terno diriamos hoje) a quantia de quatro mil réis. O torneiro de chifre (officio extincto) tinha no seu regimento que um tinteiro grande de escrivão com tampa, custasse quatrocentos réis, e um dito grande com *sua poeira*, quatrocentos e oitenta réis. Que era *sua poeira*? Talvez a areia que ainda achei, em creança, antes que o mata-borrão servisse tambem para enxugar as letras. Usos, costumes, regras e preços que se foram com os annos.

Com os seculos foram ainda outras cousas, e não só d'esta terra, como de alheias, — o Egypto, para não ir mais longe. Ha dois Egyptos: o actual, que não sendo propriamente ilha, é uma especie de ilha britannica, — e o antigo, que se perde na noite dos tempos. Este é o que o nosso Coelho Netto põe no *Rei Fantasma*. Não conheço um nem outro; não posso comparar nem dizer nada da occupação ingleza nem da restauração Coelho Netto. Tenho que a restauração sempre ha de ter sido mais difficil que a occupa-

ção; mas fio que o nosso patricio haverá estudado conscienciosamente a materia.

E' certo que o autor, no prologo do livro, affirma que este é tradução de um velho papyrus, trazido do Cairo por um estrangeiro que ali viveu em companhia de Mariette. O estrangeiro veio para aqui em 1888, e com medo das febres metteu-se pelo sertão, levando os papyrus, os anubis, mappas e cachimbos. Ahi o conheceu, ahi trabalharam juntos; morto o estrangeiro, Coelho Netto cedeu a rogos e deu ao prelo o livro.

Conhecemos todos essas fabulas. São inventos que adornam a obra ou dão maior liberdade ao autor. Aqui, nada tiram nem trocam ao estylo de Coelho Netto, nem afrouxam a viveza da sua imaginação. A imaginação é necessaria n'esta casta de obras. A de Flaubert deu realce e vida a *Salamambô*, sem desarmar o grande escritor da erudição precisa para defender-se, no dia em que o accusaram de haver falseado Carthago. Quando o autor é essencialmente erudito, como Ebers, preoccupa-se antes de textos e indicações; pegai na *Filha de um rei do Egypto*, contai as notas, chegareis a 525. Ebers nada esqueceu; conta-nos, por exemplo, que o mais velho de dois homens que vão na barca pelo Nilo « passa a mão pela barba grisalha, que lhe cerca o queixo e as faces, mas não os labios », e manda-nos para as notas, onde nos explica que os spartanos não usavam bigodes.

Não sei se Coelho Netto iria a todas as particularidades antigas; mas aqui está uma de todos tempos, que lhe não esqueceu, e trata-se de barca tambem, uma que chega á margem para receber o rei : « os remos arvorados gotejavam... » Não tenho com que analyse ou interrogue o autor do *Rei Fantasma* ácerca

dos elementos do livro. Sei que este interessa, que as descrições são vivas, que as paixões ajudam a natureza exterior e a estranheza dos costumes. Ha quadros terriveis; a scena de Amany e da concubina tem grande movimento, e o supplicio desta dóe ao ler, tão viva é a pintura da moça, agarrada aos ferros e fugindo aos leões. O mercado de Peh'n e a panegyria de Isis são paginas fortes e brilhantes.

*
* *

22 de Setembro.

A semana acabou com um tristissimo desastre. Sabeis que foi a morte do conselheiro Thomaz Coelho, um dos brasileiros mais illustres da ultima geração do imperio. Não é mister lembrar os cargos que exerceu n'aquelle regimen, deputado, senador, duas vezes ministro, na pasta da guerra e da agricultura. Se o imperio não tem cahido, teria sido chefe de governo, talhado para esse cargo pela austeridade, talento, habilidade e influencia pessoal.

Os que o viram de perto poderão attestar o afinco dos seus estudos e a tenacidade dos seus trabalhos. Unia a gravidade e a affabilidade n'aquella perfeita harmonia que exprime um character serio e bom. No mundo economico exerceu analoga influencia á que tinha no mundo politico. A ambos, e a toda a sociedade deixa verdadeira e grande magua. Nem são poucos os que devem sentir palpitar o coração lembrado e grato.

A morte de Thomaz Coelho, em qualquer circums-

tancia, seria dolorosa; mas o repentino d'ella tornou o golpe maior. A's 5 horas da tarde de sexta-feira subiu a rua do Ouvidor, tranquillo e conversando; mais de um amigo o cortejou, satisfeito de o ver assim. Nenhum imaginava que quatro horas depois seria cadaver.

Outro obito, não de homem politico, mas que faz lembrar um varão igualmente illustre, começou enlutando a semana. Ha alguns annos que se despediu d'este mundo um dos seus athenienses : Octaviano. Aquelle culto e fino espirito, que o jornal, que a palestra, e alguma vez a tribuna, viram sempre juvenil, recolhera-se nos ultimos dias, flagellado por terrivel enfermidade. Não perdera o riso, nem o gosto, tinha apenas a natural melancolia dos velhos. Amigos iam passar com elle para ouvi-lo sómente, ou para recordar tambem. Os rapazes que só tenham vinte annos não conheceram esse homem que foi o mais elegante jornalista do seu tempo, entre os Rochas, e Amaraes, quando apenas estreava este outro que a todos sobreviveu com as mesmas louçanias de outr'ora : Bocayuva.

A casa era no Cosme Velho. As horas da noite eram ali passadas, entre os seus livros, fallando de cousas do espirito, poesia, philosophia, historia, ou da vida da nossa terra, aneddotas politicas, e recordações pessoaes. Na mesma sala estava a esposa, ainda elegante, a despeito dos annos, espartilhada e toucada, não sem esmero, mas com a singeleza propria da matrona. Tinha tambem que recordar os tempos da mocidade victoriosa, quando os salões a contavam entre as mais bellas. O sorriso com que ouvia não era constante nem largo, mas a expressão do rosto não precisava d'elle para attrahir a D. Eponina as sympathias de todos.

Um dia Octaviano morreu. Como as aves que Chateaubriand viu irem do Illyssus, na imigração annual, despediu-se aquella, mas sozinha, não como os casaes de arribação. D. Eponina ficou, mas acaba de sahir tambem d'este mundo. Morreu e enterrou-se quarta-feira. Quantas se foram já, quantas ajudam o tempo a esquece-las, até que a morte as venha buscar tambem ! Assim vão umas e outras, enquanto este seculo se fecha e o outro se abre, e a juventude renasce e continúa. Isso que ahi fica é vulgar, mas é d'aquelle vulgar que ha-de sempre parecer novo como as bellas tardes e as claras noites. E' a regra tambem das folhas que caem... Mas, talvez isto nos pareça Millevoye em prosa; fallemos de outro Millevoye sem prosa nem verso.

Refiro-me ás arvores do mesmo bairro do Cosme Velho, que, segundo li, já foram e têm de ser derrubadas pela Botanical Garden. A *Gazeta* por si, e o *Jornal do Commercio*, por si e por alguém que lhe escreveu, chamaram a attenção da autoridade municipal para a destruição de taes arvores, mas a Botanical Garden explicou que se trata de levar o bond electrico ao alto do bairro, não havendo mais que umas cinco arvores destinadas á morte. Achei a explicação accetavel. Os bonds de que se trata não passam até aqui do largo do Machado. As viagens são mais longas do que antes, é certo, mas não é por causa da electricidade; são mais longas por causa dos comboios de dois e tres carros, que param com frequencia. A incapacidade de um ou outro dos chamados motorneiros é absolutamente alheia á demora. Póde dar logar a algum desastre; mas a propria companhia já provou, com estatisticas, que os bonds electricos fazem morrer muito menos gente que o total dos outros carros.

Demais, é natural que nas terras onde a vegetação é pouca, haja mais avareza com ella, e que em Paris se trate de salvar o Bois de Boulogne e outros jardins. Nos paizes em que a vegetação é de sobra, como aqui, podem despir-se d'ella as cidades. Uma simples viagem ao sertão leva-nos a ver o que nunca hão-de ver parisienses. Assim respondo á *Gazeta*, não que seja accionista da companhia, mas por ter um amigo que o é. Nem sempre os burros hão-de dominar. Se os do Ceará nos deram o exemplo de jornadas ao lado da estrada de ferro, concorrendo com ella no transporte da carga, foi com o unico fito de defender o carrancismo. Burro é atrazado e teimoso; mas os do Ceará acabaram por ser vencidos. O mesmo ha-de acontecer aos nossos. Agora, que a victoria da electricidade no Cosme Velho e nas Laranjeiras devesse ser alcançada poupando as arvores, é possível; mas sobre este ponto não conversei com autoridade profissional.

Ao menos conto que não terão posto abaixo alguma das arvores da chacara de D. Olympia, n'aquelle bairro, — a mesma que o Sr. Aluizio Azevedo affirma ter escrito o *Livro de uma sogra*, que elle acaba de publicar, e que eu vou acabar de ler.

*
* *

29 de Setembro.

Quando a vida cá fóra estiver tão agitada e aborrecida que se não possa viver tranquillo e satisfeito, ha um asylo para a minha alma, — e para o meu corpo, naturalmente.

Não é o céu, como podeis suppor. O céu é bom, mas eu imagino que a paz lá em cima não estará totalmente consolidada. Já lá houve uma rebelião; póde haver outras. As pessoas que vão d'este mundo, amnistiadas ou perdoadas por Deus, podem ter saudades da terra e pegar em armas. Por peor que a achem, a terra ha-de dar saudades, quando ficar tão longe que mal pareça um miseravel pontinho preto no fundo do abysmo. Oh! pontinho preto que foste o meu infinito (exclamarão os bemaventurados), quem me déra poder trocar esta chuva de maná pela fome do deserto! O deserto não era inteiramente máo; morria-se n'elle, é verdade, mas vivia-se tambem; e uma ou outra vez, como nos povoados, os homens quebravam a cabeça uns aos outros, — sem saber por que, como nos povoados.

Não, devota amiga da minha alma, o asylo que buscarei, quando a vida for tão agitada como a desta semana, não é o céu, é o Hospicio dos Alienados. Não nego que o dever commum é padecer comumente, e atacarem-se uns aos outros, para dar razão ao bom Renan, que poz esta sentença na boca de um latino: « O mundo não anda senão pelo odio de dois irmãos inimigos. » Mas, se o mesmo Renan affirma, pela boca do mesmo latino, que « este mundo é feito para desconcertar o cerebro humano », irei para onde se recolhem os desconcertados, antes que me desconcertem a mim.

Que verei no hospicio? O que vistes quarta-feira uma exposição de trabalhos feitos pelos pobres doidos, com tal perfeição que é quasi uma fortuna terem perdido o juizo. Rendas, flores, obras de lã, carimbos de borracha, facas de páo, uma infinidade de cousas minimas, geralmente simples, para as quaes não se

lhes pede mais que attenção e paciencia. Não fazendo obras mentaes e complicadas, tratados de jurisprudencia ou constituições politicas, nem philosophias nem mathematicas, podem achar no trabalho um palliativo á loucura, e um pouco de descanso á agitação interior. Bemdito seja o que primeiro cuidou de encher-lhes o tempo com serviço, e recompôr-lhes em parte os fios arreventados da razão.

Mas não verei só isso. Verei um começo de Epimeñides, uma mulher que entrou dormindo, em 14 de setembro do anno passado, e ainda não acordou. Já lá vai um anno. Não se sabe quando acordará; creio que póde morrer de velha, como outros que dormem apenas sete ou oito horas por dia, e ir-se-ha para a cova, sem ter visto mais nada. Para isso, não valerá a pena ter dormido tanto. Mas supponhamos que acorde no fim d'este seculo ou no começo do outro; não terá visto uma parte da historia, mas ouvirá conta-la, e melhor é ouvi-la que vive-la. Com poucas horas de leitura ou de outiva, receberá noticia do que se passou em oito ou dez annos, sem ter sido nem actriz, nem comparsa, nem publico. E' o que nos acontece com os seculos passados. Tambem ella nos contará alguma cousa. Dizem que, desde que entrou para o hospicio, deu apenas um gemido, e põe algumas vezes a lingua de fóra. O que não li é se, além da tal lethargia, goza do beneficio da loucura. Póde ser; a natureza tem d'esses obsequios complicados.

Ahi fica dito o que farei e verei para fugir ao tumulto da vida. Mas ha ainda outro recurso, se não puder alcançar aquelle a tempo : um livro que nos interesse, dez, quinze, vinte livros. Disse-vos no fim da outra semana que ia acabar de ler o *Livro de uma sogra*. Acabei-o muito antes dos acontecimentos que abala-

ram o espirito publico. As letras tambem precisam de amnistia. A differença é que, para obte-la, dispensam votação. E' acto proprio; um homem pega em si, mette-se no cantinho do gabinete, entre os seus livros, e elimina o resto. Não é egoismo, nem indifferença; muitos sabem em segredo o que lhes doe do mal politico; mas, emfim, não é seu officio cura-lo. De todas as cousas humanas, dizia alguem com outro sentido e por diverso objecto, — a unica que tem o seu fim em si mesma é a arte.

Sirva isto para dizer que a fortuna do livro do Sr. Aluizio Azevedo é que, escrito para curar um mal, ou supposto mal, perde desde logo a intenção primeira para se converter em obra de arte simples. D. Olympia é um typo novo de sogra, uma sogra *avant la lettre*. Antes de saber com quem ha-de casar a filha, já pergunta a si mesma (pag. 112) de que maneira « poderá dispôr do genro e governa-lo em sua intima vida conjugal. » Quando lhe apparece o futuro genro, consente em dar-lhe a filha, mas pede-lhe obediencia, pede-lhe a palavra, e, para que esta se cumpra, exige um papel em que Leandro avise á policia que não accuse ninguem da sua morte, pois que elle mesmo poz termo a seus dias; papel que será renovado de tres em tres mezes. D. Olympia declara-lhe, com franqueza, que é para salvar a sua impunidade, caso haja de o mandar matar. Leandro acceita a condição; talvez tenha a mesma impressão do leitor, isto é, que a alma de D. Olympia não é tal que chegue ao crime.

Cumpre-se, entretanto, o plano estranho e minucioso, que consiste em regular as funcções conjugaes de Leandro e Palmyra, como a famosa sineta dos jesuitas do Paraguay. O marido vai para Botafogo, a mulher para as Laranjeiras. Balzac estudou a questão

do leito unico, dos leitos unidos, e dos quartos separados; D. Olympia inventa um novo systema, o de duas casas, longe uma da outra. Palmyra concebe, D. Olympia faz com que o genro embarque immediatamente para a Europa, apezar das lagrimas delle e da filha. Quando a moça concebe a segunda vez, é o proprio genro que se retira para os Estados Unidos. Emfim, D. Olympia morre e deixa o manuscrito que fórma este livro, para que o genro e a filha obedecam aos seus preceitos.

Todo esse plano conjugal de D. Olympia responde ao desejo de evitar que a vida commum traga a extincção do amor no coração dos conjuges. O casamento, a seu ver, é immoral. A mancebia tambem é immoral. A vigor, parece-lhe que, nascido o primeiro filho, devia dissolver-se o matrimonio, porque a mulher e o marido podem accender em outra pessoa o desejo de conceber novo filho, para o qual já o primeiro conjuge está gasto; extincta a illusão, é mister outra. D. Olympia quer conservar essa illusão entre a filha e o genro. Posto que raciocine o seu plano, e procure dar-lhe um tom especulativo, de mistura com particularidades physiologicas, é certo que não possui noção exacta das cousas, nem dos homens.

Napoleão disse um dia, ante os redactores do codigo civil, que o casamento (entenda-se monogamia) não derivava da natureza, e citou o contraste do occidente com o oriente. Balzac confessa que foram essas palavras que lhe deram a idéa da *Physiologia*. Mas o primeiro faria um codigo, e o segundo enchia um volume de observações soltas e estudos analyticos. Diversa cousa é buscar constituir uma familia sobre uma combinação de actos irreconciliaveis, como remedio universal, e algo perigosos. D. Olympia,

querendo evitar que a filha perdesse o marido pelo costume do matrimonio, arrisca-se a fazer-lh'o perder pela intervenção de um amor novo e transatlantico.

Tal me parece o livro do Sr. Aluizio Azevedo. Como ficou dito, é antes um typo novo de sogra que solução de problema. Tem as qualidades habituaes do autor, sem os processos anteriores, que aliás, a obra não comportaria. A narração, posto que intercallada de longas reflexões e criticas, é cheia de interesse e movimento. O estyló é animado e colorido. Ha paginas de muito merito, como o passeio á Tijuca, os namorados adiante, o Dr. Cesar e D. Olympia atraz. A linguagem em que esta falla da belleza da floresta e das saudades do seu tempo é das mais sentidas e apuradas do livro.



20 de Outubro.

Vamos ter, no anno proximo, uma visita de grande importancia. Não é Leão XIII, nem Bismarck, nem Crispi, nem a rainha de Madagascar, nem o imperador da Allemanha, nem Verdi, nem o marquez Ito, nem o marechal Iamagata. Não é terremoto nem peste. Não é golpe de Estado nem cambio a 27. Para que mais delongas? E' Luiza Michel.

Li que um emprezario americano conctratou a diva da anarchia para fazer conferencias nos Estados Unidos e na America do Sul. Ha idéas que só podem nascer na cabeça de um norte-americano. Só a alma *yankee* é capaz de avaliar o que lhe renderá uma viagem de discursos d'aquella famosa mulher, que Paris

rejeita e a quem Londres dá a hospedagem que distribue a todos, desde os Bourbons até os Barbés. De momento, não posso afirmar que Barbés estivesse em Londres; mas, ponho-lhe aqui o nome, por se parecer com Bourbons e contrastar com elles nos principios sociaes e politicos. Assim se explicam muitos erros de data e de biographia : necessidades de estylo, equilibrios de oração.

Desde que li a noticia da vinda de Luiza Michel ao Rio de Janeiro tenho estado a pensar no effeito do acontecimento. A primeira cousa que Luiza Michel verá, depois da nossa bella bahia, é o caes Pharoux, atulhado de gente curiosa, muda, espantada. A multidão far-lhe-ha alas, com difficuldade, porque todos quererão ve-la de perto, a côr dos olhos, o modo de andar, a mala. Mettida na caleça com o empregario e o interprete, irá para o hotel dos Estrangeiros, onde terá aposentos commodos e vastos. Os outros hospedes, em vez de fugirem á companhia, quererão viver com ella, respirar o mesmo ar, ouvi-la fallar de politica, pedir-lhe noticias da communa e outras instituições.

Dez minutos depois de alojada, receberá ella um cartão de pessoa que lhe deseja fallar : é o nosso Luiz de Castro que vai fazer a sua reportagem fluminense. Luiza Michel ficará admirada da correcção com que o representante da *Gazeta de Noticias* falla francez. Perguntar-lhe-ha se nasceu em França.

— Não, minha senhora, mas estive lá algum tempo; gosto de Paris, amo a língua franceza. Venho da parte da *Gazeta de Noticias* para ouvi-la sobre alguns pontos; a entrevista sahirá impressa amanhã, com o seu retrato. Pelo meu cartão, terá visto que somos charás : a senhora é Luiza, eu sou Luiz. Vamos, porém, ao que importa...

Acabada a entrevista, chegará um empresario de theatro, que vem offerecer a Luiza Michel um camarote para a noite seguinte. Um poeta irá apresentar-lhe o ultimo livro de versos : *Diluvios sociaes*. Tres moças pedirão á diva o favor de lhes declarar se vencerá o carneiro ou o leão.

— O carneiro, minhas senhoras; o carneiro é o povo, ha-de vencer, e o leão será esmagado.

— Então não devemos comprar no leão?

— Não comprem nem vendam. Que é comprar? Que é vender? Tudo é de todos. Oh! esqueçam essas locuções, que só exprimem idéas tyranicas.

Logo depois virá uma commissão do Instituto Historico, dizendo-lhe francamente que não acceta os principios que ella defende, mas, desejando recolher documentos e depoimentos para a historia patria, precisa saber até que ponto o anarchismo e o communismo estão relacionados com esta parte da America. A diva responderá que por ora, além do caso Amapá, não ha nada que se possa dizer verdadeiro communismo aqui. Traz, porém, idéas destinadas a destruir e reconstituir a sociedade, e espera que o povo as recolha para o grande dia. A commissão diz que nada tem com a victoria futura, e retira-se.

E' noite : a diva quer jantar; está a cahir de fome; mas annuncia-se outra commissão, e por mais que o empresario lhe diga que fica para outro dia ou volte depois de jantar, a commissão insiste em fallar com Luiza Michel. Não vem só felicita-la, vem tratar de altos interesses da revolução; pede-lhe apenas quinze minutos. Luiza Michel manda que a commissão entre.

— Madama, dirá um dos cinco membros, o principal motivo que nos traz aqui é o mais grave para nós. Vimos pedir que V. Ex. nos ampare e proteja

com a palavra que Deus lhe deu. Sabemos que V. Ex. vem fazer a revolução, e nós a queremos, nós a pedimos...

— Perdão. Venho só prégar idéas.

— Idéas bastam. Desde que prégue as boas idéas revolucionarias, podemos considerar tudo feito. Madama, nós vimos pedir-lhe soccorro contra os oppressores que nos governam, que nos logram, que nos dominam, que nos empobrecem : os locatarios. Somos representantes da União dos Proprietarios. V. Ex. hade ter visto algumas casas, ainda que poucas, com uma placa em que está o nome da associação que nos manda aqui.

Luiza Michel, com os olhos accessos, cheia de commoção, dirá que, tendo chegado agora mesmo, não teve tempo de olhar para as casas; pede á commissão que lhe conte tudo. Com que então os locatarios?...

— São os senhores d'este paiz, madama. Nós somos servos; d'ahi a nossa União.

— Na Europa é o contrario, observa aos locatarios, os proletarios, os refractarios...

— Que differença ! Aqui somos nós que nos ligamos, e ainda assim poucos, porque a maior parte tem medo e retrahe-se. O inquilino é tudo. O menor defeito do inquilino, madama, é não pagar em dia; ha-os que não pagam nunca, outros que mofam do dono da casa. Isto é novo, data de poucos annos. Nós vivemos ha muito, e não vimos cousa assim. Imagine V. Ex....

— Então os locatarios são tudo?

— Tudo e mais alguma cousa.

Luiza Michel, dando um salto :

— Mas então a anarchia está feita, o communismo está feito.

— Justamente, madama, é a anarchia...

— Santa anarchia, *caballero*, — interromperá a diva, dando este tratamento hespanhol ao chefe da commissão, — santa, tres vezes santa anarchia ! Que me vindes pedir, vós outros, proprietarios? que vos defenda os alugueis? Mas que são alugueis? Uma convenção precaria, um instrumento da oppressão, um abuso da força. Tolerado como a tortura, a fogueira e as prisões, os alugueis têm de acabar como os demais supplicios. Vós estaes quasi no fim. Se vos ligaes contra os locatarios, é que a vossa perda é certa. O governo é dos inquilinos. Não são já os aristocratas que têm de ser enforcados: sereis vós :

*Çà ira, çà ira, çà ira,
Les propriétaires à la lanterne.*

Não entendendo mais que a ultima palavra, á commissão nem espera que o interprete traduza todos os conceitos da grande anarchista; e, sem suspeitar que faz impudicamente um trocadilho ou cousa que o valha, jura que é falso, que os proprietarios não põem lanternas nas casas, mas encanamentos de gaz. Se o gaz está caro, não é culpa d'elles, mas das contas belgas ou do gasto excessivo dos inquilinos. Ha-de ser engraçado se, além de perderem os alugueis, tiverem de pagar o gaz. E as penas d'agua? as decimas? os concertos?

Luiza Michel aproveita uma pausa da commissão para soltar tres vivas á anarchia e declarar ao empresario americano que embarcará no dia seguinte para ir prégar a outra parte. Não ha que propagar neste paiz, onde os proprietarios se acham em tão miseravel e justa condição que já se unem contra os inquilinos; a obra aqui não precisava discursos. O empresario, indignado, saca do bolso o contracto e mostra-lh'o.

Luiza Michel fuzila improperios. Que são contractos? pergunta. O mesmo que alugueis, — uma espoliação. Irrita-se o empregario e ameaça. A commissão procura aquietá-lo com palavras inglezas : *Time is money, five ó clock...* O interprete perde-se nas traduções. Eu, mais feliz que todos, acabo a semana.

*
* *

27 de Outubro.

Conversavamos alguns amigos, á volta de uma mesa, eram 5 horas da tarde, bebendo chá. Cito a hora e o chá para que se comprehenda bem a elegancia dos costumes e das pessoas. Supponho que os inglezes é que inventaram esse uso de beber chá ás 5 horas. Os francezes imitaram os inglezes, nós estavamos vendo se imitando os francezes, ha-de haver alguém que nos imite. Os russos esses bebem chá a todas as horas; o *sanovar* está sempre prompto. Os chinezes tambem, e podem crer-se os homens mais finamente ducados do mundo, se a nota da educação é beber chá em pequeno, como diz um adagio desta terra de café. Creio que chegam á perfeição de mama-lo.

Bebiamos chá e fallavamos de cousas e cousas. Foi na quarta-feira d'esta semana. Abriu-se um capitulo de mysterios, de phenomenos obscuros e concordavamos todos com Hamlet, relativamente á miseria da philosophia. O proprio spiritismo teve alguns minutos de attenção. Sahi de lá envolvido em sombras. Um amigo que me acompanhou poude distrahir-me fallando do plano que tem (aliás secreto) de ir ler

Theocrito, debaixo de alguma arvore da Hellade. Imaginem que é moço, como a antiguidade, ingenuo e bom, ama e vai casar. Pois com tudo isso, não pode mais que distrahir-me; apenas me deixou, as sombras envolveram-me outra vez.

Então, lembrei-me do caso d'aquella Ignez, moradora á rua dos Arcos n. 18, que achou a morte, assistindo a uma sessão da Associação Espirita, rua do Conde d'Eu. Pode muito bem ser que já te não lembres de Ignez, nem da morte, nem do resto. Eu mesmo, a não ser o chá das 5, é provavel que houvesse esquecido tudo. Os acontecimentos d'esta cidade duram tres dias, — o bastante para que um hospede cheire mal, segundo outro adagio. A primeira noticia abala a gente toda, é a conversação do dia; a segunda já acha os espiritos cançados; a terceira enfastia. Cessam as noticias, e o acontecimento desaparece, como uns simples autos e outras feitura humanas.

Ignez, assistindo á pratica do Sr. Abalo, que é o presidente da associação, teve um ataque nervoso que, segundo os depoimentos, se transformou em sonambulismo. Transferida pelos fundos da casa n. 146 para a casa n. 144, ali morreu ás 5 horas da manhã. Paulina, que é o *medium* da associação, depoz que Ignez nunca antes assistira a taes sessões, e que já ali chegára, meio adoentada. Outras pessoas foram ouvidas, entre ellas o presidente Abalo, que fez declarações interessantes. Insistia em que as praticas ali são meramente evangelicas, e entrou em minudencias que reputo excusadas ao meu fim.

O meu fim é mais alto. Não quero saber se Ignez falleceu do ataque, nem se este foi produzido pela pratica evangelica do presidente, que aliás declarou na occasião ser cousa desacertada levar áquelle logar

peessoas sujeitas a taes crises. Tambem não quero saber se todas as molestias, como diz o *medium*, são curaveis com um pouco d'agua e um padre-nosso (medicina muito mais christã que a do padre Kneipp, que exclue a oração) ou se basta este mesmo padre-nosso e a palavra do presidente; ambas as affirmações se combinam, se attendermos a que a melhor agua do mundo é a palavra da verdade. Outrosim, não indago se o presidente Abalo, como inculca, teria « um poder incomparavel, caso chegasse a escrever o que falla ». E' ponto que entende com a propria doutrina spirita.

A questão substancial, e posso dizer unica, é a liberdade. O presidente Abalo e o *medium* Paulina confessaram já ter sido processados, com outros membros da associação, por praticarem o spiritismo. O primeiro accrescentou que, se bem conheça o art. 157 do codigo penal, exerce o spiritismo de acordo com a disposição do art. 72 da Constituição.

Os entendidos terão resposta facil; eu, simples leigo, não acho nenhuma. Deixo-me estar entre o codigo e a Constituição, pego de um artigo, pego de outro, leio, releio e tresleio. Realmente, a Constituição; mãi do codigo, acaba com a religião do Estado, e não lhe importa que cada um tenha a que quizer. Desde que a porta fica assim aberta a todos, em que me hei-de fundar para metter na cadeia o spiritismo? Responder-me-has que é uma burla; mas onde está o criterio para distinguir entre o Evangelho lido pelo presidente Abalo, e o lido pelo vigario da minha freguezia? Evangelho por Evangelho, o do meu vigario é mais velho, mas uma religião não é obrigada a ter cabellos brancos. Ha religiões moças e robustas. Curar com agua? Mas o já citado padre Kneipp não

faz outra cousa, e o codigo, se elle cá vier, deixa-lo-ha curar em paz. Quando o *medium* Paulina declara que recebe os espiritos, e transmite os seus pensamentos aos membros da associação, eu se fosse codigo, diria ao *medium* Paulina : Uma vez que a Constituição te dá o direito de receber os espiritos e os corpos, á escolha, fico sem razão para autoar-te, como mereces, minha finoria; mas não te exponhas a tirar algum relógio aos associados, que isso é commigo.

O espiritismo é uma religião, não sei se falsa ou verdadeira; elle diz que verdadeira e unica. Presumpção e agua benta cada um toma a que quer, segundo outro adagio. Hoje tudo por adagios. Verdadeiros ou não, escrevem-se e publicam-se innumerados livros, folhetos, revistas e jornaes espiritas. Aqui na cidade ha uma folha *espirita* ou duas. Não se gasta tanto papel, em tantas linguas, senão crendo que a palavra que se está escrevendo é a propria verdade. Admitto que haja alguns charlatães; mas o charlatanismo bem considerado, que outra cousa é senão uma bella e forte religião, com os seus sacerdotes, o seu rito, os seus principios e os seus crédulos, que somos tu e eu?

Tambem ha religiões litterarias, e o Sr. Pedro Rabello, no prologo da *Alma Alheia*, allude a algumas e condemna as, chamando-lhes igrejinhas. O Sr. Pedro Rabello, porem, não é codigo, é escritor, e se accrescentar que é escritor de futuro, não será modesto, mas dirá a verdade. Digo-lh'a eu, que li as oito narrativas de que se compõe a *Alma Alheia*, com prazer e cheio de esperanças. *A Barricada* e o *Cão* são os mais conhecidos, e, para mim, os melhores da collecção. *A Curiosa* é mais que curiosa : é uma predestinada. *Mana Minuca...* Mas, para que hei-de citar um por um todos os contos? Basta dizer que o Sr. Pedro Rabello busca

uma idéa, uma situação, alguma cousa que dizer, para transferi-la ao papel. Tem se notado que o seu estylo é antes imitativo, e cita-se um autor, cuja maneira o joven contista procurar assimilar. Póde ser exacto em relação a alguns contos; elle proprio acha que ha diversidade no estylo d'esta (*disparidade* é o seu termo), e explica-a pela natureza das composições. Bocage escreveu que com *a idéa convem casar o estylo*, mas defendia um verso banal criticado pelo padre José Agostinho. A explicação do Sr. Pedro Rabello não explica o seu caso, nem é preciso. No verdor dos annos é natural não acertar logo com a feição propria e definitiva, bem como seguir a um e a outro, conforme as sympathias intellectuaes e a impressão recente. A feição ha-de vir, a propria, unica e definitiva, porque o Sr. Pedro Rabello é d'aquelles moços em quem se póde confiar.



19 de Novembro.

Tal é o meu estado, que não sei se acabarei isto. A cabeça doe-me, os olhos doem-me, todo este corpo doe-me. Sei que não tens nada com as minhas mazellas, nem eu as conto aqui para interessar-te; conto-as, porque ha certo allivio em dizer a gente e que padece. O interesse é meu; tu podes ir almoçar ou passear.

Vai passear, e observa o que são linguas. Se eu escrevesse em francez, ter-te-hia feito tal injuria, que tu, se fosses brioso, e não és outra cousa, lavarias com sangue. Como escrevo em portuguez, dei-te ape-

nas um conselho, uma suggestão; irás passear devéras para aproveitar a manhã. Reflecte como os homens divergem, como as linguas se oppõem umas ás outras, como este mundo é um campo de batalha. Reflecte, mas não deixes de ir passear; se não amanhecer chovendo, e a neblina cobrir os morros e as torres, terás bello espectáculo, quando o sol romper de todo e der ao terceiro dia das festas da Republica o necessario esplendor.

Não tendo podido ver as outras, vi todavia que estiveram magnificas; a grande parada militar, os cumprimentos ao Sr. presidente da Republica, a abertura da exposição, os espectaculos de gala, as evoluções da esquadra, foram cerimoniaes bem escolhidas e bem dispostas para celebrar o sexto anniversario do advento republicano. Ainda bem que se organisam estas commemorações e se convida o povo a divertir-se. Cada instituição precisa honrar-se a si mesma e fazer-se querida, e para esta segunda parte não basta exercer pontualmente a justiça e a equidade. O povo ama as cousas que o alegram.

Agora começam as festas. Deodoro estava perto do 15 de Novembro, e tratava-se de organisar a nova fórma de governo. Era natural que as festas fossem escassas e menos varias que as d'este anno. Certamente, o chefe do Estado era amigo das graças e da alegria. Não foi ainda esquecido o grande baile dado em Itamaraty para festejar o anniversario natalicio do marechal. Encheram-se os salões de fardas, casacas e vestidos. Gambetta advertiu um dia que *la republica manquait de femmes*. Comprehendia que, n'uma sociedade polida como a franceza, as mulheres dão o tom ao governo. As de lá tinham-se retrahido; depois appareceram outras, supponho. Cá houve o

mesmo retrahimento; nomes distinctos e bellas elegantes eliminaram-se inteiramente. Mas nem foram todas, nem cá se vive tanto de salão.

De resto, como disse acima, Deodoro era amigo das graças; acabaria por chamar as senhoras em torno do governo. Um dia, por occasião da promessa de cumprir a Constituição, observei um gesto que merece ser contado. Foi a primeira e unica vez que vi o palacio de S. Christovão transformado em parlamento, e mal transformado, porque os congressistas, acabada a constituinte, mudaram-se para as antigas casas da cidade. Pouca gente; mais nas tribunas que no recinto, e no recinto mais cadeiras que occupantes. Annunciou-se que o presidente chegára, uma commissão foi recebe-lo á porta, enquanto o presidente do Congresso, — actual presidente da Republica, — descia gravemente os degráos do estrado em que estava a mesa para recebe-lo. Assomou Deodoro, cumprimentou em geral e guiou para a mesa; em caminho, porém, viu na tribuna das senhoras algumas que conhecia, — ou conhecia-as todas, — e, levando os dedos á boca, fez um gesto cheio de galanteria, accentuado pelo sorriso que o acompanhou. Comparai o gesto, a pessoa, a solemnidade, o momento politico, e conclui.

Eu comparei tudo — e comparei ainda o presidente e o vice-presidente. Aquelle proferia as palavras do compromisso com a voz clara e vibrante, que reboou na vasta sala. Desceu depois com o mesmo aprumo, e sahiu. A entrada do vice-presidente teve igual ceremonial, mas differiu logo nas palmas das tribunas, que foram calidas e numerosas, ao contrario das que saudaram a chegada do primeiro magistrado. O marechal Floriano caminhou para a mesa, cabeça

baixa, passo curto e vagaroso, e quando teve de proferir as palavras do compromisso, fel-o em voz surda e mal ouvida.

Tal era o contraste das duas naturezas. Quando o poder veiu ás mãos de Floriano, pelas razões que todos vós sabeis melhor que eu, pois todos sois politicos, vieram os successos do principio do anno, que se prolongaram e desdobraram até á revolta de setembro e toda a mais guerra civil, que só agora achou termo, n'este primeiro anno do governo do Sr. Dr. Prudente de Moraes.

O corpo diplomatico accentuou ante-hontem esta circumstancia, por boca do Sr. ministro dos Estados Unidos, no discurso com que apresentou ao honrado presidente da Republica as suas felicitações e de seus collegas. O governo que terminou ha um anno, só pôde cuidar da guerra; o que então começou, devolvendo a paz aos homens, pôde iniciar de vez as festas novembrinas... *Novembrinas* sahiu-me da penna, por imitação das festas *maias* dos argentinos, que são a 25 de maio, data da independencia; mas não ha mister nomes para fazer festas brilhantes; a questão é faze-las nacionaes e populares.

São obras de paz. Obra de paz é a exposição industrial que se inaugurou sexta-feira, e vae ficar aberta por muitos dias, mostrando ao povo desta cidade o resultado do esforço e do trabalho nacional, desde o alfinete até á locomotiva. Depressa esquecemos os males, ainda bem. Isto que pôde ser um perigo em certos casos, é um grande beneficio quando se trata de restaurar a nação.

*
* *

1º de Dezembro.

Imagino o que se terá passado em Paris, quando Dumas Filho morreu. Uma das quarenta... Não cuideis que fallo das cadeiras da Academia. Este mundo não se compõe só de cadeiras academicas; tambem ha n'elle interpellações parlamentares, e dizem que o recente ministerio tem já de responder a cerca de quarenta, ou sessenta Refiro-me justamente ás interpellações. Uma d'ellas verificou-se depois da morte de Dumas Filho. O interpellante opprimiu naturalmente o ministerio, o ministerio sacudiu o interpellante, tudo com o cerimonial de costume, apartes, gritos e protestos; vieram os votos : o ministerio teve a grande maioria d'elles. Nada d'isso tirou á cidade esta idéa unica : Dumas Filho morreu.

Dumas Filho morreu. Homens, mulheres, fidalgas e burguezas fallaram deste obito como do de um principe qualquer. Não ha já *damas das camelias*; elle mesmo disse que a mulher que lhe serviu de modelo ao personagem de Margarida Gauthier foi uma das ultimas que tiveram coração. Podia parecer paradoxo ou presumpção demoço, se elle não escrevesse isto em 1867, vinte annos depois da morte de Margarida. Demais, se as palavras dão idéa das cousas, a segunda metade d'este seculo não chega a conhecer a primeira. Cortezãs, ou o que quer que ellas eram em 1847, acabaram horizontaes, nome que é, só por si, um programma inteiro, e é mais possivel que já lhes hajam dado outro nome mais exacto e mais cru. Não

faltarão, porém mulheres nem homens, tantas figuras vivas, creadas por elle, tiradas do mundo que passa, para a scena que perpetúa. Todos esses, e todos os demais fallaram d'esta morte como de um luto publico.

A moda passará como passou a de Dumas pai, a de Lamartine, a de Musset, a de Stendhal, a de tantos outros, para tornar mais tarde e definitivamente. A's vezes, o eclipse chega a ser esquecimento e ingratidão. Musset, — que Heine dizia ser o primeiro poeta lyrico da França, — pedia aos amigos, em bellos versos, que lhe plantassem um salgueiro ao pé da cova. Possuo umas lascas e folhas do salgueiro que está plantado na sepultura do autor das *Noites*, e que Arthur Azevedo me trouxe em 1883; mas não foram amigos que o plantaram, não foram sequer francezes, foi um inglez.

Parece que, indo fazer a visita aos mortos doeu-lhe não ver ali o arbusto pedido e cumprir-se o desejo do poeta. D'onde se conclue que os inglezes nem sempre ficam com a ilha da Trindade. Ha d'elles que dão para amar os poetas e seus suspiros. Tambem os ha que, por amor das musas, fazem-se armar soldados. Um d'elles, quando os gregos bradaram pela independencia, pegou em si para ir ajuda-los e não chegou ao fim; morreu de doença em Missolonghi. Era par de Inglaterra; chamava-se, creio eu, Georges Gordon Noel Byron. Tinha escrito muitos poemas e versos soltos e feito alguns discursos.

A gloria veio depois da moda, e poz Dumas pai no lugar que lhe cabe n'este seculo, como fez aos outros seus rivaes. Cada genio recebeu a sua palma. Se a moda fizer a Dumas filho o mesmo que aos outros, o tempo operará igual resgate, e os dois Dumas encherão juntos o mesmo seculo. Rara vez se

dará uma successão d'estas, a gloria engendrando a gloria, o sangue transmittindo a immortalidade. Sabeis muito bem que, nem por ser filho, o Dumas, que ora falleceu, deixou de ser outra pessoa no theatro, grande e original. Entendeu o theatro de outra maneira, fez d'elle uma tribuna, mas o pintor era assaz consciente e forte para não deixar ao pé ou de envolta com a lição de moral ou philosophia uma cópia da sociedade e dos homens do seu tempo. Dizem tambem que o filho poz a vida natural em scena; mas disso já se gabava o pai em 1833, e creio que ambos, cada qual no seu tempo, tinham razão.

Nem por ter saboreado a gloria a largos sorvos, perdeu Dumas Filho a adoração que tinha ao pai. Ao velho chegaram a chamar por troça « o pai Dumas » O filho, ao referi-lo, conta uma reminiscencia dos sete annos. Era a noite da primeira representação de *Carlos VII*. Não entendeu nem podia entender nada do que via e ouvia. A peça cahiu. O autor sahio do theatro, triste e calado, com o pequeno Alexandre, pela mão, este amiudando os passinhos para poder acompanhar as grandes pernadas do pai. Mais tarde, sempre que sahia da primeira representação das proprias peças, coberto de applausos, não podia es quecer, ao tornar para casa, aquella noite de 1831, e dizia comsigo : « Póde ser, mas eu preferia ter escrito *Carlos VII*, que cahiu. » Conheceis todo o resto d'esse prefacio do *Filho Natural*, não esqueceste a famosa e celebre pagina em que o autor da *Dama das Camélias* falla ao autor de *Antony* : « Então começastes esse trabalho cyclopico que dura ha quarenta annos... »

Tambem o d'elle durou quarenta annos. A mais de um espantou agora a noticia dos seus 71 annos de idade; e ainda ante-hontem, em casa de um amigo,

dizia este com graça : « então lá se foi o velho Dumas. » Todos tínhamos o sentimento de um Dumas moço, tão moço como a *Dama das Camélias*. A verdade é que um e outro guardaram o segredo da eterna juventude.

Lá se foi toda a chronica. Relevai-me de não tratar de outros assumptos; este prende ainda com o tempo da nossa adolescencia, a minha e a do outros.

N'aquella quadra cada peça nova de Dumas Filho ou de Augier, para só fallar de dois mestres, vinha logo impressa no primeiro paquete, os rapazes corriam a le-la, a traduzi-la, a leva-la ao theatro, onde os actores a estudavam e a representavam ante um publico attento e entusiasta, que a ouvia dez, vinte, trinta vezes. E adverti que não eram, como agora, theatros de verão, com jardim, mesas, cerveja e mulheres, com um edificio de madeira ao fundo. Eram theatros fechados, alguns tinham as celebres e incommodas travéssas, que augmentavam na platéa o numero dos assentos.. Noites de festas ; os rapazes corriam a ver a *Dama das Camélias* e o *Filho de Giboyer*, como seus pais tinham corrido a ver o *Kean e Lucrecia Borgia*. Bons rapazes, onde vão elles? Uns seguiram o caminho dos autores mortos, outros envelhecem, outros foram para a politica, que é a velhice precoce, outros conservam-se como este que morreu tão moço.

*
* *

15 de Dezembro.

Temo errar, mas creio que Lopes Netto, foi o pri-

meiro brasileiro que se deixou queimar, por testamento, com todas as formalidades do estylo. As suas cinzas, no discurso dos oradores, foram verdadeiramente cinzas. Agora repousam no logar indicado pelo testador, e é mais um exemplo que dá a sociedade italiana da incineração aos homens que vão morrer. Estou certo, porém, que o sentimento produzido nos patricios de Lopes Netto foi menos de admiração que de horror. Toda a gente que conheço repelle a idéa de ser queimada. Ninguém abre mão de ir para baixo da terra integralmente, deixando aos amigos postumos do homem o officio de lhe comerem os ultimos bocados.

São gostos, são costumes. De mim confesso que tal é o medo que tenho de ser enterrado vivo, e morrer lá em baixo, que não recusaria ser queimado cá em cima. Poeticamente, a incineração é mais bella. Vêde os funeraes de Heitor. Os troyanos gastam nove dias em carregar e amontoar as achas necessarias para uma immensa fogueira. Quando a Aurora, sempre com aquelles seus dedos côr de rosa, abre as portas ao decimo dia, o cadaver é posto no alto da fogueira, e esta arde um dia todo. Na manhã seguinte, apagadas as brasas, com vinho, os lacrimosos irmãos e amigos do magnanimo Heitor colligem os ossos do heróe e os encerram na urna, que mettem na cova, sobre a qual erigem um tumulo. D'ahi vão para o esplendido banquete dos funeraes no palacio do rei Priamo.

Bem sei que nem todas as incinerações podem ter esta feição epica; raras acabarão um livro de Homero, e a vulgaridade dará á cremação, como se lhe chama, um ar chocho e administrativo. O Sr. conde de Herzberg ha de morrer um dia (que seja tarde !) e será

inhumado, quando menos para ser coherente. Outros condes virão, e se a pratica do fogo houver já vencido, poderão celebrar contracto com a Santa Casa para queimar os cadaveres nos seus proprios estabelecimentos. Então é que havemos de abençoar a memoria do actual conde! Naturalmente haverá duas especies de classes, a presente (coches, cavallos, etc.) e a da propria incineração, que se distinguirá pelo esplendor, mediania ou miseria dos fornos, vestuario dos incineradores, qualidade da madeira. Haverá o forno commum substituindo a vala commum dos cemiterios.

Se isto que vou dizendo parecer demasiado lugubre, a culpa não é minha, mas daquelle distincto brasileiro, que morreu duas vezes, a primeira surdamente, a segunda com o estrondo que acabais de ouvir. Confesso que a morte de Lopes Netto veio lembrar-me que elle não havia morrido. Os octogenarios de cá, ou trabalham como Ottoni, no senado, ou descançam das suas grandes fadigas militares, como Tamandaré, que ainda hontem fez annos. Ha dias vi Sinimbu, erecto como nos fortes dias da maturidade. Vi tambem o mais estupendo de todos, Barbacena, joven nonagenario, que espera firme o principio do seculo proximo, afim de o comparar ao deste, e verificar se traz mais ou menos esperanças que as que elle viu em menino. Posso adivinhar que ha-de trazer as mesmas. Os seculos são como os annos que os compõem.

Lopes Netto foi meter-se na Italia, para que esquecessem os seus provados talentos e os serviços que prestou ao Brasil. Não faltam ali cidades nem villas onde um homerã poss. dormir as ultimas noites, ou andar os ultimos dias entre um quadro eterno e uma eterna ruina. A lingua que ali se ouve imagino que repercutirá na alma estrangeira como as estrophes

dos poetas da terra. Por mais que o velho Crispi e o seu inimigo Cavalloti estraguem o proprio idioma com os barbarismos que o parlamento impõe, um homem de boa vontade póde ouvi-los, com o pensamento nos tercetos de Dante, e se os repetir comsigo, acaba crendo que os ouviu do proprio poeta. Tudo é suggestivo n'este mundo.

Suponho que o nosso finado patricio não ouviria exclusivamente os poetas. A politica deixa tal unhada no espirito, que é difficil esquece-la de todo, mórmente aquelles a quem lhes nasceram os dentes nella. Se tem vivido um pouco mais, leria os telegrammas que levaram esta semana a toda Italia, como ao resto do mundo, a noticia do desastre de Erythrée. Talvez a idade ainda lhe consentisse irritar-se como os patriotas italianos, e clamar com elles pela necessidade da desforra. Sentiria igualmente a dor das mãis e esposas que correram ás secretarias para saber da sorte dos filhos e maridos. Execraria naturalmente aquelle *negus* e todos os seus *rases*, que dispoem de tantos e inesperados recursos. Mas, pondo de lado a grandeza da dôr e o brio dos vencidos, se Lopes Netto tivesse a fortuna de haver esquecido a politica e as suas duras necessidades, acharia sempre algum retabulo velho, algum trecho de marmore, alguma cantiga de rua, com que passar as manhãs do azul e sol.

Uma das maximas que escaparam a mestre Calino é que nem tudo é guerra, nem tudo é paz, e as cousas valem segundo o estado da alma de cada um. O estylo é que não traria esses collarinhos altos e gommados, mas cahidos á marinheira. Calino tinha a virtude de falar claro, a sua tolice era transparente. O que eu quero dizer pela linguagem deste grande descobridor de mel de pão é que nem toda a Italia é Scipião;

alguma parte ha de ser Raphael e outros defuntos.

Lá ficou entre esses, incinerado como tantos antigos, o homem que deu principio a esta chronica, e já agora lhe dará fim. O céo italiano lhe terá feito lembrar o brasileiro e quero crer que a sua ultima palavra foi proferida na nossa lingua; mas, como a confusão das linguas veiu do orgulho humano, é certo que o céo, que é só um, entende-as todas, como antes de Babel, e tanto faz uma como outra, para merecer bem. A ultima ou penultima vez que vi Lopes Netto estava com um joven de quinze annos, filho de Solano Lopes, que apresentava a algumas pessoas, na rua do Ouvidor. O moço sorria sem convicção; eu pensava nas vicissitudes humanas. Se o pai não tivesse feito a guerra, haveria morrido em Assumpção, e talvez ainda estivesse vivo. O filho seria o seu natural successor, e o actual presidente do Paraguay não estaria no poder. O' fortuna ! o' loteria ! o' bichos !

*
* *

29 de Dezembro.

A' beira de um anno novo, e quasi á beira de outro seculo, em que se occupará esta triste semana? Póde ser que nem tu, nem eu, leitor amigo, vejamos a aurora do seculo proximo, nem talvez a do anno que vem. Para acabar o anno faltam trinta e seis horas, e em tão pouco tempo morre-se com facilidade, ainda sem estar enfermo. Tudo é que os dias estejam contados.

Algum haverá que nem precise te-los contados;

desconta-os a si mesmo, como esse pobre Raul Pompéa, que deixou a vida inesperadamente, aos trinta e dois annos de idade. Sobravam-lhe talentos, não lhe faltavam applausos nem justiça aos seus notaveis meritos. Estava na idade em que se pôde e se trabalha muito. A politica, é certo, veiu ao seu caminho para lhe dar aquelle rijo abraço que faz do descuidado transeunte ou do adventicio namorado um amante perpetuo. A figura é manca; não diz esta outra parte da verdade, — que Raul Pompéa não seguiu a politica por seducção de um partido, mas por força de uma situação. Como a situação ia com o sentimento e o temperamento do homem, achou-se elle partidario exaltado e sincero, com as illusões todas, — das quaes se deve perder metade para fazer a viagem mais leve, — com as illusões e os nervos.

Tal morte fez grande impressão. D'aquelles mesmos que não commungavam com as suas idéas politicas, nenhum deixou de lhe fazer justiça á sinceridade. Eu conheci-o ainda no tempo das puras letras. Não o vi nas lutas abolicionistas de S. Paulo. Do *Atheneu*, que é o principal dos seus livros, ouvi alguns capitulos então ineditos, por iniciativa de um amigo commum. Raul era todo letras, todo poesia, todo Goncourts. Estes dois irmãos famosos tinham qualidades que se ajustavam aos talentos literarios e psychologicos do nosso joven patricio, que os adorava. Aquelle livro era um éco do collegio, um feixe de reminiscencias, que elle soubera evocar e traduzir na lingua que lhe era familiar, tão vibrante e colorida, lingua em que compoz os numerosos escritos da imprensa diaria, nos quaes o estylo respondia aos pensamentos.

A questão do suicidio não vem agora á tela. Este velho thema renasce sempre que um homem dá cabo

de si, mas é logo enterrado com elle, para renascer com outro. Velha questão, velha duvida. Não tornou agora á tela, porque o acto de Raul Pompéa incutiui em todos uma extraordinaria sensação de assombro. A piedade veio realçar o acto, com aquella unica lembrança do moribundo de dois minutos, pedindo á mãe que acudisse á irmã, victima de uma crise nervosa. Que solução se dará ao velho thema? A melhor é ainda a do joven Hamlet : *The rest is silence*.

Mas deixemos a morte. A vida chama-nos. Um amigo meu, que foi ao cemiterio, trouxe de lá a sensação da tranquillidade, quasi da attracção do logar, mas não como logar de mortos, senão de vivos. Naturalmente achou n'aquelle ajuntamento de casas brancas e socegadas uma imagem de villa interior, A capital é o contrario. A vida ruidosa chama-nos, leitor amigo, com os seus mil contos de réis da loteria que correu hontem na Bahia.

A idéa da agencia geral, casa Camões e C., de expôr na vespera o cheque dos mil contos de réis para ser entregue ao possuidor do bilhete a quem sahir aquella somma, foi quasi genial. Não bastava dizer ou escrever que o premio é de mil contos é que havia de sahir a alguem. A maior parte dos incredulos que ali passavam — falo dos pobres — não acreditavam a possibilidade de que taes mil contos lhe sahissem a elles. Eram para elles uma somma vaga, incoercivel, abstracta, que lhe fugiria sempre. A agencia Camões e C. não esqueceu ainda os *Lusiadas*, de certo; ha de lembrar-se da ilha dos Amores, quando os fortes navegantes dão com as nymphas nuas, e deitam a correr atraz dellas. Sabe muito melhor que eu, que os rapazes, á força de correr, dão com ellas no chão. A victoria foi certa e igual, e, sem que o poema traga a estatistica dos

moços e das moças, é sabido que ninguém perdeu na luta, tal qual succede ás loterias d'este continente. Mas o pobre quando vê muita esmola, desconfia. Os mil contos eram uma só nympha, que corria por todas as outras, e que elle não ousava crer que alcançasse, ainda recitando os atamados e doces versos da agencia Camões e C :

Oh! não me fujas! Assim nunca o breve
Tempo fuja da tua formosura!

Dizer versos é uma cousa, e receber mil contos de réis é outra. A's vezes excluem-se. Quando, porém, os mil contos se lhe põem diante dos olhos, sob a fórma de um cheque, uma ordem de pagamento, o mais incredulo entra e compra um bilhete; aos mais escrupulosos ficará até a sensação exquisita de estar cometendo um furto, tão certo lhes parece que o cheque vai atraz do bilhete, e que elle está ali, está na thesouraria do banco. A venda deve ter sido consideravel.

De resto, quem é que, de um ou de outro modo, não expõe o seu cheque á porta? O proprio espiritismo, que se ocupa de altos problemas, fez do Sr. Abalo um cheque vivo, e ninguém ali entra sem a certeza de que verá a eternidade, ou definitivamente pela morte, ou provisoriamente pela loucura. Os que não têm tal certeza e ficam pasmados do premio que lhes cae nas mãos, imitam n'isto os que compram bilhetes de loteria para fugir á perseguição dos vendedores, que trepam aos bonds, e os mettem á cara da gente.

O inquerito aberto pela policia, por occasião de alguns premios sahidos aos freguezes, é duas vezes inconstitucional: 1º, por attentar contra a liberdade religiosa; 2º, por offender a liberdade profissional. Eu, irmão-noviço, posso morrer sem crime de nin-

guem; é um modo de ir conversar outros espiritos e associar-me a algum que traga justamente a felicidade ao nosso paiz. Quanto a ti, irmão-professo, não é claro que tanto podes curar por um systema como por outro? Quem te impede de commerciar, ensinar piano, legislar, concertar pratos, defender ou accusar em juizo? Se a policia examina os casos recentes de loucura mais ou menos varrida, produzidos pelas praticas do Sr. Abalo, não ataca só ao Sr. Abalo, mas ao meu cozinheiro tambem. Acaso é este responsavel pelas indigestões que sahem dos seus jantares? Que é a demencia se não uma indigestão do cerebro?

E acabo *A semana* sem dizer nada daquelle cão que salvou o Sr. Estruc, na praia do Flamengo, ás cinco horas da manhã. A rigor, tudo está dito, uma vez que se sabe que os cães amam os donos, e o Sr. Estruc era dono deste. Nadava o dono longe da praia, sentiu perder ás forças e gritou por soccorro. O cão, que estava em terra e não tirava os olhos d'elle, percebeu a voz e o perigo, metteu-se no mar, chegou ao dono, segurou-o com os dentes e restituiu-o á terra e á vida. Toda a gente ficou abalada com o acto do cão, que uma folha disse ser « exemplo de nobreza », mas que eu attribuo ao puro sentimento de gratidão e de humanidade. Ao ler a noticia lembrei-me as muitas vezes que tenho visto donos de cães, mettidos em bonds, serem seguidos por elles na rua, desde o largo da Carioca até o fim de Botafogo ou das Laranjeiras, e disse comigo: Não haverá homem, que, sabendo andar, acuda aos pobres diabos que vão botando a alma pela boca fóra? Mas occorreu-me que elles são tão amigos dos senhores, que morderiam a mão dos que quizessem suspender-lhes a carreira, accrescendo que os donos dos cães poderiam ver com máos olhos esse acto de generosidade.

1896

5 de Janeiro.

Quizera dizer alguma cousa a este anno de 1896, mas não acho nada tão novo como elle. Póde responder-nos a todos que não faremos mais que repetir os amores contados aos que passaram, iguaes esperanças e as mesmas cortezias. « Não me illudis. — dirá 1896, — sei que me não amaes desinteressadamente; egoistas eternos, quereis que eu vos dê saude e dinheiro, festas, amores, votos e o mais que não cabe n'este pequeno discurso. Direis mal de 1895, vós que o adulastes do mesmo modo quando elle appareceu; direis o mesmo mal de mim, quando vier o meu successor. »

Para não ouvir taes injurias, limito-me a dizer deste anno que ninguem sabe como elle acabará, não porque traga em si algum signal meigo ou terrivel, mas porque é assim com todos elles. D'ahi a inveja que tenho ás palavras dos homens publicos. Agora mesmo o presidente da Republica Franceza declarou, na recepção do Anno Bom, que a politica da França é pacifica; declaração que, segundo a agencia Havas, causou a mais agradavel impressão e segurança a toda a Europa. Oh ! porque não nasci eu assás politico para entender que palavras dessas podem suster os acontecimentos, ou que um paiz, ainda que preme-

dite uma guerra, venha denuncia-la no primeiro dia do anno, avisando os adversarios e assustando o commercio e os neutros! Pela minha falta de entendimento neste particular, declarações taes não me commovem, menos ainda se sahem da boca de um presidente como o da Republica Franceza, que é um simples rei constitucional, sem direito de opinião.

Napoleão III tinha effectivamente a Europa pendente dos labios no dia I de janeiro; mas esse, pela Constituição imperial, era o unico responsavel do governo, e, se promettia paz, todos cantavam a paz, sem deixar de espiar para os lados da França, creio eu. Um dia, declarou elle que os tratados de 1815 tinham deixado de existir, e tal foi o tumulto por aquelle mundo todo, que ainda cá nos chegou o éco. Um socialista, Proudhon, respondeu-lhe perguntando em folheto, se os tratados de 1815 podiam deixar de existir, sem tirar á Europa o direito publico. N'esse dia tive um vislumbre de politica, porque entendi o rumor e as suas causas, sem negar, entretanto, que os annos trazem, com o seu horario, o seu roteiro.

Não sabemos dos acontecimentos que este nos trará, mas já sabemos que nos trouxe a lembrança de um, — o centenario do sino grande de S. Francisco de Paula. Na vespera do dia I d'este mez, ao passar pelo largo, dei com algumas pessoas olhando para a torre da igreja. Não entendendo o que era, fui adiante; no dia seguinte, li que se ia festejar o centenario do sino grande. Não me disseram o sentido da celebração, se era archeologico, se metallurgico, se religioso, se simplesmente attractivo da gente amiga de festejar alguma cousa. Cheguei a suppor que era uma loteria nova, tantas são as que surgem, todos os dias. Loterias ha impossiveis de entender pelo titulo, e nem por

isso são menos afreguezadas, pois nunca faltam Champolions aos hieroglyphos da velha Fortuna.

Isto ou aquillo, o velho sino merece as sympathias publicas. Em primeiro logar, é sino, e não devemos esquecer o delicioso capitulo que sobre este instrumento da igreja escreveu Chateaubriand. Em segundo logar, deu bons espectaculos á gente que ia ver cá de baixo o sineiro agarrado a elle. Um dia, é certo, o sineiro voou da torre e veiu morrer em pedaços nas pedras do largo; morreu no seu posto.

Aquella igreja tem uma historia interessante. Vês ali na sacristia, entre os retratos de corretores, um velho Siqueira, calção e meia, sapatos de fivella, cabel-leira postiça, e chapéo de tres bicos na mão? Foi um dos maiores serviçaes daquella casa. Syndico durante trinta e um annos, morreu em 1811, merecendo que vá ao fim do primeiro seculo e entre pelo segundo. O que mais me interessa nelle, é a pia fraude que empregava para recolher dinheiro e continuar as obras da igreja. Aos que desanimavam, respondia que contassem com algum milagre do patriarcha. De noite, ia elle proprio ao adro da igreja, chegava-se á caixa das esmolas e mettia-lhe todo o dinheiro que levava, de maneira que, aos sabbados, aberta a caixa, davam com ella pejada do necessario para saldar as dividas. As rondas seriam poucas, a illumination escassa, fazia-se o milagre e com elle a igreja. Não digo que os Siqueiras morressem; mas, tendo crescido a policia e parallelamente a virtude, o dinheiro é dado directamente ás corporações, e d'ali a noticia ás folhas publicas.

Não faltará quem pergunte como é que tal milagre, feito ás escondidas, veiu a saber-se tão miudamente que anda em livros. Não sei responder, provavel-

mente houve espões, se é que o amor da contabilidade exacta não levou o velho Siqueira a inscrever em cadernos os donativos que fazia. Ha outro costume d'elle que justifica esta minha supposição. Siqueira possuia navios; simulava (sempre a simulação!) ter n'elles um marinheiro chamado Francisco de Paula, e pagava á igreja o ordenado correspondente. O donativo era assim ostensivo por amor da contabilidade.

A contabilidade podia trazer-me a cousas mais modernas, se me sobrasse tempo; mas o tempo é quasi nenhum. Resta-me o preciso para dizer que tambem fez o seu anniversario, esta semana, a inauguração do Panorama do Rio de Janeiro, na praça Quinze de Novembro. Foi em 1891; ha apenas cinco annos, mas os centenarios não são blocos inteiros, fazem-se de pedaços. As pyramides tiveram o mesmo processo. A arte não nasceu toda nem junta. O Panorama resistiu, notai bem, ás balas da revolta. Certa casa proxima, onde eu ia por obrigação, foi mais de uma vez marcada, por ellas; na propria sala em que me achei, cahiram duas. Conservo ainda, ao pé de algumas reliquias romanas, uma que lá cahiu na segunda-feira 2 de outubro de 1893. O Panorama do Rio de Janeiro não recebeu nenhuma, ou resistiu-lhes por um prodigio só explicavel, á vista dos fins artisticos da construcção. Que as paixões politicas lutem entre si, mas respeitem as artes, ainda nas suas apparencias.

Adeus. O sol arde, as cigarras cantam, um cão late, passa um bond. Consolemo-nos com a idéa de que um dia, de todos estes phenomenos, — nem o sol existirá. E' banal, mas o calor não dá idéas novas. Adeus.

*
* *

19 de Janeiro.

Se não fosse o receio de cahir no desagrado das senhoras, dava-lhes um conselho. O conselho não é casto, não é sequer respeitoso, mas é economico, e por estes tempos de mais necessidade que dinheiro, a economia é a primeira das virtudes.

Vá lá o conselho. Sempre haverá algumas que me perdoem. A poesia brasileira, que os poetas andaram buscando na vida cabocla, não deixando mais que os versos bons e máos, isto nos dai agora, senhoras minhas. Fóra com obras de modistas; mandai tecer a simples arasoya, feita de finas plumas, atai-a á cintura e vinde passeiar cá fóra. Podeis trazer um collar de cocos, um cocar de pennas e mais nada. Escusai leques, luvas, rendas, brincos, chapéos, tafularia inutil e custosissima. A duvida unica é o calçado. Não podeis ferir nem macular os pés acostumados á meia e á botina, nem nós podemos calçar-vos, como João de Deus queria fazer á *descalça* dos seus versos :

Ah ! não ser eu o marmore em que pisas...

Calçava-te de beijos.

Não seria decente nem util; para essa difficuldade creio que o remedio seria inventar uma alpercata nacional, feita de alguma casca brasileira, flexivel e solida. E estaveis promptas. Nos primeiros dias, o espanto seria grande, a vadiação maior e a circulação impossivel; mas, a tudo se acostuma o homem. Demais, o proprio homem teria de mudar o vestuario. Um pedaço de couro de boi, em fórma de tanga,

sapatos atamancados para durarem muito, um chapéo de pelle eterna, sem bengala nem guarda-chuva. O guarda-chuva não era só desnecessario, mas até pernicioso, visto que a unica medicina e a unica pharmacia baratas passam a ser (como eu dizia a uma amiga minha) o padre Kneipp e a agua pura.

Em verdade, esse padre allemão, nascido para medico, descobriu o melhor das medicações para um povo duramente tanado na saude. Quem mais tomará as pillulas de Vichy comprimidas, o vinho de Labarraque ou a simples magnesia de Murray (estrangeiras ou nacionaes, pois que o preço é o mesmo), quem mais as tomará, digo, se basta passear na relva molhada, pés descalços, com dois minutos de agua fria no lombo, para não adoecer? Conheço alguns que vão trocar a allopathia pela homœopathia, a ver se acham simultaneamente allivio á dôr e ás algibeiras. A homœopathia é o protestantismo da medicina; o kneippismo é uma nova seita, que ainda não tem comparação na historia das religiões, mas que póde vir a triumphar pela simplicidade. O nome nasceu simples, diz a Escriitura; mas elle mesmo é que se metteu em infinitas questões. Para que nos metteremos em infinitas beberagens, patricios da minha alma?

Dizem que a vida em S. Paulo é muito cara. Mas S. Paulo, se quizer, terá saude barata; basta metter-se-lhe na cabeça ir adiante de todos como tem ido. Inventará novos medicamentos e vendel-os-ha por preço commodo. Leste a circular do presidente convidando os demais Estados productores de café para uma conferencia e um acordo? E' documento de iniciativa, ponderado e grave. Approximando-se a crise da producção excessiva, cuida de aparar-lhe os

golpes antecipadamente. Mas nem só de café vive o homem, caso em que se acha também a mulher. Assim que duas paulistas illustres tratam de abrir carreira ás moças pobres para que disputem aos homens alguns misteres, até agora exclusivos d'elles. Eis ahí outro cuidado pratico. Estou que verão a flôr e o fruto da arvore que plantarem. Quanto á vida espiritual das mulheres, basta citar as duas moças poetisas que ultimamente se revelaram, uma das quaes, D. Zalina Rolim, acaba de perder o pai. A outra, D. Julia Francisca da Silva, tem a poesia doce e por vezes triste como a d'esta rival que cá temos e se chama Julia Cortines; todas tres publicaram ha um anno os seus livros.

Fallo em poetisas e em mulheres; é o mesmo que fallar em João de Deus, que deve estar a esta hora depositado no pantheon dos Jeronymos, segundo nos annunciou o telegrapho. Não sei se elle adorou poetisas; mas que adorou mulheres, é verdade, e não das que pisavam tapetes, mas pedras, ou faziam meia á porta da casa, como aquella Maria, da *Carta*, que é a mais deliciosa de suas composições. Se essa Maria foi a mais amada de todas, não podemos sabe-lo, nem elle proprio o saberia talvez. Ha uma longa composição sem titulo, de vario metro, em que ha lagrimas de tristeza; mas as tristezas podem ser grandes e as lagrimas passageiras ou não, sem que d'ahi se tire conclusão certa. A verdade é que todo elle e o livro são mulheres, e todas as mulheres *rosas e flores*. A simpleza, a facilidade, a espontaneidade de João de Deus são raras, a emoção verdadeira, o verso cheio de harmonia, quasi sem arte, ou de uma arte natural que não dá tempo a recompo-la.

Um dos que verão passar o prestito de João de

Deus será esse outro esquecido, — como esquecido estava o autor do *Campo de Flores*, — patricio nosso e poeta inspirado, Luiz Guimarães. Não digo esquecido no passado, porque os seus versos não esquecem aos companheiros nem aos admiradores, mas no presente. Um de seus dignos rivaes, Olavo Bilac, deu-nos ha dias dois lindos sonetos do poeta, que ainda nos promete um livro. A doença não o matou, a solidão não lhe expelliu a musa, antes a conservou tão maviosa como antes. O que a outros bastaria para descrever da vida e da arte, a este dá força para empregar na arte os pedaços de vida que lhe deixaram e que valerão por toda ella. O poeta ainda canta. Crê no que sempre creu.

Ha phenomenos contrarios. Vêde Zola. A *Noticia* de sexta-feira traz um telegramma contando o resumo da entrevista de um *reporter* com o celebre romancista, acerca da *chantage* que apparece nos jornaes francezes. Zola deu as razões do mal e conclue que « ha excesso de liberdade e *falta de ideaes christãos* ». Deus meu ! e por que não uma cadeira na Academia franceza?



8 de Março.

No tempo do romantismo, quando o nosso Alvares de Azevedo cantava, repleto de Byron e Musset :

A Italia! sempre a Italia delirante!
E os ardentes sarãos e as noites bellas!

a Italia era um composto de Estados minusculos,

convidando ao amor e á poesia, sem embargo da prisão em que pudessem cahir alguns liberaes. Ha livros que se não escreveriam sem essa divisão politica, a *Chartreuse de Parme*, por exemplo; mal se póde conceber aquelle conde Mosca senão sendo ministro de Ernesto IV de Parma. O ministro Crispi não teria tempo nem gosto de ir namorar no Scala de Milão a duqueza de Sanseverina. Era assim parcellada que nós, os rapazes anteriores á triplice alliança e apenas contemporaneos de Carvour, imaginavamos a Italia e passeavamos por ella.

Agora a Italia é um grande reino que já não falla a poetas, apezar do seu Carducci, mas a politicos e economistas, e entra a ferro e fogo pela Africa, como as demais potencias européas. O grande desastre desta semana, se foi sentido por todos os amigos da Italia, é tambem prova certa de que a civilisação não é um passeio, e para vencer o proximo imperador da Ethiopia é necessario haver muita constancia e muita força. Os italianos mostraram essa mesma opinião dando com Crispi em terra, — por quantos mezes? Eis o que só nos póde dizer o cabo, em alguma bella manhã, ou bella tarde, se a *Noticia* se antecipar ás outras folhas. Quanto á guerra, é certo que continuará e o mesmo ardor com que o povo derribou Crispi saudará a victoria proxima e maiormente a definitiva. Cumpra-se o que dizia o poeta n'aquelles versos com que Machiavello fecha o seu livro mais celebre :

Che l'antico valore

Negl'Italia cuor non é ancor morto.

Nós cá não temos Menelick, mas temos o cambio, que, se não é abexim como elle, é de raça peor. Inimigo sorrateiro e calado, já está em oito e tanto e

ninguem sabe onde parará; é capaz de nem parar em zero e descer abaixo d'elle uns oito grãos ou nove. N'esse dia, em vez de possuirmos tresentos réis em cada dez tostões, passaremos a dever os ditos tresentos réis, desde que a desgraça nos ponha dez tostões nas mãos. D'onde se conclue que até a ladroeira acabará. Roubar para quê?

O mal do cambio parece-se um pouco com o da febre amarella, mas, para a febre amarella, a magnesia fluida de Murrey, que até agora só curava dôr de cabeça e indigestões, é especifico provado n'este verão, segundo leio impresso em grande placa de ferro. Que magnesia ha contra o cambio? Que Murray já descobriu o modo certo de acabar com a decadencia progressiva do nosso triste dinheiro e com as fomes que ahí vêm, e os meios luxos, os quartos de luxo, e outras consequencias melancolicas deste mal?

Um economista appareceu esta semana lastimando a succesiva quêda do cambio e accusando por ella o ministro da fazenda. Não lhe contesta intelligencia, nem probidade, nem zelo, mas nega-lhe tino e, em prova d'isto, pergunta-lhe á queima-roupa : Por que não vende a estrada Central do Brasil? A pergunta é tal que nem dá tempo ao ministro para responder que taes materias pendem de estudo, em primeiro lugar, e, em segundo lugar, que ao Congresso Nacional cabe resolver por ultimo.

Felizmente, não é esse o unico remedio lembrado pelo dito economista. Ha outro, e porventura mais certo : é auxiliar a venda da Leopoldina e suas estradas. Desde que auxilie esta venda, o ministro mostrará que não lhe falta tino administrativo. Infelizmente, porém, se o segundo remedio póde concertar as finanças federaes, não faz a mesma cousa ás do Estado do

Rio de Janeiro, tanto que este, em vez de auxiliar a venda das estradas da Leopoldina, trata de as comprar para si. Cumpre advertir que a efficacia deste outro remedio não está na riqueza da Leopoldina, por quanto sobre este ponto duas opiniões se manifestaram na assembléa fluminense. Uns dizem que a companhia deve vinte e dois mil contos ao Banco do Brasil e está em demanda com o Hypothecario, que lhe pede seis mil. Outros não dizem nada. Entre essas duas opiniões, a escolha é difficil. Não obstante, vemos estes dois remedios contrarios : no Estado do Rio a compra da Leopoldina é necessaria para que a administração tome conta das estradas, ao passo que a venda da Central é tambem necessaria para que o governo da União não a administre. *Vérité en-deçà, erreur au-delà.*

N'este conflicto de remedios ao cambio e ás finanças, invoquei a Deus, pedindo-lhe que, como a Tobias, me abrisse os olhos. Deus ouviu-me, um anjo baixou dos céos, tocou-me os olhos e vi claro. Não tinha azas; trazia a fórmula de outro economista, que publicou antehontem uma exposição do negocio assás luminosa. Segundo este outro economista, a compra da Leopoldina deve ser feita pelo Estado do Rio de Janeiro, porque taes têm sido os seus negocios precipitados e illegaes (emprega ainda outros nomes feios, dos quaes o menos feio é mixordia) que não haverá capitalistas que a tomem. Não havendo capitalistas que comprem a Leopoldina, cabe ao Estado do Rio de Janeiro compra-la, attender aos credores, e não devendo administrar as estradas, « porque o Estado é pessimo administrador », venderá depois a Leopoldina a particulares. Foi então que entendi que a verdade é só uma, *en-deçà e au-delà*; a differença é transitoria, é só

o tempo de comprar e vender, *ainda com algum sacrificio*, diz o economista! No intervallo mette-se uma rolha na boca dos credores. Sabe-se onde é que os alfaiates põem a boca dos credores.

Talvez algum americanista, exaltado ou não, ainda se lembre da palavra de Cleveland quando pela segunda vez assumiu o governo dos Estados Unidos. A palavra é *paternalismo* e foi empregada para definir o systema dos que querem fazer do governo um pai. Cleveland condemna fortemente esse systema; mas elle nada pôde contra a natureza. O Estado não é mais que uma grande familia, cujo chefe deve ser pai de todos.

Alliviado como fiquei do conflicto, abri novamente o ultimo livro de Luiz Murat e puz-me a reler os versos do poeta. Deus meu, aqui não ha estradas nem compras, aqui ninguem deve um real a nenhum banco, a não ser o banco de Apollo; mas este banco empresta para receber em rimas, e o poeta pagou-lhe capital e juros. Posto que ainda moço, Luiz Murat tem nome feito, nome e renome merecido. Os versos d'este segundo volume das *Ondas* já foi notado que desdizem do prefacio; mas não é defeito dos versos, senão do prefacio. Os versos respiram vida intima, amor e melancolia; as proprias paginas da *Tristeza do Cahos*, por mais que queiram, a principio, ficar na nota impessoal acabam no pessoal puro e na desesperança.

O poeta tem largo folego. Os versos são, ás vezes, menos castigados do que cumpria, mas é essa mesma a indole do poeta, que lhe não permite senão produzir como a natureza; os passantes que colham as bellas flores entre as ramagens que não têm a mesma igualdade e correcção. Luiz Murat cultiva a antithese de Hugo como Guerra Junqueiro; eu pedir-lhe-hia moderação, posto reconheça que a sabe empregar com arte.

Por fim, aqui lhe deixo as minhas palavras; é o que póde fazer a chronica d'estes dias.

*
* *

22 de Março.

Se todos quantos empunham uma penna, não estão a esta hora tomando notas e colligindo documentos sobre a historia d'esta cidade, não sabem o que são cincoenta contos de réis. Uma lei municipal, votada esta semana, destina « ao historiador que escrever a historia completa do Districto Federal desde os tempos coloniaes até a presente época », aquella valiosa quantia. O prazo para compôr a obra é de cinco annos. O julgamento será confiado a pessoas competentes, a juizo do prefeito.

Não serei eu que maldiga de um acto que põe em relevo o amor da cidade e o apreço das letras. Os historiadores não andam tão fartos, que desdenhem dos proventos que ora lhes offerecem, nem os legisladores são tão generosos, que lhes dêem todos os dias um premio d'este vulto. Se todas as capitaes da Republica e algumas cidades ricas concederem igual quantia a quem lhes escrever as memorias, e se o Congresso Federal fizer a mesma cousa em relação ao Brasil, mas por preço naturalmente maior, — digamos quinhentos contos de réis, — a profissão de historiador vae primar sobre muitas outras d'este paiz.

Ha só dois pontos em que a recente lei me parece defeituosa. O primeiro é o prazo de cinco annos, que acho longo, em vista do preço. Quando um homem se

põe a escrever uma historia, sem estar com o olho no dinheiro, mas por simples amor da verdade e do estylo, é natural que despenda cinco annos ou mais no trabalho; mas cincoenta contos de réis excluem qualquer outro officio, mal dão seis horas de somno por dia, de maneira que, em dois annos, está a obra acabada e copiada. Muito antes do fim do seculo podem ter os cariocas a sua historia prompta, substituindo as memorias do padre Perereca e outras.

O segundo ponto que me parece defeituoso na lei, é que a competencia das pessoas que houverem de julgar a obra, dependa do juizo do prefeito. Nós não sabemos quem será o prefeito d'aquí a cinco annos; pôde ser um droguista, e ha duas especies de droguitas, uns que conhecem da competencia literaria dos criticos, outros que não. Supponhamos que o eleito é da segunda especie. Que pessoas escolherá elle para dizer dos meritos da composição? Os seus ajudantes de laboratorio?

Eu, se fosse intendente, calculando que a historia do Districto Federal podia esperar ainda dois ou tres annos, proporia outro fim a uma parte dos contos de réis. Tem-se escrito muito ultimamente acerca do padre José Mauricio, cujas composições, apezar de louvadas desde meio seculo e mais, estão sendo devoradas pelas traças. Houve idéa de cataloga-las, repara-las e restaura-las, e foi citado o nome do Sr. Alberto Nepomuceno como podendo incumbir-se de tal trabalho. Este maestro, em carta que a *Gazeta* inseriu quinta-feira, lembrou um alvitre que « torna a propaganda mais pratica sem nada perder da sua sentimentalidade actual, e põe ao alcance de todos as produções do genial compositor ». O Sr. Nepomuceno desengana que haja editor disposto a imprimir taes obras de

graça, empatando, sem esperança de lucro, uma somma não inferior a quarenta contos. A concessão da propriedade é um presente de gregos. O alvitre que propõe, é reduzir para orgam o acompanhamento orchestral das diversas composições e publica-las. Custaria isto dez contos de réis.

Ora, se o Distrito Federal quizesse divulgar as obras de José Mauricio, empregaria nellas os dez contos do methodo Nepomuceno, ou os quarenta, se lhe dêsse na cabeça imprimir as obras todas, integralmente. Em ambos os casos ficaríamos esperando o historiador do districto, salvo se houvesse homem capaz de escrever a historia por dez ou ainda por quarenta contos; cousa que me não parece impossivel.

Um dos que têm tratado ultimamente das obras e da pessoa do padre, é o visconde de Taunay. A competencia d'este, unida ao seu patriotismo, dá aos escritos que ora publica na *Revista Brasileira*, muito valor; é uma nova cruzada que se levanta, como a do tempo de Porto Alegre. Se não ficar no papel, como a de outr'ora, dever-se-ha a Taunay uma boa parte do resultado.

Outro que tambem está revivendo materia do passado, na *Revista Brasileira*, é Joaquim Nabuco. Conta a vida de seu illustre pai, não á maneira secca das biographias de almanack, mas pelo estylo dos ensaios inglezes. Deixe-me dizer-lhe, pois que trato da semana, que o seu juizo da revolução praieira, vindo no ultimo numero, me pareceu excellente. Não traz aquelle cheiro partidario, que suffoca os leitores meramente curiosos, como eu. A mais completa prova da isenção do espirito de Nabuco está na maneira por que funde os dois retratos de Tosta, feitos a pincel partidario, um por Urbano, outro por Figueira de Mello. Cheguei

a uèr Urbano, em 1860; vi Tosta, ainda robusto, então ministro, dizendo em aparte a um senador da opposição que lhe annunciava a quèda do gabinete: « Havemos da sahir, não havemos de cahir ! » Neste unica palavra sentia-se o varão forte de 1848. Quanto a Nunes Machado, trazia-o de còr, desde menino, sem nunca o te visto: é que o retrato delle andava em toda parte. De Pedro Ivo não conhecia as feições, mas conhecia os bellos versos de Alvares de Azevedo, onde os rapazinhos do meu tempo aprendiam a derrubar (de cabeça) todas as tyrannias.



5 de Abril.

Quarta-feira de trevas contradisse este nome pela presença de um grande sol claro. Commigo deu-se ainda um incidente, que mais aggravou a divergencia entre a significação do dia e a alegria exterior. Eram onze horas da manhã, mais, ou menos, ia atravessando a rua da Misericordia, quando ouvi tocar uma valsa a dois tempos. Graciosa valsa; o instrumento é que me não parecia piano, e desde criança ouvi sempre dizer que em tal dia não se canta nem toca. Em pouco atinei que eram os sinos da igreja de São José. Pois digo-lhes que difficilmente se lhe acharia falha de uma nota, demora ou precipitação de outra; todas saham muito bem. O rei David, se ali estivesse, faria como outr'ora, dansaria em plena rua. A arca do Senhor seria a propria igreja de S. José, descendente d'aquelle santo rei segundo S. Matheus.

A valsa acabou, mas o silencio durou poucos minutos. Ouvi algumas notas soltas e espaçadas, esperei : era um trecho de Flotow. Conheceis a opera *Martha*? Era a *ultima rosa de verão*, — a velha cantiga *the last rose of summer*, — musica sem trevas, mas cheia daquella melancolia doce de quem perde as flores da vida. Não faria lembrar Jesus; antes imaginei que, se elle ali viesse, podia compor mais uma parabola : « O reino dos céos é semelhante a uma igreja, em cuja torre se tocam as valsas da terra; emquanto a torre chama a dansar, a igreja chama a resar; bemaventurados aquelles que, pela oração, esquecerem a valsa, e deixarem murchar sem pena todas as rosas deste mundo... »

Outra dissonancia da quarta-feira de trevas, — mas d'esta vez a culpa é do calendario, — foi cahir no dia primeiro de abril. Não consta que alguém fosse embaçado. A unica noticia de que haveria aqui um terremoto, quinze horas depois de 31 de março, não tirou o somno a ninguem, mormente depois que a gente de Valparaiso viveu de terror panico os dias 29 e 30 d'aquelle mez, por causa de igual phenomeno, igualmente annunciado. O pequeno tremor do dia 1, em Santiago, não prova nada em favor da prophesia ou da sciencia.

Todos os peixes apodrecem, leitor; não é de admirar que os carapetões de abril, chamados peixes pelos francezes, venham a ficar moidos. Nesta cidade, em que ha contos do vigario, ninguem já cae nos laços de abril. A principio cahiam muitos. O *Correio Mercantil* foi o primeiro, creio eu, que se lembrou de inventar prodigios, exposições, embarques, qualquer cousa extraordinaria, na propria manhã daquelle dia. Naquelle tempo, se me não engano, havia só a folhinha

de Laemmert. Os jornaes não as davam, menos ainda as lojas de papel. Pouca gente se lembrava da fatal data. Os curiosos corriam ao ponto indicado para ver o caso espantoso. A principio esperavam; annos depois já não esperavam, mas passavam e tornavam a passar. Afinal era mais facil não acudir a ver uma cousa real, que a procurar uma invenção.

Comquanto a credulidade seja eterna, é preciso fazer com ella o que se faz com a moda : variar de feitio. Valentim Magalhães variou de feitio, limitando-se a dar este titulo de *Primeiro de Abril* a um dos seus contos do livro agora publicado. E' uma simples idéa engenhosa. *Bric-à-Brac* é o nome do livro; compõe-se de fantasias, historietas, chronicas, retratos, uma idéa, um quadro, uma recordação, recolhidos d'aqui e d'ali, e postos em tal ou qual desordem. A variedade agrada, o tom leve põe relevo á observação graciosa ou caustica, e o todo exprime bem o espirito agudo e fertil d'este moço. O titulo representa a obra, salvo um defeito, que reconbeci, quando quiz reler alguma das suas paginas, *Velhos sem dono*, por exemplo; o livro traz indice. Um *Briac-à-Brac* verdadeiro nem devia trazer indice. Quem quizesse reler um conto, que se perdesse a ler uma fantasia.

A vida, que é tambem um *bric-à-brac*, pela definição que lhe dá Valentim Magalhães (eu accrescentaria que é algumas vezes um simples e unico negocio), a vida tem o seu indice no cemiterio; mas que preço que levam os impressores por essa ultima pagina! Agora mesmo dão os jornaes noticia de um carro funebre que chegou á casa do defunto duas horas depois da pactuada. Accrescentam que, ao que parece, o coche foi servir primeiro a outro defunto. Emfim, que é um carro velho, estragado e sujo, não contando que a cova

estava cheia de lodo, e que o custo total do enterro é pesadissimo. Tudo isso fórma o indice da vida; esta pôde ser cara, barata, mediana ou até gratuita, mas a morte é sempre onerosa. Accusa-se disto a Empreza Funeraria. Não pôde ser; a culpa da impontualidade é antes dos que morrem em desproporção com o material da empreza. Falla-se do privilegio. Não ha privilegio, ha educação da liberdade; assim como foi preciso preparar a liberdade politica, antes de a decretar, assim tambem é mister preparar a liberdade funeraria.

Cumpre notar que tal queixa em tal semana é descabida. Tudo se deve perdoar por estes dias. Christo morrendo, perdoou aos proprios algozes, « por não saberem o que faziam ». Não se trata aqui de algozes propriamente ditos, e pôde ser tambem que a empreza não saiba o que está fazendo. Em todo caso, a queixa devia ter sido adiada para amanhã ou depois.

Faço igual reflexão relativamente ao juiz da comarca do Rio Grande, que, segundo telegrammas d'esta semana, vai ser metido em processo. A causa sabe-se qual é. Não consentiu o juiz em que os jurados votem a descoberto, como dispõe a reforma judiciaria do Estado; affirma elle que a Constituição Federal é contraria a semelhante clausula. Não sou jurista, não posso dizer que sim nem que não. O que vagamente me parece, é que se o estatuto politico do Estado differre em alguma parte do da União, é impertinencia não cumprir o que os poderes do Estado mandam. Mas, de um ou de outro modo, creio que não foi opportuno mandar fallar agora sobre processo nem censurar o magistrado antes de amanhã.

Esta questão leva-me a pensar que, se se não puder conciliar o voto secreto com o voto publico, ou ainda mesmo que se conciliem, é occasião de modificar a

instituição, a ser verdade o que dizem della pessoas conspicuas. Na assembléa legislativa do Rio de Janeiro, o Sr. Alfredo Watheley declarou ha dois mezes, entre outras cousas, que « em regra o jury é um passaculpas. » Ao que o Sr. Leoni Ramos adduziu : « E' muito raro que no jury, perguntando o juiz aos jurados se precisam ouvir as testemunhas, elles respondam que sim; dizem sempre que as dispensam. » Tambem eu ouvi igual dispensa, mas relativamente ao interrogatorio do proprio réo. Foi ha muitos annos. Interrogado sobre o delicto, pediu elle para não falar de assumptos que lhe eram penosos, e os jurados concordaram em não ouvi-lo. Realmente, o accusado merecia piedade, era um caso de honra; mas dispensada a audiencia do réo e das testemunhas, não tarda que se faça o mesmo ao promotor e ao defensor, e finalmente á leitura do processo, aliás penossissima de ouvir, mormente se o escrivão apenas sabe escrever.

* * *

26 de Abril.

« Terminaram as festas de Shakespeare » diz um telegramma de Londres, publicado ante-hontem 24, na *Noticia*. Eu, que suppunha o mundo perdido no meio de tantas guerras actuaes e imminentes, crises formidaveis, proximas annexações e desannexações, respirei como alguém que sentisse tirar-lhe um peso de cima do peito. Que me importa já saber se o principe da Bulgaria commungou ou não, esta semana, tendo-lhe o papa negado licença? Provavelmente não commun-

gará mais, tudo por haver consentido que o filho fosse baptisado na religião orthodoxa. Quantos outros pais terão deixado baptisar os filhos em religiões alheias, sem perder por isso o direito de commungar; basta-lhe entrar na igreja proxima e fallar ao vigario. Não são principes, não governam, não correm o perigo das alturas.

Cuba, que me importa agora Cuba? A rebellião come gente, sangue e dinheiro; a independencia far-se-ha ou não. Segundo um homem desconhecido estava feita desde quarta-feira, e assim enganou a duas ou tres folhas d'esta cidade, acção de muito máo gosto, não só pela invenção dos decretos de Madrid, como pela da morte de um hospede do hotel de Estrangeiros. O dono d'este perdeu mais que ninguem, pois que Cuba, tarde ou cedo, alcançará a independencia; o consul e o ministro de Hespanha explicaram-se, mas a morte do hospede é mais que a de Maceo ou Maximo Gomez. Lêde bem a carta com que o dono do hotel de Estrangeiros correu á *Cidade do Rio* para affirmar que o defunto Villagarcia (se alguém ha d'esse nome) nunca ali esteve, que ninguem morreu nem adoeceu n'aquella casa, apezar da epidemia recente, que os seus esforços foram grandes, e a noticia da morte offende os seus interesses. E' quasi um reclamo, ou — como dizem os mal intencionados, — um *pre-conicio*.

E' tão grave o factó de morrer alguém nas hospedarias, que o dono de uma dellas, n'esta cidade, só por fina inspiração, pôde ha tempos salvar a hora do estabelecimento. Não disse a ninguem que lhe morrera um hospede, mas que adoecera e queria ir-se embora. Mandou vir um carro, fez meter dentro o cadaver, com as cautellas devidas a um enfermo, e sentou-se

ao pé d'elle. — « Então, que é isso? dizia elle ao cada-ver, enquanto o cocheiro dava volta ao carro. O senhor, sahindo d'aqui, vai peiorar e talvez morra; por que não fica? Aqui, antes de quinze dias, está corado e bom. Ande, fique; se quer, mando o carro embora. Não? Pois faz muito mal... » Os hospedes, que ouviam esta exortação, lastimavam a teimosia do enfermo, e almoçaram com o appetite do costume.

Guerras africanas, rebeliões asiaticas, quéda do gabinete francez, agitação politica, a proposta da suppressão do senado, a caixa do Egypto, o socialismo, a anarchia, a crise européa, que faz estremecer o solo, e só não *explode* porque a natureza, minha amiga, aborrece este verbo, mas ha de estourar, com certeza, antes do fim do seculo, que me importa tudo isso? Que me importa que, na ilha de Creta, christãos e musulmanos se matem uns aos outros, segundo dizem telegrammas de 25? E o acordo, que ante-hontem estava feito entre chilenos e argentinos, e já hontem deixou de estar feito, que venho eu com esse sangue que correu e com o que ha-de correr?

N'outra occasião far-me-hia triste a noticia dos vinte e tantos autos roubados a uma pretoria d'esta cidade. Vinte e um voltaram ao cartorio, mas um d'elles não trazia petição inicial nem sentença, por modo que ficou o processo inutil. Uma d'estas manhãs, estando o pretor occupado, vieram dizer-lhe que acabavam de furtar mais autos, correu ao cartorio, viu que era exacto. O mesmo pretor despediu ha dias um empregado do cartorio, que estava ao seu serviço; a razão é porque o homem, mediante dinheiro, tomava a si obter despachos favoraveis. Chegou ao ponto, segundo li, de fazer caminhar bem um negocio, a troco de certa quantia; recebida esta, fez desandar o negocio em

favor da outra parte, a troco de igual remuneração. Reincidência ou arrependimento? Eis ahi um mysterio.

Outro mysterio é que só vejo publicadas as acções, não os nomes dos autores. Nem sempre é necessario que estes sejam dados ao prélo. Casos ha em que o silencio é conveniente, não para impedir que os autores fujam, mas por motivos que me escapam. Seja como fôr, ainda bem que os autos se descobrem, os intermediarios de despachos desaparecem, e o ar puro entra nas pretorias, na terceira, quero dizer, que é onde se deram os factos aqui narrados. Entretanto, outra seria a minha impressão disto, como do resto, se não fosse o telegramma de Londres, 24.

« Terminaram as festas de Shakespeare... » O telegramma accrescenta que « o delegado norte-americano teve grande manifestação de sympathia. » A doutrina de Monroe, que é boa, como lei americana, é cousa nenhuma contra esse abraço das almas inglezas sobre a memoria do seu extraordinario e universal representante. Um dia, quando já não houver imperio britannico nem republica norte-americana, haverá Shakespeare: quando se não falar inglez, falar-se-ha Shakespeare. Que valerão então todas as actuaes discordias? O mesmo que as dos gregos, que deixaram Homero e os tragicos.

Dizem commentadores de Shakespeare que uma de suas peças, a *Tempest*, é um symbolo da propria vida do poeta e a sua despedida. Querem achar n'aquellas ultimas palavras de Prospero, quando volta para Milão, « onde de cada tres pensamentos um será para a sua sepultura », uma allusão á retirada que elle fez do palco, logo depois. Realmente, morreu d'ahi a pouco, para nunca mais morrer. Que valem todas as

expedições de Dongola e do Transvaal contra os combates de Ricardo III? Que vale a caixa egypcia ao pé dos tres mil ducados de Shylock? O proprio Egypto, ainda que os inglezes cheguem a possui-lo, que pôde valer ao pé do Egypto da adoravel Cleopatra? Terminaram as festas da alma humana.

*
* *

17 de Maio.

Era no bairro Carceller, ás sete horas da noite.

A cidade estivera agitada por motivos de ordem technica e politechnica. Outrosim, era a vespera da eleição de um senador para preencher a vaga do finado Aristides Lobo. Dois candidatos e dois partidos disputavam a palma com alma. Vá de rima; sempre é melhor que disputa-la a cacete, cabeça ou navalha, como se usava antigamente. A garrucha era empregada no interior. Um dia, appareceu a lei Saraiva, destinada a fazer eleições sinceras e socegadas. Estas passaram a ser de um só gráo. Oh! ainda agora me não esqueceram os discursos que ouvi, nem os artigos que li por esses tempos atraz, pedindo a eleição directa! A eleição directa era a salvação publica. Muitos explicavam: directa e censitaria. Eu, pobre rapaz sem experiencia, ficava embasbacado quando ouvia dizer que todo o mal das eleições estava no methodo; mas, não tendo outra escola, acreditava que sim, e esperava a lei.

A lei chegou. Assisti ás suas estréas, e ainda me lembro que na minha seção ouviam-se voar as moscas. Um dos eleitores veio a mim, e por signaes me fez

compreender que estava entusiasmado com a differença aquelle socego e os tumultos do outro methodo. Eu, tambem por signaes, achei que tinha razão, e contei-lhe algumas eleições antigas. N'isto o secretario começou a suspirar febrilmente os nomes dos eleitores. Presentes, posto que censitarios, poucos. Os chamados iam na ponta dos pés até á urna, onde depositavam uma cedula, depois de examinada pelo presidente da mesa; em seguida assignavam silenciosamente os nomes na relação dos eleitores, e sahiam com as cautellas usadas em quarto de moribundo. A convicção é que se tinha achado a panacéa universal.

Mas, como ia dizendo, era no bairro Carceler, ás 7 horas da noite.

O bairro Carceler estava quasi solitario. Um ou outro homem passava, mulher nenhuma, rara loja aberta, e mal se ouviam os bonds que chegavam ou partiam. Eu ia andando á procura do hotel do Globo. Recordava cousas passadas, um incendio, uma festa, a ponte das barcas um pouco adiante, a Praia Grande do outro lado, e a assembléa provincial, vulgarmente chamada salinha. A salinha acabou, e a Praia Grande ficou decapitada, passando a assembléa com outra feição a legislar em Petropolis. Nem por isso perdeu as metaphoras de outro tempo. Ainda agora, em Petropolis, um orador devolveu a outro as injurias que lhe ouvira; devolveu-as intactas, tal qual se costumava na antiga Praia Grande. As injurias devolvidas intactas não ferem. Algumas vezes arredam-se com a ponta da bota, ou deixam-se cahir no tapete da sala; mas a melhor formula é devolve-las intactas. A ponta da bota é um gesto, a quéda no tapete é desprezo, mas para injurias menores. A ultima formula de desdem, a mais energica, é devolve-las intactas. Quem

inventou este modo de correspondencia, está no céu.

Chego ao hotel do Globo. Subo ao segundo andar, onde acho já alguns homens. São convivas do primeiro jantar mensal da *Revista Brasileira*. O principal de todos, José Verissimo, chefe da *Revista* e do Gymnasio Nacional, recebe-me, como a todos, com aquella affabilidade natural que os seus amigos nunca viram desmentida um só minuto. Os demais convivas chegam, um a um, a literatura, a politica, a medicina, a jurisprudencia, a armada, a administração... Sabe-se já que alguns não podem vir, mas virão depois, nos outros mezes.

Ao fim de poucos instantes, sentados á mesa, lembrou-me Platão; vi que o nosso chefe tratava não menos que de crear tambem uma Republica, mas com fundamentos praticos e reaes. O Carceller podia ser comparado, por uma hora, ao Pireu. Em vez das exposições, definições e demonstrações do philosopho, viamos que os partidos podiam comer juntos, fallar, pensar e rir, sem attritos, com iguaes sentimentos de justiça. Homens vindos de todos os lados, — desde o que mantem nos seus escritos a confissão monarchica, até o que apostolou, em pleno imperio, o advento republicano — estavam ali placidos e concordes, como se nada os separasse.

Uma surpresa aguardava os convivas, lembrança do amphytrião. O cardapio (como se diz em lingua barbara) vinha encabeçado por duas epigraphes, nunca escritas pelos autores, mas tão ajustadas ao modo de dizer e sentir, que elles a incluíriam nos seus livros. Não é dizer pouco, em relação á primeira, que attribue a Renan esta palavra : « Celebrando a Paschoa, disse o encantador propheta da Galiléa : tolerai-vos uns aos outros; é o melhor caminho para chegardes a amar-vos... »

E todos se toleravam uns aos outros. Não se fallou de politica, a não ser alguma palavra sobre a fundação dos Estados, mas curta e leve. Tambem se não fallou de mulheres. O mais do tempo foi dado ás letras ás artes, á poesia, á philosophia. Comeu-se quasi sem attenção. A comida era um pretexto. Assim voaram as horas, duas horas deleitosas e breves. Uma das obrigações do jantar era não haver brindes: não os houve. Ao deixar a mesa tornei a lembrar-me de Platão, que acaba o livro proclamando a immortalidade da alma; nós acabavamos de proclamar a immortalidade da *Revista*.

Cá fóra esperava-nos a noite, felizmente tranquilla, e fomos todos para casa, sem máos encontros, que andam agora frequentes. Ha muito tiro, muita facada, muito roubo, e não chegando as mãos para todos os processos, alguns hão-de ficar esperando. Hontem perguntei um amigo o que havia acerca da morte de uma triste mulher; ouvi que a morte era certa, mas que, tendo o viuvo desistido da acção, ficou tudo em nada. Jurei aos meus deuses não beber mais remedio de botica. A impunidade é o colchão dos tempos; dormem-se ahi somnos deleitosos. Casos ha em que se podem roubar milhares de contos de réis.. e acordar com elles na mão.

* * *

31 de Maio.

A fuga dos doidos do Hospicio é mais grave do que póde parecer á primeira vista. Não me envergonho de confessar que aprendi algo com ella, assim

como que perdi uma das escóras da minha alma. Este resto de phrase é obscuro, mas eu não estou agora para emendar phrases nem palavras. O que fôr sahindo sahiu, e tanto melhor se entrar na cabeça do leitor.

Ou confiança nas leis, ou confiança nos homens, era convicção minha de que se podia viver tranquillo fóra do Hospicio dos Alienados. No bond, na sala, na rua, onde quer que se me deparasse pessoa disposta a dizer historias extravagantes e opiniões extraordinarias, era meu costume ouvi-la quieto. Uma ou outra vez succedia-me arregalar os olhos, involuntariamente e o interlocutor, suppondo que era admiração, arregalava tambem os seus, e augmentava o desconcerto do discurso. Nunca me passou pela cabeça que fosse um demente. Todas as historias são possiveis, todas as opiniões respeitaveis. Quando o interlocutor, para melhor incutir uma idéa ou um facto, me apertava muito o braço ou me puxava com força pela gola, longe de attribuir o gesto a simples loucura transitoria, acreditava que era um modo particular de orar ou expor. O mais que fazia, era persuadir-me depressa dos factos e das opiniões, não só por ter os braços mui sensiveis, como porque não é com dois vintens que um homem se veste n'este tempo.

Assim vivia, e não vivia mal. A prova de que andava certo, é que não me succedia o menor desastre, salvo a perda da paciencia; mas a paciencia elabora-se com facilidade; — perde-se de manhã, já de noite se póde sahir com dose nova. O mais corria naturalmente. Agora, porém, que fugiram doidos do hospicio e que outros tentaram faze-lo (e sabe Deus se a esta hora já o terão conseguido), perdi aquella antiga confiança que me fazia ouvir tranquillamente discursos e noticias. E' o que acima chamei uma das escoras da minha

alma. Caiu por terra o forte apoio. Uma vez que se foge do hospicio dos alienados (e não accuso por isso a administração) onde acharei methodo para distinguir um louco de um homem de juizo? De ora avante, quando alguém vier dizer-me as cousas mais simples do mundo, ainda que me não arranque os botões, fico incerto se é pessoa que se governa, ou se apenas está n'um daquelles intervallos lucidos, que permitem ligar as pontas da demencia ás da razão. Não posso deixar de desconfiar de todos.

A propria pessoa, — ou para dar mais claro exemplo, — o proprio leitor deve desconfiar de si. Certo que o tenho em boa conta, sei que é illustrado, benevollo e paciente, mas depois dos successos d'esta semana, quem lhe affirma que não sahiu hontem do Hospicio? A consciencia de lá não haver entrado não prova nada; menos ainda a de ter vivido desde muitos annos, com sua mulher e seus filhos, como diz Lulú Senior. E' sabido que a demencia dá ao enfermo a visão de um estado estranho e contrario á realidade. Que sahiu esta madrugada de um baile? Mas os outros convidados, os proprios noivos que saberão de si? Podem ser seus companheiros da Praia Vermelha. Este é o meu terror. O juizo passou a ser uma probabilidade, uma eventualidade, uma hypothese.

Isto quanto á segunda parte da minha confissão. Quanto á primeira, o que aprendi com a fuga dos infelizes do hospicio, é ainda mais grave que a outra. O calculo, o raciocinio, a arte com que procederam os conspiradores da fuga, foram de tal ordem, que diminue em grande parte a vantagem de ter juizo. O ajuste foi perfeito. A manha de dar ponta-pés nas portas para abafar o rumor que fazia Serrão arrombando a janella do seu cubiculo, e uma obra prima;

não apresenta só a combinação de acções para o fim commum, revela a consciencia de que, estando alli por doidos, os guardas os deixariam bater á vontade, e a obra da fuga iria ao cabo, sem a menor suspeita. Francamente, tenho lido, ouvido e supportado cousas muito menos lucidas.

Outro episodio interessante foi a insistencia de Serrão em ser submettido ao tribunal do jury, provando assim tal amor da absolvição e consequente liberdade, que faz entrar em duvida se se trata de um doido ou de um simples réo. Não repito o mais, que está no dominio publico e terá produzido sensações iguaes ás minhas. Deixo vacillante a alma do leitor. Homens taes não parecem artifices de primeira qualidade, espiritos capazes de levar a cabo as questões mais complicadas deste mundo ?

Não quero tocar no caso de Paradedda Junior, que lá vai mar em fóra, por acha-lo tardio. Meio seculo antes, era um bom assumpto de poema romantico. Quando, alto mar, o infeliz revelasse, por impulsão repentina, o seu verdadeiro estado mental, a scena seria terrivel, e a inspiração germanica, mais que qualquer outra, acharia ahi uma bella pagina. O poema devia chamar-se *Der nárrichs Schiff*. Descrição do mar, do navio e do céu; a bordo, alegria e confiança. Uma noite, estando a lua em todo o esplendor, um dos passageiros contava a batalha de Leipsig ou recitava uns versos de Ulhand. De repente, um salto, um grito, tumulto, sangue : o resto seria o que Deus inspirasse ao poeta. Mas, repito, o assumpto é tardio.

De resto, toda esta semana foi de sangue, — ou por politica, ou por desastre, ou por desforço pessoal. O acaso luta com o homem para fazer sangrar a gente pacata e temente a Deus. No caso de Santa Thereza,

o cocheiro evadiu-se e começou o inquerito. Como os feridos não pedem indemnisação á companhia, tudo irá pelo melhor no melhor dos mundos possiveis. No caso da Copacabana, deu-se a mesma fuga, com a differença que o autor do crime não é cocheiro; mas a fuga não é privilegio de officio, e, demais, o criminoso já está preso. Em Manhuassú continúa a chover sangue, tanto que marchou para lá um batalhão d'aquí. O commendador Ferreira Barbosa (a esta hora assassinado), em carta que escreveu ao director da *Gazeta* e foi hontem publicada, conta minuciosamente o estado d'aquellas paragens. Os combates têm sido medonhos. Chegou a haver barricadas. Um anonymo declarou pelo *Jornal do Commercio* que, se a comarca de S. Francisco tornar á antiga provincia de Pernambuco, segundo propoz o Sr. senador João Barbalho, não irá sem sangue. Sangue não tarda a escorrer do joven Estado (peruano) do Loreto...

Enxuguemos a alma. Ouçamos, em vez de gemidos, notas de musica. Um grupo de homens de boa vontade vai dar-nos musica velha e nova, em concertos populares, a preço commodo. Venham elles, venham continuar a obra do Club Beethoven, que foi por tanto tempo o centro das harmonias classicas e modernas. Tinha de acabar, acabou. Os *Concertos populares* tambem acabarão um dia, mas será tarde, muito tarde, se considerarmos a resolução dos fundadores, e mais a necessidade que ha de arrancar a alma ao tumulto vulgar para a região serena e divina... Um abraço ao Dr. Luiz de Castro.

Pela minha parte, proponho que, nos dias de concerto, a Companhia do Jardim Botânico, excepcionalmente, metta dez pessoas por banco nos bonds electricos, em vez das cinco actuaes. Creio que não

havera representação á prefeitura, pois todos nós amamos a musica; mas dado que haja, o mais que póde succeder, é que a prefeitura mande reduzir a lotação ás quatro pessoas do contracto; em tal hypothese, a companhia pedirá, como agora, segundo acabo de lêr, que a prefeitura reconsidere o despacho, — e as dez pessoas continuarão, como estão continuando as cinco. Ha sempre erro em cumprir e requerer depois; o mais seguro é não cumprir e requerer. Quanto ao methodo, é muito melhor que tudo se passe assim, no silencio do gabinete, que tumultuosamente na rua : *Não pode ! não pode !*

*
* *

7 de Junho.

A questão da capital, — ou a questão capital, como se dizia na Republica Argentina, quando se tratou de dar á provincia de Buenos-Ayres uma cabeça nova, propria, luxuosa e inutil, — a nossa questão capital teve esta semana um impulso. Discutiui-se na camara dos deputâdos um projecto de lei, que o Dr. Belisario Augusto propõe substituir por outro. Este outro declara a cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro capital da Republica. Não é preciso accrescentar que o fundamentou eloquentemente; este adverbio acompanha os seus discursos. Foi combatido naturalmente, sem paixão, sem acrimonia, com desejo de acertar, visto que a Constituição determina que no planalto de Goyaz seja demarcado o territorio da nova capital, e já lá trabalha uma commissão de engenheiros; mas,

estipulando a mesma Constituição, art. 34, que ao Congresso Federal compete privativamente mudar a capital da União, entendeu o Dr. Belisario Augusto que esta clausula, se dá competencia para a mudança, tambem a dá para a conservação; argumento que o Dr. Paulino de Souza Junior declarou irrespondivel.

Todo o esforço do deputado fluminense foi para conservar a esta cidade o papel que lhe deram os tempos e a historia. Fez, por assim dizer, o processo da Constituinte. « Os homens têm illusões, disse S. Ex. e as assembléas tambem as têm. » Poderia accrescentar que as illusões das assembléas são maiores, por isso mesmo que são de homens reunidos e o contagio é grande e rapido; e mais difficil se torna dissipa-las. S. Ex. pensa que a revolta de 6 de setembro teria vencido se o governo não estivesse justamente aqui. Bem póde ser que tenha razão. Creio nas prefeituras, mas para a defesa da Republica acho os consules mais aptos. Podeis redarguir que, convertida em Estado, esta cidade teria o seu governador, a sua Constituição, as suas camaras; mas tambem se vos póde replicar que se o nosso Rio de Janeiro,

Ce pelé, ce galeux, d'ou nous vient tout le mal,

tem por perigo o cosmopolitismo, este mesmo cosmopolitismo seria um alliado inerte da rebellião, e a autoridade de um pequeno Estado poderia menos, muito menos, que a do proprio governo federal.

Não estranheis ver-me assim mettido em politica, materia alheia á minha esphera de acção. Tão pouco imagineis que fallo pela tristeza de ver decapitada a minha boa cidade carioca. Tristeza tenho em verdade; mas tristezas não valem razões de Estado; e, se o bem commum o exige, devem converter-se em alegrias. Não

senhor; se fallo assim é para combater o proprio Dr. Belisario Augusto, por mais que me sinta disposto a concordar com elle. Parece-vos absurdo? Tende a paciencia de ler.

Depois de perguntar qual das outras cidades disputou a posição de capital da Republica, o deputado fluminense fez esta interrogação : « Qual foi o movimento popular que impoz ao congresso a necessidade da mudança da capital? » Realmente, não houve movimento algum; mas, eu viro-lhe o argumento, e não creio que me refute. Sim, não houve movimento. Mas a propria cidade do Rio de Janeiro não reclamou nada, quando se discutiu a Constituição, não levou aos pés do legislador o seu passado, nem o seu presente, nem o seu provavel futuro, não examinou se as capitaes são ou não obras da historia, não disse cousa nenhuma; comprou *debentures*, que eram os bichos de então. Agora mesmo que o orador fluminense insta com o congresso para ver se a capital aqui fica, o Rio de Janeiro não insta tambem, não pede, com o direito que tem todo cidadão e toda communidade de procurar haver o que lhe parece ser de beneficio publico. Não ouço discursos reverentes, não vejo deliberações pacificas, nem petições, já não digo do conselho municipal, a quem incumbe velar pela felicidade dos seus muni-cipes, porque é natural que essa corporação aspire ás funções constitucionaes de parlamento, com promoção equivalente de seus povos; mas os povos, que fazem elles ou que fizeram?

A conclusão é que o Rio de Janeiro, desde principio achou que não devia ser capital da União, e este voto pesa muito. E' o decapitado *par persuasion*. Assim é que temos contra a conservação da capital, além do mais, o beneplacito do proprio Rio de Janeiro.

Elle será sempre, como disse um deputado, a nossa Nova-York. Não é pouco; nem todas as cidades podem ser uma grande metropole commercial. Não levarão d'aqui a nossa vasta bahia, as nossas grandezas naturaes e industriaes, a nossa rua do Ouvidor, com o seu automato jogador de damas, nem as proprias damas. Cá ficará o gigante de pedra, memoria da quadra romantica, a bella Tijuca, descrita por Alencar em uma carta celebre, a lagoa de Rodrigo de Freitas, a enseada de Botafogo, se até lá não estiver aterrada, mas é possivel que não; salvo se alguma companhia quizer introduzir (com melhoramentos) os jogos olympicos, agora resuscitados pela joven Athenas... Tambem não nos levarão as companhias lyricas, os nossos tragicos italianos, successores d'aquelle pobre Rossi, que acaba de morrer, e apenas os dividiremos com S. Paulo, segundo o costume de alguns annos. Quem sabe até se um dia...

Tudo póde acontecer. Um dia, quem sabe? lançaremos uma ponte entre esta cidade e Nictheroy, uma ponte politica, entenda-se, nada impedindo que tambem se faça uma ponte de ferro. A ponte politica ligará os dois Estados, pois que somos todos fluminenses, e esta cidade passará de capital de si mesma a capital de um grande Estado unico, a que se dará o nome de Guanabara. Os fluminenses do outro lado da agua restituirão Petropolis aos veranistas e seus recreios. Unidos, seremos alguma cousa mais que separados, e, sem desfazer nas outras, a nossa capital será forte e soberba. Se por esse tempo, a febre amarilla houver sacudido as sandalias ás nossas portas, perderemos a má fama que prejudica a todo o Brasil. Poderemos então celebrar o segundo centenario do destroço que aos francezes de Du-Clerc deu esta

cidade com os seus soldados, os seus rapazes e os seus frades... Que esta esperança console o nosso Belisario Augusto, se cahir o seu projecto de lei.

*
* *

14 de Junho.

A publicação da *Jarra do Diabo* coincidiu com a chegada de Magalhães de Azeredo. Já tive occasião de abraçar este joven e talentoso amigo. E' o mesmo moço que se foi d'aqui para Montevideo começar a carreira diplomatica. A natureza, n'aquella idade, não muda de feição; o artista é que se aprimorou no verso e na prosa, como os leitores da *Gazeta* terão visto e sentido. Esse filho excellente volta tambem marido venturoso, e brevemente embarca para a Europa, onde vai continuar de secretario na legação junto á Santa Sé. Tudo lhe sorri na vida, sem que a Fortuna lhe faça nenhum favor gratuito; merece-os todos, por suas qualidades raras e finas. Jamais descambou na vulgaridade. Tem o sentimento do dever, o respeito de si e dos outros, o amor da arte e da familia. Ao demais, modesto, — daquella modestia que é a honestidade do espirito, que não tira a consciencia intima das forças proprias, mas que faz ver na producção litteraria uma tarefa nobre, pausada e séria.

Quando Magalhães Azeredo partir agora para continuar as suas funções diplomaticas, deixará saudades a quantos o conhecem de perto. Os que a idade houver aproximado d'aquella outra viagem eterna, é provavel, — é possivel ao menos, — que o não tornem

a ver, mas guardarão boa memoria de um coração digno do espirito que o anima. Os moços, que ahi cantam a vida, entrarão em flôr pelo seculo adiante, e vel-o-hão, e serão vistos por elle, continuando na obra d'esta arte brasileira, que é mister preservar de toda federação. Que os Estados gozem a sua autonomia politica e administrativa, mas componham a mais forte unidade, quândo se tratar da nossa musa nacional.

Por meu gosto não passava deste capitulo, mas a semana teve outros, se se pôde chamar semana ao que foi antes uma simples alfandega, tanto se fallou de direitos pagos e não pagos. Eis aqui o vulgar, meu caro poeta da *Jarra do Diabo*; aqui os objectos não se parecem, como a tua jarra, com « uma joven mulher atheniense. » São fardos, são barricadas e pagam taxas, outros dizem que não pagam, outros que nem pagarão. Uma balburdia. Eu, posto creia no bem, não sou dos que negam o mal, nem me deixo levar por apparencias que podem ser fallazes. As apparencias enganam; foi a primeira banalidade que aprendi na vida, e nunca me dei mal com ella. Daquella disposição nasceu em mim esse tal ou qual espirito de contradição que alguns me acham, certa repugnancia em execrar sem exame vicios que todos execram, como em adorar sem analyse virtudes que todos adoram. Interrogo a uns e a outros, dispo-os, palpo-os, e se me engano, não é por falta de diligencia em buscar a verdade. O erro é deste mundo.

No caso da alfandega, não posso negar que as apparencias são criminosas; mas serão crimes os actos praticados? *Ecco il problema*, diria emphaticamente o finado Rossi. Não se tratará antes de annuncios, reclamos, puffis, — censuraveis de certo, — mas emfim

annuncios? Ninguem ignora que não ha n'esta cidade, em tal materia, excesso de invenção. Ao contrario, a imitação é facil, prompta, despejada. Quando, ha muitos annos, um negociante americano quiz abrir na rua do Ouvidor um deposito de lampeões e outros objectos de igual genero, começou por mandar imprimir, no alto dos principaes jornaes desta cidade, uma só palavra, em letras que occupavam toda a largura da folha. A palavra era : *abrir-se-ha*. Grande foi a curiosidade publica, logo no primeiro dia, e nos dois que se lhe seguiram, lendo-se a palavra repetida, sem se poder atinar com a explicação. No quarto dia cresceu o espanto, quando no mesmo logar sahiu esta pergunta, que resumia a anciedade geral : *O que é que se ha-de abrir?* Mais tres dias, e as folhas publicaram no alto, em letras gordas, a resposta seguinte : « *O grande emporio de luz, á rua do Ouvidor n...* »

O effeito da novidade foi enorme. Pois não faltou quem imitasse esse processo, que parecia gasto. Casas, exposições, liquidações, não me lembra já que especies de aberturas solemnes, recorreram ao annuncio americano. Onde falta invenção é natural que a imitação sóbre.

Mas porque ir tão longe? Recentemente, presentemente, vimos e vemos que a lembrança de recomendar um remedio por meio de comparação da pessoa enferma, antes, durante e depois da cura, tão depressa appareceu, como foi logo copiada e repetida. — *Eu era assim* (uma cara magra); — *ia quasi ficando assim* (uma caveira); *até que passei a ser assim* (uma cara cheia de saude), *depois que lomei tal droga*. A formula primitiva serviu para as imitações, creio que sem alteração, a não ser o desenho das caras, e não todas.

Ora bem, os fardos e caixas cujos direitos dizem ter

sido desfalcados, não serão propriamente remedios? As guias de pagamento de taxas na alfandega não serão formulas de reclamo? — « Eu era assim (4.954\$723); — ia quasi ficando assim (4\$723; — mas acabei ficando assim (954\$723), depois que tomei tal droga. » A novidade aqui está na substituição do desenho por algarismos; mas não haverá nisso tão sómente affectação de originalidade, um modo de fazer crer que se inventa, quando apenas se copia, pois a idéa fundamental é a mesma? A questão é saber qual droga faz sarar o enfermo. Póde ser até que nem se trate de droga, mas de outros productos, — não digo sedas, — mas algodão e analogos tecidos, não menos dignos de annuncios grandes por seus não menores milagres.

Tal é a minha impressão. A policia faz muito bem averiguando se ha mais que isto; não se perde nada em inquirir os homens. De resto, anda ahi tanta coisa falsa, que provavelmente o remedio não cura com a facilidade que as guias lhe attribuem. Actos de autoridade competente affirmam que ha quem venda por vinho champagne aguas que nunca por lá passaram. Custa-me admittir isto; mas, não tendo razão para desmentir a affirmação, calo-me; — calo-me e não bebo. Tudo isto se prende aos desvios da alfandega, ao contrabando, á falsificação, a outras fórmulas do mal, que não se devem eliminar sem base. Oh! se podessemos viver de maneira que todas as taxas se pagassem, sem alfandega, indo os introductores ao proprio Tesouro, com o dinheiro, sem precisar mostrar nem esconder nada, seda ou vinho... Não póde ser. Ha talvez um fraudulento em muito homem a quem não falta mais que uma guia e o resto...

*
* *

5 de Julho.

Não quero saber de pharmacias, nem de outras instituições suspeitas. Quero saber de musica, só musica, tão sómente musica. *O Jornal do Commercio* deu um brado esta semana contra as casas que vendem drogas para curar a gente, accusando-as de as vender para outros fins menos humanos. Citou os envenenamentos que tem havido na cidade, mas esqueceu dizer ou não accentuou bem, que são produzidos por engano das pessoas que manipulam os remedios. Um pouco mais de cuidado, um pouco menos de distracção ou de ignorancia, evitarão males futuros.

Um fino espirito deste paiz, politico e philosopho, definia-me uma vez as nossas pharmacias como outras tantas confeitarias. Confesso que antes as quero confeitarias, que palacio dos Borgias; não tanto porque nestes se possa achar a morte, como porque nós amamos os confeitos, e os frascos vindos do exterior têm ar de trazer amendoas. E' bom encontrar a saude onde só se procura a gulodice. Se, entretanto, o augmento dos impostos vai tornando difficil a importação desses preparados e obrigando a faze-los cá mesmo, póde succeder que alguns envenenamentos se deem a principio; mas todo officio tem uma aprendizagem, e não ha beneficio humano que não custe mais ou menos duras agonias. Cães, coelhos e outros animaes são victimas de estudos que lhes não aproveitam, e sim aos homens; por que não serão alguns destes victimas do que ha-de aproveitar aos contem-

poraneos e vindouros? Que verdade moral, social, scientifica ou politica não tem custado mortes e grandes mortes? As catacumbas de Roma...

Sem ir tão longe, ha um argumento que desfaz em parte todos esses ataques ás boticas : é que o homem é em si mesmo um laboratorio. Que fundamento juridico haverá para impedir que eu manipule e venda duas drogas perigosas? Se ellas matarem, o prejudicado que exija de mim a indemnisação que entender; se não matarem, nem curarem, é um accidente, e um bom accidente, porque a vida fica, e está nos adagios populares que viva a gallinha com a sua pevide. Supponhamos, porém, que uma d'essas manipulações cura alguém; não vale este unico beneficio todos os possiveis males? Se espiritualmente ha mais alegria no céu pela entrada de um arrependido que pela de cem justos, não se póde dizer que na terra ha mais alegria pela conservação de uma vida que pela perda de cem? Essa unica vida não póde ser a de um grande homem, a de um varão justo, a de um simples pai de familia, a de um filho amparo de sua velha mãe? Reflectamos antes de condemnar, e deixemos as pharmacias com os seus meninos, que assim acham occupação honesta, em vez de se perderem na rua. Outrosim, não condemnemos os que alugam titulos. Quem pode alugar uma casa que não fez, que comprou feita, por que não poderá alugar um titulo que lhe custou estudos longos e approvações completas, que é verdadeiramente seu? Qual é propriedade maior?

Mas, fóra com tudo isso, tratemos só de musica. Não nos falta musica, nem gosto particular em ouvi-la. Queiroz deu-nos uma historia da musica, resumida em um grande concerto, em que ainda uma vez apre-

sentou as suas qualidades de artista. Não se contenta Alberto Nepomuceno com os Concertos Populares. Domingo passado fez ouvir ao visconde de Taunay uma reducção do *Requiem*, do padre José Mauricio. A carta em que Taunay narra as commoções que lhe deu a obra do padre, commove igualmente aos que a lêem, e faz amar o padre, o Alberto, o *Requiem* e o escritor. Não bastam ao nosso Taunay as letras; a sua bella *Innocencia*, vertida ha pouco (ainda uma vez) para lingua estranha e espalhada pelos centros europeus, repete lá fóra o nome de um homem, cuja familia se naturalisou brasileira. Tendo o amor que tem á musica, trabalha ha longos annos pela gloria de José Mauricio, tarefa em que veiu agora auxiliá-lo o joven maestro. E para que tudo seja musica, até a morte quiz levar esta semana um pianista a quem nunca ouvi, mas que ouço louvar; pianista amator; medico de officio, que, ás qualidades intellectuaes, reunia dotes moraes de muito apreço, o Dr. Lucindo Filho...

Outra morte que não sai da musica, ou sai do mais intimo d'ella, é a que se espera cada dia do Norte, a do nosso illustre Carlos Gomes. Os telegrammas de hontem dizem que o medico incumbido de o salvar já applicou o remedio, mas sem esperanças. Dá-lhe os dias contados. Aguardemos a hora ultima d'esse homem que levará o nome brasileiro d'este para o seculo novo, e cujas obras servirão de estimulo e exemplar ás vocações futuras. A vida d'elle é conhecida; mas nem todos terão as sensações dos primeiros dias, quando Carlos Gomes chegou de S. Paulo e aquí se estreou na Opera Nacional, uma instituição mantida com dinheiros de loteria; leiam loteria, não bichos. Tudo é jogo, mas ha especies mais réles que

outras, que apenas sirvam de officio e commercio á gente vadia. Vivia de loteria a Opera Nacional; antes vivesse de donativos directos, mas emfim viveu e deu-nos Carlos Gomes, um pouco de Mesquita, outro pouco de Elias Lobo, não contando as noites em que se cantava a *Casta Diva*, por esta letra de um velho e bom amigo meu, depois chefe politico;

Casta deusa, que derramas
N'estas selvas luz serena...

N'aquelle tempo ainda Bach nem outros mestres influíam como hoje. Não tínhamos essa musica, de que ante-hontem á noite nos deram horas magnificas os nossos dous hospedes, Moreira de Sá e Via na da Motta, no theatro Lyrico. Hoje a critica das folhas da manhã dirá d'elles o que couber e fôr de justiça, e estou que não será frouxo, nem pouco. Eu não tenho mais que ouvidos, e ouvidos de curioso, que não valem muito; mas, em summa, mais terei desaprendido com os olhos que com elles. Sinto que escutei dois homens de grande talento e grande arte, severos ambos, ambos eleitos pela natureza e confirmados pelo estudo para interpretes de obras mestras. Não é de crêr que os não ouçamos ainda uma vez ou mais. Li que vão a S. Paulo, em breve; é de rigor. S. Paulo é estação obrigada, é metade do Rio de Janeiro, se estas duas cidades não formam já, como Buda-Pesth, artisticamente fallando, uma só capital. Ha tempo, entretanto, para que, antes de tornarem ao seu paiz, Vianna da Motta e Moreira de Sá dêem ainda ao povo do Rio uma festa igual á de ante-hontem, em que recebam os mesmos applausos.

E continúa a musica. Hoje é o terceiro dos Concertos Populares, instituição que o publico acceitou e vai

animando em beneficio seu, é verdade, não se podendo dizer que faça nenhum favor em ir ouvir a palavra classica dos mestres. Antes deve ir cheio de gratidão. Ha uma hora na semana em que alguns homens de boa vontade dispõem-se a arranca-lo á vulgaridade e ao tédio, para lhe dar a sensação do bello e do goso. São favores que lhe fazem. Para si mesmos, bastava-lhes um pouco de musica de camera, entre quatro paredes, e a boa disposição de meia duzia de artistas.

Assim como a historia politica e social tem antecedentes, é de crer que esta parte da historia artistica do Rio de Janeiro tenha os seus tambem, e quer-me parecer que podemos liga-la ao quarteto do Club Beethoven.

Esse club era uma sociedade restricta, que fazia os seus saráos intimos, em uma casa do Cattete, nada se sabendo cá fóra senão o raro que os jornaes noticia-vam. Pouco a pouco se foi desenvolvendo, até que um dia mudou de séde, e foi para a Gloria. Aquillo que hoje se chama profanamente Pensão Beethoven, era a casa do club. O salão do fundo, tão vasto como o da frente, servia aos concertos, e enchia-se de uma porção de homens de varia nação, varia lingua, vario emprego, para ouvir as peças do grande mestre que dava nome ao club, e as de tantos outros, que formam com elle a galeria da arte classica. O nome do club cresceu, entrou pelos ouvidos do publico; este, naturalmente curioso, quiz saber o que se passava lá dentro. Mas, não havendo publico sem senhoras, e não podendo as senhoras penetrar naquelle templo, que o não permittiam as disciplinas deste, resolveu o club dar alguns concertos especiaes no Cassino.

Não relembro o que elles foram, nem estou aqui contando a chronica d'esses tempos passados. Pegou

tanto o gosto dos concertos Beethoven, que o Club, para obedecer aos estatutos sem infringi-los, determinou construir no jardim aquelle edificio ligeiro, onde se deram concertos a todos, sem que a casa propriamente da associação fosse violada. Os dias prosperos não fizeram mais que crescer; entrou a ser máo gosto não ir áquellas festas mensaes. Mas tudo acaba, e o Club Beethoven, como outras instituições identicas, acabou. A decadencia e a dissolução puzeram termo aos longos dias de delicias.

A primeira vez que vi o fundador d'aquelles concertos, foi de violino ao peito, junto de um piano, em que unia senhora tocava; lá se vão muitos annos. Elle vinha do Japão, magro, pallido... « Não tem seis mezes de vida », disse-me em particular um homem que já morreu ha muito tempo. Outros morreram tambem, alguns encaneceram; o resto dispersou-se, a senhora reside na Europa... Só a musica póde dar a sensação d'estas ruinas. O verso tambem póde, mas ha de ser pela toada do florentino, que assim como sabe a nota da maior dôr, não menos conhece a da rejuvenescencia, aquella que me faz crer, nestas sensações de arte,

Rifatto si, come piante novelle
Rinuoventate di novella fronda...

*
* *

28 de Julho.

Apaguemos a lanterna de Diogenes; achei um homem. Não é principe, nem ecclesiastico, nem philosopho, não pintou uma grande tela, não escreveu um

bello livro, não descobriu nenhuma lei scientifica. Tambem não fundou a ephemera republica do Loreto, e consequentemente não fugiu com a caixa, como disse o telegrapho acerca de um dos rebeldes, logo que a provincia se submetteu ás autoridades legaes do Perú. O acto da rebeldia não foi sequer heroico, e a levada da caixa não tem merecimento, é a simples necessidade de um viatico. O pão do exilio é amargo e duro; força é barra-lo com manteiga.

Não, o homem que achei, não é nada disso. E' um barbeiro, mas tal barbeiro que, sendo barbeiro, não é exactamente barbeiro. Perdoai esta logomachia; o estylo resente-se da exaltação da minha alma. Achei um homem. Se aquelle cynico Diogenes póde ouvir do lugar onde está, as vozes cá de cima, deve cobrir-se de vergonha e tristeza; achei um homem. E importa notar que não andei atraz d'elle. Estava em casa muito socegado, com os olhos nos jornaes e o pensamento nas estrellas, quando um pequenino annuncio me deu rebate ao pensamento, e este desceu mais rapido que o raio até o papel. Então li isto: «Vende-se uma casa de barbeiro fóra da cidade, o ponto é bom e o capital diminuto; o dono vende por não entender...»

Eis ahi o homem. Não lhe ponho o nome, por não vir no annuncio, mas a propria falta d'elle faz crescer a pessoa. O acto sobra. Essa nobre confissão de ignorancia é um modelo unico de lealdade, de veracidade, de humanidade. Não penseis que vendo a loja (parece dizer n'aquellas poucas palavras do annuncio) por estar rico, para ir passear á Europa, ou por qualquer outro motivo que *á vista se dirá*, como é uso escrever em convites d'estes. Não, senhor; vendo a minha loja de barbeiro por não entender do officio. Parecia-

me facil, a principio : sabão, uma navalha, uma cara, cuidei que não era preciso mais escola que o uso, e foi a minha illusão, a minha grande illusão. Vivi n'ella barbeando os homens. Pela sua parte, os homens vieram vindo, ajudando o meu erro; entravam mansos e sabiam pacificos. Agora, porém, reconheço que não sou absolutamente barbeiro, e a vista do sangue que derramei, faz-me emfim recuar. Basta, Carvalho (este nome é necessario á prosopopéa), basta, Carvalho ! E' tempo de abandonar o que não sabes. Que outros mais capazes tomem a tua freguezia...

A grandeza d'este homem (escusado é dize-lo) está em ser unico. Se outros barbeiros vendessem as lojas por falta de vocação, o merecimento seria pouco ou nenhum. Assim os dentistas. Assim os pharmaceuticos. Assim toda a casta de officiaes d'este mundo, que preferem ir cavando as caras, as bocas e as covas, a vir dizer chãmente que não entendem do officio. Esse acto seria a rectificação da sociedade. Um máo barbeiro póde dar um bom guarda-livros, um excellente piloto, um banqueiro, um magistrado, um chimico, um theologo. Cada homem seria assim devolvido ao logar proprio e determinado. Nem por sombras ligo esta rectificação dos empregos ao facto do envenenamento das duas crianças pelo remedio dado na Santa Casa de Misericordia. Um engano não prova nada; e se alguns pharmaceuticos, autores de iguaes trocas, têm continuado a luctuosa faina, não ha razão para que a Santa Casa entregue a outras pessoas a distribuição dos seus medicamentos, tanto mais que pessoas actuaes os não preparam, e, no caso occorrente, o preparado estava certo : a culpa foi das duas mãis. A queixa dada pela mãe da defunta terá o destino d'esta, menos as pobres flores que Olivia houver

arranjado para a sepultura da victima. Tambem ha céo para as queixas e para os inqueritos. O esquecimento publico é o responso continuo que pede o eterno descanso para todas as folhas de papel despendidas com taes actos.

Sobre isto de inqueritos, perdi uma illusão. Não era grande; mas as illusões, ainda pequenas, dão outra côr a este mundo. Cuidava eu que os inqueritos eram sempre feitos, como está escrito, pelo proprio magistrado; mas ouvi que alguns escrivães (poucos) é que os fazem e redigem, suppondo presente a pessoa que falta, como no *whist* se joga com um morto. Creio que é por economia de tempo, e tempo é dinheiro, dizem os americanos. O maior mal d'esse acto é não ser veridico, ser illegal ou irregular. Se as dores humanas se esquecem, como se não hão de esquecer as leis? E dado seja simples praxe, as praxes alteram-se. O maior mal, digo eu, é não ser veridico, posto que ahi mesmo se possa dizer que a verdade apparece muita vez envolta na ficção, e deve ser mais bella. As *Decadas* não competem com os *Lusiadas*.

O ideal da praxe é a cabelleira do *speaker*. Os inglezes mudarão a face da terra, antes que a cabeça do presidente da camara. Este ha de estar ali com a eterna cabelleira branca e longa, até meia noite, e agora até mais tarde, se é exacto o telegramma desta semana, noticiando haver a camara dos communs resolvido levar as sessões além d'aquelle limite. Não é que o não tenha feito muitas vezes; basta um exemplo celebre. Quando Gladstone deitou abaixo Disraeli, em 1852, acabou o seu discurso ao amanhecer, — um triste e frio amanhecer de inverno, que arrancou ao ministro cahido esta palavra igualmente fria: «Ruim dia para ir a Osborne!» Agora vai ser sempre assim, tenham

ou não os ministros de ir a Osborne pedir demissão. E o presidente firme, com a eterna cabelleira mettida pela cabeça abaixo. Sim, eu gósto da tradição : mas ha tradições que aborrecem, por inuteis e cançativas. De resto, cada povo tem as suas qualidades proprias e a differença d'ellas é que faz a harmonia do mundo. Desculpai o *truismo* e o neologismo.

Mas eu que fallo humilde, baixo e rude, devia lembrar-me, a proposito de inqueritos, que a clareza do estylo é uma das fórmas da veracidade do escritor. Parece-me ter falado um tanto obscuramente na *semana* passada acerca das prédicas do padre Julio Maria em Porto Alegre. Alguns amigos suppuzeram ver uma critica ao padre n'aquillo que era apenas uma illusão ás palmas na igreja, e ainda assim por causa de meu ouvido, que já está bom, dou-lhes esta noticia. Que culpa tem o padre de ser eloquente? Ainda agora acabo de lêr o discurso que elle proferiu na Santa Casa, em Juiz de Fóra, a 5 de janeiro d'este anno. O assumpto era velho : a caridade. Mas o talento está em fazer de assumptos velhos assumptos novos, — ou pelas idéas ou pela fórma, e o padre Julio Maria alcançou este fim por ambos os processos. Tambem ali foi applaudido. Em verdade, se elle profere os discursos como os escreve, é natural que os proprios ouvintes de Porto Alegre se sentissem arrebatados e esquecessem o templo pela palavra que o enchia. Um ouvido curado faz justiça a todos.

E já que fallo em palmas, convido-vos a envia-las ao Congresso de S. Paulo, que votou ou está votando a estatua do padre Anchieta. O' padre Anchieta, ó santo e grande homem, o novo mundo não esqueceu o teu apostolado. Ahi vaes ser esculpido em fórma que relembre a cultos e incultos o que foste e o que

fizeste nesta parte da terra. Os paulistas bem merecem da historia. Não é só a piedade que lhes agradecerá; tambem a justiça reconhecerá esse acto justo. Tão alta e doce figura, como a do padre Anchieta, não podia ficar nas velhas chronicas, nem unicamente nos bellos versos de Varella. Mais palmas a S. Paulo, que acaba de votar o subsidio e a pensão a Carlos Gomes e seus filhos. Salvador de Mendonça, um dos que saudaram a aurora do nosso maestro (ha quantos annos!), mandou no *serum* dos cancerosos de New-York uma esperanza de cura para o autor do *Guarany*. Oxalá o encaminhe á vida, como o encaminhou á gloria. E pois que trato de musica, palmas ainda uma vez ao nosso austero hospede Moreira de Sá, que teve a sua festa ha quatro dias. A critica disse o que devia do artista, a imprensa tem dito o que vale o homem. Eu subscrevo tudo, tão viva trago comigo a sensação que me deu o seu violino mestre e magico.

Emfim, e porque tudo acaba na morte, uma lagrima por aquelle que se chamou Dr. Rocha Lima. Não sei se lagrima; quando se padece tanto e tão longamente, a morte é liberdade, e a liberdade, qualquer que seja a sua especie, é o sonho de todos os captivos. Rocha Lima deve ter sonhado, durante a agonia de tantos mezes, com este desencadeamento que lhe tirou um triste supplicio inutil.

*
* *

9 de Agosto.

Quando se julgarem os tempos, a semana que passou apresentará ao Senhor uma bella fé de officio e

verá o seu nome inscrito entre as melhores deste anno.

— E tu que fizeste?

— Senhor, eu creio haver ganho um bom logar. Os meus acontecimentos não foram todos da mesma especie, nem podiam se-lo, mas foram todos importantes e graves. Antes de tudo, embora não vá por ordem chronologica, a Inglaterra devolveu a ilha da Trindade ao Brasil. Esta ilha foi um dia tomada por inglezes, ao que dizem para estação de um cabo telegraphico. Os brasileiros tiveram a noticia pelos jornaes, quando a occupação durava já mezes e o chefe do gabinete inglez que havia presidido á captura já estava descansando dos trabalhos e outro chefe havia subido ao poder. N'estas cousas de ilhas capturadas, os gabinetes são solidarios, e Salisbury acompanhou Rosebery, como se não fossem adversarios politicos. Os brasileiros, porém, sentiram a dor do acto, e assim o clamaram pela bocca legislativa e pela bocca executiva, pela bocca da imprensa e pela bocca popular, com tal unanimidade que produzia um bello côro patriótico. Então Portugal, que conhecia os antecedentes da ilha interveiu na contenda, deu á Grã-Bretanha as razões pelas quaes a ilha era brasileira, só brasileira. E' preciso confessar que a velha Inglaterra conhece muito bem historia e geographia, que são professadas nas suas universidades com grande apuro; mas ha casos em que o melhor é metter estas duas disciplinas no bolso e ir estuda-las nas universidades estrangeiras. Foi o que succedeu; Coimbra ensinou a Cambridge, e Cambridge achou que era assim, que a ilha era realmente brasileira, e mandou corrigir as cartas da edição Rosebery, onde a ilha da Trindade era uma estação telegraphica de sir Jonh Pender.

— Então tudo acabou em paz?

— Plena paz.

— Comquanto se trate de hereges, quero louva-los pelo acto de restituir o seu á seu dono. Que mais houve, semana?

— Senhor, houve uns presentes de ouro e prata, tinteiros, cannetas, pennas, offertados pelos jurados da 7^a sessão ordinaria de 1896 do Rio de Janeiro ao juiz e aos promotores em signal de estima, alta consideração e *gradidão pelas maneiras delicadas com que foram tratados durante toda a sessão*. O escrivão recebeu por igual motivo uma piteira de ambar. Este acto em si mesmo é quasi vulgar; mas o que elle significa é muito. Significa um immenso progresso nos costumes d'aquelle paiz. O jury é instituição antiga no Brasil. E' serviço gratuito e obrigatorio; todos têm que deixar os negocios para ir julgar os seus pares, sob pena de multa de vinte mil réis por dia. Se fosse só isso, era dever que todo cidadão cumpriria de boa vontade; mas havia mais. As maneiras descortezes, duras e brutaes com que eram tratados pelos magistrados e advogados não têm descrição possivel.

Nos primeiros annos os jurados eram recebidos a páo, á porta do antigo aljube, por um meirinho: as sentenças produziam sempre contra elles alguma cousa, porque, se absolviam o réo ou minoravam a pena, os magistrados quebravam-lhes a cara; se, ao contrario, condemnavam o réo, os advogados davam-lhes ponta-pès e murros. Entre muitos casos que se podiam escrever e são ali conhecidos de toda a gente, figura o que succedeu em março ou abril de 1877. Havia um jurado que, pelo tamanho, era quasi menino. Além de pequeno, magro; além de magro, doente. Pois os promotores, o juiz, o escrivão e os advogados, antes de começar a audiencia, divertiram-se em fazer d'elle

peteca. O pobrezinho ia das mãos de uns para as dos outros, no meio de grandes risadas. Os outros jurados, em vez de acudir em defesa do collega, riram tambem por medo e por adulação. O infeliz sahiu deitando sangue pela bocca. Pequenas cousas, cacholetas, respostas de desprezo, piparotes eram communs. Alguns magistrados mais dados á chalaça puxavam-lhe o nariz ou faziam-lhe caretas. Um velho promotor tinha de costume, quando adivinhava o voto de algum delles, aponta-lo com o dedo, no meio do discurso, interrogando : « Será isto entendido por aquella besta de oculos que olha para mim? » Muitas vezes o juiz lia primeiramente para si as respostas do conselho de jurados e, se ellas eram favoraveis ao réo, dizia antes de começar a le-las em voz alta : « Vou ler agora a lista das patadas que deram os Srs. juizes de facto. » No meio da polidez geral do povo, esta excepção do juiz enchia a muita gente de piedade e de indignação; mas ninguem ousava propor uma reforma de costumes...

— Fraqueza de animo; os máos costumes reformam-se.

— Uma era nova começou em 1883; já então os jurados recebiam poucos cascudos e eram chamados apenas camellorios. Annos depois, em 1887, houve certo escandalo por uma tentativa de reacção dos costumes antigos. A um dos jurados mandou pôr o juiz uma cabeça de burro. Era muito bem feita a cabeça, dois buracos serviam aos olhos e por um mecanismo engenhoso o homem abanava as orelhas de quando em quando, como se enxotasse moscas. Apesar do escandalo, a cabeça ainda foi empregada nos quatro annos posteriores. No fim de 1892 sentiu-se notavel mudança nas maneiras dos juizes e promotores. Já alguns d'es-

tes tiravam o chapéo aos jurados. Em setembro de 1893 apenas se ouviu a um daquelles dizer a um jurado que lhe perguntava pela saude : « Passa fóra ! » Mas, pouco a pouco, as palavras grosseiras e gestos atrevidos foram acabando. Em 1895, havia apenas indiferença ; em 1896, os jurados da 7.^a sessão reconheceram que a polidez reinava enfim no tribunal popular. O entusiasmo d'esta victoria, alcançada por uma longa paciencia, explica os presentes de ouro e prata. Elles marcam na civilisação judiciaria daquelle paiz uma data memoravel. Por isso é que me encho de orgulho.

— E ha grandes mortos?

— Não tive nenhum. Um só morto, não grande, mas digno de apreço, de affecto e de pesar, um pobre jornalista que acabou com a pena na mão. Quem o conheceu na mocidade não podia antever a triste vida nem a triste morte. O pai, director do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, foi uma grande força no seu tempo. Conta-se que podia quanto queria, mas a morte acabou com a força, e o filho teve de buscar em si mesmo, não no nome, o trabalho necessario. Não fez outra cousa durante a vida inteira; trabalhou no jornal e no theatro, fez rir, e de quantas risadas provocou, muitas acabaram antes pela careta da morte, outras esqueceram talvez o autor d'ellas; pobre Augusto de Castro! Era em seu tempo um *dandy*. Se pudesse adivinhar o que succederia depois! Senhor o que eu achei e deixei na terra foi a saudade do passado e o gozo do presente; muitos gemem o que foi, todos saboream o que é, raros cuidam do que será. Um classico portuguez (e aquelle finado apreciava os classicos da sua lingua) escreveu que era proverbio ou dito alheio — não me lembra bem — que os italia-

nos se governam pelo passado, os francezes pelo presente e os hespanhoes pelo que ha-de vir. E accrescenta o classico : « Aqui quizera eu dar uma reprehensão de penna á nova Hespanha... » Reprehensão por quê, Senhor? Eu creio que o mal é não cuidar no dia seguinte.

— Estás enganada, oh ! muito enganada ! Cuidar no dia seguinte é uma cousa ; mas governar-se pelo que ha de vir ! Eu deixei aos homens o presente, que é necessario á vida, e o passado, que é preciso ao coração. O futuro é meu. Que sabe um tempo de outro tempo ? Que semana póde adivinhar a semana seguinte ?

*
* *

16 de Agosto.

Esta semana é toda de poesia. Já a primeira linha é um verso, boa maneira de entrar em materia. Assim que, podeis fugir d'aqui, philisteus de uma figa, e ir dizer entre vós, como aquelle outro de Heine : « Temos hoje uma bella temperatura ». O que succedeu em prosa n'estes sete dias merecia de certo algum logar, se a poesia não fosse o primeiro dos negocios humanos ou se o espaço dêsse para tanto ; mas não dá. Por exemplo, não póde conter tudo o que suggere a reunião dos presidentes de bancos de nossa praça. Chega, quando muito, para dizer que o remedio tão procurado para o mal financeiro, — e naturalmente economico, — foi achado depois de tantas cogitações. Os directores, acabada a reunião, voltaram aos seus respectivos bancos e a taxa de cambio subiu logo 1/8.

A *Bruxa* espantou-se com isto e declarou não entender o cambio. A poetisa Elvira Gama parecia have-lo entendido, no soneto que hontem publicou aqui.

Doce cambio...

Mas trata de amores, como se vê da segunda parte do verso :

... de seres attrahidos,
Ligados pela acção de igual desejo.

Eu é que o entendi de vez. A primeira reunião fez subir um degrao, a segunda fará subir outro, e virão muitas outras até que o cambio chegue ao pata-mar da escada. Ahi convida-lo-hão a descansar um pouco, e, uma vez entrado na sala, fechar-lhe-hão as portas e deixa-lo-hão bradar á vontade. — Estás a 27, responderão os directores de banco, podes quebrar os trastes e a cabeça, estás a 27, não desces de 27.

Quanto á desavença entre a bancada mineira e a bancada paulista, outro assumpto de prosa da semana, menos ainda pôde caber aqui, elle e tudo o que suggere relativamente ao futuro. Digo só que aos homens politicos da nossa terra ouvi sempre este axioma : que os partidos são necessarios ao governo de uma nação. Partidos, isto é, duas ou mais correntes de opinião organisadas, que vão a todas as partes do paiz. Na nossa federação esta necessidade é uma condição de unidade. A camara tem tantas bancadas quantos Estados; o proprio Rio de Janeiro, que por estar mais perto da capital cheira ainda a provincia, e o Districto Federal, que constitucionalmente não é Estado, têm cada um a sua bancada particular. Ora, todas essas bancadas não só impedirão a formação dos partidos, mas podem chegar a destruir o unico partido existente e fazer da camara uma constellação de sentimentos locaes, uma arena de

rivalidades estadoaes. Quando muito, os Estados pequenos mergulharão nos grandes, e ficaremos com seis ou sete reinos, ducados e principados, dos quaes mais de um quererá ser a Prussia.

Entro a devanear. Tudo porque não me deixei ir pela poesia adiante. Pois vamos a ella, e comecemos pelo quarto jantar da *Revista Brasileira*, a que não faltou poesia nem alegria. A alegria, quando tanta gente anda a tremer pelas fallencias no fim do mez, é prova de que a *Revista* não tem entranhas ou só as tem para os seus banquetes. Ella pôde responder, entretanto, que a unica fallencia que temê deverás é a do espirito. No dia em que meia duzia de homens não puderem trocar duas duzias de idéas, tudo está acabado, os philisteus tomarão conta da cidade e do mundo e repetirão uns aos outros a mesma exclamação daquelle de Heine : *Es ist heute eine schöne Witterung!* Mas emquanto o espirito não fallir, a *Revista* comerá os seus jantares mensaes até que venha o centesimo, que será de estrondo. Se eu me não achar entre os convivas, é que estarei morto; peço desde já aos sobreviventes que bebam á minha saude.

A demais poesia da semana consistiu em tres anniversarios natalicios de poetas : o de Gonçalves Dias a 10, o de Magalhães e Carlos a 13. O unico popular d'estes poetas é ainda o autor da *Canção do exilio*. Magalhães teve principalmente uma pagina popular, que todos os rapazes do meu tempo (e já não era a mesma geração) traziam de cór. O Carlos não chegou ao publico. Mas são tres nomes nacionaes, e-o maior d'elles tem a estatua que lhe deu a sua terra. Não indaguemos da immortalidade. Bocage, louvado por Filinto, improvisou uma ode enthusiastica, fechada por esta celebre entonação : *Posteridade, és minha!*

E ninguem já lia Filinto, quando Bocage ainda era devorado. O proprio Bocage, a despeito dos bellos versos que deixou, está pedindo uma escolha dos sete volumes, — ou dos seis, para fallar honestamente.

Justamente ante-hontem conversavamos alguns acerca da sobrevivencia de livros e de autores francezes d'este seculo. Entravamos, em bom sentido, n'aquella phalange de Musset :

Electeurs brevetés des morts et des vivants,

e não foi pequeno o nosso trabalho abatendo cabeças altivas. Nem Rénan escapou, nem Taine; e, se não escapou Taine, que valor póde ter a prophesia d'elle sobre a novellas e contos de Merimée? « *Il est probable qu'en l'an 2000 on relira la PARTIE DE TRIC-TRAC, pour savoir ce qu'il en coûte de manquer une fois á l'honneur* ». Taine não fez como os prophetas hebreus, que affirmam sem demonstrar; elle analysa as causas da vitalidade das novellas de Merimée, os elementos que serviram á composição, o methodo e a arte da composição. O tempo dirá se acertou; e póde succeder que o propheta acabe antes da prophesia e que no anno 2000 ninguem leia a *Historia da litteratura ingleza*, por mais admiravel que seja este livro.

Mas no anno 2000 os contos de Merimé terão seculo e meio. Que é seculo e meio! No mez findo, o poeta laureado de Inglaterra fallou no centenario da morte de Burns, cuja estatua era inaugurada; parodiou um dito antigo, dizendo emphaticamente que não se póde julgar seguro o renome de um homem antes de 100 annos depois d'elle morto. Concluiu que Burns chegára ao ponto d'onde não seria mais derribado. Não discuto opiniões de poetas nem de criticos, mas bem póde ser que seja verdadeira. Em tal caso, o autor de *Carmen*

estará igualmente seguro, se o seu propheta acertou. Resta lembrar que a vida dos livros é vária como a dos homens. Uns morrem de vinte, outros de cinquenta, outros de cem annos, ou de noventa e nove, para não desmentir o poeta laureado. Muitos ha que, passado o seculo, caem nas bibliothecas, onde a curiosidade os vai ver, e d'onde podem sair em parte para a historia, em parte para os florilegios. Ora, esse prolongamento da vida, curto ou longo, é um pequeno retalho de gloria. A immortalidade é que é de poucos.

Não ha muito, comemorámos o centenario de José Basilio, e ainda hontem encontrei o joven de talento e gosto que iniciou essa homenagem. Hão-de lembrar-se que não foi ruidosa; não teve o esplendor da de Burns, cuja sombra viu chegar de todas as partes do mundo em que se falla a lingua ingleza presentes votivos e deputações especiaes. O chefe do partido liberal presidia ás festas, onde proferiu dois discursos. Cá tambem eram passados cem annos; mas, ou ha menor expansão aqui em materia de poesia, ou o autor do *Uruguay* caminha para as bibliothecas e para a devoção de poucos. Não sei se ao cabo de outro seculo haverá outro Magalhães que inicie uma celebração. Talvez já o poeta esteja unicamente nos florilegios com alguns dos mais bellos versos que se têm escrito na nossa lingua. E' ainda uma sombra de gloria. A moeda que achamos entre ruinas tem o preço da antiguidade; a do nosso poeta terá a da propria mão que lhe deu cunho. Se afinal se perder, haverá vivido.



23 de Agosto.

Contrastes da vida, que são as obras de imaginação ao pé de vós!

Vinha eu de um banco, aonde fôra saber noticias do cambio. Não tenho relações directas com o cambio; não saco sobre Londres, nem sobre qualquer outro ponto da terra, que é assaz vasta, e eu demasiado pequeno. Mas tudo o que compro caro, dizem-me que é culpa do cambio. « Que quer o senhor que eu faça com este cambio a 9? » perguntam-me. Em vão leio os jornaes; o cambio não sobe de 9. O que faz é variar; ora é 9 $\frac{1}{8}$, ora 9 $\frac{1}{4}$, ora 9 $\frac{3}{8}$. Dorme-se com elle a 9 $\frac{15}{16}$, acorda-se a 9 $\frac{3}{4}$. Ao meio-dia está a 9 $\frac{1}{2}$. Um eterno vaivem na mesma eterna casa. Succedeu o que se dá com tudo; habituei-me a esta triste especulação de 9, e dei de mão a todas as esperanças de ver o cambio a 10.

De repente, ouço dizer na rua que o cambio baixara á casa dos 8. A principio não acreditei; era uma invenção de máo gosto para assustar a gente, ou algum inimigo achára aquelle meio de me fazer mal. Mas tanto me repetiram a noticia, que resolvi ir ás casas argentarias saber se realmente o cambio descera a 8. Em caminho quiz calcular o preço das calças e do pão, mas não achei nada, vi só que seria mais caro. Entrei no primeiro banco, á mão, e até agora não sei qual foi. Gente bastante : todos os olhos fitavam as tabellas. Vi um 8, acompanhado de pequenos algarismos, que a cegueira da commoção não me permittiu

discernir. Que me importavam estes? Um quarto, um oitavo, tres oitavos, tudo me era indifferente, uma vez que o fatal numero 8 lá estava. Esse algarismo, que eu presumia nunca ver nas tabellas cambiaes, ali me appareceu com os seus dois circulos, um por cima do outro. Pareceu-me um par de olhos tortos e ironicos.

Perguntei a um desconhecido se era verdade. Respondeu-me que era verdade. Quanto á causa, quando lhe perguntei por ella, respondeu-me com aquelle gesto de ignorancia, que consiste em fazer cahir os cantos da bocca. Se bem me lembro, accrescentou o gesto de abrir os braços com as mãos espalmadas, que é a mesma ignorancia em italico. Comprehendi que não sabia a causa; mas o efeito ali estava, e todos os olhos em cima d'elle, sem a consternação nem o terror que deviam ter os meus. Sahi; na rua da Alfandega, esquina da da Candelaria, havia alguma agitação, certo borborinho, mas não pude colher mais do que já sabia, isto é, que o cambio baixára a 8. Um perverso, vendo-me apavorado, assegurava a outro que a quêda a 7 não era impossivel. Quiz ir ao meu alfaiate para que me reduzisse a nova tabella ao preço que teria de pagar pelas calças, mas é certo que ninguém se apressa em receber uma noticia má. Que pôde succeder? disse comigo; chegarmos á arasoya; será a restauração da nossa idade pre-historica, e um caminho para o Eden, *avant la lettre*.

Emquanto seguia na direcção da rua Primeiro de Março, ouvia fallar do cambio. Quasi a dobrar a esquina, um homem lia a outro as cotações dos fundos. Tinham-se vendido acções do Banco Emissor de Pernambuco a mil e quinhentos; as *debentures* da Leopoldina chegaram a obter seis mil setecentos e cincoenta;

das acções da Melhoramentos do Maranhão havia offertas a quatro mil e quinhentos, mas ninguem lhes pegava. Dobrei a esquina, entrei na rua Primeiro de Março, em direcção ao Carceller. Ia costeando as vitrinas de cambistas, cheias de ouro, muita libra, muito franco, muito dollar, tudo empilhado, esperando os freguezes. Vinha de dentro um *fedor judaico* de entontecer, mas a vista das libras restituia o equilibrio ao cerebro, e fazia-me parar, mirar, cobiçar...

— Vamos ! exclamei, olhando para o céo.

Que vi, então, leitor amigo? Na igreja da Cruz dos Militares, dentro do nicho de S. João, estavam tres pombas. Uma pousava na cabeça do apostolo, outra na cabeça da aguia, outra no livro aberto. Esta parecia ler, mas não lia, porque abriu logo as azas e trepou á cabeça do apostolo, e a que estava na cabeça do apostolo, desceu á cabeça da aguia, e a que estava na cabeça da aguia, passou ao livro. Uma quarta pomba veio ter com ellas. Então começaram todas a subir e a descer, ora parando por alguns segundos, e o santo quieto, deixando que ellas lhe contornassem o pescoço e os emblemas, como se não tivesse outro officio que esse de dar pouso ás pombas.

Parei e disse comigo : Contrastes da vida, que são as obras da imaginação ao pé de vós? Nenhuma d'aquellas pombas pensa no cambio, nem na baixa, nem no que ha-de vestir, nem no que ha-de comer. Eis ali a verdadeira gente christã, eis o sermão da montanha, a dois passos dos bancos, ás proprias barbas destas casas de cambistas, que me enchem de inveja. Talvez na alma de algum destes homens viva ainda a propria alma de um antigo que ouviu o discurso de Jesus, e não trocou por este o Deus de Abra-

hãõ, de Isaac e de Jacob. Cuida das libras, como eu, que visto e me sustento pelo valor d'ellas, mas eis aqui o que dizem as pombas repetindo o sermão da montanha; « Não andeis cuidadosos da vossa vida, que comereis, nem para o vosso corpo, que vestireis... Olhai para as aves do céo, que não semeam, nem regam, nem fazem provimentos nos celleiros; e contudo, vosso pai celestial as sustenta... E porque andaes vós sollicitos pelo vestido? Considerai como crescem os lyrios do campo; elles não trabalham nem fiam... Não andeis inquietos pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã a si mesmo trará o seu cuidado; ao de hoje basta a sua propria afflicção.» (S. MATHEUS).

Realmente, não cuidavam de nada aquellas pombas. Onde é o ninho d'ellas? Perto ou longe, gostam de vir aqui á aguia de Patmos. Alguma vez irão ao apostolo do outro nicho, S. Pedro, creio; mas S. João é que as namora, n'este dia de cambio baixo, como para fazer contraste com a besta do Apocalypse, a famosa besta de sete cabeças e dez córnos, — numero fatidico — talvez a taxa do cambio de amanhã (7 1/0).

Afinal deixei a contemplação das pombas e fui-me á pharmacia, a uma das pharmacias que ha naquella rua. Ja comprar um remedio; pediram-me por elle quantia grossa. Como eu estranhasse o preço, replicou-me o pharmaceutico: « Mas que quer o senhor que eu faça com este cambio a 8? » Como ao grande Gama, arrepiaram-se-me as carnes e o cabello, mas só de ouvi-lo. A vista era boa, serena, quasi risonha. Quiz raciocinar, mas raciocinio é uma cousa e medicamento é outra; sahi de lá com o remedio e um acrescimo de quinhentos réis no preço. Contaram-me que já não ha tostões nas pharmacias, nem tostões, menos ainda vintens. Tudo custa mil réis ou mil e quinhentos, dois

mil réis ou dois mil e quinhentos, e assim por diante. Para a contabilidade é, realmente, mais facil; e pôde ser que o proprio enfermo ganhe com isso — a confiança, metade da cura.

Na rua tornei a erguer os olhos ás pombas. Só vi uma, pousada no livro. Que tens tu? perguntei-lhe cá debaixo, por um modo suggestivo. Se é a besta de sete cabeças, não te importes que venha, comtanto que não lhe córtes nenhuma. Já temos a de oito: menos de sete cabeças é nada. Pagarei nove mil réis pelo remedio, mas antes nove que quatorze, no dia em que a besta ficar descabeçada, porque então o mais barato é o melhor de todos os remedios. E a pomba, pelo mesmo processo suggestivo:

— Que tenho eu com remedios, homem de pouca fé? O ar e o matto são as minbas boticas.

Quiz pedir soccorro ao apostolo; mas o marmore, — ou a vista me engana, ou o apostolo gosta das suas pombas amigas, — o marmore sorriu e não voltou a cara para não desmentir o estatuario. Sorriu, e a pomba saltou-lhe á cabeça, para lhe tirar comida, pagar, ou para lhe dar um beijo.

*
* *

6 de Setembro.

Qualquer de nós teria organizado este mundo melhor do que sahio. A morte, por exemplo, bem podia ser tão sómente a aposentadoria da vida, com prazo certo. Ninguem iria por molestia ou desastre, mas por natural invalidez; a velhice, tornando a pessoa

incapaz, não a poria a cargo dos seus ou dos outros. Como isto andaria assim desde o principio das cousas, ninguém sentiria dôr nem temor, nem os que se fossem, nem os que ficassem. Podia ser uma cerimonia domestica ou publica; entraria nos costumes uma refeição de despedida, frugal, não triste, em que os que iam morrer, dissessem as saudades que levavam, fizessem recommendações, dessem conselhos e, se fossem alegres, contassem anedotas alegres. Muitas flores, não perpetuas, nem d'essas outras de cores carregadas, mas claras e vivas, como de nupcias. E melhor seria não haver nada, além das despedidas verbaes e amigas...

Bem sei o que se pôde dizer contra isto; mas por agora importa-me somente sonhar alguma cousa que não seja a morte bruta, crua e terrivel, que não quer saber se um homem é ainda preciso aos seus, nem se merece as torturas com que o afflige primeiro, antes de estrangula-lo. Tal acaba de succeder ao nosso Alfredo Gonçalves, que foi ante-hontem levado á sepultura, após algum tempo de enfermidade dura e fatal. Para fallar a linguagem da razão, se a morte havia de leva-lo ante-hontem, melhor faria se o levasse mais cedo. A linguagem do sentimento é outra: por mais que dôa ver padecer, e por certo que seja o triste desolace, o coração teima em não querer romper os ultimos vinculos, e a esperança tenaz vai confortando os ultimos desesperos. Não se comprehende a necessidade da morte do pobre Alfredo, um rapaz affectuoso e bom, jovial e forte, que não fazia mal a ninguém, antes fazia bem a alguns e a muitos, porque é já beneficio praticar um espirito agudo e um coração amigo.

Quando ante-hontem calcava a terra do cemiterio, debaixo da chuva que cahia, batido do vento que torcia

as arvores, lembrou-me outra occasião, já remota, em que ali fomos levar um irmão do Alfredo. Nunca me ha-de esquecer essa triste noite. A morte do Arthur foi subita e inesperada. Prestes a ser transportado para o coche funebre, pareceu a um amigo e medico que o obito era apparente, um caso possivel de catalepsia. Não se podia publicar essa esperança debil, em tal occasião, quando todos estavam ali para conduzir um cadaver; calou-se a suspeita, e o feretro, mal fechado, foi levado ao cemiterio... Não podeis imaginar a sensação que dava aos poucos que sabiam de occurrencia, aquelle acompanhar o sahimento de uma pessoa que podia estar viva. No cemiterio, feita reservadamente a communicacão, foi o caixão deixado aberto em deposito, velado por cinco ou seis amigos. O estado do corpo era ainda o mesmo; os olhos, quando se lhes levantavam as palpebras, pareciam ver. Os signaes definitivos da morte vieram muito mais tarde.

Sahi antes d'elles, eram cerca de oito horas; não havia chuva, como ante-hontem, nem lua, mas a noite era clara, e as casas brancas da necropole deixavam-se ver muito bem, com os seus cyprestes ao lado. Descendo por aquelles renques de sepulturas, cuidava na entrada da esperança em logar onde as suas azas nunca tocaram o pó infimo e ultimo. Cuidei tambem n'aquelles que porventura houvessem sido, em má hora, transferidos ao derradeiro leito sem ter pegado no somno e sem aquella final vigilia.

Carlos Gomes não deixará esperanças d'essas. « Talvez ao chegarem estas linhas ao Rio de Janeiro, já não exista o inspirado compositor, que entrou em agonia, » diz uma carta do Pará, publicada hontem no *Jornal do Commercio*. Pois existe, está ainda na

mesma agonia em que entrou, quando ellas de lá sahiram. Hão-de lembrar-se que ha muitos dias um telegramma do Pará disse a mesma cousa; foi antes dos protocollos italianos. Os protocollos vieram, agitaram, passaram, e o cabo não nos contou mais nada. O padecimento, assim longo, deve ser fôrte; a carta confirma esta deducção. Carlos Gomes continúa a morrer. Até quando irá morrendo? A sciencia dirá o que souber; mas ella tambem sabe que não póde crêr em si mesma.

Não me accuseis de teimar n'este chão melancolico. O livro da semana foi um obituario, e não terás lido outra cousa, fóra d'aqui, senão mortes e mais mortes. Não fallemos do chanceller da Russia, nem de outro qualquer personagem, que a distancia e a natureza do cargo podem despir de interesse para nós. Mas vêde as matanças de christãos e musulmanos na Salonica, esta semana, e finalmente em Constantinopla. O cabo tem contando cousas de arripiar. Na capital turca empregaram-se centenas de coveiros em abrir centenas de covas para enche-las com centenas de cada-veres. Não nos dizem, é verdade, se na morte ao menos foram irmanados christãos e mahometanos, mas é provavel que não. Odio que acaba com a vida, não é odio, é sombra de odio, é simples e réles antipathia. O verdadeiro é o que passa ás outras gerações, o que vai buscar a segunda no proprio ventre da primeira, violando as mãis a ferro e fogo. Isto é que é odio. O provavel é que os coveiros tenham separado os corpos, e será piedade, pois não sabemos se, ainda no caminho do outro mundo, o Corão não irá inticar com o Evangelho. Um telegramma de Londres diz que Stambul está socegada; ainda bem, mas até quando? Tambem começaram a matar nas Philipinas, a

matar e a morrer pela independencia, como em Cuba. A Hespanha commove-se e dispõe-se a matar tambem, antes de morrer. E' um imperio que continúa a esboroar-se, pela lei das cousas, e que resiste. Assim vai o mundo esta semana; não é provavel que vá diversamente na semana proxima.

E ainda não conto aquelle genero de morte que não está nas mãos dos homens, nem dentro delles, o que a natureza reserva no seio da terra para distribui-la por atacado. Lá se foi mais uma cidade do Japão, comida por um terremoto, com a gente que tinha. Os terremotos japonezes, alguns mezes antes, levaram cerca de dez mil pessoas. O cabo falla tambem dos tremores na Europa, mas por ora não houve ali nenhuma Lisboa que algum Pombal restaure, nem outra Pompéia, que possa dormir muitos seculos. Mortes póde ser; a semana é de mortes.

*
* *

13 de Setembro.

Dizem da Bahía que Jesus Christo enviou um emissario á terra, á propria terra da Bahía, logar denominado Gamelleira, termo de Obrobó-Grande. Chama-se este emissario Manuel da Benta Hora, e tem já um sequito superior a cem pessoas.

Não serei eu que chame a isto verdade ou mentira. Pódem ser as duas cousas, uma vez que a verdade confine na illusão, e a mentira na boa fé. Não tendo lido nem ouvido o Evangelho de Benta Hora, acho prudente conservar-me á espera dos acontecimentos.

Certamente, não me parece que Jesus Christo haja pensado em mandar emissarios novos para espalhar algum preceito novissimo. Não; eu creio que tudo está dito e explicado. Entretanto, pôde ser que Benta Hora, estando de boa fé, ouvisse alguma voz em sonho ou acordado, e até visse com os proprios olhos a figura de Jesus. Os phenomenos cerebraes complicam-se. As descobertas ultimas são estupendas; tiram-se retratos de ossos e de fetos. Ha muito que os espiritas affirmam que os mortos escrevem pelos dedos dos vivos. Tudo é possivel n'este mundo e n'este final de um grande seculo.

D'ahi a minha admiração ao ler que a imprensa da Bahia aconselha ao governo faça recolher Benta Hora á cadeia. Note-se de passagem : a noticia, posto que telegraphica, exprime-se d'este modo : « a imprensa pede ao governo mandar quanto antes que faça Benta Hora *apresentar as divinas credenciaes* na cadeia... » Este gosto de fazer estylo, embora pelo fio telegraphico, é talvez mais extraordinario que a propria missão do regente apostolo. O telegrapho é uma invenção economica, deve ser conciso e até obscuro. O estylo faz-se por extenso em livros e papeis publicos, e ás vezes nem ahi. Mas nós amamos os ricos vestuarios do pensamento, e o telegramma vulgar é como a langa, mais parece despir que vestir. Assim explico aquelle modo faceto de noticiar que querem metter o homem na cadeia.

Isto dito, tornemos á minha admiração. Não conhecendo Benta Hora, não crendo muito na missão que o traz (salvo as restricções acima postas), não é preciso lembrar que não defendo um amigo, como se pôde allegar dos que estão aqui accusando o padre Dantas, vice-governador de Sergipe, por perseguir os padres

da opposição. Em Sergipe, onde o governo é quasi ecclesiastico, não ha necessidade de novos emissarios do céo; as leis divinas estão perpetuamente estabelecidas, e o que houver de ser, não inventado, mas definido, virá de Roma. Assim o devem crer todos os padres do Estado, sejam da opposição, ou do governo, Olympios, Dantas ou Jonathas. Portanto, se alguns forem ali presos, não é porque se inculquem portadores de novas regras de Christo, mas porque, unidos no espiritual, não o estão no temporal. A cadeia fez-se para os corpos. Todos elles têm amigos seus, que os acompanham no infortunio, como na prosperidade; mas taes amigos não vão atraz de uma nova doutrina de Jesus, vão atraz dos seus padres.

E' o contrario dos cento e tantos amigos de Benta Hora; esses, com certeza, vão atraz de algum Evangelho. Ora, pergunto eu : a liberdade de prophetar não é igual á de escrever, imprimir, orar, gravar? Ninguem contesta á imprensa o direito de prégar uma nova doutrina politica ou economica. Quando os homens publicos fallam em nome da opinião, não ha quem os mande apresentar as credenciaes na cadeia. E d'esses, por tres que digam verdade, haverá outros tres que digam outra cousa, não sendo natural que todos dêem o mesmo recado com idéas e palavras oppostas. Donde vem então que o triste do Benta Hora deva ir confiar ás taboas de um soalho as doutrinas que traz para um povo inteiro, dado que a cadeia de Obrobó Grande seja assoalhada?

Lá porque o propheta é pequeno e obscuro, não é razão para recolhe-lo á enxovia. Os pequenos crescem, e a obscuridade é inferior á fama unicamente em contar menor numero de pessoas que saibam da prophacia e do propheta. Talvez esta explicação esteja em

La-Pallisse, mas esse nobre autor tem já direito a ser citado sem se lhe pôr o nome adiante. Os obscuros surgirão á luz, e algum dia aquelle pobre homem da Gamelleira poderá ser illustre. Se, porém, o motivo da prisão é andar na rua, pregando, onde fica o direito de locomoção e de communicação? E se esse homem póde andar calado, por que não andar á fallando? Que falle em voz baixa ou média, para não atordoar os outros, sim, senhor, mas isso é negocio de admoestação, não de captura.

Agora se a allegação para a captura é a falsidade do mandato, cumpre advertir que, antes de tudo, é mister prova-lo. Em segundo logar, nem todos os mandatos são verdadeiros, ou, por outra, muitos d'elles são arguidos de falsos, e nem por isso deixam de ser cumpridos; porquanto a falsidade de um mandato deduz-se da opinião dos homens, e estes tanto são vehiculos da verdade como da mentira. Tudo está em esperar. Quantos falsos prophetas por um verdadeiro! Mas a escolha cabe ao tempo, não á policia. A regra é que as doutrinas e as cadeias se não conheçam; se muitas d'ellas se conhecem, e a algumas succede apodrecerem juntas, o preceito legal é que nada saibam umas das outras.

Quanto á doutrina em si mesma, não diz o telegramma qual seja; limita-se a lembrar outro propheta por nome Antonio Conselheiro. Sim, creio recordar-me que andou por ali um oraculo de tal nome; mas não me occorre mais nada. Occupado em aprender a minha vida, não tenho tempo de estudar a dos outros; mas, ainda que esse Antonio Conselheiro fosse um salteador, porque se ha-de attribuir igual vocação a Benta Hora? E, dado que seja a mesma, quem nos diz que, praticado com um fim moral e metaphysico, saltar

e roubar não é uma simples doutrina? Se a propriedade é um roubo, como queria um publicista celebre, por que é que o roubo não ha-de ser uma propriedade? E que melhor methodo de propagar uma idéa que po-la em execução? Ha, em não me lembra já que livro de Dickens, um mestre-escola que ensina a ler praticamente; faz com que os pequenos soletrem uma oração, e, em vez da secca analyse grammatical, manda praticar a idéa contida na oração; por exemplo, *eu lavo as vidraças*, o alumno soletra, pega da bacia com agua e vai lavar as vidraças da escola; *eu varro o chão*, diz outro, e pega da vassoura, etc., etc. Esse methodo de pedagogia póde ser applicado á divulgação das idéas.

Fantasia, dirás tu. Pois fiquemos na realidade, que é o apparecimento do propheta de Otrobó-Grande, e o clamor contra elle. Defendamos a liberdade e o direito. Emquanto esse homem não constituir partido politico com os seus discipulos, e não vier pleitear uma eleição, devemos deixa-lo na rua e no campo, livre de andar, fallar, alistar crentes ou credulos, não devemos encarcera-lo nem depô-lo. O caboclo da Praia Grande viu respeitar em si a liberdade. Se Benta Hora, porém, trocando um mandato por outro, quizer passar do espirital ao temporal e...

* * *

20 de Setembro.

Toda esta semana foi feita pelo telegrapho. Sem essa invenção, que põe o nosso seculo tão longe d'aquel-

les em que as noticias tinham de correr os riscos das tormentas e vir de vagar como o tempo anda para os curiosos, sem essa invenção esta semana viveria do que lhe dêsse a cidade. Certamente, uma boa cidade como a nossa não deixa os filhos sem pão; facto ou boato, elles teriam algo que debicar. Mas, emfim, o telegrápho incumbiu-se do banquete.

A maior das noticias para nós, a unica nacional, não preciso dizer que é a morte de Carlos Gomes. O telegrapho nol-a deu, tão prompto se fecharam os olhos do artista e deu mais a noticia do effeito produzido em todo aquelle povo do Pará, desde o chefe do Estado até o mais singelo cidadão. A triste nova era esperada — e não sei se piedosamente desejada. Correu aos outros Estados, ao de S. Paulo, á velha cidade de Campinas. A terra de Carlos Gomes deseja possuir os restos queridos de seu filho, e os pede; S. Paulo transmite o desejo ao Pará, que promete devolve-los. Não attenteis sómente para a linguagem dos dois Estados, um dos quaes reconhece implicitamente ao outro o direito de guardar Carlos Gomes, pois que elle ali morreu, e o outro acha justo restitui-lo áquelle onde elle viu a luz. Attentai, mais que tudo, para esse sentimento de unidade nacional, que a politica pôde alterar ou afrouxar, mas que a arte affirma e confirma, sem restricção de especie alguma, sem desaccordos, sem contrastes de opinião. A dor aqui é brasileira. Quando se fez a eleição do presidente da Republica, o Pará deu o voto a um filho seu, certo embora de que lhe não caberia o governo da União; divergiu de S. Paulo. A republica da arte é anterior ás nossas constituições e superior ás nossas competencias. O que o Pará fez pelo illustre paulista mostra a todos nós que ha um só paraense e um só paulista, que é este Brasil.

Agora que elle é morto, em plena gloria, acode-me aquella noite da primeira representação da *Joanna de Flandres*, e a ovação que lhe fizeram os rapazes do tempo, acompanhados de alguns homens maduros, certamente, mas os principaes eram rapazes, que são sempre os clarins do enthusiasmo. Ia á frente de todos Salvador de Mendonça, que era o propheta d'aquelle caipira de genio. Vinhamos da Opera Nacional, uma instituição que durou pouco e foi muito criticada, mas que, se mereceu acaso o que se disse d'ella, tudo haverá resgatado por haver aberto as portas ao joven maestro de Campinas. Tinha uma subvenção a Opera Nacional; dava-nos partituras italianas e zarzuelas, vertidas em portuguez, e compunha-se de senhoras que não duvidavam passar da sociedade ao palco, para auxiliar aquella obra. Cantava o fundador, D. José Amat, cantava o Ribas, cantavam outros. Nem foi só Carlos Gomes que ali ensaiou os primeiros vôos; outros o fizeram tambem, ainda que só elle poude dar o surto grande e arrojado...

Ahi estou eu a repetir cousas que sabeis — uns por as haverdes lido, outros por vos lembrardes d'ellas; mas é que ha certas memorias que são como pedaços da gente, em que não podemos tocar sem algum gozo e dôr, mistura de que se fazem saudades. Aquella noite acabou por uma aurora, que foi dar em outro dia, claro como o da vespera, ou mais claro talvez; e porque esse dia se fechou em noite, novamente se abriu em madrugada e sol, tudo com uma uniformidade de pasmar. Afinal tudo passa, e só a terra é firme: é um velho estribilho do *Ecclesiastes*, de que os rapazes mofam, com muita razão, pois ninguem é rapaz senão para ler viver o *Cantico dos Canticos*, em que tudo é eterno. Tambem nós ríamos muito dos que então

recordavam o tempo em que foram cavallos da Candiani, e riam então dos que fallavam de outras festas do tempo de Pedro I. E' assim que se vão soldando os anneis de um seculo.

Ao contrario, a historia parece querer dessoldar alguns dos seus anneis e deita-los ao mar — ao mar Negro, se é certo o que nos annuncia o mesmo telegrapho, portador de boas e más novas. Não trato da deposição do sultão, comquanto o espectaculo deva ser interessante; eu, se dependesse de uma subscrição universal, daria o meu obulo para ve-lo realisado com todas as cerimoniaes, tal qual o *Doente imaginario*. A differença entre a peça franceza e a peça turca é que o *homem doente* parece doente devéras, — semi-louco, dizem os telegrammas.

As deposições da nossa terra não digo que sejam chochas, mas são lugubres de simplicidade. O theatro de Sergipe está agora alugado para esta especie de magicas; não ha quinze dias deu espectaculo, e já annuncia (ao dizer do *Paiz*) nova representação. As magicas d'esse theatro pequeno, mas elegante, compõem-se em geral de duas partes — uma que é propriamente a deposição, outra que é a reposição. Poucos personagens : o deposto, o substituto, córos de amigos. Ao fundo, a cidade em festas. Este scepticismo de Aracajú, rasgando as luvas com applausos a ambos os tenores não revela da parte d'aquella capital a firmeza necessaria de opinião. Tudo, porém, acharia compensação na magestade do espectaculo; infelizmente este é pobre e simples : meia duzia de homens saem de uma porta, entram por outra, e está acabado. E' uma empreza de poucos meios.

Que abysmo entre Aracajú e Stambul ! Que differença entre as duas portas sergipenses e a Sublime

Porta! Lá são as potencias que depõem, presididas pelo pontifice do islamismo, tudo abençoado por Allah e por Mahomet, que é o propheta de Allah. Nas ruas sangue, muito sangue derramado, sangue de odio e de fanatismo. Ouvem-se rugidos da ilha de Creta e da Macedonia. No plátéa o mundo inteiro. Mas o principal não é isso. O principal espectáculo, o espectáculo unico é o desmembramento da Turquia; tambem noticiado pelo telegrapho. Esse é que, se se fizer, dará a este seculo um occaso muito parecido com a aurora. Os alfaiates levarão muito tempo a medir e cortar a bella fazenda turca para compôr o terno que a civilisação occidental tem de vestir: e, porque as medidas politicas differem das communs, vel-os-hemos talvez brigar por dois centimetros. As tesouras brandidas; e, primeiro que se accomodem, haverá muito olho furado. O desfecho é previsto; alguém ficará com panno de menos, mas a Turquia estará acabada, e a historia terá dessoldado alguns elos que já andavam frouxos, se é que isto não é continuar a mesma cadeia.

Póde succeder que nada haja, assim como não voará o castello de Balmorel, com a rainha Victoria e o tzar Nicoláo dentro. Esta outra communicação telegraphica desde logo me pareceu fantastica; cheira a imaginação de *reporter* ou de chancelaria. Nem é crível que tal tragedia se represente ás barbas da sombra de Shakespeare, sem que este seja consultado quando menos para lhe pôr a poesia que os relatorios policiaes não têm.

Emfim, melhor que attentados, deposições e desmembramentos, é a noticia que nos trouxe o telegrapho, ainda o telegrapho, sempre o telegrapho. Porfirio Dias abriu o congresso mexicano, apresentando-lhe a mensagem em que annuncia a redução dos impos-

tos. Estas duas palavras raramente andam juntas; saudemos tão doce consorcio. Só um amor verdadeiro as poderia unir. Que tenham muitos filhos é o meu mais ardente desejo.

* * *

4 de Outubro.

Emquanto eu cuido da semana, S. Paulo cuida dos seculos, que é mais alguma cousa. Commemora-se ali a figura de José de Anchieta, tendo já havido tres discursos, dos quaes dois foram impressos, e em boa hora impressos; honram os nomes de Eduardo Prado e de Brasilio Machado, que honraram por sua palavra elevada e forte ao pobre e grande missionario jesuita. A commemoração parece que continúa. O frade mereceu de sobra. A chronica dera-lhe as suas paginas. Um poeta de viva imaginação e grande estro, o autor do *Cantico de Calvario*, pegou um dia da figura d'elle e metteu-a n'um poema. Agora é a apothese da palavra e da critica. Uma feição characterisa estas homenagens, é a neutralidade. Ao pé de monarchistas ha republicanos, e á frente d'estes vimos agora o presidente do Estado. Dizem que este soltara algumas palavras de entusiasmo paulista por occasião da ultima conferencia. De facto, uma terra em que as opiniões do dia podém apertar as mãos por cima de uma grande memoria é digna e capaz de olhar para o futuro, como o é de olhar para o passado. A faculdade de ver alto e longe não é commum.

E' doce contemplar de novo uma grande figura. Aquelle jesuita, companheiro de Nobrega e Leonardo

Nunes, está preso indissolavelmente á historia d'estas partes. A imaginação gosta de ve-lo, a tres seculos de distancia, escrevendo na areia da praia os versos do poema da Virgem Maria, por um voto em defesa da castidade, e confiando-os um a um á impressão da memoria. A piedade ama os seus actos de piedade. E' preciso remontar ás cabeceiras da nossa historia para ver bem que nenhum premio immediato e terreno se offerecia áquelle homem e seus companheiros. Cuidavam só de espalhar a palavra christã e civilisar barbaros; para isso era tudo Anchieta, além de missionario. A habitação d'elle e dos outros era o que elle mesmo escrevia a Loyola, em agosto de 1554 : « E aqui estamos, ás vezes mais de vinte dos nossos, n'uma barraquinha de canniço e barro, coberta de palha, quatorze pés de comprimento, dez de largura. E' isto a escola, é a enfermaria, o dormitorio, refeitório, cozinha, despensa. »

Justo seria que alguma cousa lembrasse aqui, entre nós, o nome de Anchieta, — uma rua, se não ha mais. A nossa intendencia municipal acaba de decretar que não se dêem nomes de gente viva ás ruas, salvo « quando as pessoas se recommendarem ao reconhecimento e admiração publica por serviços relevantes prestados á patria ou ao município, na paz ou na guerra ». Anchieta está morto e bem morto; é caso de lhe dar a homenagem que tão facilmente se distribue a homens que nem sequer estão doentes, e mal se podem dizer maduros; tanto mais quando o presidente do conselho municipal não é só brasileiro, é tambem paulista e bom paulista. Certo, nós amamos as celebridades de um dia, que se vão com o sol, e as reputações de uma rua que acabou ao dobrar da esquina. Vá que brilhem; os vagalumes não são menos poeticos por serem menos duradouros;

com pouco fazem de estrellas. Tudo serve para nos cortejarmos uns aos outros.

A propria lei municipal tem uma porta aberta aos obsequios particulares. Nem sempre a vontade do legislador estará presente, e as leis corrompem-se com os annos. Quando o actual conselho desaparecer, lá virá alguém que, por haver inventado um chapéo elastico, uma barbatana espirital ou, finalmente, outro jatahy que ajude a limpar os bronchios e as algibeiras, — tenha occasião de ver pintado o seu nome na esquina da rua em que móra, e, se morar longe, em outra qualquer. E' o annuncio gratuito, o troco miudo da gloria. E não ha-de ser escasso prazer, antes largo e demorado, ler na esquina de uma rua o proprio nome. Não haverá conversação de bond ou a pé que faça esquecer a placa; por mais attenção que mereça o interlocutor, seja um homem ou uma senhora, — os olhos do beneficiado cumprimentarão de esguelha as letras do beneficio. Alguma vez passeiarão pelas caras dos outros, a ver se tambem olham. Os crimes que se derem na rua, os incendios, os desastres serão outras tantas occasiões de reler o nome impresso e reimpresso; assim tambem as casas de negocio, os annuncios de creados, o obituario e o resto. Emfim, o uso positivista de datar os escritos da rua em que o autor móra, uma vez generalisado, ajudará a derramar a boa noticia da nossa fama.

Nem por isso deixarão de fallir os que tiverem de fallir, se forem negociantes; não ha nome de esquina que pague um credito. Este momento, se é certo o que corre, ameaça de ponto final a muita gente. Dizem que ha numerosas petições de fallencia. Se serão attendidas é o que não se sabe, porque o deferimento póde trazer a dissolução geral de todos os vinculos pecu-

niarios. E quando os que vendem quebram, imaginae os que compram. Estes deviam rigorosamente matar-se, imitando a gente do Japão, onde os suicidios são em maior numero quando o arroz está caro, e em menor, quando está barato, Arroz ou morte ! é o grito d'aquella nação. Nós, para quem tudo é caro, desde a sopa até á sobremesa, vivemos a ver em que param os preços, — os preços ou os bichos.

Entretanto, ao passo que os negociantes do Rio de Janeiro pedem credito, não o acham e querem fechar as portas, o presidente do Espirito Santo deseja que lhe diminuam a faculdade de abrir creditos. « Em consequencia das razões que acabo de apresentar-vos (diz o Dr. Graciano das Neves em sua recente mensagem) dou prova da maior lealdade, Srs. deputados, pedindo-vos que voteis na presente sessão alguma disposição de lei que restrinja com prudencia a faculdade que tem o presidente de abrir creditos supplementares ás verbas orçadas pelo congresso.» Eu, que aprendi o que era *bill* de indemnidade no capitulo da abertura de creditos, mal posso crer no que leio. Um presidente de Estado que, tendo a faculdade de abrir creditos, e podendo não os abrir, pede que lhe atem as mãos, dá mostra que é ainda mais psychologo que presidente. E' como se dissesse que as boas intenções do dia 15 podem não ser as mesmas do dia 16 e 17, e o melhor é não fiar na vontade. Não sei se o caso é unico; falta-me tempo de compulsar as mensagens de ambos os mundos, mas com certeza não é commum nem velho.

Não é velho, mas tende a ser commum o uso delicado de concluirem os jurados as sessões, ordinarias ou extraordinarias, deixando nas mãos do presidente e do promotor uma lembrança. A penultima trazia como razão a polidez dos magistrados. A ultima, que foi

ante-hontem, não allegou tal motivo, para tirar ao acto qualquer aspecto de gratidão. O presidente teve duas estatuetas de bronze, e o promotor uma rica bengala. Não é pouco ir julgar os pares, obrigatoriamente, com perda ou sem perda dos proprios interesses; a lembrança, porém, realça o serviço publico. A prova de que a instituição do jury está arraigada na nossa alma e costumes é essa necessidade moral que têm os juizes de facto de se fazerem lembrados dos magistrados, a quem a sociedade confia a punição dos delinquentes. Resta que os magistrados, por sua vez, dêem alguma lembrança aos cidadãos, e que estes saiam com botões de punho novos ou carteiras de couro da Russia. São prendas baratas e significativas.

*
* *

11 de Outubro.

Tzarina, se estas linhas chegarem ás tuas mãos, não faças como Victor Hugo, que, recebendo um folheto de Lisboa, respondeu ao autor : « Não sei portuguez, mas com auxilio do latim e do hespanhol, vou lendo o vosso livro... » Não, nem peço que me respondas. Manda traduzi-las na lingua de Gogol, que dizem ser tão rica e tão sonora, e em seguida lê. Verás que o beijo que te depositou na mão, em Cherburgo, o presidente da Republica Franceza foi aqui objecto de algum debate.

Uns acharam que, para republicano, o acto foi vilania; outros que, para francez, foi galantaria. Uma princeza ! Uma senhora ! E d'ahi uma conversação

longa em que se disseram cousas aggressivas e defensivas. Eu, pouco dado a rurgas, limitei-me a pensar commigo que a galanteria não deve ficar sendo um costume sómente das côrtes. A democracia pôde muito bem accommodar-se com a graça; nem consta que Lafayette, marquez do antigo regimem, tivesse deitado a cortezia ao mar quando foi collaborar com Washington.

Olha, tzarina, houve tempo em que n'essa mesma França, cujo chefe te beijou agora a mão, se fazia grande cabedal de tratar por tu uns aos outros, para continuar Robespierre e os seus terriveis companheiros. Então um poeta fallou em verso, como é uso d'elles, e concluiu por este, que faz casar a politica e as maneiras : *Apellons-nous MONSIEUR et soyons CITOYEN*. Nós para não ir mais longe, fizemos a republica, sem deportar a excellencia das camaras. Era costume antigo, não do regimen deposto, mas da sociedade. A excellencia veiu da mãe-patria, onde parece que se generalizou ainda mais, não se tratando lá ninguém por outra maneira. Aqui, quando ainda não ha familiaridade bastante para o *tu* e o *voce*, e já a excellencia é demasiado cerimoniosa, ficamos no *senhor*, que é um modo indirecto; em Portugal, nos casos apertados, empregam o *amigo*, que é ainda mais indirecto. Tudo para fugir ao *vós* dos nossos maiores, e que entre nós, é a formula official da correspondencia escrita. Em verdade, se o regimento das nossas camaras tivesse obrigado o tratamento de *vós* na tribuna, como na correspondencia official, antes de infringirmos o regimento, teriamos infringido a grammatica. E' duro de metter na oração a flexão *vos* do pronome. Tenho visto casos em que a pessoa, para desfazer-se logo della, começa por ella : Vos declaro, Vos communico, Vos peço.

Nem é por outra razão, tzarina, que eu te trato por tu, como se faz em poesia.

Voltando ao beijo, admitto que ha cousas que só podem ser bem entendidas no proprio logar. Julgadas de longe levam muita vez ao erro. Tu, por exemplo, se lessees a moção da camara municipal do Rio Claro, S. Paulo, protestando contra o presidente do Estado, que não a recebeu quando elle ali foi ver a mãe enferma, póde ser que a entendesses mal. A moção aceitou o acto como uma injuria ostensiva e directa ao municipio, ao povo, a todo o partido republicano, e mandou publicar o protesto e communica-lo por copia a todas as camaras municipaes do Estado, ao presidente da Republica, aos presidentes dos congressos federal e estadual e ao directorio central do partido.

Apparentemente é uma tempestade n'um copo d'agua; mas a moção allega que ha da parte do presidente contra o municipio sentimento de hostilidade já muitas vezes manifestado. Assim sendo, explica-se a recusa do presidente em recebe-la, mas não se explica o acto da camara em visita-lo. Não se devem fazer visitas a desaffectedos; o menos que acontece é não achal-os em casa. Quando, porém a camara, esquecendo resentimentos legitimos, quizesse levar o ramo de oliveira ao chefe do Estado, em beneficio commum, se este não accitasse as pazes, o melhor seria calar e sahir. A divulgação do caso á cidade e ao mundo e a ameaça de prompta repulsa faz receiar um estado de guerra, quando todos os municipes desejam concordia e socego. Ha já tantas questões graves, sem contar a economica e a financeira, que a questão Rio-Claro bem podia não ter nascido, ou ficar no « tapete da discussão », como se usa no parlamento.

Disse que entenderias mal a moção; emendo-me,

não a entenderias absolutamente, pois nunca jámais uma camara municipal russa falaria d'aquelle modo. A camara do Rio Claro, se fosse moscovita, ou voltaria a visitar o tzar, quando elle estivesse em casa, ou far-se-hia nihilista. D'onde pódes concluir a vantagem das moções, e a razão do uso immoderado que fazemos d'ellas : é uma valvula. Emquanto a gente propõe moções não trama conspirações, e estas duas palavras que rimam no papel não rimam na politica.

O que é curioso é que nós, que não fazemos politica, estejamos occupados, eu em falar d'ella, tu em ouvi-la. O melhor é acabar e dizer-te adeus. Adeus, tzarina; se cá vieres um dia de visita, póde ser que não aches as ruas limpas, mas os corações estarão limpissimos. O presidente da Republica, se não for algum dos que censuraram agora o Sr. Faure, beijar-te-ha a mão, sem perder o aprumo da liberdade. A Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico offerecer-te-ha um bond especial para percorreres as suas linhas, com as tuas damas e escudeiros. Esta companhia completou ante-hontem vinte e oito annos de existencia. Ainda me recordo da experiencia dos carros na vespera da inauguração, e da festa do dia da inauguração. Ninguém vira nunca semelhantes vehiculos. Toda gente correu a elles, e a linha, aberta até o largo do Machado, continuou apressadamente aos seus limites. Nos primeiros dias os carros eram fechados; appareceram abertos para os fumantes, mas dentro de pouco estavam estes sós em campo; as senhoras preferiam ir entre dois charutos, a ir cara a cara com pessoas que não fumassem. Outras companhias vieram servir a outros bairros. Omnibus e diligencias foram aposentados nas cocheiras e vendidos para o fogo. Que mudança em vinte e oito annos !

Uma cousa não entenderás, ainda que a transfiram á lingua de Gogol, são os dois avisos postos pela companhia do Jardim Botânico em um ou mais dos seus carros. Tambem eu não os entendi logo; mas, por obtuso que um homem seja, desde que teime, decifra as mais escuras charadas d'este mundo. Por que não succederá o mesmo a uma senhora? Manda traduzir já e vê.

O primeiro aviso é este: *A assignatura evita o engano nos trocos*. Comprehende-se logo que a assignatura é a dos bilhetes de passagem. Quer dizer que, comprando-se uma collecção de bilhetes, em vez de pagar com dinheiro cada vez que se entra no carro, não se perde nada nos trocos que dão os conductores; logo, os conductores enganam-se; logo, ha um meio melhor que reprimir os conductores ou despedi-los, como se faz nas casas commerciaes e nos bancos, é vender collecções de bilhetes impressos. Nem se tira o pão a distrahidos, nem se allivia o triste passageiro de uma parte do bilhete de dez ou mais tostões.

O segundo aviso é uma pequena alteração do primeiro, e diz assim: *A assignatura evita o esquecimento nos trocos*. Se aqui vem *esquecimento* em vez de *engano*, é que o passageiro em muitos casos perde o dinheiro, não já em parte, mas totalmente, por aquella outra causa mais grave. Não só o esquecimento é provavel, mas até pôde ser certo e constante, se o conductor padeecer de molestia que oblitere a memoria, e não ha meio de evitar que este fique com o resto do dinheiro se não offerecendo a companhia os seus bilhetes de assignatura. Outrosim, o passageiro passa a ser o melhor fiscal da companhia, e o seu ordenado é o que deixa de ficar, por engano ou esquecimento na algibeira do conductor. Taes me parecem ser os dois avisos; mas, se me disse-

rem que elles contêm uma prophacia relativa aos destinos da Turquia, não recuso a explicação. Tudo é possível em materia de epigraphia. Adeus, tzarina!

*
* *

AS CEGONHAS

15 de Novembro.

« Uma geração passa, outra geração lhe succede, mas a terra permanece firme. » Este versiculo de *Ecclesiastes* é uma grande lição da vida, e não digo a maior, porque ha mais tres ou quatro igualmente grandes. Mas não haverá poesia nem lingua que não tenha dito por modo particular esse pensamento final do mundo. Shelley exprimiu apenas metade d'elle n'aquelles dois versos :

Man's yesterday may ne'er be like his morrow;
Nought may endure but Mutability.

Quem nos dá a mais viva imagem do contraste entre a mobilidade dos homens no meio da immutabilidade da natureza é Chateaubriand. Lembrai-vos do *Itinerario*; recordai aquellas cegonhas que elle viu irem do Illyssso ás ribas africanas. Tambem eu vi as cegonhas da Hellade, e peço me desculpeis esta erupção poetica; nem tudo ha-de ser prosa na vida, alguma vez é bom mirar as cousas que ficam e perduram entre as que passam rapidas e leves... Creio que até me escapou ahi um verso : « entre as que passam rapidas e leves... » A boa regra da prosa manda tirar a essa

phrase a fôrma metrica, mas seria perder tempo e encurtar o escripto; vá como sahiu, e passemos adiante.

Era no arrabalde em que residio. Bastava a presença do Corcovado para cotejar a firmeza da terra com a mobilidade dos homens, e a circumstancia de estar na vizinhança d'aquelle pico a habitação do Sr. Presidente da Republica, operado e enfermo, passando as redeas do governo ao Sr. vice-presidente, que pouco mais distante móra, trazia uma comparação facil, mas não menos triste que facil. Duro é pensar nos padecimentos de um homem. Já fallei no grão de areia de Cromwell, a proposito do calculo que alterou, não a situação politica, mas a parte principal do governo. Não repetirei aqui a idéa; melhor é deixar ao Sr. barão de Pedro Affonso explicar á *Cidade do Rio* as razões que o levaram a dizer que a cura estaria acabada em quinze dias, não o tendo cumprido por força de causas aliás prexistentes. O peor de tudo, para quem está cá embaixo, é este não poder soffrer calado e occulto, adoecer em particular, luctar com o mal e vence-lo fóra do circo e longe da platéa. A platéaromana fazia signal com o dedo quando queria a morte da victima. Aqui ninguem quer a morte de ninguem; mas tal haverá que, posto estime a progressiva cura do presidente, fique um tanto logrado com a suspensão dos boletins. A rua do Ouvidor, se não tem noticias, cahe nos boatos.

Mas vamos ao meu ponto. Era no arrabalde em que móro. Pensava eu n'aquella limonada purgativa que uma pessoa bebeu, ha dias, e ia morrendo sè a bebe toda, por não ser mais que puro iode. O rotulo da garrafa dava uma droga por outra. Do engano do boticario ia resultando mais um hospede no cemiterio, se o doente não recusa o medicamento, logo que lhe

sentiu o gosto; ainda assim bebeu alguma porção que o fez pedecer um tanto. A lembrança do caso entrou a passear-me no cerebro, unico cerebro talvez em que já existisse, tão rapido passa tudo n'esta vida, e tanto me custa a deixar uma idéa por outra. Então reflecti, e adverti que o descuido do boticario não teve mais processo, e posto que dos descuidos comam os escrivães, nenhum escrivão comeu d'este. Tudo passou, a limonada, o iodo e a memoria.

E vieram outras lembranças analogas, vagas sombras, que para logo se iam desfazendo. Uma d'ellas foi aquelle outro descuido que levou para a cova um pobre diabo, não sei se adulto, se infante. A troca dos remedios não foi obra de proposito, mas de erro talvez de ignorancia. Não foi acção de alfaiate, ourives ou marítimo, mas de boticario tambem, com a differença que uns dizem ser o proprio dono da casa, outros um seu representante. A victima expirou. Deus recebeu a sua alma. O accidente deu que fallar e escrever, e os adjectivos vadios appareceram contra o pobre autor do involuntario descuido; mas adjectivos não são agentes de policia, e emquanto um homem ouve a palavrada do prelo não escuta as chaves no ferrolho da detenção. O descuidado acabaria solto, se tivesse de acabar; os escrivães não comeram d'esse primeiro descuido. Poucos dias depois creio que continuou a vender as suas drogas, e a prova de que não houvera proposito, e quando muito desaso, é que ninguem mais morreu, pelo menos até hontem.

Essa lembrança desapareceu como as primeiras. Gerações d'ellas iam assim vindo como as do texto biblico, umas atraz de outras, esquecidas, apagadas, mortas. Nem eram só as dos remedios trocados; as dos desfalques tinham igual destino. Quatro, cinco,

seis mil contos desapareceram, como illusões da mocidade, como opiniões de anno velho. Quem sabe já d'elles? Ha quem cite algum, raro, ou para comparação, ou por qualquer necessidade de argumento, não com idéas de processo. Os desfalques são como os amores enganados; doem muito, mas os tempos acabam de os enganar e enterrar, e, quando menos se espera, o desfalcado reza por alma do outro, se o outro morre. Se não morre, não o mata, nem lhe tira a liberdade, que é o primeiro dos bens da terra e a melhor base das sociedades politicas. Se, além de vivo, o outro gosta de dansar, dança; — ou joga, se lhe sabe o jogo, que tanto póde ser de cartas como de prendas.

Todas essas sombras, desfalques grandes e pequenos, publicos ou particulares, e trocas de remedios, e doenças e mortes filhas dessas trocas, todas essas sombras impunes iam e vinham, e eu não podia com os olhos (quanto mais com as mãos!) agarra-las, fixa-las, senta-las diante de mim. Como Goethe, dedicando o *Fauslo*, perguntava-lhes se me rodeavam ainda uma vez, e ellas iam mais vagas que as do poeta, iam-se para não voltar mais; todas esquecidas.

Eram as gerações que passavam. Gerações novas succederão a essas, para se irem tambem, e dar logar a mais e mais, que cederão todas á mesma lei do esquecimento, desfalques e remedios. Onde está a terra firme?

Quando eu fazia esta pergunta e quasi respondia Lao-Tsé, contemporaneo de Confucio, de quem o *Jornal do Commercio* publicou ha dias algumas verdades verdadeiras, eis que ouço um grito na rua, um pregão, uma voz esganiçada; era a terra firme, eram as cegonhas de Chateaubriand: « Um de resto! anda hoje! duzentos contos! » Homens e leis têm

a vida limitada, — elles por necessidade physica, — ellas por necessidades moraes e politicas; mas a loteria é eterna. A loteria é a propria Fortuna e a Fortuna é a deusa que não conhece incredulos nem renegados. A cidade falla de umas cousas que esquece, crimes publicos, crimes particulares; mas loteria não é crime particular nem publico. Um de resto ! anda hoje ! duzentos contos !

*
* *

22 de Novembro.

A natureza tem segredos grandes e inopinaveis. Não me refiro especialmente ao de ante-hontem, no Cassino Fluminense, onde algumas senhoras e homens de sociedade nos deram opera, comedia e pantomima, com tal propriedade, graça e talento, que encantaram o salão repleto. Não é a primeira vez que a commissão do Coração de Jesus ajunta alli a flôr da cidade. Aos esforços das senhoras que a compõem correspondem os convidados, — e d'esta vez apezar do tempo, que era execravel, — e aos convidados, em cujo numero se contava agora o Sr. vice-presidente da Republica, corresponderam os que se incumbiram de dizer, cantar ou gesticular alguma cousa. Outros contarão por menor e por nomes o que fizeram os improvisados artistas. A mim nem me cabe esta nota de passagem, em verdade menos viva que a do meu espirito; mas, pois que sahiu, ahí fica.

Não, o inopinavel e grande da natureza, a que me quero referir é outro. Um dos maiores sabe-se que é o suicidio, que nos parece absurdo, quando a vida

é a necessidade commum; mas, considerando que é a mesma vida que leva o homem a elimina-la, — *propter vitam*, — tudo afinal se explica na pessoa que pega em si, e dá um talho, bebe uma droga ou se deita de alto abaixo na rua ou no mar. As crianças pareciam isentas d'essa vertigem; mas ha ainda poucas semanas deram os jornaes noticia de uma creaturinha de doze annos que acabou com a existencia, — uns dizem que por pancadas recebidas, outros que por nada.

Tivemos agora um caso mais particular : Um fazendeiro rio-grandense deu um tiro na cabeça e desappareceu do numero dos vivos. O telegramma nota que era homem de idade, — o que exclue qualquer paixão amorosa, comquanto as cãs não sejam inimigas das moças; pódem ser invejosas, mas inveja não é inimizade. E ha varias modas de amar as moças. — o modo conjunctivo e o modo extatico; ora, o segundo é de todas as phases d'este mundo. Além de idoso, o suicida era rico, isto é, aquelle bem que a sabedoria philosophica reputa o segundo da terra, elle o possuia em gráo bastante para não padecer nos ultimos da vida, ou antes para vive-los á farta, entre os confortos do corpo e da bocca. Não tinha molestia alguma; nenhuma paixão politica o atormentava. Qual a causa então do suicidio?

A causa foi a convicção que esse homem tinha de ser pobre. O telegramma chama-lhe mania, eu digo convicção. Qualquer, porém, que seja o nome, a verdade é que o fazendeiro rio-grandense, largamente proprietario, acreditava ser pobre, e d'ahi o terror natural que traz a pobreza a uma pessoa que trabalhou por ser rica, viu chegar o dinheiro, crescer, multiplicar-se, e por fim começou a ve-lo desaparecer aos poucos, a mais e mais depressa, e totalmente. Note-se

bem que não foi a ambição de possuir mais dinheiro que o levou á morte, — razão de si mysteriosa, mas menos que a outra; foi a convicção de não ter nada.

Não abaneis a cabeça. A vossa incredulidade vem de que a fazenda do homem, os seus cavallo, as suas bolivianas, as suas letras e apolices valiam realmente o que querem que valham; mas não fostes vós que vos matastes, foi elle e nada d'isso era vosso, mas do suicida. As cousas têm o valor do aspecto, e o aspecto depende da retina. Ora, a retina d'aquelle homem achou que os bens tão invejados de outros eram coisa nenhuma, e prevendo o pão alheio, a cama da rua, o travesseiro de pedra ou de lodo, preferiu ir buscar a outros climas melhor vida ou nenhuma, segundo a fé que tivesse.

O avesso deste caso é bem conhecido n'aquelle cidadão de Athenas que não tinha nem possuia uma dragma, um pobre diabo convencido de que todos os navios que entravam no Pireu eram d'elle; não precisou mais para ser feliz. Ia ao porto, mirava os navios e não podia conter o jubilo que traz uma riqueza tão extraordinaria. Todos os navios! Todos os navios eram seus! Não se lhe escureciam os olhos e todavia mal podia supportar a vista de tantas propriedades. Nenhum navio estranho; nenhum que se pudesse dizer de algum rico negociante atheniense. Esse opulento de barcos e illusões comia de emprestimo ou de favor; mas não tinha tempo para distinguir entre o que lhe dava uma esmola e o seu criado. Dahi veio que chegou ao fim da vida e morreu naturalmente e orgulhosamente.

Os dois casos, por avessos que pareçam um ao outro, são o mesmo e unico. A illusão matou um, a illusão conservou o outro; no fundo, é só a convicção

que ordena os actos. Assim é que um pobretão, crendo ser rico, não padece miseria alguma, e um opulento crendo ser pobre, dá cabo da vida para fugir á mendicidade. Tudo é reflexo da consciencia.

Não mofeis de mim, se achais ahi um ar de sermão ou philosophia. O meu fim não é só contar os actos ou commental-os; onde houver uma lição util é meu gosto e dever tira-la e divulga-la como um presente aos leitores; é o que faço aqui. A lição que eu tirar póde ter a existencia do cavallo do pampa ou a do navio do Pireu; toda a questão é que valha por uma realidade, aos olhos do fazendeiro do sul do cidadão de Athenas.

A lição é que não peçais nunca dinheiro grosso aos deuses, senão com a clausula expressa de saber que é dinheiro grosso. Sem ella, os bens são menos que as flores de um dia. Tudo vale pela consciencia. Nós não temos outra prova do mundo que nos cerca senão a que resulta do reflexo d'elle em nós : é a philosophia verdadeira. Todo Rothschild and Sons, nossos creadores, valeriam menos que os nossos criados, se não possuíssem a certeza luminosa de que são muito ricos. Wanderbilt seria nada; Jay Gould um triste cocheiro de tilbury sem possuir sequer o carro nem o cavallo, a não ser a convicção dos seus bens.

Passai das riquezas materiaes ás intellectuaes : é a mesma cousa. Se o mestre-escola da tua rua imaginar que não sabe vernaculo nem latim, em vão lhe provarás que elle escreve como Vieira ou Cicero, elle perderá as noites e os somnos em cima dos livros, comerá as unhas em vez de pão, encanecerá ou encalvecera, e morrerá sem crer que mal distingue o verbo do adverbio. Ao contrario, se o teu copeiro acreditar que escreveu *Os Lusíadas*, lerá com orgulho (se souber ler) as estancias do poeta; repeti-las-ha de cór, inter-

rogará o teu rosto, os teus gestos, as tuas meias palavras, ficará por horas diante dos mostradores mirando os exemplares do poema expostos. Só metterá em processo os editores se não suppuzer que elle é o proprio Camões; tendo essa persuasão, não fará mais que ler aquelle nome tão bem visto de todos, abençoalo em si mesmo; ouvi-lo aos outros, acordado e dormindo.

Que differença achais entre o mestre-escola e o teu copeiro? Consciencia pura. Os frivolos, crentes de que a verdade é o que todos acceitam, dirão que é mania de ambos, como o telegramma mandou dizer do fazendeiro do sul, como os antigos diriam do cidadão de Athenas. A verdade, porém, é o que deveis saber, uma impressão interior. O povo, que diz as cousas por modo simples e expressivo, inventou aquelle adagio: Quem o feio ama, bonito lhe parece. Logo qual é a verdade esthetica? E' a que elle vê, não a que lhe demonstraís.

A conclusão é que o que parece desmentir a natureza da parte de um homem que se elimina por suppôr que empobreceu, não é mais que a sua propria confirmação. Já não possuia nada o suicida. A contabilidade interior usa regras ás vezes diversas da exterior, diversas e contrarias. 20 com 20 podem sommar 40, mas tambem podem sommar 5 ou 3, e até 1, por mais absurdo que este total pareça; a alma é que é tudo, amigo meu, e não é Bezout que faz a verdade das verdades. Assim, e pela ultima vez, repito que vos não limiteis a pedir bens simples, mas tambem a consciencia d'elles. Se elles não puderem vir, venha ao menos a consciencia. Antes um navio no Pireu que cem cavallos no pampa.

GUIARRA FIM DE SECULO

Gastibelza, l'homme à la carabine,
chantaît ainsi.

V. HUGO.

29 de Novembro.

Abdul-Hamid, padischah da Turquia,
Servó de Allah,

Ao lembrar como outr'ora gemia
Gastibelzá,

Soltou a voz solitaria e plangente
Cantando assim : —

« Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

« O' meu harem ! ó sagradas mesquitas
Meu céu azul !

Terra de tantas mulheres bonitas,
Minha Stambul !

O' Dardanellos ! ó Bosphoro ! ó B-nãe
Syria, alepim ! —

Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

« Ouço de um lado bradar o Evangelho,
De outro o Corão,

Ambos á força d'aquelle odio velho,
Velha paixão,
E sinto em risco o meu throno luzente,
Todo setim. —
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

« Gladstone, certo feroz paladino,
Christão e inglez,
Em um discurso chamou-me assassino,
Ha mais de um mez;
Ninguem puniu esse dito insolente
De tal mastim. —
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

« Chamou-me ainda não sei se maluco,
Elle que já
Vai pela idade de molle e caduco,
Velho pachá,
Elle que quiz rebellar toda a gente
Da verde Erim. —
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

« Ah! se eu, em vez de gostar da sultana
E outras hanuns,
Trocar quizesse esta Porta Ottomana
Pelos Communs.
Dar-me-hiam, dizem, o trato excellente
Que dão ao chim. —
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

« Querem que faça reformas no imperio,
Voto, eleição,
Que inda mais alto que o nosso mysterio
Ponha o Christão,
Que dê á cruz o papel do crescente,
Como em Dublin. —
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

« Que tempo aquelle em que bons alliados
Bretão, francez,
Defender vinham dos golpes damnados
O nosso fez!
Então a velha questão do Oriente
Tinha outro fim. —
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

« Então a gente da ruiva Moscovia,
Imperiaes
Da Bessarabia, Siberia, Varsovia,
Odessa e o mais,
Não conseguiam metter o seu dente
No meu capim. —
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

« Hoje meditam levar-me aos pedaços
Tudo o que sou,
Cabeça, pernas, costellas e braços,
Pariz, Moscou,
A rica Londres, Vienna a potente,
Roma e Berlim. —

Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

« Oh ! desculpai-me se n'esta lamuria,
Se n'este andar,
Preciso ás vezes entrar na Liguria
Para rimar.
Para rimar um mandão do Occidente
Com mandarim. —
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

« Constantinopla rimar com manopla,
Bem, sim, senhor;
Porém que a dura exigencia da copla
Torne uma flôr
Igual á herva mofina e cadente
De um mão jardim... —
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

« Pois eu rimei *Mahomet* com *verdade*,
Mas hoje ao vêr
Que nem me fica esta velha cidade
Sinto perder
A fé que tinha de principe e crente
Até o fim. —
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

« Donzellas frescas, matronas gorduchas,
Com *feredjehs*,
Moças calçadas de lindas babuchas
Nos finos pés,

Mastigam doces com gesto indolente
No meu festim. —
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

« Onde irão ellas comer os confeitos
Que ora aqui têm?
Quem lhes dará d'esses somnos perfeitos
Do meu harem?
Onde acharão o sabor excellente
De um alfenim? —
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

« E eu, onde irei, se me deitam abaixo?
Onde irei eu,
Servo de Allah, sem bastão nem pennacho?
Tal o Judeu
Errante, irei, sem parar, tristemente,
De Ohio a Pekim. —
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

« Ver-me-hão á noite, com lua ou sem lua,
Seguir atrás
Da costureira que passa na rua,
Honestas, em paz,
Pedir-lhe um beijo de amor por um pent
De ouro ou marfim. —
Verei morrer este eterno doente?
Penso que sim.

« Comerei só, sem eunuchos escuros,
Em *restaurant*

Talvez bebendo dos vinhos impuros
 Que véda Islam;
 Esposo de uma senhora sómente
 Assim, assim. —
 Verei morrer este eterno doente?
 Penso que sim

« Penso que sim. Virão logo rasga-lo,
 Como urubús
 Sobre o cadaver de um pobre cavallo,
 Nações de truz.
 Farão de cada pedaço jacente
 Uma Tonkim. —
 — Verei morrer este eterno doente?
 Penso que sim.

« Penso que sim; mas, pensando mais fundo,
 Bem póde ser
 Que elle inda fique algum tempo no mundo;
 Tudo é fazer
 Com que ellas briguem na festa esplendente
 Antes do fim. —
 Verei viver este eterno doente?
 Talvez que sim.

*
 * *

13 de Dezembro.

O senado deixou suspensa a questão do *veto* do prefeito acerca do imposto sobre companhias de theatro. Não fallaria n'isto se não se tratasse de arte em

que a politica não penetra, — ao menos que se veja. Se penetra, é pelos bastidores; ora, eu sou publico, só me regulo pela sala.

Houve debate á ultima hora, esta semana, e debate, não direi encarniçado, para não gastar uma palavra que me póde servir em caso mais agudo... Não, eu não sou d'esses perdularios que, porque um homem diverge no córte do collete, chama-lhe logo bandido; eu poupo as palavras. Digâmos que o debate foi vigoroso.

Não sei se conheceis o negocio. O que eu pude alcançar é que havia uma lei taxando fortemente as companhias estrangeiras; esta lei foi revogada por outra que manda igualar as taxas das estrangeiras e das nacionaes; mas logo depois resolveu o conselho municipal que fosse cumprida uma lei anterior á primeira... Aqui é que eu não sei bem se a lei restaurada apenas levanta as taxas sem desigualá-las, ou se as torna outra vez desiguaes. Além de não estar claro no debate, succede que na publicação dos discursos ha o uso de imprimir entre parenthesis a palavra *lê* quando o orador lê alguma cousa. Para as pessoas que estão na galeria, é inutil trazer o que o orador leu, porque essas ouviram tudo; mas como nem todos os contribuintes estão na galeria, (ao contrario!) a consequencia é que a maior parte fica sem saber o que é que se leu, e portanto sem perceber a força da argumentação, isto com prejuizo dos proprios oradores. Por exemplo, um orador, X..., refuta a outro, Y:

« X... E pergunto eu, V. Ex. póde admittir que o documento de que se trata affirme o que o governo do Estado allega? Ouça V. Ex. Aqui está o primeiro trecho, o trecho celebre. (*Lê*) Não ha aqui o menor vestigio de affirmação...

« Y... Perdão, leia o trecho seguinte.

« X... O seguinte? Ainda menos. (Lê) Não ha nada mais vago. O governador expedira o decreto, cujo art. 4º não offerece a menor duvida; basta lê-lo. (Lê) Depois d'isto, que concluir, senão que o governador tinha o plano feito? Querem argumentar, Sr. presidente, com o § 7º do art. 6º; mas essa disposição é um absurdo juridico. Ouça a camara. (Lê)

« VOZES : Oh ! Oh ! »

Não ha duvida que este uso economisa papel de impressão e tempo de copiar; mas eu, contribuinte e eleitor, não gósto de economias na publicação dos debates. Uma vez que estes se imprimem, é indispensavel que sahiam completos para que eu os entenda. Posso ser paralytico, preguiçoso, morar fóra, e tenho o direito de saber o que é que se lê nas camaras. Se algum membró ou ex-membró do congresso me lê, espero que providenciará de modo que, para o anno, eu possa lêr o que se lêr, sem ir passar os meus dias na galeria do congresso.

Como ia dizendo, não tenho certeza do que é a lei municipal restaurada; mas para o que vou dizer é indifferente. O que deduzi do debate é que ha duas opiniões : uma que entende deverem ser as companhias estrangeiras fortemente taxadas, ao contrario das nacionaes, outra que quer a igualdade dos impostos. A primeira funda-se na conveniencia de desenvolver a arte brasileira, animando os artistas nacionaes que aqui labutam todo o anno, seja de inverno, seja ue verão. A segunda, entendendo que a arte não tem patria, allega que as companhias estrangeiras além de nos dar o que as outras não dão, têm de fazer grandes despezas de transporte, pagar ordenados altos e não convém carregar mais as res-

pectivas taxas. Tal é o conflicto que ficou suspenso.

Eu de mim creio que ambas as opiniões erram. Não erram nos fundamentos theoricos; tanto se póde defender a universalidade da arte como a sua nacionalidade; erram no que toca aos factos. Com effeito, é difficil, por mais que a alma se sinta levada pelo principio da universalidade da arte, não hesitar quando nos fallam da necessidade de defender a arte nacional; mas é justamente este o ponto em que a visão do conselho municipal, do prefeito e do senado me parece algo perturbada.

Posto não frequente theatros ha muito tempo, sei que ha ahi uma arte especial, que eu já deixei em botão. Essa arte (salvo alguns esforços louvaveis) não é propriamente brasileira, nem strictamente franceza; é o que podemos chamar, por um vocabulo composto, a arte franco-brasileira. A lingua de que usa dizem-me que não se póde attribuir exclusivamente a Voltaire, nem inteiramente a Alencar; é uma lingua feita com partes de ambas, formando um terceiro organismo, em que a polidez de uma e o mimo de outra produzem nova e não menos doce prosodia.

Este phenomeno não é unico. O teutobrasileiro é um producto do sul, onde o allemão nascido no territorio nacional não fica bem allemão nem bem brasileiro, mas um mixto, a que lá dão aquelle nome. Ignoro se a lingua d'aquelle nosso meio patricio e inteiro collaborador é um organismo igual ao franco-brasileiro; mas se as escolas das antigas colonias continuam a só ensinar allemão, é provavel que domine esta lingua. N'isto estou com La-Palisse.

Não é pelo nascimento dos artistas que a arte franco-brasileira existe, mas por uma feliz combinação do Rio com Paris ou Bordéos. Essa arte, que as finadas

Mmes. Doche e D. Estella não reconheciam por não trazer a physionomia particular de um ou de outro dos respectivos idiomas, tem a legitimidade do accordo e da fusão nos elementos de ambas as origens. Quando nasceu? E' difficil dizer quando uma arte nasce; mas basta que haja nascido, tenha crescido e viva. Vive, não lhe peço outra certidão.

Acode-me, entretanto, uma idéa que pôde combinar muito bem as duas correntes de opinião e satisfazer os intuitos de ambas as partes. Essa idéa é lançar uma taxa moderada ás companhias estrangeiras e libertar de todo imposto as nacionaes. D'este modo, aquellas virão trazer-nos todos os invernos algum regalo novo, e as nacionaes poderão viver desabafadas de uma imposição onerosa, por mais leve que seja. Creio que assim se cumprirá o dever de animar as artes, sem distincção de origens, ao mesmo tempo que se protegerá a arte nacional. Que importa que, ao lado d'ella, seja protegida a arte franco-brasileira? Esta é um fructo local; se merece menos que a outra não deixa de fazer algum jus á equidade. Ahi fica a idéa; é exequivel. Não a dou por di:heiro, mas de graça e a serio.

Não me arguam de prestar tanta attenção á lingua de uma arte e á meia lingua de outra. Grande cousa é a lingua. Aquelle diplomata venezolano que acaba de atordoar os espiritos dos seus compatriotas pela revelação de que o tratado celebrado com a Inglaterra, graças aos bons officios dos Estados Unidos, serve ao interesse d'estes dois paizes com perda para Venezuela, pôde não ter razão (e creio que não tenha), mas dá prova certa do que vale a lingua. Os outros dois são inglezes, fallam inglez; foi o pai que ensinou esta lingua ao filho. Venezuela é uma das muitas filhas

e netas de Hespanha que se deixaram ficar por este mundo. A lingua castelhana é rica; mas é menos fallada. Se o diplomata tivesse razão, em Caracas, que é o Rio de Janeiro de Venezuela, as companhias nacionaes é que aguentariam os maiores impostos, emquanto que as de Londres e New York representariam sem pagar nada. Mas é um desvario, de certo; esperemos outro telegramma.

Relevem o estylo e as idéas; a minha dôr de cabeça não dá para mais.

*
* * *

20 de Dezembro.

E' minha opinião que não se deve dizer mal de ninguém, e ainda menos da policia. A policia é uma instituição necessaria á ordem e á vida de uma cidade.

Nos melhores tempos da nossa bella Guanabara, como lhe chamam poetas, tinhamos o Vidigal e o Aragão. Esse Aragão, que eu não conheci, vinha ainda fallar aos de minha geração pela bocca do sino de S. Francisco de Paula, ás 10 horas da noite — hora de recolher, fazendo lembrar aquillo da opera : — *Habitanti di Parigi é ora di riposar.*

O' tempos! tempos! Os escravos corriam para a casa dos senhores, e todo o cidadão, por mais livre que fosse, tinha obrigação de se deixar apalpar, a ver se trazia navalha na algibeira. Era primitivo, mas tiradas as navalhas aos malfeitores, poupava-se a vida á gente pacifica.

Não se deve dizer mal da policia. Ella póde não ser boa, póde não ter sagacidade, nem habilidade,

nem methodo, nem pessoal; mas, com tudo isso, ou sem tudo isso, é instituição necessaria. Os tempos vão supprindo as lacunas, emendando os defeitos. Para fallar de nós, já começamos a perder a idéa de uma policia eleitoral ou de um canapé destinado a alguem que passa de um cargo a outro e descança um mez para tomar folego. O pessoal secreto é difficil de escolher; outr'ora, nem sequer era secreto. Quem se não lembra daquelle famoso assassinato da rua Uruguayana, ha annos, cujo autor fugia perseguido por pessoas do povo que bradavam : « Péga ! é secreta ! » Duas licções houve nesse acontecimento : 1º, o crime praticado pela virtude; 2º, o secreto conhecido de toda gente. Não obstante, repito, a instituição é necessaria, e antes mediocre que nenhuma.

Agora mesmo, se nada se tem encontrado acerca da dynamite tirada de um deposito, é porque os ladrões de dynamite não são como os de simples lenços pendurados ás portas das lojas. Estes são obrigados a furtar de dia, á vista do dono e dos passantes, correm, são perseguidos pelo clamor publico, e afinal pegados. Eu, apezar do gosto que tenho á psychologia, ainda não pude descobrir o movel secreto das pessoas que perseguem n'este caso a um gatuno. E' o simples impulso da virtude? E' o desejo de perseguir um homem habil que quer escapar á lei? Mystério insondavel. A virtude é, de certo, um grande e nobre motivo, e se pudesse haver deliberação no acto, não ha duvida que ella seria o motivo unico; mas, não se póde deliberar quando alguem furta um lenço e foge; o acto da corrida é immediato. Se os perseguidores fossem outros logistas, não ha duvida que, por aquelle seguro mutuo natural entre pessoas interessadas, cada um trataria de capturar e fazer punir o que

defraudou o vizinho, e póde amanhã vir defraudá-lo a elle. Mas, em geral, os perseguidores são pessoas que nada têm com aquillo. Nenhum d'elles levaria nunca o lenço de ninguem; não contesto que um ou outro, posto em corredor escuro e solitario, diante de um relógio de ouro, regulando bem, longe dos homens, difficilmente sahirá sem o relógio no bolso. E', por outra maneira, o problema de Diderot. Não vades crer que eu condemno a perseguição dos delinquentes; ao contrario, applaudo o espirito de solidariedade que deve prender o cidadão á autoridade e á lei; mas não fallo em these, fallo em hypothese.

Portanto, não admira que a dynamite continue encoberta. Ha mais cousas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã philosophia. E' velho este pensamento de Hamlet; mas nem por velho perde. Eu não peço ás verdades que usem sempre cabellos brancos, todas servem, ainda que os tragam brancos ou grisalhos. Ora, se ha muita cousa entre o céu e a terra, a dynamite póde lá estar; é muita, convenho, mas o espaço é vasto e sobra. Como iremos busca-la tão alto? A policia, — a propria policia ingleza, que dizem ser a melhor aparelhada, ainda não possui agentes aereos. Ouço que ha agora dois homens em Paris que tencionam ir em balão descobrir... o que? descobrir o pólo; mas pólo não é dynamite, que faz voar casas e tuneis de estradas de ferro. Pólo não vive escondido; deixa-se estar á espera. Notemos que os interrogados até agora não disseram nada que esclareça sobre o paradeiro da materia roubada; ou são innocentes, ou estão ligados por juramentos terriveis, a não ser que o proprio interesse lhes tape a bocca; explicação esta muito natural. Não havendo meios

de tortura, — o latego ao menos, — como fazer fallar a pessoas mudas?

Mas, tudo isto me tem desviado do ponto a que queria ir. Vamos a elle. Não se deixem levar por apparencias; não cuidem que faço aqui um noticiario criminal. A boa regra para quem empunha uma penna é só tratar do que póde dar de si algum succo, — uma idéa, uma descoberta, uma conclusão. Não dando nada, não vale a pena gastar papel e tinta; melhor é abrir as janellas e ouvir o passaredo que canta no arvoredado, para rimarem juntos, e os insectos que zumbem, o trem da linha do Corcovado que sobe, e ver o sol que desce por estas montanhas abaixo, garrido e callido, como um rapaz de vinte annos. Grande sol, quando esfriarás tu? em que seculo apagarás o facho, com que andas pela escuridão do infinito? Talvez a terra já não exista, com todas as suas cidades, policia-das ou não.

Um amigo meu teve um roubo em casa, um cofre de joias. Quando, ignoro; póde ter sido agora, póde ter sido antes de 13 de maio, antes da guerra do Paraguay, antes da guerra dos Farrapos, antes da guerra de Troya. Afinal, que valem datas! Supponhamos que é da opera :

*C'est à la cour du roi Henri,
Messieurs, que se passait ceci.*

Furtadas as joias, o meu amigo conseguiu dar com ellas, dentro do cofre, e o cofre escondido em uma chacara, á espera talvez da noite seguinte, para poder ser levado, com o grande peso que tinha. Já estava aberto, com dois relógios de menos. No trabalho a que elle se deu foi acompanhado por uma praça de policia, afim de capturar o ladrão, se fosse achado; mas o ladrão não appareceu.

Este meu amigo é advogado. Qualquer profano, descoberto o cofre, leva-lo-hia para casa, dando graças a Deus por só haver perdido os relógios. O meu amigo, antes de tudo, cuidou no corpo de delicto. Fez-me lembrar aquelle coronel inglez, Melvil, que ao saber dos ferimentos do irmão da bella Colomba, admirou-se de não terem ainda apresentado queixa a um magistrado. « Fallára do inquerito pelo coroner e de muitas outras cousas desconhecidas na Corsega », narra finalmente Merimée. O meu amigo queria por força que se fizesse corpo de delicto, e foi á policia uma vez, duas, tres, penso que quatro, mas não affirmo. O intervallo foi sempre, mais ou menos de duas horas; mas não achou nunca autoridade dispo-nivel. Não era preciso ouvir que voltasse depois; elle voltaria, elle voltou, e (vêde o premio da tenacidade!) tanto voltou que achou uma. Então contou-lhe o caso, e acabou pedindo corpo de delicto.

— Bem, responderam-lhe; vai-se fazer mas *onde está o ferido?*

A alma do meu amigo não lhe cahiu ao chão, porque elle, depois de tantas idas e vindas, já não tinha alma. Perdeu a falla, isso sim; não soube que responder. Essa noção tão particular do corpo de delicto fez voltar ao coração todas as bellas cousas que preparara. Para ser exacto, não affirmo que sahisse calado; pôde ser que afinal apresentasse algumas explicações, vagas, tortas, vexadas, apenas suspiradas, ao canto da bocca. E tornou para casa, dando mentalmente os dous relógios ao ladrão, para que elle não fosse para o inferno com esse peccado ás costas; irá com outros. Emfim, o meu amigo quiz gratificar a praça que o acompanhou nas pesquisas; a praça recusou, dizendo haver estado ali cumprindo a sua obrigação. Eis ahi uma boa

nota policial, e não faltarão outras, como a do assalto ás tavolagens, em que nunca as mãos lhe doam.

E a conclusão? A conclusão é que nem todas as palavras têm o mesmo echo em todas as cabeças, e ha muitas noções diversas para um só e triste vocabulo. *Ergo bibamus.*

*
* *

27 de Dezembro.

Leitor, aproveitemos esta rara occasião que os deuses nos deparam. Só dois folegos vivos não são candidatos ao governo da cidade, tu e eu. E ainda assim não respondo por ti; n'este seculo de maravilhas póde dar-se que um candidato tenha alma bastante para ler, ao café, uma columna de sensaborias, e ir depois pleitear a palma de combate. Tudo é possível. Já se veem ossos atravez da carne; dizem que Edison medita dar vista aos cegos. E' o que faz na Bahia. sem outro instrumento mais que a suggestão, o nosso grande thaumaturgo Antonio Conselheiro.

Mas em que é que aproveitaremos esta occasião rara? Em dizer das letras e da poesia. Aqui temos Valentim Magalhães com o romance *Flór de sangue*; aqui temos Lucio de Mendonça com as *Canções do Outono*. Iremos votar, de certo, tu e eu, mas ha-de ser depois de me haveres lido e bebido a chavena de café. O meu titulo de eleitor não é dos que ficaram devolutos para que um cidadão anonymo pegasse d'elles e os offerecesse a outros. Francamente, como é que esse cavalheiro não viu que não se fazem distribuições taes senão a pessoas seguras, já apalavradas, de olho

fino? Em que estava pensando quando entregou os títulos a desconhecidos que o foram denunciar? Não é que eu condemne o acto. A verdadeira theoria politica é que não ha eleitores, ha títulos. Um eleitor que é? Um simples homem, não diverso de outro homem que não seja eleitor; a mesma figura, os mesmos órgãos, as mesmas necessidades, a mesma origem, o mesmo destino; ás vezes, o mesmo alfaiate; outras, a mesma dama. Que é que os faz differentes? Esse pedaço de papel que leva em si um pedaço de soberania. O homem pôde ser banqueiro, agricultor, operario, commerciante, advogado, medico, pôde ser tudo; eleitoralmente é como se não existisse : sem titulo, não é eleitor.

Ora bem, dada a abstenção, descuido, esquecimento ou ignorancia da parte dos donos dos títulos, devem ou podem estes papeis, estes direitos incorporados ficar como terrenos baldios, sem a cultura do voto? E' claro que não. Uma lei de desappropriação com processo summario que tirasse o titulo ao eleitor remisso, tres dias antes da votação, e o desse a quem mais desse, seria a fórmula legal de restituir áquelle papel os seus effeitos. Mas, porque não temos uma lei d'essas, devemos tratar direitos politicos, direitos constitucionaes, como se fossem o lixo das praias, o capim das calçadas ou o palmo de pó que enche todas essas ruas, e que o vento, a carroça, o pé da besta levantam, que entra pelos nossos pulmões, céga-nos, suja-nos, irrita-nos, faz-nos mandar ao diabo o municipio e o seu governo? Não; seria quasi um crime.

Portanto, o erro da pessoa que andou a offerecer títulos alheios foi a inhabilidade. Alguns querem que o cidadão induzido a votar por outro, esteja a meio caminho de furtar um par de botas. E' um erro; se

o facto de votar por outro levassé alguém ao latrocínio, esta arte estaria em outro pé; ora, é sabido que não a póde haver mais rudimentaria ou mais decadente. Já não ha testamentos falsos. Salvo algum peculato, desfalque ou cousa assim, a maior parte dos roubos são verdadeiras miserias. Pouca audacia, nenhuma originalidade. Talvez por isso, mal os jornaes dão noticia de um delicto d'esses, o esquecimento absorve o criminoso. Não imprimam *absolve*; quem *absolve* é o jury, no caso de haver processo; eu digo que o esquecimento absorve o criminoso, no sentido de se não fallar mais n'isso.

Mas deixemos criminologias, e venhamos aos dois livros da quinzena. A *Flôr de sangue* póde dizer-se que é o successo do dia. Ninguem ignora que Valentim Magalhães é dos mais activos espiritos da sua geração. Tem sido jornalista, chronista, contista, critico, poeta, e, quando preciso, orador. Ha vinte annos que escreve dispersando-se por varios generos, com igual ardor e curiosidade. Quem sabe? Póde ser que a politica o attraia tambem e iremos vê-lo na tribuna, como no jornalismo, em attitude de combate, que é um dos caracteristicos do seu estylo. Naturalmente nem tudo o que escreveu terá o mesmo valor. Quem compõe muito e sempre, deixa paginas somenos; mas é já grande vantagem dispôr da facilidade de producção e do gosto de produzir.

Pelo que confessa no prefacio, Valentim Magalhães escreveu este romance para fazer uma obra de folego e satisfazer assim a critica. No fim do prefacio, referindo-se ao romance e ao poema, como as duas principaes formas literarias, conclue: «Tudo o mais, contos, odes, sonetos, peças theatraes são matizes, variações, gradações; motivos musicaes, apenas porque as ope-

ras são só elles. » Este juizo é por deſnais summario Parece-me erro pôr assim tão em baixo *Otheloe Tartufo*. Os sonetos de Petrarca formam uma bonita opera. E Musset? Quantas obras de folego se escreveram no seu tempo que não valem as *Noites* e toda a juventude de seus versos, entre elles este, que vem ao nosso caso :

Mon verre n'est pas grand, mais je bois dans mon verre.

Taça pequena, mas de ouro fino, cheia de vinho puro, vinho de todas as uvas, gauleza, hespanhola, italiana e grega, com que elle se embriagou a si e ao seu seculo, e ahí vai embriagar o seculo que desponta. Quanto ás ficções em prosa, conto, novella, romance, não parece justo desterrar as de menores dimensões. *Clarisse Harlowe* tem um folego de oito volumes. Taine crê que poucos supportam hoje esse romance. Poucos é muito : eu acho que raros. Mas o mesmo Taine prevê que no anno 2.000 ainda se lerá a *Partida de gamão*, uma novellinha de trinta paginas; e, fallando das outras narrativas do autor de *Carmen*, todas de escasso tomo, faz esta observação verdadeira : « E' que são construidas com pedras escolhidas, não com estuque e outros materiaes da moda. »

Esté é o ponto. Tudo é que as obras sejam feitas com o folego proprio e de cada um, e com materiaes que resistam. Que Valentim Magalhães póde compôr obras de maior folego, é certo. Na *Flôr de sangue* o que o prejudicou foi querer fazer longo depressa. A acção, aliás vulgar, não dava para tanto, mal chegaria a metade. Ha muita cousa parasita, muita repetida, e muita que não valia a pena trazer da vida ao livro. Quanto á pressa, a que o autor nobremente attribue os defeitos de estylo e de lingua-

gem, é causa ainda de outras imperfeições. A maior d'estas é a psychologia do Dr. Paulino. O autor espiritualisa á vontade um homem que, a não ser a sua palavra, dá apenas a impressão do lubrico; e não ha admittir que, depois da temporada de adulterio, elle se mate por motivos de tanta elevação nem ainda por suppor não ser amado. Não tenho espaço para outros lances inadmissiveis, como a ida de Corina á casa da rua de Santo Antonio (pag. 141). Os costumes não estão observados. Já Lucio de Mendonça contestou que tal vida fosse a da nossa sociedade. O erotismo domina mais do que se devêra esperar, ainda dado o plano do livro.

Não insisto; ahi fica o bastante para mostrar o apreço em que tenho o talento de Valentim Magalhães, dizendo-lhe alguma cousa do que me parece bom e menos bom na *Flôr de Sangue*. Que ha no livro certo movimento, é fóra de duvida; e esta qualidade em romancista vale muito. Verdadeiramente os defeitos principaes d'este romance são dos que a vontade do autor póde corrigir nas outras obras que nos der, e que lhe peço sejam feitas sem nenhuma idéa de grande folego. Cada concepção traz virtualmente as proporções devidas; não se porá *Mme. Bovary* nas cem paginas de *Adolpho*, nem um conto do Voltaire nos volumes compactos de George Elliot.

Para que Valentim Magalhães veja bem a nota assás aguda que deu a algumas partes da *Flôr de Sangue*, leia o prefacio de Araripe Junior nas *Canções do Outomno*, comparado com o livro de Lucio de Mendonça. O valente critico falla longamente do amor, e sem biocos, pela doutrina que vai além de Mantegazza, segundo elle mesmo expõe; e definindo o poeta das *Canções do Outomno*, falla de um ou outro toque de sensualidade

que se possa achar nos seus versos. Entretanto, é bem difficil vêr no livro de Lucio de Mendonça cousa que se possa dizer sensual. *O idéal* é o titulo da primeira composição; elle amarâ em outras paginas com o ardor proprio da juventude; mas as sensações são apenas indicadas. Basta lembrar que o livro (magnificamente impresso em Coimbra) é dedicado por elle á esposa, então noiva.

Varios são os versos deste volume, de varia data e varia inspiração. Não sahem da pasta do poeta para a luz do dia, como segredos guardados até agora; são recolhidos de jornaes e revistas, por onde Lucio de Mendonça os foi deixando. O merito não é igual em todos; a *Flor do Ipé*, a *Tapera*, a *Ave Maria*, para só citar tres paginas, são melhor inspiradas e bem compostas que outras, — versos de occasião. Ha tambem traduções feitas com apuro. Por que fatalidade acho aqui vertido em nossa lingua o soneto *Analyse*, de Richepin? Nunca pude ir com esta pagina do autor de *Fleurs du Mal*. Essa analyse da lagrima, que só deixa no crisol *agua, sal, soda, muco e phosphato de cal*, em que é que diminue a intensidade ou altera a espiritualidade dos sentimentos que a produzem? E' o proprio poeta que, na *Charogne*, annunciando á amante que será cadaver um dia, canta as suas emoções passadas :

Alors, o ma beauté, dites á la vermine
 Qui vous mangera de baisers,
 Que j'ai gardé la forme et l'essence divine
 De mes amours décomposés.

Pois a lagrima é isso, é a essencia divina, seja da dôr, seja do prazer, seja ainda da colera das pobres creaturas humanas. Felizmente, no mesmo volume o poeta nos dá a traducção do famoso soneto de Arvers

e de outras composições de merito. Eu ainda não disse que tive o gosto de prefaciár o primeiro volume de Lucio de Mendonça, e não o disse, não só para não fallar de mim, — que é máo costume, — mas para não dar razão aos que me arguem de entrar pelo inverno da vida. Em verdade, esse rapaz, que eu vi balbuciar os primeiros cantos, é hoje magistrado e alto magistrado, e o tempo não terá andado só para elle. Mas isso mesmo me faz relembrar aquella circumstancia. Eis-nos aqui os dois, após tantos annos, sem haver descrido das letras, e achando nellas um pouco de descanso e um pouco de consolo. Muita cousa passou depois das *Nevoas Matutinas*; não passou a fé nas musas, e basta.

1897

3 de Janeiro.

A importancia da carta que se vai ler devia excluir qualquer outro cuidado esta semana; mas não se perde nada em rectificar um lapso. Pequeno lapso: domingo passado escrevi « autor de *Fleurs du Mal* » onde devêra escrever « autor de *Blasphèmes* », tudo porque uma estrophe de Baudelaire me cantava na memoria para corrigir com ella o seu patricio Richepin. Vamos agora á carta. Recebi-a ante-hontem de um cidadão americano, o Rev. M. Going, que aqui chegou em agosto do anno findo e partiu a 1 ou 2 de setembro para a ilha da Trindade. — « Suspeito uma cousa », disse-me elle. — « Que cousa? » — « Não posso dizer; se acertar, terei feito uma grande descoberta, a maior descoberta maritima do seculo; se não acertar, fica o segredo commigo. » Podês imaginar agora, leitor, o assombro com que recebi a epistola que vais ler :

« Ilha da Trindade, 26 de dezembro de 1896.

« Caro senhor. — Esta carta vos será entregue pelo Rev. James Maxwell, de Nebraska. Veiu elle commigo a esta ilha, sem saber o fim que me trouxe a ella. Pensava que o meu desejo era conhecer o valor do penhasco que os inglezes queriam tomar ao Brasil, segundo lhe disse em Royal Hotel, 3, rua Clapp, uma

sexta feira. O Rev. Maxwell vos contará o assombro em que ficou e a minha desvairada alegria quando vimos o que elle não esperava ver, o que absolutamente ninguém pensou nem suspeitou nunca.

« Senhor, esta ilha não é deserta, como se affirma; esta ilha tem, do lado oriental, uma pequena cidade, com algumas villas e aldeias proximas. Eu desconfiava disto, não por alguma razão scientifica ou confidencia de navegante, mas por uma intuição fundada em tradição de familia. Com effeito, é constante na minha familia que um dos meus avós, aventureiro e atrevido, deixou um dia as costas da Inglaterra, entre 1648 e 1650, em um velho barco, com meia duzia de tripolantes. Voltou dez annos depois, dizendo ter descoberto um povo civilizado, bom e pacifico, em certa ilha que descreveu. Não temos outro vestigio; mas, não sei por que razão, — creio que por inspiração de Deus, — desconfiei que a ilha era a da Trindade. E acertei; eis a ilha, eis o povo, eis a grande descoberta que vai fechar com chave de ouro o nosso seculo de maravilhas.

« As noticias atropellam-se-me debaixo da penna, de modo que não sei por onde continue. A primeira cousa que lhe digo já é que achei a prova da estada aqui de um Going, no seculo XVII. Dei com um retrato de Carlos I, meio apagado e conservado no museu da cidade. Disseram-me que fôra deixado por um homem que residiu aqui ha tempos infinitos. Ora, o meu avô citado era grande realista e por algum tempo bateu-se contra as tropas de Cromwell. Outra prova de que um inglez esteve aqui é a lingua do povo, que é uma mistura de latim, inglez e um idioma que o Rev. Maxwell affirma ser punico. Effectivamente, este povo inculca descender de uma leva de cartha-

ginezes que sahiu de Carthago antes da vitoria completa dos romanos. Uma vez entrados aqui, juraram que nenhuma relação teriam mais com povo algum da terra, e assim se conservaram. Quando a população chegou a vinte e cinco mil almas, fizeram uma lei reguladora dos nascimentos, para que nunca esse numero seja excedido; unico modo, dizem, de se conservarem segregados da cobiça e da inveja do universo. Não é essa a menor exquisitice d'esta pequena nação; outras muitas têm, e todas serão contadas na obra que empreendi. Porquanto, meu caro senhor, é meu intuito não ir d'aqui sem haver descrito os costumes e as instituições do pequenino paiz que descobri, dizendo de suas origens, raça, lingua o mais que puder colligir e apurar. Talvez lhe traga damno. Não é fóra de proposito crer que a Inglaterra, sabendo que aqui esteve um inglez, ha dois seculos, reclame a posse da ilha; mas, em tal caso, sendo Going meu parente, reivindicarei eu a posse e vencerei por um direito anterior. De facto, todo ente gerado, antes de vir á luz, antes de ser cidadão, é filho de sua mãe, e até certo ponto é avô da geração futura que virtualmente traz em si. Vou escrever n'este sentido a um legista de Washington.

« Fallei de exquisitices. Aqui está uma, que prova ao mesmo tempo a capacidade politica d'este povo e a grande observação dos seus legisladores. Refiro-me ao processo eleitoral. Assisti a uma eleição que aqui se fez em fins de novembro. Como em toda a parte, este povo andou em busca da verdade eleitoral. Reformou muito e sempre; esbarrava-se, porém, diante de vicios e paixões, que as leis não podem eliminar. Varios processos foram experimentados, todos deixados ao cabo de alguns annos. E' curioso

que alguns d'elles coincidissem com os nossos de um e de outro mundo. Os males não eram geraes, mas eram grandes. Havia eleições boas e pacificas, mas a violencia, a corrupção e a fraude inutilisavam em algumas partes as leis e os esforços leaes dos governos. Votos vendidos, votos inventados, votos destruidos, era difficil alcançar que todas as eleições fossem puras e seguras. Para a violencia havia aqui uma classe de homens, felizmente extincta, a que chamam pela lingua do paiz, *kapangas* ou *kapengas*. Eram esbirros particulares, assalariados para amendrontar os eleitores e, quando fosse preciso, quebrar as urnas e as cabeças. A's vezes quebravam só as cabeças e mettiam nas urnas maços de cédulas. Estas cédulas eram depois apuradas com as outras, pela razão especiosa de que mais valia attribuir a um candidato algum pequeno saldo de votos que tirar-lhe os que devéras lhe foram dados pela vontade soberana do paiz. A corrupção era menor que a fraude; mas a fraude tinha todas as fórmãs. Emfim, muitos eleitores, tomados de susto ou de descrença, não acudiam ás urnas.

« Vai então, ha cincoenta annos (os annos aqui são lunares) appareceu um homem de Estado, autor da lei que ainda hoje vigora no paiz. Não podeis, caro senhor conceber nada mais extranho nem tambem mais adequado que essa lei : é uma obra-prima de legislação experimental. Esse homem de Estado, por nome Trumpbal, achou difficuldades em começo, por que a reforma proposta por elle mudava justamente o principio do governo. Não o fez, porém, pelo vão gosto de trocar as cousas. Trumpbal observára que este povo confia menos em si que nos seus deuses; assim, em vez de collocar o direito de escolha na vontade popular, propoz attribui-lo á Fortuna. Fez da eleição

uma consulta aos deuses. Ao cabo de dois annos de luta, conseguiu Trumbal a primeira vitoria. — Pois bem, disseram-lhe; decretemos uma lei provisoria, segundo o vosso plano; far-se-hão por ella duas eleições, e se não alcançar o effeito que esperaes buscaremos outra cousa. Assim se fez; a lei dura ha quarenta e oito annos.

« Eis os lineamentos geraes do processo : Cada candidato é obrigado a fazer-se inscrever vinte dias antes da eleição, pelo menos, sem limitação alguma de numero. Nos dez dias anteriores á eleição, os candidatos expõem na praça publica os seus meritos e examinam os dos seus adversarios, a quem podem accusar tambem mas em termos comedidos. Ouvi um d'esses debates. Comquanto a lingua ainda me fosse difficil de entender, pude alcançar pelas palavras inglezas e latinas, pela compostura dos oradores e pela fria attenção dos ouvintes, que os oradores cumpriam escrupulosamente a lei. Notei até que, acabados os discursos, os adversarios apertavam as mãos uns dos outros, não sómente com polidez, mas com affabilidade. Não obstante, para evitar quaesquer personalidades, o candidato não é designado pelo proprio nome, mas pelo de um bicho, que elle mesmo escolhe no acto da inscrição. Um é aguia, outro touro, outro pavão, outro cavallo, outro borboleta, etc. Não escolhem nomes de animaes immundos, traiçoeiros, grotescos e outros, como sapo, macaco, cobra, burro; mas a lei nada impõe a tal respeito. Nas referencias que fazem uns aos outros adoptaram o costume de annexar ao nome um qualificativo honrado : o brioso Cavallo, o magnifico Pavão, o indomavel Touro, a galante Borboleta, etc., fazendo d'essas controversias, tão facéis de azedar, uma verdadeira escola de educação.

« A eleição é feita engenhosamente por uma machina, um tanto parecida com a que tive occasião de ver no Rio de Janeiro, para sortear bilhetes de loteria. Um magistrado preside á operação. Escrito o titulo do cargo em uma pedra negra, da-se corda á machina, esta gira e faz apparecer o nome do eleito, composto de grandes letras de bronze. Os nomes de todos, isto é, os nomes dos animaes correspondentes têm sido postos na caixa interior da machina, não pelo magistrado, mas pelos proprios candidatos. Logo que o nome de um apparecer, o dever do magistrado é proclamar-o, mas não chega a ser ouvido, tão estrondosa é a aclamação do povo: — « Ganhô o Pavão ! ganhô o Cavallo ! » Este grito, repetido de rua em rua, chega aos ultimos limites da cidade, como um incendio, em poucos minutos. O alvoroço é enorme, é um delirio. Homens, mulheres, crianças, encontram-se e bradam: — « Ganhô o Cavallo ! ganhô o Pavão ! »

« Mas então os vencidos não gemem, não blasphemam, não rangem os dentes ? Não, caro senhor, e ahí está a prova da intuição politica do reformador. Os cidadãos, levados pelo impulso que os faz não descrever jámais da Fortuna, lançam apostas, grandes e pequenas, sobre os nomes dos candidatos. Taes apostas parece que deviam aggravar a dôr dos vencidos, uma vez que perdiam candidato e dinheiro; mas, em verdade, não perdem as duas cousas. Os cidadãos fizeram d'isto uma especie de perde-ganha; cada partidario aposta no adversario, de modo que quem perde o candidato ganha o dinheiro, e quem perde o dinheiro ganha o candidato. Assim, em vez de deixar odios e vinganças, cada eleição estreita mais os vinculos politicos do povo. Não sei se uma grande cidade poderia adoptar tal systema; é duvidoso. Mas

para cidades pequenas não creio que haja nada melhor. Tem a doçura, sem a monotonia do vispora. E, deixai-me que vol-o diga francamente, appellando para os seus deuses, este povo, que conserva as crenças erroneas da raça originaria, pensa que são elles que o ajudam; mas, em verdade, é a Providencia Divina. Ella é que governa a terra toda e dá luz á escuridão dos espiritos. Está em Isaias : « Ouvi, ilhas, e attendei, povos de longe. » Está nos *Psalms* : « Do Senhor é a redondeza da terra e todos os seus habitadores, porque elle a fundou sobre os mares e sobre os rios. »

« Haveria muito que dizer se pudesse contar outros costumes deste povo, fundamentalmente bom e ingenuo; mas páro aqui. Conto estar de volta no Rio de Janeiro em fins de maio ou principios de junho. Peçovos que auxiliéis o meu amigo Rev. Maxwell; elle vai buscar-me alguns livros e um apparelho photographico. Indagai delle as suas impressões, e ouvireis a confirmação do que vos digo. Adeus, meu caro senhor; crede-me vosso muito obediente servo — GOING. »

O Rev. Maxwell confirma realmente tudo o que me diz a carta do Rev. Going. São dois sacerdotes; e, embora protestantes, não creio que se liguem para rir de um homem de boa fé. E' tudo, porém, tão extraordinario que, para o caso de ser um simples *humbug*, resolvi publicar a carta. Os entendidos dirão se é possível a descoberta.

*
* *

24 de Janeiro.

Ante-hontem, quando os sinos começaram a tocar

a finados, um amigo disse me: « Um dos dois morreu, o arcebispo ou o papa. » Não foi o papa. Aquelle velhinho transparente, com perto de noventa annos ás costas, além do governo do mundo catholico, continúa a enterrar os seus cardeaes. Agora mesmo, por telegramma impresso hontem, sabe-se que morreu mais um cardeal, com o qual sobem a cento e dezoito os que se têm ido da vida, enquanto Leão XIII fica á espera da hora que ainda lhe não bateu. Outro amigo meu, que ja vira duas vezes o velho pontifice, acaba de escrever-me que o viu ainda uma vez, em dezembro, na cerimonia da imposição do chapéo a alguns novos cardeaes. Descreve a fórma da cerimonia, cheio de admiração e de fé. — uma fé sincera e singela, flôr dos seus jovens annos. Ouvira uma missa ao papa, e, posto enfraquecido pela idade, este lhe pareceu resistir á acção do tempo.

Não succedeu o mesmo ao digno arcebispo do Rio de Janeiro. Posto que muito mais moço, foi mais depressa tocado pela hora da morte. D. João era um lutador; as folhas do dia lembram ou nomeiam os livros e opusculos que escreveu, não contando o trabalho de jornalista, obra que desaparece todos os dias com o sol, para recommençar com o mesmo sol, e não deixar nada na memoria dos homens, a não ser o vago sulco de um nome, que se apaga (para os melhores) com a segunda geração. Este homem, nado em Barcelona, filho de um belga e de uma senhora hespanhola, — creio que era hespanhola, — estava longe de crer que acabaria na séde archiepiscopal de uma grande capital da America. Taes são os destinos, taes os ventos que levam a vela de cada um, — ou para a navegação costeira e obscura, ou para a descoberta remota e gloriosa.

Era um lutador. Eu confesso que a primeira e mais viva impressão episcopal que tenho não é de homem de combate, talvez por que a hora não era de combate. A impressão que me ficou mais funda foi a d'aquelle D. Manuel do Monte Rodrigues, conde de Irajá. A bocca cheia de riso, como frei Luiz de Souza refere de S. Bartholomeu dos Martyres, os olhos pequenos, com a pouca luz restante, coados pelos vidros grossos dos oculos de ouro, a benção prompta, a mão já tremula, o corpo já curvado, descia da sege episcopal, todo vestido de paz e socego. Uma figura d'aquellas, na imaginação da criança, facilmente se liga á idéa da immortalidade. Um dia, porém, D. Manuel morreu. A terra, credor que não perdoa, e apenas reformará algumas letras, veiu pedir-lhe a restituição do empréstimo. D. Manuel entregou-lh'o, augmentado dos juros de uma vida de virtudes e trabalhos.

Veiu o moço D. Pedro, e com pouco souou a hora de combate, que foi longa e ruidosa. A parte d'elle não foi grande na luta; pelo menos, não teve igual écho aos outros. Nem por isso a imagem do primeiro bispo me ficou apagada pela do segundo, apesar do auxilio do tempo em favor de D. Pedro.

Não era a mansidão que conservava o relevo d'aquelle. Nenhum lutador mais impetuoso, mais tenaz e mais capaz que D. Vital, bispo de Olinda, e a impressão que este me deixou foi extraordinaria. Vi-o uma só vez, á porta do tribunal, no dia em que elle e o bispo do Pará tiveram de responder no processo de desobediencia.

A figura do frade, com aquella barba cerrada e negra, os olhos vastos e placidos, cara cheia, moça e bella, desceu da sege, não como o velho D. Manuel, mas com um grande ar de desdem e superioridade,

alguma cousa que o faria contar como nada tudo o que se ia passar perante os homens. Sabe-se que morreu na Europa, creio que na Italia. Ha quem acredite que voluntariamente não tornaria á cadeira de Pernambuco. Ao seu companheiro de então, o bispo do Pará, tive occasião de vel-o ainda, n'uma sala, familiar e grave, attrahente e circumspecto, mas já sem aquelle clangor das trombetas de guerra; a campanha acabára, a tolerancia recuperára os seus direitos.

Tambem a luta para o arcebispo D. João não era a mesma; não havia a crise dos primeiros tempos em que se distinguio. Era a luta de todos os dias, que a imprensa catholica naturalmente mantem contra principios e institutos que lhe são adversos, sem por isso concitar os fieis á desobediencia e á destruição. Leão XIII é o modelo d'essa defesa do dogma sem a agitação da guerra, tolerando o que uns chamam calamidade dos tempos, outros conquistas do espirito civil, mas que, sendo factos estabelecidos, não ha modo visivel de os desterrar d'este mundo. Quem esperará que a igreja reconheça nenhum outro matrimonio, além do catholico? Mas quem quererá que recuse a benção aos que se casam civilmente? Não é só o imposto que se dá a Cesar, ou não é só o imposto em dinheiro; é tambem a obediencia ás suas leis. A igreja protestará, mas viverá.

Este ponto prende com outro bispo, o do Rio Grande, que pregou agora em uma igreja de Santa Maria da Boca do Monte contra o casamento civil e contra os que se não confessam. Diz uma carta aqui publicada que foi tão violento em sua linguagem que o povo que enchia a igreja veiu espera-lo á porta e fez-lhe uma demonstração de desagrado. O correspondente chama-lhe — « *charivari* medonho. » Eu

posso não entender bem nem mal a violencia do bispo; mas o que ainda menos entendo é a dos fieis. Que foram então os fieis fazer ao templo onde pregava o bispo? Foram lá, porque são fieis, por que estão na mesma communhão de sentimentos religiosos. Se a tolerancia lhes parecia conveniente, e a brandura necessária, era caso de discordar do bispo e até lastimá-lo, mas pateá-lo? Que fariam então os mais terríveis inimigos do *Credo*? Porque a pateada, « o *charivari* medonho » é a *ultima ratio* do desagrado. Alguns, considerando o bastão, pensarão que aquella é só penultima. Mas nem uma nem outra razão é propria de catholicos. Salvo se os fieis que ouviam o bispo eram meros passeantes que entraram na igreja como em um parque aberto, para descançar a vista e os pés. Póde deduzir-se isto, em desespero de causa; mas, francamente não sei que pense. Folguemos em crer que o arcebispo agora morto não daria aso a tal explosão, não só por si, mas ainda pelo respeito em que o tinham.

*
* *

7 de Fevereiro.

A semana é de mulheres. Não fallo daquellas finas damas elegantes que dançaram em Petropolis por amor de uma obra de caridade. Para fallar dellas não faltarão nunca pennas excellentes. Quizera dizer pennas de alguma ave graciosa, assim de emparelhar com a de aguiá que vai servir para assignar o tratado de arbitramento entre os Estados Unidos e a Inglaterra. Mas se o nome de penna ficou ao pedacinho de metal

que ora usamos, direi ás damas de Petropolis que tambem haverá um coração para adornar as que escreverem dellas, como houve um para enfeitar a penna da aguia diplomatica. Differem os dois corações em ser este de ouro, cravejado de brilhantes. E são inglezes ! e são anglo-americanos ! E dizem-se homens praticos e duros ! Em meio de tanta dureza e tanta pratica, lá acharam uma nesga azul de poesia, um raio de symbolismo e uma expressão de sentimento que se confunde com o dos namorados.

Nós, que não somos praticos e temos uma nota de meiguice no coração, tão alegres que enchemos as ruas de *confetti* cinco ou seis semanas antes do carnaval, nós não proporíamos aquelle coração de ouro com brilhantes para assignar o tratado. Não é porque as nossas finanças estão antes para o simples aço de Birmingham, mas por não cahir em ternura publica, n'este fim de seculo, e um pouco por medo da troça. Nós temos da seriedade uma idéa que se confunde com a de sequidão. Ministro que em tal pensasse cuidaria ouvir, alta noite, por baixo das janellas, ao som do violão, aquelles celebres versos de Laurindo :

Coração, por que palpitas?
Coração, por que te agitas?

Os inglezes e os anglo-americanos, esses são capazes de achar uma nota de poesia nas mulheres de soldados que se foram despedir de seus amigos do 7º batalhão, quando este embarcou para a Bahia, quarta-feira. Foram despedir-se á praia, como as esposas dos *Lusitadas* e até as fizeram lembrar aos que não esqueceram este e os demais versos : « Qual em cabello : ó doce e amado esposo ! » As differenças são grandes; umas eram consortes dos barões assignalados que saíram a

romper o mar « que geração alguma não abriu », estas cá são tristes socias dos soldados, e não podiam ir com elles, como de costume. Queriam acompanhá-los até á Bahia, até o sertão, até os Canudos, onde o major Febronio não entrou, por motivos constantes de um documento publico. Dizem que choravam muitas; dizem que outras declaravam que iriam em breve juntar-se a elles, tendo vivido com elles e querendo morrer com elles. D'ellas não poucas os vieram acompanhando de Santa Catharina e nada conheciam da cidade, mas bradavam com a mesma alma que buscariam meios de chegar até onde chegasse a expedição.

Talvez tudo isso vos pareça réles e chato. Deus meu, não são as lastimas de Dido, nem a meia duzia de linhas da noticia podem pedir meças aos versos do poeta. Os soldados do 7º batalhão não são Enéas; vão á cata de um illuminado e seus fanaticos, empreza menos para gloria que para trabalhos duros. Assim é; mas é tambem certo, pelo que dizem as gazetas, que as taes mulheres padeciam devéras. Ora, a dôr, por mais rasteira que dôa, não perde o seu officio de doer. Essas amigas de quartel não elevam o espirito, mas póde ser que contriste ouvi-las, como entristece ver as feridas dos mendigos que andam na rua ou residem nas calçadas, corredores e portas.

Entre parenthesis, não excludo do numero dos mendigos aquelles mesmos que têm carro, porquanto as suas despezas são relativamente grandes. Ha dias, alguem que lê os jornaes de fio a pavio deu com um annuncio de um homem que se offerecia para puxar carro de mendigo; donde concluia esta senhora (é uma senhora) que ha homens mais mendigos que os proprios mendigos. Chegou ao ponto de crer que a

carreira do mendigo é prospera, uma vez que a dos seus criados é attractiva. Não vou tão longe; eu creio que antes ser director de banco, — ainda de banco que não pague dividendos. Tem outro asseio, outra compostura, outra respeitabilidade, e durante o exercicio governa o mercado, ou faz que governa, que é a mesma cousa.

Pobres amigas de quartel! Não direi, para fazer poesia, que fostes misturar as vossas lagrimas amargas com o mar, que é tambem amargo; faria apenas um trocadilho, sem grande sentido, pois não é o sal que dóe. Tambem não quero notar que a afflicção é a rasoura da gala e do molambo. Não; eu sou mais humano; eu peço para vós uma esperanza, — a esperanza maxima, que é o esquecimento. Se não houvedes dinheiro para embarcar, pedi ao menos o esquecimento, e este calumniado amigo dos homens pôde ser que venha sentar-se á beira das velhas taboas que nos servem de leito. Se elle vier, não o mandeis embora; ha casos em que elle não é preciso, e entretanto fica e faz prosperar um sentimento novo. No vosso pôde ser necessario. Emquanto o socio perde uma perna cumprindo o seu dever, a socia deslembrada perde a saudade, que dóe mais que ferro no corpo, e tudo se accomoda.

Lagrimas parecem-se com feretros. Quando algum destes passa, rico ou pobre, acompanhado ou sózinho, todos tiram o chapéo sem interromper a conversação, que tanto pôde ser da expedição dos Canudos como do naufragio da Lage. Por isso, descobre-te ao ver passar aquellas outras lagrimas humildes e desesperadas que verteram as esposas e filhos dos operarios que naufragaram na fortaleza. Tambem estas correram á praia, umas pelos pais, outras pelos maridos,

todas por defuntos, dos quaes só alguns appareceram; a maior parte, se não ficou ali no seio das aguas, foi levada por estas, barra fóra, á descoberta de um mundo mais que velho.

Era uso dos operarios irem ás manhãs e tornarem ás tardes; mas o mar tem surprises, e as suas aguas não amam só as victimas illustres. Tambem lhes servem as obscuras, sem que aliás precisem de umas nem de outras; mas é por amor dos homens que ellas os matam. Assim ficam elles avisados a se não arrisquem mais sem grandes cautelas. Em caso de desespero, não trabalhem. O trabalho é honesto, mas ha outras occupações pouco menos honestas e muitos mais lucrativas.

*
* *

14 de Fevereiro.

Conheci hontem o que é celebridade. Estava comprando gazetas a um homem que as vende na calçada da rua de S. José, esquina do largo da Carioca, quando vi chegar uma mulher simples e dizer ao vendedor com voz descançada :

— Me dá uma folha que traz o retrato d'esse homem que briga lá fóra.

— Quem?

— Me esqueceu o nome d'elle

Leitor obtuso, se não percebeste que « esse homem que briga lá fóra » é nada menos que o nosso Antonio Conselheiro, crê-me que és ainda mais obtuso do que pareces. A mulher provavelmente não sabe ler, ouviu falar da seita dos Canudos, com muito pormenor mys-

terioso, muita aureola, muita lenda, disseram-lhe que algum jornal dera o retrato do Messias do sertão, e foi compra-lo, ignorando que nas ruas só se vendem as folhas do dia. Não sabe o nome do Messias; é «esse homem que briga lá fóra». A celebridade, caro e tapado leitor, é isto mesmo. O nome de Antonio Conselheiro acabará por entrar na memoria d'esta mulher anonyma, e não sahirá mais. Ella levava uma pequena, naturalmente filha; um dia contará a historia á filha, depois á neta, á porta da estalagem, ou no quarto em que residirem.

Esta é a celebridade. Outra prova é o echo de Nova York e de Londres onde o nome de Antonio Conselheiro fez baixar os nossos fundos. O effeito é triste, mas vê se tu, leitor sem fanatismo, vê se és capaz de fazer baixar o menor dos nossos títulos. Habitante da cidade, podes ser conhecido de toda a rua do Ouvidor e seus arrabaldes, cançar os chapéos, as mãos, as bocas dos outros em saudações e elogios; com tudo isso, com o teu nome nas folhas ou nas esquinas de uma rua, não chegarás ao poder daquelle homemsinho, que passeia pelo sertão uma vila, uma pequena cidade, a que só falta uma folha, um theatro, um club, uma policia e sete ou oito roletas, para entrar nos almanacks.

Um dia, annos depois de extincta a seita e a gente dos Canudos, Coelho Netto, contador de cousas do sertão, talvez nos dê algum quadro d'aquella vida, fazendo-se chronista imaginoso e magnifico d'este episodio que não tem nada fim-de-seculo. Se leste o *Sertão*, primeiro livro da *Collecção Alva*, que elle nos deu agora, concordarás commigo. Coelho Netto ama o sertão, como já amou o Oriente, e tem na pálheta as cores proprias — de cada paisagem. Possui o senso da vida exterior.

Dá-nos a floresta, com os seus rumores e silencias, com os seus bichos e rios, e pinta-nos um caboclo que, por menos que os olhos estejam acostumados a elle, reconhecerão que é um caboclo.

Este livro do *Sertão* tem as exuberancias do estylo do autor, a minuciosidade das fórmãs, das cousas e dos momentos, o numeroso rol das características de uma scena ou de um quadro. Não se contenta com duas pinceladas breves e fortes; o colorido é longo, vigoroso e paciente, recamado de phrases como aquella do céu quente « donde cahia uma paz cançada », e de imagens como esta : « A vida banzeira, apenas alegrada pelo som da voz de Felicinha, de um timbre fresco e sonoro de mocidade, derivava como um rio lodoso e pezado de aguas grossas, á beira do qual cantava uma ave jocunda. » A natureza está presente a tudo n'estas paginas. Quando Cabiúna morre (*Cega* 280) e estão a fazer-lhe o caixão, á noite, são as aguas, é o farfalhar das ramas fóra que vem consolar os tristes de casa pela perda d'aquelle « esposo fecundante das veigas virgens, patrono humano da floração dos campos, reparador dos flagelos do sol e das borrascas. » *Cega* é uma das mais aprimoradas novellas do livro. *Praga* terá algures demasiado arrojõ, mas compensa o que houver n'ella excessivo pela vibração extraordinaria dos quadros.

Estes não são alegres nem graciosos, mas a gente orça ali pela natureza da praga, que é o cholera. Agora, se quereis a morte jovial, tendes *Firmo, o vaqueiro*, um octogenario que « não deixa cahir um verso no chão », e morre cantando e ouvindo cantar ao som da viola. *Os velhos* foram dados aqui. *Tapera* sahuiu na *Revista Brasileira*.

Os costumes são rudes e simples, agora amorosos,

agora tragicos, as fallas adequadas ás pessoas, e as ideas não sobem da cerebração natural do matuto. Historias sertanejas dão acaso não sei que gosto de ir descançar, alguns dias, da polidez encantadora e alguma vez enganadora das cidades. Varella sabia o rythmo particular d'esse sentimento; Gonçalves Dias, com andar por essas Europas fóra, tambem o conhecia; e, para só falar de um prosador e de um vivo, Taunay dá vontade de acompanhar o Dr. Cyrino e Pereira por aquella longa estrada que vai de Sant'Anna de Paranahyba a Camapuama, até o leito da graciosa Nocencia. Se achardes no *Sertão* muito sertão, lembrai-vos que elle é infinito, e a vida ali não tem esta variedade que não nos faz ver que as casas são as mesmas, e os homens não são outros. Os que parecem outros um dia é que estavam escondidos em si mesmos.

Ora bem, quando acabar esta seita dos Canudos, talvez haja nella um livro sobre o fanatismo sertanejo e a figura do Messias. Outro Coelho Netto, se tiver igual talento, póde dar-nos d'aqui a um seculo um capitulo interessante, estudando o fervor dos barbaros e a preguiça dos civilisados, que os deixaram crescer tanto, quando era mais facil te-los dissolvido com uma patrulha, desde que o simples frade não fez nada. Quem sabe? Talvez então algum devoto, reliquia dos Canudos, celebre o centenario d'esta finada seita.

Para isso, basta celebrar o centenario da cabelleira do apostolo, como agora, pelo que diz o *Jornal do Commercio*, commemoraram em Londres o centenario da invenção do chapéo alto. Chapéos e cabellos são amigos velhos. Foi a 15 de janeiro ultimo. Não conhecendo a historia deste complementø masculino, nada

posso dizer das circumstancias em que elle appareceu no dia 15 de janeiro de 1797. Ou foi exposto á venda naquella data, ou apontou na rua, ou algum membro do parlamento entrou com elle no recinto dos debates, á maneira britannica. Fosse como fosse, os inglezes celebraram esse dia historico da chapelaria humana. Sabeis o que Macaulay disse da morte de um rei e da morte de um rato. Applicando o conceito ao presente caso, direi que a concepção, de um chapeleiro no ventre de sua mãe é, em absoluto, mais interessante que a fabricação de um chapéo; mas, hypothese haverá em que a fabricação de um chapéo seja mais interessante que a concepção do chapeleiro. Este não passará para uma geração apenas; aquelle será novo e ficará para muitas gerações.

Com effeito, lá vai um seculo, e ainda não acabou o chapéo alto. O chapéo baixo e o chapéo molle fazem-lhe concorrência por todos os feitios, e, ás vezes, parecem vence-lo. Um fazendeiro, vindo ha muitos annos a esta capital, na semana em que certa chapelaria da rua de S. José abriu ao publico as suas seis ou sete portas, ficou pasmado de ve-las todas, de alto a baixo, cobertas de chapéos compridos. Tempo depois, voltando e indo ver a casa, achou-lhe as mesmas seis ou sete portas cobertas de chapéos curtos. Cuidou que a vitoria destes era decidida, mas sabeis que se enganou. O chapéo alto durará ainda e durará por muitas duzias de annos. Quando ninguem já o trouxer de passeio ou de visita, servirá nas cerimoniaes publicas. Eu ainda alcancei o porteiro do senado, nos dias de abertura e de encerramento da assembléa geral, vestindo calção, meia e capa de seda preta, sapato raso com fivela, e espadim á cinta. Por fim acabou o vestuario do porteiro. O mesmo succederá ao chapéo alto;

mas por enquanto ha quem celebre o seu primeiro seculo de existencia. Tem-se dito muito mal deste chapéo. Chamam-lhe *cartola*, *chaminé*, e não tarda *canudo*, para rebaixa-lo até á cabeleira hirsuta de Antonio Conselheiro. No Carnaval, muita gente o não tolera, e, os mais audazes saem á rua de chapéo baixo, não tanto para poupar o alto, como para resguardar a cabeça, sem a qual não ha chapéo alto nem baixo.

*
* *

21 de Fevereiro.

Estou com inveja aos argentinos. Agora que os gregos surgem de toda parte para correr a Athenas, receber armamento e passar á ilha de Creta, Buenos Ayres dá 200 d'esses patriotas que ahí vão lutar contra os ottomanos. Nós, que deviamos dar 500, não damos nenhum. Certamente não os temos, ou tão raros são elles que melhor é irem pela calada. Conheci outr'ora um grego, Petrococchino, homem da praça, e conheci tambem a Aimée, uma franceza, que em nossa lingua se traduzia por amada, tanto nos dictionarios como nos corações. Era uma creaturinha do finado Alcazar, que nenhuma Turquia defendeu da Hellade. Ao contrario, os turcos fugiram e a bandeira hellenica se desfraldou na Creta da rua Uruguayana... E d'ahi é possivel que nem mesmo este Petrococchino fosse grego.

Notorio, como elle era, não os temos agora. Na lista da policia, apparecem ás vezes nomes de gregos, como de turcos, mas a gente que cultiva a planta

noturna póde adorar a cruz e o crescente, não se bate por elle nem por ella. Eu quizera, entretanto, ver partir d'aqui, rua do Ouvidor abaixo, uma phalange bradando para ser entendida da terra os versos de Hugo : *En Grèce! en Grèce!* Lembras-te, não? Se és do meu tempo não esqueceste que tu e eu, quando expeitoravamos os primeiros versos que os rapazes trazem consigo, as *Orientalés* contavam já trinta annos e mais. Mas era por ellas que ainda aprendiamos poesia. Traziamos de cór as paginas contemporaneas da revolução hellenica, e do bravo Canaris, queimador de navios, e da batalha de Navarino, e da marcha turca, e de toda aquella resurreição de um paiz meio antigo, meio christão. *En Grèce!* cantava o poeta, pedindo que lhe sellassem o cavallo e lhe dessem a espada, que queria partir já, já, contra os turcos; mas a lyra mudava subitamente de tom, e o poeta perguntava a si mesmo quem era elle. Confessava então não ser mais que uma folha que o vento leva, nem amar outra cousa mais que as estrellas e a lua. Tão pouca cousa não era aos demais versos em que cantava os heróes gregos, mas Hugo lembrava-se de Byron...

Com effeito, Byron, armando-se para ir ao encontro do musulmano, se teve o melancolico desfecho de 1824, nem por isso perdeu o brilhante arranco de 1823; era preciso fazer cousa identica ou analoga. Não se podia convidar a bater os turcos sem ir pelo mesmo caminho. Um poeta lyrico tinha de ser effectivamente epico. E vede bem este grande homem, que ainda hontem Olavo Bilac evocava aqui, n'aquella prosa suggestiva que lhe conheces, vede bem que não estava aborrecido nem cansado : acabava de escrever os ultimos cantos de *Don Juan*, e não sorvera ainda os ultimos beijos da Guiccioli. Para levar alguma parte

d'esta para a Grecia, levou-lhe o irmão, cunhado *in partibus infidelium*, e mettu-se em navio que fretou, com um medico e remedios para mil homens durante um anno. Na Grecia organisou e equipou umas centenas de soldados e poz-se á testa d'elles. Nem todos poderiam fazer as cousas por esse estylo grandioso. Era, ao mesmo tempo que um acto heroico, uma aventura poetica, um appendice do *Childe Harold*. A febre não quiz que elle perecesse na ponta de uma adaga ottomana. Missolonghi avisou assim aos demais poetas que não sahisses a campo, em defesa da velha Grecia remoçada, não por medo de morrer ali ou alhures, mas porque o exemplo de Byron devia ficar com Byron. O epitaphio do poeta tinha de ser unico.

Ao concerto universal d'aquelle tempo não faltaram lyras nem poetas. Cada lingua teve o seu Pindaro. Lembra-te de Lamartine; lembra-te de José Bonifacio, cuja celebre ode clamava aos gregos, com enthusiasmo : *Sois hellenos! sois homens!* Compara hontem com hoje. Talvez o ardor do romantismo ajudou a incendiar as almas. Os olhos estavam ainda mal acordados d'aquelle vasto pesadelo imperial, que fôra tambem um grande sonho, campanhas de conquista e de oppressão, campanhas de liberdade, tudo feito, desfeito e refeito, a reconstituição da Grecia pedia uma cruzada particular. Cymodoce pergunta a Eudoro, « Ha tambem uma Venus christã? » Esta Venus era agora a propria Grecia convertida, como a heroína de Chateaubriand, e conquistada ao turco depois de muito sangue.

Que os hellenos são homens é o que estás vendo agora, quando toda a faculdade de medicina internacional cuida de alongar os dias do « enfermo », com os seus xapores de notas e pillulas de esquadras sem fogo.

Os infimos gregos não se arreceiam e, cansados de ouvir gemer Creta, lá se foram a arranca-la dos braços ottomanos. A diplomacia é uma bella arte, uma nobre e grande arte; o unico defeito que ha nas suas admiraveis teias de aranha é que uma bala fura tudo, e a vontade de um povo, se algum santo entusiasmo lhe aquece as veias, póde esfrangalhar as mais finas obras da astucia humana. Se a Grecia acabar vencendo, as grandes potencias não terão sido mais que jogadores do voltaretes a tentos.

Que outra cousa têm sido ellas, a proposito das reformas turcas? As reformas vêm, não vêm, redigem-se, emendam-se, copiam-se, propõem-se, aceitam-se, vão cumprir-se e não se cumprem. Vereis que ainda caem como as reformas cubanas, que, depois de tanto sangue derramado, vieram pallidas e mofinas. Ninguém as quer, e o ferro e o fogo continuam a velha obra. Assim se vai fazendo a historia, com apparencia igual ou vária, mediante a acção de leis, que nós pensamos emendar, quando temos a fortuna de ve-las. Muita vez não as vemos, e então imitamos Penelope e o seu tecido, desfazendo de noite o que fazemos de dia, emquanto outro tecelão maior, mais alto ou mais fundo e totalmente invisivel compõe os fios de outra maneira, e com tal força que não podemos desfazer nada. Succede que, passados tempos, o tecido esfarrapa-se e nós, que trabalhavamos em rompe-lo, cuidamos que a obra é nossa. Na verdade, a obra é nossa, mas é porque somos os dedos do tecelão; o desenho e o pensamento são d'elle, e presumindo empurrar a carroça, o animal é que a tira do atoleiro, um animal que somos nós mesmos... Mas ahí me embrulho eu, e estou quasi a perder-me em philosophias grossas e banaes. Oh! banalissimas!

Domingo proximo é possível que te explique esta confusão da minha alma. Estou certo que me entenderás e applaudirás. Além da confusão da alma, imagina que me dóe a testa em um só ponto escasso, no sobr'olho direito; a dôr, que não precisa de extensão grande para fazer padecer muito, contenta-se ás vezes com o espaço necessario á cabeça de um alfinete. Tambem esta reflexão é banal, mas tem a vantagem de acabar a chronica.

*
* *

28 de Fevereiro.

« Domingo proximo é possível que te explique esta confusão da minha alma. Estou, certo que me entenderás e applaudirás. » Assim conclui eu a *Semana* passada. Venho cumprir aquella meia promessa.

E' certo que a festa sumptuosa de quarta-feira afrouxou em parte a sensação exposta n'aquellas palavras. A recepção do palacio do governo respondeu ao que se esperava do acto, e deixou impressão forte e profunda. Aquelle edificio que eu vi, ha trinta annos, logo depois de acabado, passou por varias mãos, viveu na obscuridade e na hypotheca, passou finalmente ao poder do governo, e o illustre Sr. vice-presidente da Republica acaba de inaugura-lo com raro esplendor. Foi o successo principal da semana; mas a semana já não é minha, como ides vêr.

Leitor. Deus gastou seis dias em fazer este mundo, e repousou no setimo. Ora, Deus podia muito bem não repousar, mas quiz deixar um exemplo aos

homens. D'ahi o nosso velho descanso de um dia, que os christãos chamaram do Senhor. Eu não sou Deus, leitor; não creei este mundo, tanto que lhe acho algumas imperfeições, como a de nascerem as uvas verdes, para engano das raposas. Eu as faria nascer maduras e talvez já engarradas. Mas criticar obra feita não custa; Deus não podia prever que os homens não se limitassem a falsificar eleições e fizessem o mesmo ao vinho.

Vamos ao que importa. Se Deus descansou um dia, depois de seis dias de trabalho, força é que eu descanço algum tempo depois de uma obra de annos. Ha cerca de cinco annos que vos digo aqui ao domingo o que me passa pela cabeça, a proposito da semana fiada, e até sem nenhum proposito. Parece tempo de repousar o meu tanto. Que o repouso seja breve ou longo, é o que não sei dizer; vou estirar estes membros cançados e cochilar a minha sésta.

Antes de cochilar, podia fazer um exame de consciencia e uma confissão publica, á maneira de Sarah Bernhardt ou de Santo Agostinho. Oh! perdôa-me, santo da minha devoção, perdôa esta união do teu nome com o da illustre tragica; mas este seculo acabou por deitar todos os nomes no mesmo cesto, misturá-los, tira-los sem ordem e cose-los sem escolha. E' um seculo fatigado. As forças que despendeu, desde principio, em applaudir e odiar, foram enormes. Junta a isso as revoluções, as annexações, as dissoluções e as invenções de toda casta, politicas e philosophicas, artisticas e literarias, até ás acrobaticas e pharmaceuticas, e compreenderás que é um seculo esfalfado. Vive unicamente para não desmentir os almanacks. Todos os seculos têm cem annos; este não quer sahir da velha regra, nem ser menos constante que o nosso robusto

Barbacena, seu grande rival. Em lhe batendo a hora, irá com facilidade para onde foram os seculos de Pericles e de Augusto.

O meu exame de consciencia, se houvesse de faze-lo, não imitaria Agostinho nem Sarah. Nem tanta humildade, nem tanta gloria. O grande santo dividiu, é verdade, as confissões humanas em duas ordens, uma que é um louvor, outra que é um gemido, definindo assim as suas e as da representante de Dona Sol. Faz crer que não ha terceira classe, em que a gente possa louvar-se com moderação e gemer baixinho; mas eu cuido que ha-de haver. A imitar uma das duas, acho que a mais difficil seria a de Sarah. Não li ainda as confissões d'esta senhora, mas pela nota que nos deu d'ella Eça e Queiroz, com aquella graça viva e scintillante dos seus tres ultimos *Bilhetes postaes*, não sei como é que uma creatura possa dizer tanta cousa boa de si mesma. Em particular, vá. Ha pessoas que, não receiando indiscretos, escancaram os corações, e os amigos reconhecem que, por mais que se pense bem de outro, pensa-se menos bem que elle proprio. Mas, em publico, em letra de fôrma, no *Figaro*, que é o *Diario Official* do universo, custa a crer, mas é verdade.

Antes gemer, com esta clausula de gemer baixinho, e confessar os pecados, mas com discreção e cautela. Pecados são acções, intenções ou omissões graves; não se devem contar todas, nem integralmente, mas só a parte que menos péza á alma e não faz desmerecer uma pessoa no conceito dos homens. Não especifico, por não perder tempo, e quem se despede mal, póde dizer o essencial. O essencial aqui é dizer que não faço confissão alguma, nem do mal, nem do bem. Que mal me saiu da penna ou do coração? Fui antes pio e equi-

tativo que rigoroso e injusto. Cheguei á elegia e á lagrima, e se não bebi todos os Cambarás e Jatahys d'este mundo, é porque espero encontra-los no outro, onde já nos aguardam os xapores do Bosque e de outras partes. Lá irá ter o grande Kneipp, e annos depois o kneippismo, pela regra de que primeiro morrem os autores que as invenções. Ha mais de um exemplo na philosophia e na pharmacia.

Não tireis da ultima phrase a conclusão de scepticismo. Não achareis linha sceptica n'estas minhas conversações dominicaes. Se déstes com alguma que se possa dizer pessimista, adverte que nada ha mais opposto ao scepticismo. Achar que uma cousa é ruim, não é duvidar d'ella, mas afirma-la. O verdadeiro sceptico não crê, como o Dr. Pangloss, que os narizes se fizeram para os olhos, nem, como eu, que os olhos é que se fizeram para os narizes; o sceptico verdadeiro descrê de uns e de outros. Que economia de vidros e de defluxos, se eu pudesse ter esta opinião !

Adeus, leitor. Força é deitar aqui o ponto final. A mim, se não fôra a conveniencia de ir para a rede, custar-me-hia muito pingar o dito ponto, pelas saudades que levo de ti. Não ha nada como fallar a uma pessoa que não interrompe. Diz-se-lhe tudo o que se quer, o que vale e o que não vale, repetem-se-lhe as cousas e os modos, as phrases e as idéas, contradizem-se-lhe as opiniões, e a pessoa que lê, não interrompe. Póde lançar a folha para o lado ou acabar dormindo. Quem escreve não vê o gesto nem o somno, segue caminho e acaba. Verdade é que, n'este momento, adivinho uma reflexão tua. Estás a pensar que o melhor modo de sahir de uma obrigação d'estas não differe do de deixar um baile, que é descer ao vestiario, enfiar o sobretudo e sumir-se no carro ou na escuridão. Isto de

empregar tanto discurso faz crer que se presumem saudades nos outros, além de ser fóra da etiqueta. Tens razão, leitor; e, se fosse tempo de rasgar esta papelada e escrever diversamente, crê que o faria; mas é tarde, muito tarde. Demais, a phrase final da outra semana precisava de ser explicada e cumprida; d'ahi todos estes suspiros e curvaturas. Fallei então na confusão da minha alma, e devia dizer em que é que ella consistia e consiste, e cuja era a causa. A causa está dita; é a natural melancolia da separação. Adeus, amigo, até á vista. Ou, se queres um geito de fallar mais nosso, até um dia. Creio que me entendeste, e creio tambem que me applaudes, como te annunciiei na semana passada. Adeus!

1900

4 de Novembro.

Entre taes e tão tristes casos da semana, como o terremoto de Venezuela, a quéda do Banco Rural e a morte do sineiro da Gloria, o que mais me commoveu foi o do sineiro.

Conheci dois sineiros na minha infancia, alias tres, — o *Sineiro de S. Paulo*, drama que se representava no theatro S. Pedro, — o sineiro da *Notre Dame de Paris*, aquelle que fazia um só corpo, elle e o sino, voavam juntos, em plena idade média, e um terceiro, que não digo, por ser caso particular. A este, quando tornei a vê-lo, era caduco. Ora, o da Gloria, parece ter lançado a barra adiante de todos.

Ouvi muita vez repicarem, ouvi dobrarem os sinos da Gloria, mas estava longe absolutamente de saber quem era o autor de ambas as fallas. Um dia cheguei a crer que andasse nisso electricidade. Esta força mysteriosa ha de acabar por entrar na igreja e já entrou, creio eu, em fórma de luz. O gaz tambem já ali se estabeleceu. A igreja é que vai abrindo a porta ás novidades, desde que a abriu á cantora de sociedade ou de teatro para dar aos solos a voz de soprano, quando nós a tinhamos trazida por D. João VI, sem despir-lhe as calças. Conheci uma dessas vozes, pes-

soa velha, pallida e desbarbada; cantando, parecia moça.

O sineiro da Gloria é que não era moço. Era um escravo, doado em 1853 áquella igreja, com a condição de a servir dois annos. Os dois annos acabaram em 1855, e o escravo ficou livre, mas continuou o officio. Contem bem os annos, quarenta e cinco, quasi meio seculo, durante os quaes este homem governou uma torre. A torre era elle, dalli regia a parochia e contemplava o mundo.

Em vão passavam as gerações, elle não passava. Chamava-se João. Noivos casavam, elle repicava ás bodas; crianças nasciam, elle repicava ao baptisado; pais e mãis morriam, elle dobrava aos funeraes. Acompanhou a historia da cidade. Veiu a febre amarella, o cholera morbus, e João dobrando. Os partidos subiam ou cahiam, João dobrava ou repicava, sem saber delles. Um dia começou a guerra do Paraguay, e durou cinco annos; João repicava e dobrava, dobrava e repicava pelos mortos e pelas vitorias. Quando se decretou o ventre livre das escravas, João é que repicou. Quando se fez a abolição completa, quem repicou foi João. Um dia proclamou-se a Republica, João repicou por ella, e repicaria pelo imperio, se o imperio tornasse.

Não lhe attribuas inconsistencia de opiniões; era o officio. João não sabia de mortos nem de vivos; a sua obrigação de 1853 era servir á Gloria; tocando os sinos, e tocar os sinos para servir á Gloria, alegremente ou tristemente, conforme a ordem. Póde ser até que, na maioria dos casos, só viesse a saber do acontecimento depois do dobre ou do repique.

Pois foi esse homem que morreu esta semana, com oitenta annos de idade. O menos que lhe podiam dar

era um dobre de finados, mas deram-lhe mais; a Irmandade do Sacramento foi busca-lo á casa do vigario Molina para a igreja, rezou-se-lhe um responso e levaram-no para o cemiterio, onde nunca jámais tocará sino de nenhuma especie; ao menos, que se ouça deste mundo.

Repito, foi o que mais me commoveu dos tres casos. Porque a quéda do Banco Rural, em si mesma, não vale mais que a de outro qualquer banco. E depois não ha bancos eternos. Todo banco nasce virtualmente quebrado; é o seu destino, mais anno, menos anno. O que nos deu a illusão do contrario foi o finado Banco do Brasil, uma especie de sineiro da Gloria, que repicou por todos os vivos, desde Itaborahy até Dias de Carvalho, e sobreviveu ao Lima, ao « Lima do Banco ». Isto é que fez crer a muitos que o Banco do Brasil era eterno. Vimos que não foi. O da Republica já não trazia o mesmo aspecto; por isso mesmo durou menos.

Ao Rural tambem eu conheci moço; e, pela cara, parecia sadio e robusto. Posso até contar uma anecdota, que ali se deu ha trinta annos e responde ao discurso do Sr. Julio Ottoni. Ninguem me contou; eu mesmo vi com estes olhos que a terra ha de comer, eu vi o que alli se passou ha tanto tempo. Não digo que fosse novo, mas para mim era novissimo.

Estava eu ali, ao balcão do fundo, conversando. Não tratava de dinheiro, como podem suppor, posto fosse de letras, mas não ha só letras bancarias; tambem as ha literarias, e era destas que eu tratava, que o logar não fosse propicio, creio; mas, aos vinte annos, quem é que escolhe logar para dizer bem de Camões?

Era dia de assembléa geral de accionistas, para se lhes dar conta da gestão do anno ou do semestre, não

me lembra. A assembléa era no sobrado. A pessoa com quem eu fallava tinha de assistir á sessão, mas, não havendo ainda numero, bastava esperar cá em baixo. De resto, a bora estava a pingar. E nós fallavamos de letras e de artes, da ultima comedia e da opera recente. Ninguem entrava de fóra, a não ser para trazer ou levar algum papel, cá de baixo. De repente, emquanto eu e o outro conversavamos, entra um homem lento, aborrecido ou zangado, e sobe as escadas como se fossem as do patibulo. Era um accionista. Subiu, desapareceu. Iamos continuar, quando o porteiro desceu apressadamente.

— Sr. secretario ! Sr. secretario !

— Já ha maioria?

— Agora mesmo. Metade e mais um. Venha depressa, antes que algum saia, e não possa haver sessão.

O secretario correu aos papeis, pegou delles, tornou, voou, subiu, chegou, abriu-se a sessão. Tratava-se de prestar contas aos accionistas sobre o modo por que tinham sido geridos os seus dinheiros, e era preciso espreital-os, agarral-os, fechar a porta para que não sahisses, e ler-lhes á viva força o que se havia passado. Imaginei logo que não eram accionistas de verdade; e falando nisto a alguém á porta da rua ouvi-lhe este explicação, que nunca me esqueceu :

— O accionista, disse-me um amigo que passava, é um substantivo masculino, que exprime « possuidor de acções » e, por extensão, credor dos dividendos. Quem diz acções diz dividendos. Que a directoria administre, vá, mas que lhe tome o tempo em prestar-lhe contas, é demais. Preste dividendos; são as contas vivas. Não ha banco máo se dá dividendos. Aqui onde me vê, sou tambem accionista de varios bancos, e

faço com elles o que faço com o jury, não vou lá, não me amolo.

— Mas, se os dividendos falharem?

— E' outra cousa; então cuida-se de saber o que ha.

Pessoa de hoje, a quem contei este caso antigo, affirmou-me que a pessoa que me fallou, ha trinta annos á porta do Rural, não fez mais que affirmar um principio, e que os principios são eternos. A prova é que aquelle ainda agora o seria, se não fosse o incidente da corrida e dos cheques ha dos mezes.

— Então, parece-lhe...?

— Parece-me.

Quanto ao terceiro caso triste da semana, o terremoto de Venezuela, quando eu penso que podia ter acontecido aqui, e, se aqui acontecesse, é provavel que eu não tivesse agora a penna na mão, confesso que lastimo aquellas pobres vitimas. Antes uma revolução. Venezuela tem vertido sangue nas revoluções, mas sae-se com gloria para um ou outro lado, e alguem vence, que é o principal; mas este morrer certo, fugindo-lhes o chão debaixo dos pés, ou engolindo-os a todos, ah!... Antes uma, antes dez revoluções, com tresentos mil diabos! As revoluções servem sempre aos vencedores, mas um terremoto não serve a ninguem. Ninguem vai ser presidente de ruinas. E' só trapalhada, confusão e morte ingloria. Não, meus amigos. Nem terremotos nem bancos quebrados. Vivam os sineiros de oitenta annos, e um só, perpetuo e unico badalo!

*
* **11 de Novembro.*

Eu gosto de catar o minimo e o escondido. Onde ninguem mette o nariz, ahi entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto. D'ahi vem que, emquanto o telegrapho nos dava noticias tão graves como a taxa franceza sobre a falta de filhos e o suicidio do chefe de policia paraguayoy, cousas que entram pelos olhos, eu apartei os meus para ve: cousas miudas, cousas que escapam ao maior numero, cousas de myopes. A vantagem dos myopes é enxergar onde as grandes vistas não pegam.

Não nego que o imposto sobre a falta de filhos e o celibato podia dar de si uma pagina luminosa, sem aliás tocar na estatistica. Só a parte civica. Só a parte moral. Dava para elogio e para descompostura. A grandeza da patria, da industria e dos exercitos faria o elogio. O regimen de oppressão inspirava a descompostura, visto que obriga a casar para não pagar a taxa; casado, obriga a fazer filhos, para não pagar a taxa; feitos os filhos, obriga a cria-los e educa-los, com o que afinal se paga uma grande taxa. Tudo taxas. Quanto ao suicidio do chefe de policia, são pãlavras tão contrarias umas ás outras que não ha crer nellas. Um chefe de policia exerce funcções essencialmente vitaes e alheias á melancolia e ao desespero. Antes de se demittir da vida, era natural demittir-se do cargo, e o segundo decreto bastaria acaso para evitar o primeiro.

Deixei taxas e mortes e fui á casa de um leiloeiro,

que ia vender objectos empenhados e não resgatados. Permittam-me um trocadilho. Fui ver o martelo bater no prego. Não é lá muito engraçado, mas é natural, exacto e evangelico. Está autorisado por Jesus Christo: *Tu es Petrus*, etc. Mal comparando, o meu ainda é melhor. O da Escritura está um pouco forçado, ao passo que o meu — o martelo batendo no prego, — é tão natural que nem se concebe dizer de outro modo. Portanto, edificarei a chronica sobre aquelle prego, no som daquelle martelo.

Havia lá broches, relógios, pulseiras, aneis, botões, o repertorio do costume. Havia tambem um livro de missa, elegante e escrupulosamente dito *para missa*, afim de evitar confusão de sentido. Valha-me Deus! até nos leilões persegue-nos a grammatica. Era de tartaruga, guarnecido de prata. Quer dizer que, além do valor espiritual, tinha aquelle que propriamente o levou ao prego. Foi uma mulher que recorreu a esse modo de obter dinheiro. Abriu mão da salvação da alma, para salvar o corpo, a menos que não tivesse decorado as orações antes de vender o manual dellas. Pobre desconhecida! Mas tambem (e é aqui que eu vejo o dedo de Deus), mas tambem quem é que lhe mandou comprar um livro de tartaruga com ornamentações de prata? Deus não pede tanto; bastava uma encadernação simples e forte, que durasse, e feia para não tentar a ninguem. Deus veria a belleza della.

Mas vamos ao que me põe a penna na mão; deixemos o livro e os artigos do costume. Os leilões desta especie são de uma monotonia desesperadora. Não sahem de cinco ou seis artigos. Raro virá um binoculo. Neste appareceu um, e um despertador tambem, que servia a acordar o dono para o trabalho. Houve mais uns cinco ou seis chapéos de sol, sem indicação do cabo...

Deus meu ! Quanto teriam recebido os donos por elles, além de algum magro tostão? Riamos da miseria. E' um derivativo e uma compensação. Eu, se fosse ella, preferia fazer rir a fazer chorar.

O lote inesperado, o lote escondido, um dos ultimos do catalogo, perto dos chapéos de sol, que vieram no fim, foi uma espada. Uma espada, senhores, sem outra indicação; não falla dos copos, nem se eram de ouro. E' que era uma espada pobre. Não obstante, quem diabo a teria ido pendurar do prego? Que se pendurem chapéos de sol, um despertador, um binoculo, um livro *de* missa ou *para* missa, vá. O sol mata os microbios, a gente acorda sem machina, não é urgente chamar á vista as pessoas dos outros camarotes, e afinal o coração tambem é livro de missa. Mas uma espada !

Ha dois tempos na vida de uma espada, o presente e o passado. Em nenhum delles se compreende que ella fosse parar ao prego. Como iria lá ter uma espada que póde ser a cada instante intimada a comparecer ao serviço? Não é mister que haja guerra; uma parada, uma revista, um passeio, um exercicio, uma commissão, a simples apresentação ao ministro da guerra basta para que a espada se ponha á cinta e se desnude, se fôr caso disso. Eventualmente, póde ser util em defender a vida ao dono. Tambem póde servir para que este se mate, como Bruto.

Quanto ao passado, posto que em tal hypothese a espada não tenha já prestimo, é certo que tem valor historico. Póde ter sido empregada na destruição do despotismo Rosas ou Lopez, ou na repressão da revolta, ou na guerra de Canudos, ou talvez na fundação da Republica, em que não houve sangue, é verdade, mas a sua presença terá bastado para evitar conflictos.

As chronicas antigas contam de barões e cavaleiros já velhos, alguns cegos, que mandavam vir a espada para miral-a, ou só apalpal-a, quando queriam recordar as acções de gloria, e guardal-a outra vez. Não ignoro que taes heróes tinham castello e cozinha, e o triste reformado que levou esta outra espada ao prego póde não ter cozinha nem tecto. Perfeitamente. Mas ainda assim é impossivel que a alma delle não padecesse ao separar-se da espada.

Antes de a empenhar, devia ir ter a alguém que lhe dêsse um prato de sopa : « Cidadão, estou sem comer ha dois dias e tenho de pagar a conta da botica, não quizera desfazer-me desta espada, que batalhou pela gloria e pela liberdade... » E' impossivel que acabasse o discurso. O boticario perdoaria a conta, e duas ou tres mãos se lhe metteriam pelas algibeiras dentro, com fins honestos. E o triste reformado iria alegremente pendurar a espada em outro prego, o prego da memoria e da saudade.

Catei, catei, catei, sem dar por explicação que bastasse. Mas eu já disse que é faculdade minha entrar por explicações miudas. Vi casualmente uma estatística de S. Paulo, os immigrants do anno passado, e achei milhares de pessoas desembarcadas em Santos ou idas daqui pela Estrada de Ferro Central. A gente italiana era a mais numerosa. Vinha depois a hespanhola, a ingleza, a franceza, a portugueza, a allemã, a propria turca, uns quarenta e cinco turcos. Emfim, um grego. Bateu-me o coração, e eu disse commigo : o grego é que levou a espada ao prego.

E aqui vão as razões da suspeita ou descoberta. Antes de mais nada, sendo o grego, não era nenhum brasileiro, — ou *nacional*, como dizem as noticias da policia. Já me ficava essa dôr de menos. Depois, o

grego era um, e eu corria menor risco do que suppondo
alguem das outras colonias, que podiam vir acima de
mim, em desforço do patricio. Em terceiro lugar,
o grego é o mais pobre dos immigrantes. Lá mesmo na
terra é pauperrimo. Em quarto lugar, talvez fosse
tambem poeta, e podia ficar-lhe assim uma canção
prompta, com estribilho :

Levei a minha espada ao grego.
Eu cá sou grego,

Finalmente, não lhe custaria empenhar a espada,
que talvez fosse turca. About refere de um general,
Hadji-Petros, governador de Lamia, que se deixou
levar dos encantos de uma moça facil de Athenas, e
foi demittido do cargo. Logo requereu á rainha pedindo
a reintegração : « Digo a Vossa Magestade pela minha
honra de soldado que, se eu sou amante dessa mulher
não é por paixão, é por interesse; ella é rica, eu sou
pobre, e tenho filhos, tenho uma posição na sociedade,
etc. » Vê-se que empenhar a espada é costume grego
e velho.

Agora que vou acabar a chronica, ocorre-me se a
espada do leilão não será acaso alguma espada de
theatro, empenhada pelo contra-regra, a quem a em-
preza não tivesse pago os ordenados. O pobre diabo
recorreu a esse meio para almoçar um dia. Se tal foi,
façam de conta que não escrevi nada, e vão almoçar
tambem, que é tempo.

SUMMARIO DAS CHRONICAS

1892

24 de abril. — Um problema que era uma charada. — Tudo pode certa elevação. — O Tiradentes, por exemplo. — Se não fosse a alcunha. — Casar doutor. — O caso eleitoral e a declaração do problema.

13 de junho. — *O bocejo*. — Quem o inventou?

26 de junho. — O ministerio grego. — Onde estão os homens de Plutarcho? — Bi-metalismo. — A moção de confiança. — Rapto de moças na Bahia; mais que Homero. — Um esqueleto algemado. — Telegrammas e telegrammas.

3 de julho. — O cantochão do Carmo. — Igreja espirita. — Desencarnação e encadernação. — Voltamos ao carrilhão. — *Amor tem fogo, tem fogo amor*. — Carne sem osso.

31 de julho. — Um furto de mil *debentures*. — Um chacareiro da vizinhança. — Como acreditei nas *debentures*. — Os casaes de pombos da Cruz do Militares. — O meio é tudo.

14 de agosto. — Semana e finanças. — As tabolettas. — O moleque do Rio Grande do Sul que só fallava allemão. — A judia de Colombo. — *Cantico dos canticos*.

2 de outubro. — *Tannhäuser*. — Bonds electricos. — Se eu fosse ouvir *Tannhäuser*.

9 de outubro. — *Uma nota idyllica*. — Renan e Tennyson.

16 de outubro. — Os Bonds electricos. — Vozes estranhas. — *Houyhnhnmes*. — Onde está a justiça deste mundo?

30 de outubro. — Tempos do papa! tempos dos cardeaes! Octaviano. — Eleição municipal. — Prorrogação do Congresso. — Revisão constitucional.

6 de novembro. — Uma cousa que me aconteceu. — A igreja matriz da Gloria. — O axioma de Pangloss. — A torre e o templo. — Spencer e os seus aphorismos.

27 de novembro. — As galerias das camaras. — Camaro. — Senado. — Quatro desgostos.

18 de dezembro. — O encilhamento.

25 de dezembro. — Leite romantico. — [Cinco odaliscas.

1893

22 de janeiro. — A capital do Rio de Janeiro. — A capital da Republica.

29 de janeiro. — Barata Ribeiro e a *Cabeça de Porco*. — Reminiscencias de Jerichó. — Procissão de S. Sebastião. — Assumptos modernos. — Compra de *desventuras*.

5 de fevereiro. — *Kilo mal pesado*. — *Que são notas falsas?*

12 de fevereiro. — *Faleci hontem*. — O que ouvi ao Senhor. — O carnaval. — S. Pedro que me aguardava.

Os thesouros do Castello. — O invento Abel... — As almas que não achavam corpo.

26 de fevereiro. — A perfeição. — O jury. — Uma carta do grão-turco ao papa. — Tempos de Granada! Ubá! O parecer dos syndicos.

5 de março. — Parede de açougueiros. — Vegetariano. — Um discurso sobre jardins de infancia.

12 de março. — *Desaclamar-se*. — Anecdotas da Historia. — *Inverdade*. — As palavras adoecem. — Baptismo da *inverdade*. — O filho que ha de chamar-se *inverdadeiro*. — *Chefia e chefança*. — *Chefatura*. — *Chefado*.

26 de março. — Sarah Bernhardt. — *Falstaff*. — Comecemos por pacificar-nos. — Libretos de opera. — Palavras extranhas. — Bem faz o Dr. Castro Lopes. — A moeda universal.

23 de abril. — *Boatos, boatos, boatos*. — A'porta de uma pharmacia. — Armado e entrincheirado. — Tiros de artilharia. — Anniversario de Tiradentes. — O de Shakespeare.

14 de maio. — Treze de maio. — Rio Branco. — *Primrose day*. — As nossas festas. — O major Valladares.

29 de outubro. — Dialogo com uma senhora.

5 de novembro. — *Que ha de novo, como no verso e reverso* de Alencar.

12 de novembro. — A proposito do bombardeio. — Um vidraceiro e um tabellião. — Bilhetes de emissão.

19 de novembro. — Xarope Cambará. — Outros inventos de pharmacia. — Porque é que os remedios morrem?

1894

1.º de janeiro. — No banquete da vida. — Gladstone, Tamandaré. — Heine. — Não consultemos Xenophonte.

7 de janeiro. — Quem será esta cigarra? Bom dia, bello sol! Festa dos Reis.

4 de fevereiro. — Carnaval. — As modas. — Montaigne e o Ecclesiastes. — Os mortos da semana: Dantas, José Silva, Coelho Bastos.

11 de março. — Com o pé no estribo. — Para a ilha de Trindade. — Veneração dos grandes numeros. — O concurso da *Gazeta*. — Magalhães de Azevedo.

18 de março. — A batalha do dia 13. — Com Homero e a Iliada.

25 de março. — Semana Santa. — Para o passado. — En 1920. — O officio da Paixão.

1.º de abril. — Conselho municipal. — O valor dos nomes.

8 de abril. — Uma cousa interessante. — Um burro que fazia exame de consciencia. *Requiescat in pace*.

10 de junho. — Um burro no meu jardim. — O que elle me disse.

1.º de julho. — *Chovendo*. Viva o diluvio! e viva o sol!

5 de agosto. — O punhal de *Martinha*.

19 de agosto. — Policia em casas de jogo. — Na Hespanha.

2 de setembro. — Os conductores de bondes. — Duas especies de substracção.

9 de setembro. — A morte de Mancinelli. — O suicidio.

16 de setembro. — As semanas pobres.

23 de setembro. — O espiritismo. — A bigamia Louzada.

4 de novembro — Semana de combatividade. — *Bilhetes postaes* de Coelho Netto. — *Versos* de Julia Cortines. — A punição de tres jockeys.

11 de novembro. — Antiguidade por todos os lados. — Zama e os *Capitães Scenarios* de Carlos Dias.

18 de novembro. — Uma estatura e um governo. — Osorio e Bernadelli. — A posse do presidente.

25 de novembro. — As festas uruguayas. — *Pique-nique*. — O Dr. Castro Lopes é a nossa Academia.

2 de dezembro. — A festa Alencar. — Araripe Junior — *Estudos brasileiros* de José Verissimo. — Guerra e peste. — O bacilo. — A companhia do Jardim Botânico. — O Hospicio.

16 de dezembro. — A bailarina Labushka. — Dois mysterios enormes. — Cambio e bacilo.

23 de dezembro. — O banquete scandinavo. — O meu creado José Rodrigues. — Os terremotos.

30 de dezembro. — A sorte é tudo. — O verbo *constar*.

1895

10 de março. — Prisão de duas feiticeiras e uma car-

tomante. — A feitiçaria é delicto? Que é illusão? Põe e o nariz do povo. A psychologia do código. — A cartomancia. Outras feitiçarias. — Os bichos de Villa Izabel. — O jury, instituição feiticeira. — Sapatos velhos e novos.

24 de março. — Idéa de equinocio. — José Rodrigues *pensando*. — Reforma constitucional. — Eleições. — Supprimi-las conservando-as; plano comparavel ao gesto de José Rodrigues quando escova o chapéo ás avessas. Os pelouros antigos. — Como interessar o cidadão. — Aposta. — O governo da Fortuna. — Plano zoológico.

31 de março. — Conto do Vigario. — O mais antigo genero de ficção. — As cabras de Labão. — O Labão da semana. — Uma monographia do conto do vigario.

14 de abril. — Entre Jerusalém. — Manaus. — *A pesca na Amazonia* de José Verissimo. — Pescado e Semana Santa. — Em Manaus. — Dualidade das camaras. — Direito novo. — Opinião de Socrates. — A grammatica politica. — Tempos messianicos. — De Manaus a Jerusalem. — A tragedia do Golgotha. — Fidelidade dos namorados; infidelidade relativa.

2 de junho. — A morte de Saldanha Marinho. — A recepção do ministerio conservador em 1868. — Zacharias. — Saldanha Marinho. — Octaviano. — *O lençinho branco* de Ottoni.

16 de junho. — *O autor de si mesmo*. — Um caso de infanticidio. — Explicação de Schopenhauer sobre as causas do amor. — A idéa especifica.

23 de junho. — Um annuncio da Phenix Dramatica. — *Arthur ou dezeseis annos depois*. — Um mergulho na infancia. — Pedro Luiz e um realejo. — *Ora toma, Mariquinhas*. — Trinta annos entre Arthur e a cançoneta. — A philosophia e aquelle annuncio. — O antigo Alcazar.

7 de julho. — A morte de Floriano Peixoto. — A de Saldanha da Gama. — O que é a Historia. — Quintino Bocayuva. — O primeiro centenario de Basilio da Gama. — O *Uruguay*. — Os *Tymbiras*. — A *Marilia de Dirceu*. — O verso solto. — Filinto Elyseo. — A commemoração. — Excluam a *polyanthéa*... e a reunião literaria' — Uma reunião literaria. — Valentim Magalhães.

14 de julho. — Carne e paz. — Paz eterna? nem no tumulo. — O actor João Caetano e a *Nova Castro*. — O jejum. — A vacca na intendencia. — Vacca e riso. — A pacificação do Sul. — A utilidade das guerras. — Com Stendhal em Waterloo. — Entre parenthesis : uma poetiza, Francisca Julia. — Outro parenthesis : a denominação de *Lindoya* para uma localidade em Minas, idéa do chronista. — Volta a paz, a sua utilidade. — Carne e paz. — Vacca e riso.

4 de agosto. — A commemoração do centenario de José Basilio. — O *Ecclesiastes*. — A emenda de Napoleão. — O regresso do Dr. Ruy Barbosá. — O anniversario da *Gazeta de Noticias*.

11 de agosto. — Porque se lê pouco no Brasil. — A falta de estantes. — A *Revista Brasileira*. — A biographia de *Nabuco*, por Joaquim Nabuco. — *Miragem* de Coelho Netto.

25 de agosto. — A pacificação do Sul. — A guerra é humana. — Direitos autoraes. — Recordação da mocidade. — *Alma primitiva* de Magalhães de Azevedo.

1.º de setembro. — O enforcamento de um inglez na Guiné. — Licção de cousas em canibalismo. — Anthrophagia; caso recente em Minas. — A proposta de Swift. — Os dois estribilhos da civilização.

8 de setembro. — Um eclipse da lua. — O *Archivo municipal*. — Usos velhos. — O *Rei Fantasma* de Coelho Netto.

22 de setembro. — A morte do Cons.^o Thomaz Coelho. — Outro obito : D. Eponina Octaviano. — Lembranças de Octaviano. — A derrubada das arvores do Cosmo Velho. — Burros e electricidade. — O *Libro de uma sobra*, de Aluizio Azevedo.

29 de setembro. — O asylo da minh'alma. — Não é o céu — O Hospicio de Alienados. — Exposição dos trabalhos de doidos. — Uma doida que não acorda. — O *Libro de uma sogra*.

20 de outubro. — Uma visita de Luiza Michel. — As entrevistas.

27 de outubro. — Chá das 5. — Conversa de amigos. — Espiritismo. — A morte de Ignez. — Constituição e Código. — Religiões literarias. — *Alma alheia*, de Pedro Rabello.

19 de novembro. — Vae passear ! — O que são linguas. — Anniversario da republica. — Deodoro. — As mulheres no governo. — Um gesto de Deodoro. — Floriano. — O contraste das duas naturezas. — Festas *novembrinas*.

1.^o de dezembro. — A morte de Dumas Filho. — Não ha mais *Dama das Camélias*. — Horizontaes, nome que é um programma inteiro. — O salgueiro de Musset. — Dumas Pai e Dumas Filho. — Tempos d'antanho.

15 de dezembro. — Lopes Netto. — A incineração. — Os funeraes de Heitor. — Inhumações e incinerações. — Os octogenarios de cá. — Uma das maximas de Calino. — Um filho de Solano Lopes.

29 de dezembro. — A'beira de um anno novo. — O suicidio de Raul Pompêa. — O *Atheneo*. — A questão do suicidio. — *Hamlet*. — A loteria e o cheque de 1.000 contos. — A ilha dos Amores. — O espiritismo e o seu cheque. — Um cão salvador.

1896

5 de janeiro. — Anno bom. — Napoleão III. — O centenário do sino grande de S. Francisco. — A historia da egreja. — O syndico Siqueira. — Pia fraide. — O *Panorama* do Rio de Janeiro.

19 de janeiro. — Um conselho ás senhoras. — Allopathia e homeopathia. — Kneippismo. — Duas poezias : Zalina Rolim e Julia Francisca da Silva. — João de Deus. — Luiz Guimarães Junior. — Zola.

8 de março. — A Italia. — Cambio a 8. — Remedios de um economista. — *Paternalismo*. — As *Ondas* de Luiz Murat.

22 de março. — Um premio de 50 contos ao melhor historiador do Districto. — P. José Mauricio. — O visconde de Taunay. — A biographia de Nabuco, por Joaquim Nabuco. — Tosta.

5 de abril. — Dissonancias da 4.^a feira de cinzas. — Sol, e musica no carrilhão de S. José. — Valsa e cantiga. — Uma parabola de Jesus. — 1º de abril. — *Bric-à-brac* de Valentim Magalhães. — Indice da vida. — Liberdade funeraria. — Jurados e jury.

26 de abril. — As festas de Shakespeare. — Cuba. — Um defunto que o não era. — Morte em hospedarias. — Que me importa? Shakespeare. — As festas da alma humana.

17 de maio. — Eleições. — O bairro Carceller. — O jantar mensal da *Revista Brasileira*. — Platão e a immortalidade da *Revista*.

31 de maio. — A fuga dos doidos. — Quem é doido? — *Der narricho Schiff*. — Sangue. — Os concertos populares.

7 de junno. — A capital do Brasil.

14 de junho. — Magalhães de Azevedo. — A *Jarra do diabo*. — Cousas da Alfandega. — A imitação.

5 de julho. — Nada de pharmacias. — Musica, só musica ! José Mauricio. — Nepomuceno. — Taunay. — *Innocencia*. — Lucindo Filho. — Carlos Gomes. — A *Opera Nacional*. — Moreira de Sá e Vianna da Motta. — Concertos populares. — Club Beethoven.

26 de julho. — Achei um homem. — Um barbeiro. — Inqueritos. — Praxe. — A cabelleira do *Speaker*. — As predicas do P. Julio Maria. — Padre Archieta. — Carlos Gomes. — Dr. Rocha Lima.

9 de agosto. — Uma semana grande. — A ilha da Trindade. — Cousas admiraveis do jury. — Augusto de Castro.

16 de agosto. — Semana de poesia. — O cambio. — Bancadas e partidos. — Vamos á poesia. — O 4.º jantar da *Revista Brasileira*. — Tres anniversarios de poetas : Gonçalves Dias, Magalhães e Carlos. — A sobrevivencia dos livros. — Prophetas e prophcias. — Merimée. — José Basilio.

23 de agosto. — Contrastes da vida. — Cambio a 8 e as pombas da Cruz dos Militares. — O sermão da montanha. — Raciocinio e medicamento. — Sorriso do apostolo.

6 de setembro. — A morte, o que devia ser. — A de Alfredo Gonçalves. — Agonia de Carlos Gomes. — Mortes e mais mortes. — Christãos e musulmanos. — Terremotos.

13 de setembro. — Um novo emissario de Jesus. — Um telegramma em que se fez estylo. — Os padres de Sergipe. — Liberdade de prophetas. — Antonio Conselheiro. — Doutrinação pratica.

20 de setembro. — A morte de Carlos Gomes. — A republica da arte. — Um caipora de genio. — *Joanna de Flandres*. — Os aneis de um seculo. — Aracajú e Stambul.

4 de outubro. — O centenario de Anchieta. — Os discursos de Brasílio Machado. — Eduardo Prado. — Nomes de ruas. — Glorias de vagabundagem. — Fallencias. — Arroz ou morte. — Um presidente mais psychologo do que presidente. — As prendas do jury.

11 de outubro. — O beijo do presidente á mão de tzarina. — Galantaria de franceses. — Democracia e graça. — A moção da camara do Rio Claro. — A companhia do Jardim Botânico.

15 de novembro. — As cegonhas. — A mobilidade dos homens. — Ecclesiastes e Shelley. — Eterna. — A loteria.

22 de novembro. — Segredos grandes e inopinaveis. — Suicidio. — Convicção e illusão. — A alma é que é tudo.

29 de novembro. — *Guitarra fim de seculo*.

13 de dezembro. — Imposto sobre companhias de theatro. — Os debates parlamentares. — Economia de palavras. — Arte theatral brasileira. — Lingua de Voltaire e de Alencar. — Tênto brasileiro. — Uma idéa de imposto.

20 de dezembro. — A policia. — — O Vidigal e o Aragão. — A psychologia do *péga ladrão* ! — Um caso de roubo. — *Onde está o ferido?*

27 de dezembro. — Todos candidatos. — Talentos de letras e de poesia. — A *Flôr de sangue* de Valentin Magalhães. — *Canções de Outomno* de Lucio de Mendonça. — Eleitor, o que é Eleitores e titulos. — Voltando ás letras : Obras grandes e pequenas. — Musset. — Merimée. — As que duram. — A fé nas musas.

1897

3 de janeiro. — Um lapso da *Semana passada*. — Uma carta importante. — Uma descoberta. — A ilha da Trindade povoada e civilisada. — Um processo eleitoral.

24 de janeiro. — A morte de D. João Esberard. — O papa Leão XIII. — Uma impressão episcopal.

7 de fevereiro. — Semana de mulheres. — O tratado entre Estados Unidos e Inglaterra. — Ternura publica. — Ingleses e americanos. — A nossa sequidão. — A despedida das mulheres dos soldados, que partiram para Canudos. — Carro de mendigo. — Outras lagrimas.

14 de fevereiro. — A celebridade de Antonio Conselheiro. — O *Sertão* de Goelho Netto. — O centenario do chapéo alto.

21 de fevereiro. — *En Grèce!* Victor Hugo e Byron. — A medicina das grandes potencias. — Confusão de minh'alma.

28 de fevereiro. — Explica-se aquella confusão. — Vou descansar. — O meu exame de consciencia. — As confesões de St. Agastinho e de Sarah Bernhardt. — Pessimismo e scepticismo. — Adeus, leitor.

1900

4 de novembro. — A morte do sineiro da Gloria. — Uma lembrança do Banco Rural. — Accionistas. — O terremoto de Venezuela.

11 de novembro. — Nem a taxa sobre falta de filhos,

nem o suicidio de um chefe de policia. — Martelo que bate no prego. — Uma espada. — Ha de ser de grego. — O que refere About.

FIM